LIVRO I



Emily da Lua Nova

LUCY MAUD MONTGOMERY

Direitos autorais © 2020 Sheila B. Koerich

Edição e-book 2020
autor : Lucy Maud Montgomery
título : Emily da Lua Nova
copyright : Sheila B. Koerich
edição brasileira : Sheila Koerich - 2020
tradução : Sheila Bragagnolo Koerich
título original : Emily of New Moon
Ano da Publicação Original : 1923
País da Publicação Original : Canadá

Todos os direitos reservados para a tradução em Português.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora.

EMILY DA LUA NOVA

LUCY MAUD MONTGOMERY

1923

Traduzido por Sheila B Koerich

CAPÍTULO I

A Casa no Vazio

A casa no vazio era "a uma milha de qualquer lugar" - assim o povo de Maywood disse. Estava situada em um pequeno vale gramado, parecendo como se nunca tivesse sido construída como outras casas, mas tinha crescido lá em cima como um grande cogumelo marrom. Foi alcançada por uma longa e verde faixa e quase escondida da vista por um crescimento circundante de jovens bétulas. Nenhuma outra casa podia ser vista dela, embora o vilarejo estivesse logo acima da colina. Ellen Greene disse que era o lugar mais solitário do mundo e jurou que não ficaria lá um dia se não fosse porque ela tinha pena da criança.

Emily não sabia que estava tendo pena e não sabia o que significava a solidão. Ela tinha muita companhia. Havia o pai - e Mike - e Saucy Sal. A Mulher do Vento estava sempre por perto; e havia as árvores - Adão e Eva, e o Pinheiro Galo, e todas as simpáticas donzelas.

E havia também "o clarão". Ela nunca soube quando ele poderia vir, e a possibilidade disso a mantinha emocionada e expectante.

Emily tinha escapado no crepúsculo frio para um passeio. Ela se lembrava muito vividamente dessa caminhada durante toda sua vida - talvez por causa de uma certa beleza sinistra que estava nela - talvez porque "o clarão" veio pela primeira vez em semanas - mais provavelmente por causa do que aconteceu depois que ela voltou dela.

Tinha sido um dia chuvoso e frio no início de maio, ameaçando chover, mas nunca chovendo. O pai tinha ficado na sala de estar o dia todo. Ele havia tossido muito e não tinha conversado muito com Emily, o que era uma coisa muito incomum para ele. A maior parte

do tempo ele deitava com as mãos presas debaixo da cabeça e seus grandes olhos azul-escuros, afundados, fixos sonhadora e invisivelmente no céu nublado que era visível entre os ramos dos dois grandes abetos no jardim da frente - Adão e Eva, eles sempre chamaram esses abetos, por causa de uma semelhança caprichosa que Emily tinha traçado entre sua posição, com referência a uma pequena macieira entre eles, e a de Adão e Eva e a Árvore do Conhecimento em um quadro antiquado em um dos livros de Ellen Greene. A Árvore do Conhecimento parecia exatamente como a pequena macieira de cócoras, e Adão e Eva se levantaram de ambos os lados com tanta rigidez e rigidez como os abetos.

Emily se perguntava no que o pai estava pensando, mas ela nunca o incomodava com perguntas quando sua tosse era ruim. Ela só desejava ter alguém com quem conversar. Ellen Greene também não quis falar naquele dia. Ela não fez nada além de grunhir, e grunhidos significavam que Ellen estava perturbada com alguma coisa. Ela havia grunhido na noite anterior depois que o médico lhe sussurrou na cozinha, e ela havia grunhido quando deu a Emily um lanche de pão e melaço na hora de dormir. Emily não gostava de pão e melaço, mas comeu-o porque não queria ferir os sentimentos de Ellen. Não era comum que Ellen permitisse que ela comesse qualquer coisa antes de ir para a cama, e quando o fazia significava que por alguma razão ou outra ela queria conferir um favor especial.

Emily esperava que o ataque de grunhidos desaparecesse durante a noite, como geralmente acontecia; mas não tinha acontecido, de modo que não se encontrava nenhuma companhia em Ellen. Não que houvesse muita coisa a ser encontrada a qualquer momento. Douglas Starr uma vez, num ataque de exasperação, disse a Emily que "Ellen Greene era uma coisa velha, gorda e preguiçosa sem importância", e Emily, sempre que olhava para Ellen depois disso, pensava que a descrição a encaixava em um cabelo. Então Emily se enrolou na velha e confortável cadeira com braços e leu "O Progresso do Peregrino" durante toda a tarde. Emily adorou a leitura. Muitas vezes, ela havia percorrido o caminho reto e estreito com Christian e Christiana - apesar de nunca ter

gostado tanto das aventuras de Christiana como das de Christian. Por um lado, sempre havia tanta multidão com Christiana. Ela não tinha nem metade do fascínio daquela figura solitária e intrépida que enfrentava sozinha as sombras do Vale Negro e o encontro com Apollyon. As trevas e os duendes não eram nada quando se tinha muita companhia. Mas para ficar sozinha, Emily tremeu com o delicioso horror disso!

Quando Ellen anunciou que o jantar estava pronto, Douglas Starr disse a Emily para ir até ele.

"Eu não quero nada de noite. Vou apenas deitar-me aqui e descansar. E quando você voltar a entrar, teremos uma conversa de verdade, Elfaemily."

Ele sorriu para ela com seu velho e belo sorriso, com o amor por trás dele, que Emily sempre achou tão doce. Então comeu seu jantar com muita alegria - embora não tenha sido um bom jantar. O pão estava empapado e seu ovo estava mal passado, mas por uma maravilha ela pôde ter tanto a Saucy Sal como o Mike sentados, um de cada lado dela, e Ellen só grunhiu quando Emily lhes deu pequenos pedaços de pão e manteiga.

Mike tinha uma maneira tão engraçada de sentar-se em seus assentos e pegar os pedaços em suas patas, e Saucy Sal tinha seu truque de tocar o tornozelo de Emily com um toque quase humano quando sua vez estava demorando demais para chegar. Emily amava os dois, mas Mike era o seu favorito. Ele era um gato bonito, cinzento-escuro com olhos de coruja enormes, e era tão macio, gordo e fofo. A Saucy Sal era sempre magra; nenhuma quantidade de alimento colocava qualquer carne em seus ossos. Emily gostava dela, mas nunca se importava em acariciá-la por causa de sua magreza. No entanto, havia um tipo de beleza estranha nela que atraía Emily. Ela era cinzenta e branca - muito branca e muito elegante, com um rosto longo e pontiagudo, orelhas muito longas e olhos muito verdes. Ela era uma lutadora temível, e gatos estranhos foram vencidos em um só golpe. Os destemidos pequenos

cuspidores atacavam até mesmo os cães e os rompiam completamente.

Emily amava seus bichanos. Ela mesma os havia criado, como disse orgulhosamente. Eles haviam sido dados a ela quando eram gatinhos por sua professora da escola dominical.

"Um presente vivo é tão bom", disse ela à Ellen, "porque continua ficando cada vez mais agradável."

Mas ela se preocupou consideravelmente porque Saucy Sal não tinha gatinhos.

"Não sei por que ela não tem", reclamou ela à Ellen Greene. "A maioria dos gatos parece ter mais gatinhos do que eles podem contar..."

Depois do jantar, Emily entrou e descobriu que seu pai havia adormecido. Ela ficou muito feliz com isso; sabia que ele não tinha dormido muito por duas noites; mas ela ficou um pouco decepcionada por eles não irem ter aquela "conversa de verdade". As conversas "reais" com o pai eram sempre coisas tão encantadoras. Mas o próximo melhor seria uma caminhada - uma caminhada adorável, tudo por si só, através da noite cinzenta da jovem primavera. Fazia tanto tempo que ela não dava uma caminhada.

"Você coloca seu capuz e se afasta se começar a chover", advertiu Ellen. "Você não pode lidar com resfriados do jeito que algumas crianças podem."

"Por que eu não posso?" Emily perguntou indignada. Por que ela deve ser impedida de "lidar com resfriados", se outras crianças podem? Não foi justo.

Mas Ellen só grunhiu. Emily murmurou sob a respiração para sua própria satisfação: "Você é uma coisa velha e gorda sem importância!" e escorregou lá em cima para conseguir seu capuz... o

pai relutantemente, pois ela adorava correr com a cabeça descoberta. Ela pôs o capuz azul desbotado sobre sua longa e pesada trança de cabelos brilhantes e pretos, e sorriu acanhada ao seu reflexo no pequeno vidro esverdeado. O sorriso começou nos cantos dos lábios e se espalhou pelo rosto de uma maneira lenta, sutil e muito maravilhosa, como Douglas Starr muitas vezes pensava. Foi o sorriso de sua falecida mãe - a coisa que o havia pegado e segurado há muito tempo quando ele havia visto Juliet Murray pela primeira vez. Parecia ser a única herança física de Emily de sua mãe. Em tudo o resto, pensava ele, ela era como as estrelas - em seus grandes olhos cinzentos, com seus longos cílios e sobrancelhas negras, em sua testa alta, branca - muito alta para a beleza - na delicada modelagem de seu rosto pálido oval e boca sensível, nas pequenas orelhas que eram apontadas apenas um pouco para mostrar que ela era parente de tribos dos elfos.

"Vou dar um passeio com a Mulher do Vento, querida", disse Emily. "Gostaria de poder levá-la também. Alguma vez você sairá daquela sala, eu me pergunto. A Mulher Vento vai ficar no campo até a noite. Ela é alta e nebulosa, com roupas finas, cinzentas e sedosas soprando sobre ela - e asas como as de um morcego - só você pode ver através delas - e olhos brilhantes como estrelas olhando através de seu cabelo comprido e solto. Ela pode voar, mas de um dia para o outro, ela caminhará comigo por todos os campos. Ela é uma grande amiga minha - a Mulher do Vento é. Eu a conheço desde os meus seis anos. Somos velhas, velhas amigas, mas não tão velhas quanto você e eu, a pequena Emily do Espelho. Sempre fomos amigas, não é mesmo?"

A Mulher do Vento estava esperando por ela do lado de fora - abanando as pequenas lanças de grama listrada que estavam enfiadas na cama debaixo da janela da sala de estar - atirando os grandes ramos de Adão e Eva - sussurrando entre os galhos verdes nebulosos dos bétulas - perseguindo o "Pinheiro Galo" atrás da casa - realmente parecia um enorme e ridículo galo, com uma cauda enorme e bocada e uma cabeça jogada de volta para corvo.

Fazia tanto tempo que Emily não saía para um passeio que ela estava meio louca com a alegria de fazê-lo. O inverno havia sido tão tempestuoso e a neve tão profunda que nunca lhe foi permitido sair; abril havia sido um mês de chuva e vento; assim, nesta noite de maio, ela se sentiu como uma prisioneira libertada. Para onde ela deveria ir? Pelo riacho - ou pelos campos até a floresta de abetos? Emily escolheu este último.

Ela adorou a floresta de abetos, longe no final do longo e inclinado pasto. Aquele era um lugar onde se fazia magia. Ela entrou mais plenamente em seu direito de nascimento de fada lá do que em qualquer outro lugar. Ninguém que visse Emily escumando sobre o campo nu a teria invejado. Ela era pequena e pálida e mal vestida; às vezes ela tremia em seu casaco fino; no entanto, uma rainha poderia ter dado de bom grado uma coroa para suas visões - ela sonhava com a maravilha. As gramíneas marrons e foscas sob seus pés eram estacas de veludo. A velha abeto-mosqueada e morta, sob a qual ela parou por um momento para olhar para o céu, era uma coluna de mármore em um palácio dos deuses; as colinas longínquas e sombrias eram as muralhas de uma cidade maravilhosa. E para as companheiras ela tinha todas as fadas do campo - pois ela podia acreditar nelas aqui - as fadas do trevo branco e dos gatinhos de cetim, os pequenos verdes da grama, os duendes dos jovens abetos, os espíritos de vento e samambaias e cardos silvestres. Qualquer coisa pode acontecer ali, qualquer coisa pode se tornar realidade.

E a floresta era um lugar tão esplêndido para brincar de esconde-esconde com a Mulher Vento. Ela era tão real lá; se você pudesse simplesmente saltar rapidamente ao redor de um pequeno aglomerado de abetos - só que você nunca poderia - você a veria tão bem quanto a sentiria e a ouviria. Lá estava ela - era a varredura de seu manto cinza - não, ela estava rindo no topo das árvores mais altas - e a perseguição estava de novo - até que, tudo de uma vez, parecia que a Mulher Ventosa tinha ido embora - e a noite foi banhada por um silêncio maravilhoso - e houve uma súbita fenda

nas nuvens coalhadas para o oeste, e um lindo lago de céu, pálido e verde-rosa com uma lua nova dentro.

Emily ficou de pé e olhou para ele com as mãos fechadas e sua cabecinha preta se levantou. Ela deve ir para casa e escrever uma descrição no livro de contabilidade amarelo, onde a última coisa escrita tinha sido, "Biografia de Mike". Isso a machucaria com sua beleza até que ela a escrevesse. Então, ela a leria para o pai. Ela não deve esquecer como as pontas das árvores na colina saíam como rendas negras finas através da borda do céu verde-rosa.

E então, por um momento glorioso e supremo, veio "o clarão".

Emily o chamou assim, embora ela achasse que o nome não o descrevia exatamente. Não podia ser descrito - nem mesmo ao Pai, que sempre parecia um pouco intrigado com ele. Emily nunca falou sobre ele a ninguém mais.

Sempre pareceu a Emily, desde que se lembrava, que ela estava muito, muito perto de um mundo de maravilhosa beleza. Entre ambos, pendurava apenas uma cortina fina; ela nunca conseguia desenhar a cortina de lado - mas às vezes, apenas por um momento, um vento a agitava e então era como se ela vislumbrava um vislumbre do reino encantador além - apenas um vislumbre - e ouvia uma nota de música sobrenatural.

Este momento chegou excepcionalmente - foi rápido, deixando-a sem fôlego com o deleite inexprimível. Ela nunca conseguiu se lembrar dele - nunca o invocou - nunca o fingiu; mas a maravilha dele permaneceu com ela por dias. Durante a noite, os ramos escuros contra aquele céu longínquo o haviam dado. Tinha vindo com uma nota alta e selvagem de vento na noite, com uma onda de sombra sobre um campo maduro, com uma luz de pássaro cinzento no parapeito de sua janela em uma tempestade, com o canto "Santo, santo, santo" na igreja, com um vislumbre do fogo da cozinha quando ela tinha chegado em casa em uma noite escura de outono, com o espírito como o azul das palmeiras de gelo em uma vidraça crepitante, com uma palavra nova e feliz quando ela estava

escrevendo uma "descrição" de algo. E sempre que o clarão chegava, Emily sentia que a vida era uma coisa maravilhosa, misteriosa e de beleza persistente.

Ela voltou para casa no vazio, através do crepúsculo que se reunia, toda agitada para chegar em casa e escrever sua "descrição" antes que a imagem da memória do que ela havia visto se tornasse um pouco embaçada. Ela sabia exatamente como iria começar - a frase parecia moldar-se em sua mente: "A colina me chamou e algo em mim chamou de volta a ela."

Ela encontrou Ellen Greene esperando por ela na frente afundada - no degrau da porta. Emily estava tão cheia de felicidade que amava tudo naquele momento, mesmo coisas gordas sem importância. Ela atirou seus braços em volta dos joelhos de Ellen e os abraçou. Ellen olhou para o rosto sombrio e triste, onde a excitação havia acendido um suave rubor selvagem, e disse, com um suspiro pesado:

"Você sabe que seu pai tem apenas uma semana ou duas a mais para viver?"

CAPÍTULO II

Um relógio na noite

Emily ficou parada e olhou para o rosto largo e vermelho de Ellen - como se de repente ela tivesse sido transformada em pedra, pois sentiu que tivesse acontecido verdadeiramente. Ela estava tão atônita como se Ellen tivesse dado um golpe físico nela. A cor desbotou de seu pequeno rosto e suas pupilas dilataram até que engoliram a íris e transformaram seus olhos em poças de escuridão. O efeito foi tão surpreendente que até Ellen Greene se sentiu desconfortável.

"Estou lhe dizendo isto porque acho que já é hora de lhe contar", disse ela. "Estou com seu pai há meses para lhe contar, mas ele continuou adiando e adiando. Eu disse a ele, disse eu: 'Você sabe o quanto ela se esforça, e se um dia você deixar de viver, isso a matará mais se ela não tiver sido preparada. É seu dever prepará-la', e ele disse: 'Ainda há tempo suficiente, Ellen'. Mas ele nunca disse uma palavra, e quando o médico me disse ontem à noite que o fim poderia chegar a qualquer momento, eu decidi que faria o que estava certo e deixaria uma dica para prepará-la. Enfim... está feito. Criança, não fique assim! Você será cuidada. O pessoal de sua mãe cuidará disso - por conta do orgulho do Murray, senão por nenhum outro motivo. Eles não deixarão alguém de seu próprio sangue passar fome ou ir a estranhos - mesmo que sempre tenham odiado seu pai como dizem. Você terá um bom lar - melhor que você já teve aqui. Você não precisa se preocupar com nada. Quanto ao seu pai, você deve estar grata por vê-lo em repouso. Ele tem morrido aos poucos nos últimos cinco anos. Ele o escondeu de você, mas ele tem sido um grande sofredor. As pessoas dizem que seu coração se partiu quando sua mãe morreu - veio sobre ele tão repentinamente - como se estivesse doente há apenas três dias. É por isso que eu quero que você saiba o que está por vir, assim você não vai ficar toda chateada quando isso acontecer. Pelo amor de Deus, Emily

Byrd Starr, não fique aí olhando assim! Você me dá arrepios! Você não é a primeira criança que ficou órfã e não será a última. Tente ser sensata. E não vá importunar seu pai com o que eu lhe disse, não se preocupe com isso. Entre agora, fora da umidade, e eu lhe darei um biscoito antes de ir para a cama."

Ellen desceu como se quisesse pegar a mão da criança. O poder do movimento voltou para Emily - ela poderia gritar se Ellen tocasse nela agora mesmo. Com um grito repentino, agudo e amargo ela evitou a mão de Ellen, ousou atravessar a porta e fugiu pela escada escura.

Ellen balançou a cabeça e voltou para sua cozinha. "De qualquer forma, eu cumpri meu dever", refletiu ela. "Ele não parava de dizer 'tempo suficiente' e adiou até a morte e depois não haveria mais como administrá-la. Agora ela terá tempo para se acostumar, e se preparará em um dia ou dois. Direi para ela que ela tem coragem, o que é uma sorte, por tudo o que ouvi sobre os Murrays. Eles não vão achar fácil criá-la. Ela também tem um pouco do orgulho deles e isso vai ajudá-la a passar pela situação. Eu gostaria de ousar enviar algumas das palavras aos Murrays de que ele está morrendo, mas eu não vou tão longe. Não há como dizer o que ele faria. Bem, eu fiquei aqui até o fim e não lamento. Não há muitas mulheres que o fariam, vivendo como vivem aqui. É uma pena a maneira como a criança foi educada - nem mesmo enviada para a escola. Bem, eu já lhe disse muitas vezes o que pensei sobre isso - não está na minha consciência, isso é um conforto. Aqui, Saucy Sal, você sai agora! Onde está Mike, também?"

Ellen não conseguiu encontrar Mike pela razão muito boa de ele estar lá em cima com Emily, agarrado firmemente em seus braços, enquanto ela se sentava na escuridão em sua pequena cama. Em meio a sua agonia e desolação, havia um certo conforto na sensação de seu pelo macio e sua cabeça redonda aveludada.

Emily não chorava; ela olhava diretamente para a escuridão, tentando enfrentar a horrível coisa que Ellen lhe havia dito. Ela não

duvidava disso - algo lhe dizia que era verdade. Por que ela não podia morrer também? Ela não podia continuar a viver sem o Pai.

"Se eu fosse Deus, não deixaria coisas como esta acontecerem", disse ela.

Ela sentiu que era muito perverso da parte dela dizer tal coisa - Ellen lhe havia dito uma vez que era a coisa mais perversa que alguém poderia fazer em encontrar falhas com Deus. Mas ela não se importou. Talvez se ela fosse suficientemente perversa, Deus a atingisse e então ela e o Pai poderiam continuar juntos.

Mas nada aconteceu - só Mike se cansou de ser abraçado com tanta força e apertado. Ela estava sozinha agora, com esta terrível dor ardente que parecia estar por toda parte e ainda assim não era do corpo. Nunca poderia se livrar dela. Não podia evitar escrevendo sobre isso no velho livro de contabilidade amarelo. Ela havia escrito lá sobre sua professora da escola dominical ter ido embora, e de ter fome quando foi para a cama, e Ellen lhe dizendo que ela deve estar meio louca para falar sobre Mulher Vento e clarões; e depois que ela havia escrito tudo sobre elas, estas coisas não a machucaram mais. Mas isto não podia ser escrito. Ela não podia nem mesmo ir ao Pai para se confortar, pois tinha ido quando queimou tanto a mão, pegando o ferro da lareira quente por engano. O pai a havia segurado em seus braços toda aquela noite, contando-lhe histórias e ajudando-a a suportar a dor. Mas o pai, assim Ellen havia dito, iria morrer em uma semana ou duas. Emily sentiu como se Ellen lhe tivesse contado isso anos e anos atrás. Certamente não poderia ter passado menos de uma hora desde que ela tinha brincado com a Mulher do Vento na floresta e olhado para a lua nova no céu verde-esverdeado.

"O clarão nunca mais voltará - não pode", pensou ela.

Mas Emily havia herdado certas coisas de seus velhos ancestrais, o poder de lutar, de sofrer, de ter pena, de amar muito profundamente, de se alegrar, de suportar. Estas coisas estavam todas nela e olhavam para você através de seus olhos cinzentos e

purpúreos. Sua herança de resistência veio em seu auxílio agora e a entediou. Ela não deveria deixar que o pai soubesse o que Ellen lhe havia dito - poderia magoá-lo. Ela deveria guardar tudo para si e amar o Pai, oh, tanto, no pouco tempo em que ela ainda pudesse tê-lo. Ela o ouviu tossir no quarto abaixo: ela deveria estar na cama, então se despiu tão rápido quanto seus dedos frios permitiram e se enfiou na pequena cama que ficava do outro lado da janela aberta. As vozes da suave noite de primavera a chamavam a todos, sem que a Mulher do Vento assobiasse pelo beiral. Pois as fadas habitam apenas no reino da Felicidade; não tendo alma, não podem entrar no reino da Tristeza.

Ela estava ali deitada, sem lágrimas e imóvel, quando seu pai entrou no quarto. Como ele caminhava muito lentamente - como ele tirava a roupa muito lentamente. Como é que ela nunca havia notado estas coisas antes? Mas ele não estava tossindo de todo. Oh, e se Ellen estivesse enganada... e se... uma esperança selvagem disparada através de seu coração dolorido. Ela deu um pequeno suspiro.

Douglas Starr veio até a cama dela. Ela sentiu sua querida proximidade enquanto ele se sentava na cadeira ao lado dela, em seu velho roupão vermelho. Oh, como ela o amava! Não havia outro Pai como ele em todo o mundo - nunca poderia ter existido - tão terno, tão compreensivo, tão maravilhoso! Eles sempre foram tão amigos - eles se amaram tanto - não podia ser que fossem separados.

"Elfaemily, você está dormindo?"

"Não", sussurrou Emily.

"Você está dormindo, queridinha?"

"Não, não... não tenho sono."

Douglas Starr pegou a mão dela e a segurou com força.

"Então vamos ter nossa conversa, querida. Eu também não consigo dormir. Quero te dizer uma coisa."

"Oh, eu sei, eu sei!" explodiu Emily. "Oh, pai, eu sei disso! Ellen me disse."

Douglas Starr ficou em silêncio por um momento. Então ele disse sob seu fôlego: "A velha tola - a velha tola gorda!" - como se a gordura de Ellen fosse um agravante adicional de sua loucura. Mais uma vez, pela última vez, Emily esperava. Talvez tenha sido tudo um erro terrível - apenas mais um pouco da loucura gorda de Ellen.

"Não é verdade, não é, pai?", sussurrou ela.

"Emily, filha", disse seu pai, "Eu não posso te levantar - não tenho força - mas posso sentar-me de joelhos - do jeito antigo."

Emily escorregou da cama e se ajoelhou no joelho do pai. Ele enrolou o velho roupão sobre ela e a segurou com a cara dele contra a dela.

"Querida pequena criança - pequena amada Elfaemily, é bem verdade", disse ele. "Eu mesmo quis dizer a você que... E agora a velha Ellen lhe disse - brutalmente, suponho - e a machucou terrivelmente. Ela tem o cérebro de uma galinha e a sensibilidade de uma vaca. Que chacais se sentem no túmulo de sua avó! Eu não a teria magoado, querida."

Emily lutou contra algo que queria sufocá-la.

"Pai, eu não posso... eu não posso suportar isso."

"Sim, você pode e vai suportar. Você viverá porque há algo para você fazer, eu acho. Você tem o meu presente - há muito tempo com algo que eu nunca tive. Você terá sucesso onde eu falhei, Emily. Não tenho sido capaz de fazer muito por você, querida, mas fiz o que pude. Eu lhe ensinei algo, eu acho - apesar da Ellen Greene. Emily, você se lembra de sua mãe?"

"Só um pouco... como se fossem belos sonhos."

"Você tinha apenas quatro anos quando ela morreu. Eu nunca falei muito com você sobre ela... não consegui. Mas vou lhe contar tudo sobre ela... de uma noite para outra. Não me custa falar dela agora... Vou vê-la tão cedo novamente. Você não se parece com ela, Emily... somente quando sorri. Quanto ao resto, você é como seu homônimo, minha mãe. Quando você nasceu, eu também queria chamá-la de Julieta. Mas sua mãe não permitiu. Ela disse que se te chamássemos Julieta, eu logo tomaria o nome de "mãe" para distingui-la, e ela não conseguiria suportar isso. Ela disse que sua tia Nancy lhe havia dito uma vez: 'A primeira vez que seu marido a chama de 'Mãe', o romance da vida acabou'. Então nós a chamamos depois de minha mãe - seu nome de solteira era Emily Byrd. Sua mãe achava Emily o nome mais bonito do mundo... Era pitoresco e encantador, disse ela. Emily, sua mãe era a mulher mais doce já feita."

Sua voz tremia e Emily se aconchegava de perto.

"Eu a conheci há doze anos, quando eu era subeditor do Enterprise em Charlottetown e ela estava em seu último ano no Queen's. Ela era alta e justa e de olhos azuis. Era um pouco parecida com sua tia Laura, mas Laura nunca foi tão bonita. Seus olhos eram muito parecidos - e suas vozes. Ela era uma das Murrays de Blair Water. Nunca lhe falei muito sobre o povo de sua mãe, Emily. Eles vivem na antiga costa norte de Blair Water na Fazenda Lua Nova - sempre viveram lá desde que o primeiro Murray saiu do Velho País, em 1790. O navio em que ele veio se chamava Lua Nova e ele deu este nome à sua fazenda."

"É um nome bonito - a Lua Nova é uma coisa tão bonita", disse Emily, interessada por um momento.

"Tem havido um Murray desde então na Fazenda Lua Nova. Eles são uma família orgulhosa - o orgulho Murray é uma palavra de ordem ao longo da costa norte, Emily. Bem, eles tinham algumas coisas de que se orgulhar, isso não pode ser negado - mas eles as

levaram longe demais. As pessoas os chamam de "o povo escolhido" lá em cima."

"Eles aumentaram, se multiplicaram e se espalharam por toda parte, mas o estoque antigo na Fazenda Lua Nova está muito bem esgotado. Apenas suas tias, Elizabeth e Laura, vivem lá agora, e seu primo, Jimmy Murray. Elas nunca se casaram - não conseguiram encontrar ninguém bom o suficiente para um Murray, por isso costumava ser dito. Seu tio Oliver e seu tio Wallace vivem em Summerside, sua tia Ruth em Shrewsbury, e sua tia-avó Nancy em Priest Pond."

"Priest Pond - esse é um nome interessante - não um nome bonito como Lua Nova e Blair Water - mas interessante", disse Emily. Sentindo o braço do pai ao redor dela, o horror havia momentaneamente encolhido. Por pouco tempo, ela deixou de acreditar nisso.

Douglas Starr colocou o roupão um pouco mais perto dela, beijou sua cabeça preta, e continuou.

"Elizabeth, Laura, Wallace, Oliver e Ruth eram os filhos do velho Archibald Murray. Sua primeira esposa foi a mãe deles. Quando ele tinha sessenta anos, casou-se novamente - um jovem deslize de uma menina - que morreu quando sua mãe nasceu. Julieta era vinte anos mais nova que sua meia-família, como ela costumava chamá-los. Ela era muito bonita e encantadora e todos eles a amavam e a acariciavam e tinham muito orgulho dela. Quando ela se apaixonou por mim, um pobre jovem jornalista, sem nada no mundo a não ser sua caneta e sua ambição, houve um terremoto familiar. O orgulho Murray não podia tolerar de forma alguma a coisa. Eu não vou arrebatar tudo, mas foram ditas coisas que eu nunca poderia esquecer ou perdoar. Sua mãe casou comigo, Emily - e o povo de Lua Nova não teria mais nada a ver com ela. Você pode acreditar que, apesar disso, ela nunca se arrependeu de ter casado comigo?"

Emily levantou a mão e deu uma palmadinha na bochecha oca de seu pai.

"É claro que ela não se arrependeria. Claro que ela preferia você a todos os Murrays de qualquer tipo de lua."

O pai riu um pouco - e havia apenas uma nota de triunfo em seu riso.

"Sim, ela parecia sentir-se assim em relação a isso. E estávamos tão felizes... Oh, Elfaemily, nunca houve duas pessoas mais felizes no mundo. Você era a criança dessa felicidade. Eu me lembro da noite em que você nasceu na casinha em Charlottetown. Foi em maio e um vento oeste soprava nuvens prateadas sobre a lua. Havia uma ou duas estrelas aqui e ali. Em nosso pequeno jardim - tudo o que tínhamos era pequeno, exceto nosso amor e nossa felicidade - era escuro e florido. Eu andei para cima e para baixo no caminho entre os canteiros de violetas que sua mãe havia plantado - e rezei. O leste pálido estava começando a brilhar como uma pérola rosada quando alguém veio e me disse que eu tinha uma filha pequena. Entrei - e sua mãe, branca e fraca, sorriu apenas aquele sorriso querido, lento e maravilhoso que eu amava, e disse: 'Nós temos... o melhor bebê... o mais importante do mundo... querido. Pense nisso!'."

"Eu gostaria que as pessoas pudessem se lembrar desde o momento em que nascem", disse Emily. "Seria muito interessante."

"Ouso dizer que teríamos muitas lembranças desconfortáveis", disse seu pai, rindo um pouco. "Não pode ser muito agradável se acostumar a viver - não há nada mais agradável do que se acostumar a pará-lo. Mas você não pareceu achar isso difícil, pois era uma boa menina, Emily. Tivemos mais quatro anos felizes, e então... você se lembra da época em que sua mãe morreu, Emily?"

"Eu me lembro do funeral, pai... eu me lembro distintamente. Você estava no meio de uma sala, me segurando em seus braços, e a mãe estava deitada diante de nós em uma longa caixa preta. E você chorava - e eu não conseguia pensar por que - e me perguntava por que a mãe parecia tão branca e não queria abrir os olhos. E eu me inclinei e toquei sua bochecha... e oh, estava tão frio.

Isso me fez tremer. E alguém na sala disse: 'Coitadinha!' e eu fiquei assustada e coloquei meu rosto no seu ombro."

"Sim, eu me lembro disso. Sua mãe morreu muito de repente. Acho que não vamos falar sobre isso. Os Murrays vieram todos ao seu funeral. Os Murrays têm certas tradições e vivem à altura delas com muito rigor. Uma delas é que nada além de velas deve ser queimado para iluminar a Lua Nova - e outra é que nenhuma briga deve ser levada para além da sepultura. Eles vieram quando ela estava morta - eles teriam vindo quando ela estava doente se tivessem sabido, direi muito por eles. E eles se comportaram muito bem - oh, muito bem mesmo. Eles não foram os Murrays da Lua Nova por nada. Sua tia Elizabeth usou seu melhor vestido de cetim preto para o funeral. Para qualquer funeral que não fosse um Murray, o segundo melhor teria sido feito; e eles não fizeram nenhuma objeção séria quando eu disse que sua mãe seria enterrada no terreno do Starr no cemitério de Charlottetown. Eles teriam gostado de levá-la de volta para o antigo cemitério Murray em Blair Water - eles tinham seu próprio cemitério particular, sabe - nenhum cemitério indiscriminado para eles. Mas seu tio Wallace admitiu, com muita propriedade, que uma mulher deveria pertencer à família de seu marido na morte como na vida. E então eles se ofereceram para levá-la e criá-la... para 'dar-lhe o lugar de sua mãe'. Eu me recusei... Eu fiz bem, Emily?"

"Sim, sim, sim!" sussurrou Emily, com um abraço a cada "sim".

"Eu disse a Oliver Murray - foi ele quem me falou de você - que enquanto eu vivesse, não me separaria de minha filha. Ele disse: 'Se você mudar de ideia, nos avise'. Mas eu não mudei de ideia - nem mesmo três anos depois, quando meu médico me disse que eu deveria desistir do trabalho. 'Se você não o fizer, eu lhe dou um ano', disse ele, 'se você o fizer, e viver fora das portas tudo que puder, eu lhe dou três - ou possivelmente quatro'. Ele era um bom profeta. Eu vim para cá e tivemos quatro lindos anos juntos, não é verdade, queridinha?"

"Sim... oh, sim!"

"Esses anos e o que eu te ensinei neles são o único legado que te posso deixar, Emily. Temos vivido com uma pequena renda que tenho de um interesse vitalício que me foi deixado na propriedade de um velho tio - um tio que morreu antes de eu me casar. A propriedade agora vai para uma instituição de caridade, e esta casinha é apenas uma casa alugada. De um ponto de vista mundano, eu certamente fui um fracasso. Mas o povo de sua mãe vai cuidar de você... eu sei disso. O orgulho Murray garantirá tanto, se nada mais. E eles não podem deixar de amá-la. Talvez eu devesse ter mandado chamá-los antes - talvez eu devesse ter feito isso ainda. Mas eu também tenho orgulho de um tipo - os Starrs não são inteiramente sem tradição - e os Murrays me disseram algumas coisas muito amargas quando me casei com sua mãe. Mandarei à Lua Nova uma carta e lhes pedirei que venham, Emily?"

"Não!" disse Emily, quase ferozmente.

Ela não queria que ninguém se metesse entre ela e o pai durante os poucos dias preciosos que lhe restavam. O pensamento foi horrível para ela. Já seria ruim o suficiente se eles tivessem que vir, depois. Mas ela não se importaria muito com nada... e depois.

"Vamos ficar juntos até o fim, então, pequena Emily. Não nos separaremos por um minuto. E eu quero que você seja corajosa. Você não deve ter medo de nada, Emily. A morte não é terrível. O universo está cheio de amor - e a primavera chega em todo lugar - e na morte você abre e fecha uma porta. Há coisas bonitas do outro lado da porta. Encontrarei lá sua mãe - eu duvidei de muitas coisas, mas nunca duvidei disso. Às vezes tive medo de que ela se adiantasse tanto nos caminhos da eternidade que eu nunca me alcançaria. Mas sinto agora que ela está esperando por mim. E nós esperaremos por você - não nos apressaremos - ficaremos mais vagabundos e mais tempo até que você nos encontre."

"Eu desejo que você... possa me levar direto pela porta com você", sussurrou Emily.

"Depois de um tempo você não vai desejar isso. Você ainda tem que aprender como o tempo é amável. E a vida tem algo para você... eu sinto isso. Vá em frente para conhecê-la sem medo, querida. Eu sei que você não se sente assim agora, mas se lembrará de minhas palavras no futuro."

"Eu me sinto agora mesmo", disse Emily, que não suportava esconder nada do Pai, "que eu não gosto mais de Deus."

Douglas Starr riu - a risada que Emily mais gostava. Foi uma risada tão querida. Ela sentiu os braços dele apertando em volta dela.

"Sim, você sente, querida. Você não pode deixar de gostar de Deus. Ele é o próprio amor, você sabe. Você não deve misturá-Lo com o Deus de Ellen Greene, claro."

Emily não sabia exatamente o que o Pai queria dizer. Mas tudo de uma vez ela descobriu que não tinha mais medo - e a amargura havia saído de sua tristeza e a dor insuportável de seu coração. Ela se sentiu como se o amor estivesse todo sobre ela e ao seu redor, expirado de algum grande, invisível, pairando ternura. Não se podia ter medo ou amargura onde o amor estava - e o amor estava em toda parte. O pai estava passando pela porta - não, ele ia levantar uma cortina - ela gostava mais desse pensamento, porque uma cortina não era tão dura e rápida como uma porta - e ele escorregaria naquele mundo do qual o clarão lhe havia dado vislumbres. Ele estaria lá em sua beleza - nunca muito distante dela. Ela poderia suportar qualquer coisa se pudesse apenas sentir que o Pai não estava muito longe dela - logo além daquela cortina ondulante.

Douglas Starr a segurou até ela adormecer; e então, apesar da fraqueza dele, ele conseguiu deitá-la em sua pequena cama.

"Ela vai amar profundamente - ela vai sofrer terrivelmente - ela vai ter momentos gloriosos para compensar - como eu já tive. Como

o povo de sua mãe lida com ela, que Deus lide com eles", murmurou ele, sem fôlego.

CAPÍTULO III

Um salto fora do parentesco

Douglas Starr viveu mais duas semanas. Depois de anos em que a dor havia desaparecido de sua memória, Emily pensou que eles eram a mais preciosa de suas lembranças. Eram semanas lindas - bonitas e não tristes. E uma noite, quando ele estava deitado no sofá da sala de estar, com Emily ao seu lado na velha cadeira de braços, ele passou pela cortina - foi tão tranquilo e fácil que Emily não sabia que ele tinha ido embora até que de repente ela sentiu a estranha quietude da sala - não havia mais respiração nela, a não ser a sua própria.

"Pai... Pai!", ela chorou. Então ela gritou por Ellen.

Ellen Greene disse aos Murrays quando eles vieram que Emily tinha se comportado muito bem, quando tudo foi levado em consideração. Para ter certeza, ela chorou a noite toda e não dormiu nada; nenhuma das pessoas de Maywood que vieram gentilmente para ajudá-la poderiam confortá-la; mas quando chegou a manhã suas lágrimas foram todas derramadas. Ela estava pálida, quieta e dócil.

"É isso mesmo, agora", disse Ellen, "é isso que vem de estar devidamente preparada. Seu pai estava tão bravo comigo por avisá-la que ele não era civilizado comigo desde... e ele era um homem moribundo. Mas eu não guardo nenhum rancor contra ele. Eu cumpri meu dever. A Sra. Hubbard está arrumando um vestido preto para você, e estará pronto na hora do jantar. O pessoal de sua mãe estará aqui até a noite, e eu estou certa de que eles a acharão com um ar respeitável. Eles estão bem financeiramente e vão prover para você. Seu pai não deixou um centavo, mas não há dívidas, eu direi isso para eles. Você já entrou para ver o corpo?"

"Não o chame assim", chorou Emily, comovendo. Foi horrível ouvir o pai sendo chamado assim.

"Por que não? Se você não é a criança mais esquisita! Ele está um cadáver mais bonito do que eu pensava, por estar tão desperdiçado e tudo mais. Ele sempre foi um homem bonito, embora muito magro."

"Ellen Greene", disse Emily, de repente, "se você disser mais alguma coisa sobre... essas coisas... sobre o Pai, eu colocarei a maldição negra sobre você!"

Ellen Greene olhou fixamente.

"Eu não sei o que você quer dizer. Mas isso não é maneira de falar comigo, depois de tudo o que fiz por você. É melhor não deixar os Murrays ouvirem você falar assim ou eles não vão querer ter muito a ver com você. A maldição negra de fato! Bem, aqui está a gratidão!"

Os olhos de Emily arregalaram. Ela era apenas uma criaturinha solitária e se sentia muito sem amigos. Mas ela não tinha nenhum remorso pelo que havia dito à Ellen e ela não ia fingir que tinha.

"Venha aqui e ajude-me a lavar estes pratos", ordenou Ellen. "Vai lhe fazer bem ter algo para tomar sua mente e então você não colocará maldições nas pessoas que trabalharam até os dedos dos ossos por você."

Emily, com um olhar eloquente para as mãos de Ellen, foi e pegou um pano de prato.

"Suas mãos são gordas e rechonchudas", disse ela. "Os ossos não aparecem de todo."

"Não se preocupe em ser atrevida! É horrível, com seu pobre pai morto lá dentro. Mas se sua tia Ruth a levar, ela logo a curará disso."

"Será que a tia Ruth vai me levar?"

"Eu não sei, mas ela deveria. Ela é uma viúva sem pintinho ou criança, e abastada."

"Acho que não quero que a tia Ruth me leve", disse Emily, deliberadamente, após um momento de reflexão.

"Bem, você não terá a escolha provável. Você deve estar grata por conseguir um lar em qualquer lugar. Lembre-se de que você não tem muita importância."

"Eu sou importante para mim mesma", gritou orgulhosamente Emily.

"Vai ser uma tarefa difícil educá-la", murmurou Ellen. "Sua tia Ruth é quem deve fazer isso, na minha opinião. Ela não vai tolerar nenhum disparate. Uma bela mulher que ela é e a governanta mais arrumada da Ilha do Príncipe Eduardo. Você poderia comer do chão dela."

"Eu não quero comer do chão dela. Não me importa se um chão está sujo desde que a toalha de mesa esteja limpa."

"Bem, as toalhas de mesa dela também estão limpas, eu acho. Ela tem uma casa elegante em Shrewsbury com janelas de proa e rendas de madeira ao redor do telhado. É muito elegante. Seria uma bela casa para você. Ela lhe daria um pouco de bom senso e lhe faria um mundo de bem."

"Eu não quero aprender a ter bom senso e fazer um mundo de bem", gritou Emily com um lábio estremecimento. "Eu quero que alguém me ame."

"Bem, você tem que se comportar se quiser que as pessoas gostem de você. Você não tem tanta culpa... seu pai a mimou. Eu disse a ele tantas vezes, mas ele apenas riu. Espero que ele não

esteja arrependido agora. O fato é que, Emily Starr, você é estranha, e as pessoas não se importam com crianças estranhas."

"Como eu sou estranha?" exigiu Emily.

"Você fala estranho - e você age estranho - e às vezes você parece estranha. E você é velha demais para sua idade... embora isso não seja culpa sua. Isso vem de nunca se misturar com outras crianças. Eu sempre aconselhei seu pai para mandá-la à escola - aprender em casa não é a mesma coisa - mas ele não me deu ouvidos, é claro. Eu não digo, mas o que você está tão avançada no aprendizado de livros quanto precisa ser, mas o que você quer é aprender a ser como as outras crianças. De certa forma, seria bom que seu tio Oliver a levasse, pois ele tem uma grande família. Mas ele não está tão bem como os outros, portanto, não é provável que ele o faça. Seu tio Wallace poderia, já que ele se considera o chefe da família. Ele só tem uma filha adulta. Mas a esposa dele é delicada - ou é uma fantasia."

"Eu gostaria que a tia Laura me levasse", disse Emily. Ela se lembrou que o pai tinha dito que a tia Laura era algo parecida com a mãe dela.

"Tia Laura! Ela não terá voto no assunto. A chefe é tia Elizabeth na Lua Nova. Jimmy Murray dirige a fazenda, mas ele não está lá, me disseram..."

"Que parte dele não está lá", perguntou Emily curiosamente.

"Céus, é algo em sua mente, criança. Ele é um pouco simples - algum acidente ou outro quando ele era jovem, eu ouvi dizer. Ele viciou a cabeça, mais ou menos. Elizabeth estava misturada de alguma forma - eu nunca ouvi falar dos seus direitos. Não acho que o povo da Lua Nova vai querer ser incomodado com você. Eles estão muito bem colocados em seus caminhos. Siga meu conselho e tente agradar a sua tia Ruth. Seja educada e comportada - eu acho que ela vai gostar muito de você. Pronto, é tudo o que há para lavar. É melhor ir lá para cima e sair do caminho."

"Posso levar Mike e Saucy Sal?" perguntou Emily.

"Não, você não pode."

"Eles seriam uma companhia para mim", suplicou Emily.

"Com ou sem companhia, você não pode tê-los. Eles estão do lado de fora e ficarão do lado de fora. Não vou tê-los rastreando por toda a casa. O chão foi esfregado."

"Por que você não esfregou o chão quando o pai estava vivo?" perguntou Emily. "Ele gostava que as coisas ficassem limpas. Quase nunca o esfregou então. Por que você o faz agora?"

"Ouça o que ela diz! Eu deveria estar sempre esfregando o chão com meu reumatismo? Vá lá em cima e é melhor deitar-se um pouco."

"Vou para cima, mas não vou deitar-me", disse Emily. "Tenho muito o que pensar."

"Há uma coisa que eu aconselharia você a fazer", disse Ellen, determinada a não perder nenhuma chance de cumprir seu dever, "e que é ajoelhar-se e rezar a Deus para fazer de você uma criança boa, respeitosa e grata."

Emily fez uma pausa ao pé das escadas e olhou para trás.

"O pai disse que eu não deveria ter nada a ver com seu Deus", ela disse gravemente.

Ellen gaseou insensatamente, mas não conseguiu pensar em nenhuma resposta a esta declaração pagã. Ela apelou para o universo.

"Alguma vez alguém ouviu algo parecido!"

"Eu sei como é o seu Deus", disse Emily. "Eu vi Sua imagem naquele seu livro de Adão e Eva. Ele tem bigodes e veste uma

camisa de noite. Eu não gosto d'Ele. Mas eu gosto do Deus do Pai."

"E como é o Deus de seu pai, se posso perguntar?" exigiu Ellen sarcasticamente.

Emily não tinha nenhuma ideia de como era o Deus do Pai, mas estava determinada a não ser imposta por Ellen.

"Ele é claro como a lua, justo como o sol, e terrível como um exército com bandeiras", disse ela triunfantemente.

"Bem, você é obrigada a ter a última palavra, mas os Murrays lhe ensinarão o que é o quê", disse Ellen, desistindo do argumento. "Eles são presbiterianos rígidos e não se agarram a nenhuma das noções horríveis de seu pai. Vá lá para cima!"

Emily subiu para a sala sul, sentindo-se muito desolada.

"Não há ninguém no mundo que me ame agora", disse ela, enquanto se enrolava em sua cama junto à janela. Mas ela estava determinada a não chorar. Os Murrays, que tinham odiado seu pai, não deveriam vê-la chorando. Ela sentia que os detestava a todos, exceto talvez a tia Laura. Quão grande e vazio o mundo havia se tornado de repente. Nada mais era interessante. Não importava que a pequena macieira de cócoras entre Adão e Eva tivesse se tornado uma coisa de rosas - e de beleza de neve - que as colinas além do oco fossem de seda verde, roxa - que os narcisos estivessem no jardim - que os bétulas estivessem penduradas com borlas douradas - que a Mulher Vento estivesse soprando nuvens jovens brancas através do céu. Nenhuma destas coisas tinha nenhum encanto ou consolo para ela agora. Em sua inexperiência, ela acreditava que eles nunca mais o fariam.

"Mas eu prometi ao Pai que seria corajosa", sussurrou ela, apertando seus pequenos punhos, "e eu o farei. E não deixarei os Murrays verem que tenho medo deles - não terei medo deles!"

Quando o apito longínquo do trem da tarde soprou além das colinas, o coração de Emily começou a bater. Ela apertou suas mãos e levantou o rosto.

"Por favor, ajude-me, Deus do Pai - não o Deus de Ellen", disse ela. "Ajude-me a ser corajosa e não chorar diante dos Murrays."

Logo depois houve o som de rodas abaixo... e vozes... altas, vozes decididas. Então Ellen veio soprando pelas escadas acima com o vestido preto... um merino barato e sujo.

"A Sra. Hubbard acabou de fazê-lo a tempo, obrigada seja. Eu não teria me importado se os Murrays não a vissem de preto para o mundo. Eles não podem dizer que eu não cumpri meu dever. Estão todos aqui - o povo de Lua Nova e Oliver e sua esposa, sua tia Addie, e Wallace e sua esposa, sua tia Eva, e sua tia Ruth - a Sra. Dutton, seu nome é. Pronto, você já está pronta. Venha comigo."

"Não posso colocar minhas contas venezianas?" perguntou Emily.

"Alguma vez um mortal! Contas venezianas com um vestido de luto! Que vergonha para você! É hora de estar pensando na vaidade?"

"Não é vaidade!" gritou Emily. "O pai me deu essas contas no Natal passado - e eu quero mostrar aos Murrays que eu tenho algo!"

"Chega de suas tolices! Vamos lá, eu digo! Cuidado com seus modos... há um bom negócio que depende da impressão que você dá a eles."

Emily desceu rigidamente as escadas antes de Ellen e entrou na sala de estar. Oito pessoas estavam sentadas ao redor - e ela imediatamente sentiu o olhar crítico de dezesseis olhos estranhos. Ela parecia muito pálida e lisa em seu vestido preto; as sombras roxas deixadas pelo choro fizeram seus grandes olhos parecerem grandes demais e ocos. Ela tinha um medo desesperado, e sabia

disso - mas não deixava os Murrays vê-lo. Ela ergueu a cabeça e enfrentou a provação diante dela de forma corajosa.

"Este", disse Ellen, virando-a pelo ombro, "é seu tio Wallace."

Emily estremeceu e estendeu uma mão fria. Ela não gostava do tio Wallace - ela sabia que de uma só vez - ele era negro, sombrio e feio, com sobrancelhas carrancudas, sobrancelhas com cerdas e uma boca severa e sem piedade. Ele tinha grandes bolsas debaixo dos olhos, e bigodes pretos cuidadosamente aparados. Emily decidiu então que não admirava os bigodes laterais.

"Como vai, Emily?" disse ele friamente - e igualmente friamente se inclinou para frente e beijou a bochecha dela.

Uma repentina onda de indignação varreu a alma de Emily. Como ele ousou beijá-la - ele odiava seu pai e deserdou sua mãe! Ela não teria nenhum dos beijos dele! Num piscar de olhos, ela arrancou seu lenço do bolso e limpou sua bochecha escandalizada.

"Bem - bem!" exclamou uma voz desagradável do outro lado da sala.

Tio Wallace parecia gostar de dizer muitas coisas, mas não conseguia pensar nelas. Ellen, com um grunhido de desespero, impeliu Emily para o próximo parente.

"Sua tia Eva", disse ela.

A tia Eva estava sentada amontoada em um xaile. Ela tinha o rosto irritadiço do imaginário inválido. Ela apertou a mão de Emily e não disse nada. Nem Emily.

"Seu tio Oliver", anunciou Ellen.

Emily gostou muito da aparência de seu tio Oliver. Ele era grande, gordo, cor-de-rosa e de aparência alegre. Ela pensou que não se importaria tanto se ele a beijasse, apesar de seu bigode

branco de cerdas. Mas o tio Oliver havia aprendido a lição do tio Wallace.

"Eu te dou uma moeda por um beijo", sussurrou ele genialmente. Uma piada era a ideia do tio Oliver de ser gentil e simpático, mas Emily não sabia disso, e se ressentiu.

"Eu não vendo meus beijos", disse ela, levantando a cabeça tão arrogantemente quanto qualquer Murray de todos eles poderia fazer.

O tio Oliver riu e pareceu infinitamente divertido e não se ofendeu nem um pouco. Mas Emily ouviu uma fungada do outro lado da sala.

A tia Addie era a próxima. Ela era tão gorda, cor-de-rosa e alegre quanto seu marido e ela deu à mão fria de Emily um belo e suave aperto.

"Como você está, querida?", disse ela.

Essa "querida" tocou Emily e a descongelou um pouco. Mas o próximo, por sua vez, congelou-a instantaneamente novamente. Era a tia Ruth - Emily sabia que era a tia Ruth antes que Ellen o dissesse, e ela sabia que era a tia Ruth que tinha "bem - bem - bem - bem fungado" e cheirado. Ela conhecia o frio, os olhos cinzentos, o cabelo castanho escuro, a figura curta e robusta, a boca fina, beliscada e impiedosa.

A tia Ruth estendeu as pontas dos dedos, mas Emily não as pegou.

"Aperte a mão de sua tia", disse Ellen em um sussurro de raiva.

"Ela não quer apertar a mão comigo", disse Emily, distintamente, "e por isso não vou fazer isso."

A tia Ruth dobrou suas mãos desprezadas de volta em seu colo de seda preta.

"Você é uma criança muito mal criada", disse ela; "mas é claro que era apenas o que era de se esperar."

Emily sentiu uma súbita compunção. Teria ela refletido sobre seu pai pelo seu comportamento? Talvez afinal ela devesse ter apertado a mão da tia Ruth. Mas agora era tarde demais... Ellen já a havia agitado.

"Este é seu primo, Sr. James Murray", disse Ellen, no tom enojado de quem desiste de algo como um trabalho ruim e está apenas ansiosa para ser feito com ele.

"Primo Jimmy, primo Jimmy", disse esse indivíduo. Emily olhou para ele com firmeza, e gostou dele de uma vez sem reservas.

Ele tinha um rosto pequeno, rosado, com uma barba cinza bifurcada; seu cabelo enrolado sobre sua cabeça em uma cabeleira de marrom brilhante, parecida com um esfregão; e seus grandes olhos castanhos eram tão amáveis e francos quanto os de uma criança. Ele deu a Emily um caloroso aperto de mão, embora olhasse a senhora do outro lado do corpo enquanto fazia isso.

"Olá, bichano", disse ele.

Emily começou a sorrir para ele, mas seu sorriso era, como sempre, tão lento no desenvolvimento que Ellen a tinha batido antes que estivesse em plena floração, e foi a tia Laura quem se beneficiou com isso. A tia Laura começou e empalideceu.

"O sorriso de Julieta", disse ela, metade sob seu fôlego. E novamente a tia Ruth farejou.

A tia Laura não se parecia com mais ninguém na sala. Ela era quase bonita, com seus traços delicados e as bobinas pesadas de cabelos pálidos, elegantes e justos, levemente grisalhos, presos bem de perto em torno de sua cabeça. Mas foram os olhos dela que conquistaram Emily. Eram tão redondos olhos azuis. Nunca se

superou o choque de seu azulado. E quando ela falou, foi com uma voz linda e suave.

"Pobre, querida, criancinha", disse ela, e colocou o braço em volta de Emily para um abraço suave.

Emily devolveu o abraço e teve uma fuga estreita então de deixar os Murrays vê-la chorar. Tudo o que a salvou foi o fato de que Ellen a empurrou de repente para o canto junto à janela.

"E esta é sua tia Elizabeth."

Sim, esta era a tia Elizabeth. Sem dúvida - e ela tinha um vestido de cetim preto, tão rígido e rico que Emily tinha certeza de que deveria ser o seu melhor. Isto agradou a Emily. O que quer que a tia Elizabeth pensasse de seu pai, pelo menos ela havia lhe pago o respeito de seu melhor vestido. E a tia Elizabeth tinha um visual muito bonito em um estilo alto, fino e austero, com traços claros e uma enorme coroa de cabelos cinza-ferro sob sua touca de renda preta. Mas seus olhos, embora azuis, eram tão frios quanto os da tia Ruth, e sua boca longa e fina era comprimida severamente. Sob o seu olhar frio e apurado, Emily se retirou e fechou a porta de sua alma. Ela gostaria de ter agradado à tia Elizabeth - que era "chefe" na Lua Nova - mas ela sentiu que não podia fazer isso.

A tia Elizabeth apertou as mãos e disse que não - a verdade é que ela não sabia exatamente o que dizer. Elizabeth Murray não se sentiria "colocada diante" do rei ou do governador-geral. O orgulho de Murray a teria levado até lá; mas ela se sentiu perturbada na presença desta criança alienígena, que já havia mostrado que ela era tudo menos mansa e humilde. Embora Elizabeth Murray nunca o tivesse admitido, ela não queria ser desprezada como Wallace e Ruth haviam sido.

"Vá e sente-se no sofá", ordenou Ellen.

Emily se sentou no sofá com os olhos para baixo, uma pequena figura leve, negra e indomável. Ela dobrou suas mãos no colo e

cruzou os tornozelos. Eles deviam ver que ela tinha maneiras.

Ellen se retirou para a cozinha, agradecendo às estrelas que tinham acabado. Emily não gostava de Ellen, mas se sentiu abandonada quando Ellen saiu. Agora ela estava sozinha diante da barra de opinião de Murray, e teria dado qualquer coisa para estar fora da sala. No entanto, no fundo de sua mente estava se formando um projeto de escrever tudo sobre isso no antigo livro de contabilidade. Seria interessante. Poderia descrevê-los a todos - ela sabia que podia. Tinha a própria palavra para os olhos da tia Ruth: "cinzento-pedra". Eles eram como pedras, duros, frios e implacáveis. Então, uma pancada lhe rasgou o coração. O pai nunca mais poderia ler o que ela escrevesse no livro de contabilidade.

Ainda assim, ela sentiu que preferia escrever tudo. Como ela poderia descrever melhor os olhos da tia Laura? Eles eram olhos tão bonitos - só para chamá-los de "azuis" não significava nada - centenas de pessoas tinham olhos azuis - oh, ela tinha - "poços de azul" - era exatamente isso.

E então veio o clarão!

Foi a primeira vez desde a noite terrível quando Ellen a encontrou à porta da casa. Ela havia pensado que nunca mais poderia ver - e agora neste lugar e hora mais improváveis - ela havia visto, com outros olhos que não os de senso, o maravilhoso mundo por trás do véu. A coragem e a esperança inundaram sua pequena alma fria como uma onda de luz rosada. Levantou a cabeça e olhou para o clarão sem medo - "descaradamente", declarou depois a tia Ruth.

"Sim, ela os escreveria todos no livro de contabilidade - descreva cada um deles -, a doce tia Laura, o simpático primo Jimmy, o velho tio Wallace e o tio Oliver, a imponente tia Elizabeth e a detestável tia Ruth."

"Ela é uma criança de aparência delicada", disse a tia Eva, de repente, com sua voz irritadiça e incolor.

"Bem, o que mais você poderia esperar", disse tia Addie, com um suspiro que parecia à Emily ter algum significado terrível. "Ela é muito pálida - se ela tivesse um pouco de cor, ela não seria mal parecida."

"Eu não sei com quem ela se parece", disse o tio Oliver, olhando para Emily.

"Ela não é uma Murray, isso é claro para ser visto", disse a tia Elizabeth, decidida e desaprovadora.

"Eles estão falando de mim como se eu não estivesse aqui", pensou Emily, seu coração inchando de indignação por causa da indecência dela.

"Eu também não a chamaria de Starr", disse o tio Oliver. "Parece-me que ela é mais como os Byrds - ela tem o cabelo e os olhos de sua avó."

"Ela tem o nariz do velho George Byrd", disse a tia Ruth, num tom que não deixou dúvidas quanto à sua opinião sobre o nariz de George.

"Ela tem a testa de seu pai", disse a tia Eva, também desaprovando.

"Ela tem o sorriso de sua mãe", disse tia Laura, mas em um tom tão baixo que ninguém a ouviu.

"E as longas chicotadas de Julieta... não foram chicotadas muito longas?", disse tia Addie.

Emily tinha atingido o limite de sua resistência.

"Vocês me fazem sentir como se eu fosse feita de restos e remendos", ela explodiu indignada.

Os Murrays olharam para ela. Talvez eles tenham sentido alguma compunção - pois, afinal, nenhum deles era monstros e todos eram humanos, mais ou menos. Aparentemente ninguém podia pensar em nada para dizer, mas o silêncio chocado foi quebrado por uma risada do primo Jimmy - uma risada baixa, cheia de alegria e livre de malícia.

"É isso mesmo, gatinha", disse ele. "Faça frente a eles... faça sua própria parte."

"Jimmy!" disse a tia Ruth.

Jimmy baixou.

A tia Ruth olhou para Emily.

"Quando eu era uma menina", ela disse: "Nunca falei até que me solicitassem."

"Mas se nunca ninguém falasse até que fosse pedido, não haveria nenhuma conversa", disse Emily de forma argumentativa.

"Eu nunca respondi de volta", continuou a tia Ruth com severidade. "Naqueles dias, as meninas eram treinadas adequadamente. Éramos educadas e respeitosas com nossos anciãos. Fomos ensinadas e mantivemos o nosso lugar."

"Eu não acredito que você nunca se divertiu", disse Emily - e depois arfou de horror. Ela não tinha a intenção de dizer isso em voz alta - ela só tinha a intenção de pensar nisso. Mas ela tinha um hábito tão antigo de pensar em voz alta para o pai.

"Divertido", disse a tia Ruth, num tom chocado. "Eu não pensava em diversão quando eu era uma menina."

"Não, eu sei", disse Emily gravemente. Sua voz e seus modos eram perfeitamente respeitosos, pois ela estava ansiosa para expiar seu lapso involuntário. No entanto, a tia Ruth parecia que gostaria

de encaixotar seus ouvidos. Esta criança estava com pena dela - insultando-a por ter pena dela - por causa de sua infância primitiva e impecável. Era insuportável, especialmente em um Starr. E aquele abominável Jimmy estava rindo de novo! Elizabeth deveria suprimi-lo!

Felizmente, Ellen Greene apareceu nesta conjuntura e anunciou o jantar.

"Você tem que esperar", ela sussurrou para Emily. "Não há lugar para você na mesa."

Emily ficou feliz. Ela sabia que não podia comer uma dentada sob os olhos de Murray. Suas tias e seus tios saíram de lá com força sem olhar para ela - todos, exceto a tia Laura, que se virou à porta e lhe deu um beijinho furtivo e minúsculo. Antes que Emily pudesse responder, Ellen Greene tinha fechado a porta.

Emily foi deixada sozinha na sala que se enchia de sombras crepusculares. O orgulho que a havia sustentado na presença dos Murrays de repente falhou e ela sabia que as lágrimas estavam chegando. Ela foi diretamente para a porta fechada no final da sala, abriu-a e entrou. O caixão de seu pai estava no centro da pequena sala que havia sido um quarto. Estava amontoado de flores - os Murrays tinham feito a coisa certa nisso, como em tudo o resto. A grande âncora de rosas brancas que o tio Wallace havia trazido de pé, agressivamente, sobre a pequena mesa à cabeça. Emily não conseguia ver o rosto de seu pai para o travesseiro de jacintos brancos da tia Ruth, que estava deitada sobre o vidro, e não ousava movê-lo. Mas ela se enrolou no chão e encostou sua bochecha no lado polido do caixão. Eles a encontraram lá dormindo quando entraram depois do jantar. A tia Laura a levantou e disse:

"Vou levar a pobre criança para a cama, ela está desgastada."

Emily abriu os olhos e olhou sonolenta sobre ela.

"Posso ficar com Mike?", disse ela.

"Quem é Mike?"

"Meu gato... meu grande gato cinza."

"Um gato!" exclamou a tia Elizabeth num tom de choque. "Você não deve ter um gato em seu quarto!"

"Por que não... por uma vez?" suplicou Laura.

"Certamente não!", disse a tia Elizabeth. "Um gato é uma coisa muito pouco saudável em um compartimento para dormir. Estou surpresa com você, Laura! Leve a criança para a cama e veja que há muita roupa de cama. É uma noite fria, mas não me deixe mais ouvir falar em dormir com gatos."

"Mike é um gato limpo", disse Emily. "Ele se lava - todos os dias."

"Leve-a para a cama, Laura!" disse a tia Elizabeth, ignorando Emily.

A tia Laura cedeu mansamente. Ela levou Emily para cima, ajudou-a a se despir e a aconchegou na cama. Emily estava com muito sono. Mas antes de adormecer totalmente, ela sentiu algo, macio e quente e companheiro, aconchegando-se ao seu ombro. A tia Laura tinha se esgueirado, encontrou Mike e o trouxe até ela. A tia Elizabeth nunca soube e Ellen Greene não ousou dizer uma palavra em protesto - pois Laura não era uma Murray da Lua Nova?

CAPÍTULO IV

Um Conclave Familiar

Emily acordou à luz do dia na manhã seguinte. Através de sua janela baixa e não cortada, o esplendor do nascer do sol estava chegando, e uma estrela branca e tênue ainda permanecia no céu verde cristal sobre o Pinheiro Galo. Um vento fresco e doce do gramado soprava ao redor dos beirais. Ellen Greene estava dormindo na cama grande e roncando profundamente. Exceto por isso, a casinha estava muito quieta. Era a chance pela qual Emily havia esperado.

Com muito cuidado, ela escorregou da cama, virou o quarto e abriu a porta. Mike se desenrolou do tapete no meio do chão e a seguiu, esfregando seus lados quentes contra seus tornozelos gelados. Quase habilmente, ela desceu a escadaria nua e escura. Como os degraus rangeram... Certamente, isso despertaria a todos! Mas ninguém apareceu e Emily desceu e escorregou para dentro da sala de estar, tirando um longo fôlego de alívio enquanto fechava a porta. Ela quase atravessou a sala correndo para a outra porta.

O travesseiro floral da tia Ruth ainda cobria o vidro do caixão. Emily, com um aperto dos lábios que lhe dava uma estranha semelhança com a tia Elizabeth, levantou o travesseiro e colocou-o no chão.

"Oh, pai - pai!" ela sussurrou, colocando a mão na garganta para manter algo em baixo. Ela ficou ali, um pouco trêmula, com uma figura branca, e olhou para o pai. Isto era para ser seu adeus; ela deve dizê-lo quando eles estavam sozinhos juntos - ela não o diria diante dos Murrays.

O pai estava tão bonito. Todas as linhas de dor haviam desaparecido - seu rosto parecia quase como o de um menino,

exceto pelos cabelos prateados acima dele. E ele estava sorrindo - um sorriso tão bonito, caprichoso e sábio, como se de repente tivesse descoberto algo adorável, inesperado e surpreendente. Ela havia visto muitos sorrisos bonitos em seu rosto na vida, mas nunca um igual a este.

"Pai, eu não chorei diante deles", sussurrou ela. "Tenho certeza de que não desgracei os Starrs. Não foi um aperto de mão com a tia Ruth que desgraçou as Starrs, foi? Porque ela realmente não queria que eu... Oh, pai, eu não acho que nenhum deles goste de mim, a menos que talvez a tia Laura faça um pouco. E vou chorar um pouco agora, pai, porque não posso ficar com ela o tempo todo."

Ela colocou seu rosto sobre o vidro frio e soluçou amargamente, mas brevemente. Ela deve dizer adeus antes que alguém a encontre. Levantando a cabeça, ela olhou longa e sinceramente para o rosto amado.

"Adeus, querido", ela sussurrou asfixiada.

Desfazendo suas lágrimas cegantes, ela substituiu o travesseiro da tia Ruth, escondendo o rosto de seu pai para sempre. Depois ela escapou, com a intenção de recuperar rapidamente seu quarto. Na porta, quase caiu sobre o primo Jimmy, que estava sentado em uma cadeira antes dela, enfiado em um enorme roupão de banho na companhia de Mike.

"S-s-s-h!" sussurrou ele, dando-lhe uma palmadinha no ombro. "Eu a ouvi descendo e a segui. Eu sabia o que você queria. Tenho estado aqui sentado para mantê-los de fora se algum deles viesse atrás de você. Aqui, pegue isto e volte depressa para sua cama, pequena bichana."

"Isto" era um rolo de pastilhas de hortelã-pimenta. Emily o agarrou e fugiu, envergonhada por ser vista pelo primo Jimmy em sua camisola. Ela odiava hortelã-pimenta e nunca as comia, mas o fato da gentileza do primo Jimmy Murray em dá-las a ela mandou uma emoção de deleite ao seu coração. E ele também a chamou de

"pequena bichana", ela gostou disso. Ela havia pensado que ninguém voltaria a chamar seus simpáticos nomes de bichinhos de estimação. O pai tinha tido tantos para ela - "queridinha" e "Elfaemily" e "querida filhinha". Ele tinha um nome de animal de estimação para cada estado de espírito e ela os tinha amado a todos. Quanto ao primo Jimmy, ele era simpático. Qualquer parte dele que estivesse faltando, não era o seu coração. Ela se sentia tão grata a ele que, depois de estar novamente em segurança em sua cama, ela se obrigou a comer uma das drágeas, embora fosse preciso toda a sua coragem para se ocupar com elas.

O funeral foi realizado naquela manhã. Por uma vez, a casinha solitária no buraco foi enchida. O caixão foi levado para a sala de estar e os Murrays, enquanto as carpideiras se sentavam rígida e decorosamente em volta dele, Emily entre elas, pálida e fervilhante em seu vestido preto. Ela sentou-se entre a tia Elizabeth e o tio Wallace e não ousou mexer um músculo. Nenhuma outra Starr estava presente. Seu pai não tinha parentes próximos vivos. O povo Maywood veio e olhou para seu rosto morto com uma liberdade e uma curiosidade insolente que eles nunca teriam presumido em vida. Emily detestava tê-los olhando para seu pai daquela maneira. Eles não tinham o direito - eles não tinham sido amigáveis com ele enquanto estava vivo - eles tinham dito coisas duras dele - Ellen Greene às vezes as repetia. Cada olhar que caía sobre ele machucava Emily; mas ela ficava quieta e não dava nenhum sinal externo. A tia Ruth disse depois que nunca havia visto uma criança tão absolutamente desprovida de todo sentimento natural.

Quando a cerimônia terminou, os Murrays se levantaram e marcharam ao redor do caixão para um olhar de despedida. A tia Elizabeth pegou a mão de Emily e tentou atraí-la junto com eles, mas Emily puxou-a para trás e balançou a cabeça. Ela já havia se despedido. A tia Elizabeth parecia, por um momento, estar a ponto de insistir; então ela se arrastou para frente, sozinha, olhando para cada Murray. Nenhuma cena deve ser feita em um funeral.

Douglas Starr deveria ser levado a Charlottetown para ser enterrado ao lado de sua esposa. Os Murrays iam todos embora, mas Emily não deveria ir. Ela assistiu ao cortejo fúnebre enquanto ele terminava a longa e gramada colina, através da chuva cinza claro que começava a cair. Emily estava feliz por estar chovendo; muitas vezes ela havia ouvido Ellen Greene dizer que feliz era o cadáver sobre o qual a chuva caía; e era mais fácil ver o pai ir embora naquela suave, gentil e cinzenta névoa do que através de um sol cintilante e risonho.

"Bem, devo dizer que o funeral correu bem", disse Ellen Greene no seu ombro. "Tudo foi feito de qualquer maneira. Se seu pai estivesse olhando do céu para isso, Emily, tenho certeza de que ele ficaria satisfeito."

"Ele não está no céu", disse Emily.

"Santo Deus! De todas as crianças!" Ellen não poderia dizer mais nada.

"Ele ainda não está lá. Ele está apenas a caminho. Ele disse que esperaria e iria devagar até eu morrer, também, para que eu pudesse alcançá-lo. Espero que eu morra logo."

"Isso é uma coisa perversa de se desejar", repreendeu Ellen.

Quando a última carruagem desapareceu, Emily voltou para a sala de estar, tirou um livro da estante e se enterrou na cadeira de braços. As mulheres que estavam arrumando estavam felizes por ela estar quieta e fora do caminho.

"É bom que ela saiba ler", disse a Sra. Hubbard melancolicamente. "Algumas garotinhas não podiam ser tão compostas - Jennie Hood apenas gritou e gritou depois que carregaram sua mãe para fora - os Hoods são todos um povo tão sensível."

Emily não estava lendo. Ela estava pensando. Ela sabia que os Murrays estariam de volta à tarde; e ela sabia que seu destino provavelmente estaria resolvido na época. "Conversaremos sobre o assunto quando voltarmos", ela tinha ouvido o tio Wallace dizer naquela manhã após o café da manhã. Algum instinto lhe disse exatamente o que "o assunto" era; e ela teria dado um de seus ouvidos pontiagudos para ouvir a discussão com o outro. Mas ela sabia muito bem que seria enviada para fora do caminho. Portanto, ela não ficou surpresa quando Ellen veio até ela no crepúsculo e disse:

"É melhor você ir lá em cima, Emily. Suas tias e tios estão vindo aqui para conversar sobre o negócio."

"Não posso ajudar a preparar o jantar?" perguntou Emily, que pensou que se ela fosse e viesse pela cozinha, ela poderia pegar uma palavra ou duas.

"Não. Você incomodaria mais do que ajudaria. Marche agora."

Ellen se arrastou até a cozinha, sem esperar para ver se Emily marcharia. Emily se levantou com relutância. Como ela poderia dormir até de noite, se não soubesse o que iria acontecer com ela? E ela tinha certeza de que não seria contada até de manhã.

Seus olhos caíram sobre a mesa oblonga no centro da sala. Seu pano era de proporções generosas, caindo em pregas pesadas no chão. Havia um relance de meias pretas através do tapete, um súbito distúrbio de drapejamento, e então... silêncio. Emily, no chão embaixo da mesa, arrumou suas pernas confortavelmente e sentou-se triunfante. Ela ouvia o que estava decidido e ninguém ficaria mais sábio.

Nunca lhe haviam dito que não era considerado estritamente honroso escutar, nenhuma ocasião em que tal instrução tivesse surgido em sua vida com seu pai; e ela considerou que era um pouco de pura sorte que ela tivesse pensado em se esconder debaixo da mesa. Ela podia até mesmo ver dificilmente através do

pano. Seu coração batia tão alto em sua excitação que ela tinha medo que eles o ouvissem; não havia outro som além do suave e distante canto dos sapos através da chuva, que soava através da janela aberta.

Lá dentro eles vieram; desceram, sentaram-se ao redor da sala; Emily susteve a respiração; por alguns minutos ninguém falou, embora a tia Eva tenha suspirado prolonga e pesadamente. Então o tio Wallace limpou sua garganta e disse:

"Bem, o que deve ser feito com a criança?"

Ninguém estava com pressa de responder. Emily pensou que eles nunca falariam. Finalmente, a tia Eva disse com um lamento:

"Ela é uma criança tão difícil... tão estranha. Não consigo entendê-la de jeito nenhum."

"Eu acho", disse tia Laura timidamente, "que ela tem o que se poderia chamar de temperamento artístico."

"Ela é uma criança mimada", disse a tia Ruth muito decididamente. "Há trabalho pela frente para endireitar seus modos, se você me perguntar."

(A pequena ouvinte debaixo da mesa virou sua cabeça e lançou um olhar de desprezo para a tia Ruth através da toalha de mesa. "Acho que suas próprias maneiras têm uma leve curva". Emily não ousou sequer murmurar as palavras sob sua respiração, mas ela as moldou com sua boca; isto foi um grande alívio e satisfação).

"Eu concordo com você", disse a tia Eva, "e eu, por mim, não me sinto à altura da tarefa."

(Emily entendeu que isto significava que o tio Wallace não queria levá-la e se alegrou.)

"A verdade é que", disse o tio Wallace, "a tia Nancy deveria levá-la. Ela tem mais bens deste mundo do que qualquer um de nós."

"A tia Nancy nunca sonharia em levá-la e você a conhece suficientemente bem", disse o tio Oliver. "Além disso, ela é inteiramente velha demais para ter a educação de uma criança - ela e aquela velha bruxa Caroline. Sobre minha alma, não acredito que nenhuma delas seja humana. Eu gostaria de levar Emily, mas sinto que dificilmente posso fazê-lo. Eu tenho uma grande família para sustentar."

"Ela provavelmente não viverá muito tempo para incomodar ninguém", disse a tia Elizabeth de forma crispada. "Ela provavelmente morrerá da mesma forma que seu pai morreu."

("Eu não vou - eu não vou!" exclamou Emily - pelo menos ela pensou com tanta força que quase parecia que ela o exclamou. Ela esqueceu que queria morrer logo, para que pudesse superar o pai. Ela queria viver agora, apenas para colocar os Murrays no caminho errado. "Eu não tenho nenhuma intenção de morrer. Vou viver - por vários anos - e ser uma famosa autora - você vai ver se eu não o fizer, tia Elizabeth Murray!")

"Ela é uma criança com aparência de erva daninha", reconheceu o tio Wallace.

(Emily aliviou seus sentimentos ultrajantes fazendo um rosto no tio Wallace através da toalha de mesa. "Se eu possuir um porco, vou dar-lhe o seu nome", pensou ela - e depois se sentiu bastante satisfeita com sua vingança).

"Alguém tem que cuidar dela enquanto ela estiver viva", disse tio Oliver.

("Seria bom para vocês se eu morresse e vocês sofressem remorsos terríveis por isso o resto de suas vidas", pensou Emily. Então, na pausa que se seguiu, ela imaginou dramaticamente o seu funeral, selecionou seus companheiros e tentou escolher o verso do

hino que ela queria gravado em sua lápide. Mas antes que ela pudesse resolver este tio Wallace começou novamente.)

"Bem, não estamos chegando a lugar algum. Temos que tomar conta da criança..."

("Gostaria que você não me chamasse de 'a criança'", pensou Emily amargamente).

"...e alguns de nós devemos dar-lhe um lar. A filha de Julieta não deve ser deixada à mercê de estranhos. Pessoalmente, sinto que a saúde de Eva não é igual aos cuidados e ao treinamento de uma criança..."

"De uma criança assim", disse a tia Eva.

(Emily enfiou a língua para fora em direção a tia Eva).

"Pobre almazinha", disse tia Laura gentilmente.

(Algo congelado no coração de Emily derreteu naquele momento. Ela ficou lamentavelmente satisfeita por ser chamada de "pobre almazinha" tão ternamente).

"Acho que você não precisa ter pena dela exageradamente, Laura", disse o tio Wallace, decididamente. "É evidente que ela tem muito pouco sentimento. Eu não a vi derramar uma lágrima desde que viemos para cá."

"Você notou que ela não olharia nem mesmo para o pai", disse a tia Elizabeth.

O primo Jimmy assobiou de repente no teto.

"Ela sente tanto que tem que escondê-lo", disse a tia Laura.

O tio Wallace bufou.

"Você não acha que podemos levá-la, Elizabeth?" Laura continuou timidamente.

A tia Elizabeth agitou-se inquieta.

"Suponho que ela não ficaria contente na Lua Nova, com três velhos como nós."

("Eu... eu... eu faria!" pensou Emily).

"Ruth, e você?" disse o tio Wallace. "Você está sozinha naquela casa grande. Seria uma coisa boa para você ter alguma companhia."

"Eu não gosto dela", disse tia Ruth com muita nitidez. "Ela é tão manhosa quanto uma cobra."

("Eu não sou!", pensou Emily).

"Com um treinamento sábio e cuidadoso, muitas de suas falhas podem ser curadas", disse o tio Wallace, pomposamente.

("Eu não os quero curados!" Emily estava ficando cada vez mais zangada e irritada debaixo da mesa. "Eu gosto mais de minhas falhas do que de suas... suas..." ela se perturbou mentalmente por uma palavra... e depois, triunfantemente, lembrou uma frase de seu pai... "suas abomináveis virtudes!")

"Duvido", disse a tia Ruth, em tom mordaz. "O que é criado no osso sai em carne e osso. Quanto a Douglas Starr, acho que foi perfeitamente vergonhoso para ele morrer e deixar aquela criança sem um centavo."

"Ele fez isso de propósito?" perguntou o primo Jimmy, sem rodeios. Era a primeira vez que ele falava.

"Ele foi um fracasso miserável", estalou a tia Ruth.

"Ele não era... ele não era!" gritou Emily, de repente enfiando a cabeça debaixo da toalha de mesa, entre as pernas finais da mesa.

Por um momento, os Murrays sentaram-se silenciosos e imóveis, como se sua explosão os tivesse transformado em pedra. Então a tia Ruth se levantou, perseguiu a mesa e levantou o pano, atrás do qual Emily se retirou em desespero, percebendo o que ela havia feito.

"Levante-se e saia daí, Emily Starr!" disse a tia Ruth.

"Emily Starr" se levantou e saiu. Ela não estava especialmente assustada - ela estava muito zangada para ser isso. Seus olhos tinham ficado negros e suas bochechas carmesim.

"Que belezinha... que belezinha regular", disse o primo Jimmy. Mas ninguém o ouviu. A tia Ruth tinha a palavra.

"Sua pequena espiã sem vergonha!", disse ela. "Lá está o sangue Starr saindo - um Murray nunca teria feito tal coisa. Você deveria ser chicoteada!"

"O pai não foi um fracasso!" gritou Emily, sufocada de raiva. "Você não tinha o direito de chamá-lo de um fracasso. Ninguém que fosse tão amado quanto ele poderia ser um fracasso. Eu não acredito que ninguém jamais o amou. Então é você, isso é um fracasso. E eu não vou morrer de consumo."

"Você percebe de que coisa vergonhosa você foi culpada?" exigiu a tia Ruth, fria de raiva.

"Eu queria ouvir o que ia ser de mim", gritou Emily. "Eu não sabia que era uma coisa tão horrível de se fazer - eu não sabia que você ia dizer coisas tão horrendas a meu respeito."

"Os ouvintes nunca ouvem nada de bom de si mesmos", disse a tia Elizabeth de forma impressionante. "Sua mãe nunca teria feito isso, Emily."

A bravata saiu toda da pobre Emily. Ela se sentiu culpada e miserável - oh, tão miserável. Ela não sabia, mas parecia que ela havia cometido um pecado terrível.

"Vá lá para cima", disse a tia Ruth.

Emily foi, sem protestar. Mas antes de ir, ela olhou em volta da sala.

"Enquanto eu estava debaixo da mesa", disse ela, "fiz caretas para o tio Wallace e a tia Eva."

Ela disse com tristeza, desejando fazer um peito limpo de suas transgressões; mas tão facilmente nos entendemos mal que os Murrays realmente pensaram que ela estava se entregando a um pedaço de impertinência gratuita. Quando a porta se fechou atrás dela, todos eles - exceto a tia Laura e o primo Jimmy - balançaram a cabeça e gemeram.

Emily subiu em um estado de amarga humilhação. Ela sentiu que havia feito algo que deu aos Murrays o direito de desprezá-la, e eles pensaram que era o Starr que saía nela - e ela nem mesmo havia descoberto qual seria seu destino.

Ela olhou para a pequena Emily do Espelho.

"Eu não sabia... eu não sabia", sussurrou ela. "Mas saberei depois disto", acrescentou ela com um súbito impulso, "e nunca, nunca mais o farei."

Por um momento ela pensou que iria se jogar na cama e chorar. Ela não podia suportar toda a dor e vergonha que ardia em seu coração. Então seus olhos caíram sobre o velho livro de contabilidade amarelo em sua pequena mesa. Um minuto depois, Emily foi enrolada na cama, à moda turca, escrevendo avidamente no velho livro com seu pequeno lápis de chumbo. Enquanto seus dedos voavam sobre as linhas desbotadas, suas bochechas coravam e seus olhos brilhavam. Ela esqueceu os Murrays, embora

estivesse escrevendo sobre eles - ela esqueceu sua humilhação - apesar de estar descrevendo o que havia acontecido; durante uma hora ela escreveu firmemente com a luz miserável de sua pequena lâmpada esfumaçada, nunca parando, salvo de vez em quando, para olhar pela janela para a beleza sombria da noite nublada, enquanto ela caçava através de sua consciência por uma certa palavra que queria; quando a encontrou, deu um suspiro feliz e caiu de novo.

Quando ouviu os Murrays subindo as escadas, ela guardou seu livro. Ela havia terminado; havia feito uma descrição de toda a ocorrência e daquele anel conclave de Murrays, e havia terminado por uma descrição patética de seu próprio leito de morte, com os Murrays em pé implorando seu perdão. No início ela descreveu a tia Ruth como fazendo isso de joelhos, numa agonia de soluços de remorso. Depois ela suspendeu seu lápis - "A tia Ruth nunca poderia se sentir tão mal quanto isso por nada", pensou ela - e desenhou seu lápis através da linha.

Na escrita, a dor e a humilhação haviam falecido. Ela só se sentia cansada e bastante feliz. Tinha sido divertido, encontrar palavras para caber no tio Wallace; e que satisfação requintada tinha sido descrever a tia Ruth como "uma mulherzinha burra".

"Imagino o que meus tios e tias diriam se soubessem o que realmente penso deles", murmurou ela ao entrar na cama.

CAPÍTULO V

Diamante corta diamante

Emily, que havia sido ignorada pelos Murrays no café da manhã, foi chamada para a sala quando a refeição terminou.

Todos eles estavam lá - a falange inteira deles - e ocorreu a Emily quando ela olhou para o tio Wallace, sentado ao sol da primavera, que ela não havia encontrado apenas a palavra exata, afinal de contas, para expressar sua peculiar qualidade de tristeza.

A tia Elizabeth ficou de pé, sem mácula, ao lado da mesa, com folhas de papel na mão.

"Emily", disse ela, "ontem à noite não podíamos decidir quem deveria levá-la. Posso dizer que nenhum de nós tem muita vontade de fazê-lo, pois você se comportou muito mal em muitos aspectos..."

"Oh, Elizabeth..." protestou Laura. "Ela... ela é filha de nossa irmã."

Elizabeth levantou a mão de forma lisonjeira.

"Eu estou fazendo isso, Laura. Tenha a bondade de não me interromper. Como eu estava dizendo, Emily, não podíamos decidir sobre quem deveria cuidar de você. Portanto, concordamos com a sugestão do primo Jimmy de resolvermos o assunto por sorteio. Tenho aqui nossos nomes, escritos nestas folhas de papel. Você vai escrever um, e aquele cujo nome estiver escrito lhe dará um lar."

A tia Elizabeth estendeu as folhas de papel. Emily tremia tão violentamente que a princípio ela não conseguia escrever. Isto foi terrível - parecia que ela tinha que resolver cegamente seu próprio destino.

"Escreva", disse a tia Elizabeth.

Emily colocou seus dentes, jogou a cabeça para trás com o ar de quem desafia o destino, escreveu. A tia Elizabeth pegou o escorregão da mãozinha que apertava e a segurou para cima. Nele estava seu próprio nome... "Elizabeth Murray". Laura Murray, de repente, colocou seu lenço nos olhos.

"Bem, isso está resolvido", disse o tio Wallace, levantando-se com um ar de alívio. "E se eu vou pegar aquele trem, tenho que me apressar. É claro que, quanto à questão das despesas, Elizabeth, eu farei minha parte."

"Não somos pobres na Lua Nova", disse a tia Elizabeth com bastante frieza. "Já que coube a mim levá-la, farei tudo o que for necessário, Wallace. Eu não me furto ao meu dever."

"Eu sou seu dever", pensou Emily. "O pai disse que ninguém nunca gostou de um dever. Portanto, a tia Elizabeth nunca vai gostar de mim."

"Você tem mais do orgulho Murray do que todos nós juntos, Elizabeth", riu o tio Wallace.

Todos o seguiram - todos, exceto a tia Laura. Ela se aproximou de Emily, sozinha no meio da sala, e a atraiu para seus braços.

"Estou tão feliz, Emily... estou tão feliz", sussurrou ela. "Não se preocupe, querida criança. Eu já te amo - e Lua Nova é um lugar agradável, Emily."

"Tem... um nome bonito", disse Emily, lutando pelo autocontrole. "Eu sempre esperei... eu poderia ir com você, tia Laura. Acho que vou chorar... mas não é porque lamento ir para lá. Meus modos não são tão maus quanto você pensa, tia Laura - e eu não teria escutado ontem à noite se soubesse que estava errada."

"Claro que não teria", disse a tia Laura.

"Mas eu não sou um Murray, você sabe..."

Então a tia Laura disse uma coisa esquisita para um Murray:

"Graças a Deus por isso", disse a tia Laura.

O primo Jimmy seguiu Emily e a ultrapassou no pequeno salão. Olhando cuidadosamente em volta para garantir a privacidade, ele sussurrou.

"Sua tia Laura tem uma grande mão para fazer doces de maçãs, bichana."

Emily achou que doces de maçãs soava bem, embora ela não soubesse o que era. Ela sussurrou de volta uma pergunta que nunca ousaria fazer à tia Elizabeth ou mesmo à tia Laura.

"Primo Jimmy, quando eles fazem um bolo na Lua Nova, eles me deixam raspar a tigela de mistura e comer as raspas?"

"Laura vai... Elizabeth não vai", sussurrou solenemente o primo Jimmy.

"E colocar meus pés no forno quando eles ficarem frios? E tomar um resfriado antes de eu ir para a cama?"

"Responda igual a antes", disse o primo Jimmy. "Eu vou recitar minha poesia para você. É para poucas pessoas que eu faço isso. Já compus mil poemas. Eles não estão escritos... Eu os carrego aqui". O primo Jimmy colocou a mão na cabeça.

"É muito difícil escrever poesia?" perguntou Emily, olhando com novo respeito para o primo Jimmy.

"Fácil como rolar um tronco se você conseguir encontrar rimas suficientes", disse o primo Jimmy.

Todos eles foram embora naquela manhã, exceto o povo de Lua Nova. A tia Elizabeth anunciou que eles ficariam até o dia seguinte

para arrumar as malas e levar Emily com eles.

"A maioria dos móveis pertence à casa", disse ela, "por isso não vamos demorar muito para nos preparar. Existem apenas os livros de Douglas Starr e seus poucos pertences pessoais para empacotar."

"Como devo carregar meus gatos?" perguntou Emily ansiosamente.

A tia Elizabeth olhou fixamente.

"Gatos! Você não vai levar gatos, senhorita."

"Oh, devo levar Mike e Saucy Sal!" gritou Emily com toda a força. "Não posso deixá-los para trás. Eu não posso viver sem eles."

"Bobagem! Há gatos de celeiro na Lua Nova, mas eles nunca são permitidos em casa."

"Você não gosta de gatos?", perguntou Emily com espanto.

"Não, eu não gosto."

"Você não gosta da sensação de um gato bonito, macio e gordo?" persistiu Emily.

"Não; eu tocaria logo uma cobra."

"Há uma linda boneca de cera velha de sua mãe lá em cima", disse a tia Laura. "Vou vesti-la para você."

"Eu não gosto de bonecas - elas não podem falar", exclamou Emily.

"Nem os gatos podem."

"Oh, eles não podem! Mike e Saucy Sal podem. Oh, eu devo levá-los. Oh, por favor, tia Elizabeth. Eu amo esses gatos. E eles

são as únicas coisas que restam no mundo que me amam. Por favor!"

"O que é um gato mais ou menos em duzentos acres?" disse o primo Jimmy, puxando sua barba bifurcada. "Leve-os junto, Elizabeth."

A tia Elizabeth considerou por um momento. Ela não conseguia entender por que alguém deveria querer um gato. A tia Elizabeth era uma daquelas pessoas que nunca compreendem nada, a menos que lhes seja dito em linguagem simples e martelado em suas cabeças. E então eles o entendem apenas com o cérebro e não com o coração.

"Você pode levar um de seus gatos", disse ela finalmente, com o ar de uma pessoa fazendo uma grande concessão. "Um - e não mais. Não, não discuta. Você pode aprender primeiro como por último, Emily, que quando eu digo uma coisa, é a sério. Já chega, Jimmy."

O primo Jimmy arrancou algo que ele havia tentado dizer, enfiou as mãos nos bolsos e assobiou no teto.

"Quando não quer, ela não vai... como se fosse uma urra. Todos nós nascemos com essa dobra dentro de nós, pequena bichana, e você terá que aguentar - mais por sinal que você mesmo está cheio dela, você sabe. Fale sobre você não ser Murray! O Starr é só pele profunda com você."

"Não é... eu sou toda Starr... eu quero ser", gritou Emily. "E, oh, como eu posso escolher entre Mike e Saucy Sal?"

Isto foi de fato um problema. Emily lutou com isso o dia todo, seu coração estourando. Ela gostava mais do Mike - não havia dúvida disso; mas ela não podia deixar o Saucy Sal à mercê da terna misericórdia de Ellen. Ellen sempre odiou Sal; mas ela gostava mais de Mike e seria boa para ele. Ellen estava voltando para sua

casinha na aldeia de Maywood e ela queria um gato. Finalmente, à noite, Emily tomou sua amarga decisão. Ela tomaria Saucy Sal.

"É melhor levar o Tom", disse o primo Jimmy. "Não se preocupe tanto com os gatinhos que você conhece, Emily."

"Jimmy!" disse a tia Elizabeth com firmeza. Emily se perguntou sobre a austeridade. Por que não se falava dos gatinhos? Mas ela não gostou de ouvir Mike ser chamado de "o Tom". Parecia insultuoso, em algum momento.

E ela não gostou da azáfama e da agitação de fazer as malas. Ansiava pelo velho silêncio e pelo doce, lembrava das conversas com seu pai. Ela sentiu como se ele tivesse sido empurrado para longe dela por este influxo de Murrays.

"O que é isto?", disse a tia Elizabeth de repente, parando por um momento em suas malas. Emily olhou para cima e viu com consternação que a tia Elizabeth tinha em suas mãos o velho livro de contabilidade - que ela estava abrindo-o - que ela estava lendo nele. Emily saltou pelo chão e arrancou o livro.

"Você não deve ler isso, tia Elizabeth", ela gritou indignada, "isso é meu - minha própria propriedade privada."

"Calminha, Srta. Starr", disse tia Elizabeth, olhando para ela, "deixe-me dizer-lhe que tenho o direito de ler seus livros. Eu sou responsável por você agora. Eu não vou ter nada escondido ou desleal, entenda isso. Você tem, evidentemente, algo que tem vergonha de ser visto e quero dizer, de ser lido. Dê-me esse livro!"

"Não tenho vergonha disso", gritou Emily, recuando, abraçando seu precioso livro ao seu peito. "Mas não vou deixar que você - nem ninguém o veja."

A tia Elizabeth a seguiu.

"Emily Starr, você ouve o que eu digo? Dê-me esse livro... de uma vez."

"Não, não!" Emily virou-se e fugiu. Ela nunca deixaria a tia Elizabeth ver aquele livro. Ela fugiu para o fogão da cozinha - ela arrancou uma capa - ela empanturrou o livro para o fogo brilhante. Ele pegou e brilhou alegremente. Emily o viu em agonia. Parecia que parte de si mesma estava queimando ali. Mas a tia Elizabeth nunca deveria vê-lo - ver todas as pequenas coisas que ela tinha escrito e lido para o pai - todas as suas fantasias sobre a Mulher Vento - e Emily do Espelho - todos os seus pequenos diálogos com gatos - todas as coisas que ela tinha dito nele na noite passada sobre os Murrays. Ela viu as folhas murcharem e estremecerem, como se fossem combustível, e depois ficaram negras. Uma linha de escrita branca saiu vívida sobre uma delas. "A tia Elizabeth é muito fria e desajeitada". E se a tia Elizabeth tivesse visto isso? E se ela estivesse vendo isso agora! Emily olhou apreensivamente sobre seu ombro. Não, tia Elizabeth tinha voltado para o quarto e fechado a porta com o que, em qualquer pessoa, exceto um Murray, teria sido chamado de estrondo. O livro de contabilidade era um pequeno monte de filme branco sobre as brasas brilhantes. Emily sentou-se junto ao fogão e chorou. Ela se sentiu como se tivesse perdido algo incalculavelmente precioso. Era terrível pensar que todas aquelas coisas queridas tinham desaparecido. Ela nunca mais poderia escrevê-las - não apenas o mesmo; e se ela pudesse, não ousaria - ela nunca ousaria escrever nada novamente, se a tia Elizabeth tivesse que ver tudo. O pai nunca insistiu em vê-las. Ela gostava de lê-los para ele, mas se ela não tivesse querido fazê-lo, ele nunca a teria obrigado. De repente, Emily, com as lágrimas brilhando em suas bochechas, escreveu uma frase em um livro de contabilidade imaginário.

"A tia Elizabeth é fria e desajeitada; e ela não é justa."

Na manhã seguinte, enquanto o primo Jimmy amarrava as caixas na parte de trás da carruagem de assento duplo, e a tia Elizabeth dava a Ellen suas instruções finais, Emily se despediu de

tudo - do Pinheiro Galo e de Adão e Eva - "eles sentirão minha falta quando eu estiver fora; não haverá ninguém aqui para amá-los", ela disse melancolicamente - para a fenda da aranha na janela da cozinha - para a velha cadeira de asa - para o leito de grama listrada - para as papaias de bétula prateadas. Então ela subiu para a janela de seu antigo quarto. Aquela pequena janela sempre pareceu a Emily abrir em um mundo de maravilhas. No livro de contabilidade queimado havia um pedaço do qual ela estava especialmente orgulhosa. "Um desenho da minha Janela". Ela havia se sentado ali e sonhado; à noite ela costumava ajoelhar-se ali e dizer suas orações. Às vezes as estrelas brilhavam através dela - às vezes a chuva batia contra ela - às vezes os passarinhos e andorinhas a visitavam - às vezes fragrâncias arejadas flutuavam de maçã e flor de lilás - às vezes a Mulher do Vento ria e suspirava e cantava e assobiava em volta dela - Emily a ouvira lá nas noites escuras e nas tempestades de inverno, selvagem e branca. Ela não disse adeus à Mulher Vento, pois sabia que a Mulher Vento também estaria na Lua Nova; mas ela disse adeus à pequena janela e à colina verde que amava, e à floresta de fadas e à pequena Emily do Espelho. Poderia haver outra Emily do Espelho na Lua Nova, mas ela não seria a mesma. E ela desenrolou da parede e guardou em seu bolso a foto do vestido de baile que ela havia cortado de um lençol da moda. Era um vestido tão maravilhoso - todas as rendas brancas e coroas de botões de rosa, com um longo, longo trem de rendas que deve chegar até uma sala. Emily havia se imaginado mil vezes usando aquele vestido, varrendo, uma rainha da beleza, através de uma porta de salão de baile.

Lá embaixo eles estavam esperando por ela. Emily disse adeus a Ellen Greene indiferentemente - ela nunca havia gostado de Ellen Greene em momento algum, e desde a noite em que Ellen havia dito a seu pai que iria morrer, ela a odiava e a temia.

Ellen surpreendeu Emily, chorando e abraçando-a - abraçando-a para não esquecê-la - pedindo-lhe que escrevesse para ela - chamando-a de "minha filha abençoada".

"Eu não sou sua criança abençoada", disse Emily, "mas vou escrever-lhe. E você será muito boa para Mike?"

"Acredito que você se sinta pior por ter deixado aquele gato do que por ter me deixado", fungou Ellen.

"Por que, é claro que me sinto", disse Emily, espantada que pudesse haver qualquer pergunta sobre isso.

Foi preciso toda a sua resolução para não chorar quando se despediu de Mike, que estava enrolado na grama quente do sol na porta dos fundos.

"Talvez eu o veja novamente algum dia", sussurrou ela enquanto o abraçava. "Tenho certeza de que bons gatos bichanos vão para o céu."

Em seguida, eles estavam na carruagem de dois assentos com seu dossel franjado, sempre afetado pelos Murrays da Lua Nova. Emily nunca havia conduzido em nada tão esplêndido antes. Ela nunca tinha tido muitos passeios de carro. Uma ou duas vezes seu pai havia emprestado a velha carroça e o pônei cinza do Sr. Hubbard e conduzido até Charlottetown. A carroceria era simples e o pônei lento, mas o pai havia falado com ela até o fim e feito da estrada uma maravilha.

O primo Jimmy e a tia Elizabeth sentaram-se na frente, esta última muito imponente com capô e manto de renda preta. A tia Laura e Emily ocuparam o assento atrás, com Saucy Sal entre elas em uma cesta, gritando piedosamente.

Emily olhou para trás enquanto subiam a faixa gramada, e pensou que a pequena, velha e marrom casa no vazio tinha um olhar de coração partido. Ela ansiava por correr de volta e confortá-lo. Apesar de sua resolução, as lágrimas lhe vieram aos olhos; mas a tia Laura pôs uma mão amiga de crianças sobre a cesta de Saucy Sal e pegou a de Emily em um aperto de mão compreensivo e próximo.

"Oh, eu te amo, tia Laura", sussurrou Emily.

E os olhos da tia Laura eram muito, muito azuis e profundos e amáveis.

CAPÍTULO VI

Lua Nova

Emily achou agradável a viagem através do mundo florescente de junho. Ninguém falava muito; até mesmo Saucy Sal tinha mergulhado no silêncio do desespero; de vez em quando o primo Jimmy fazia um comentário, mais para si mesmo, como parecia, do que para qualquer outra pessoa. Às vezes a tia Elizabeth respondia, às vezes não. Ela sempre falava de forma clara e não usava palavras desnecessárias.

Eles pararam em Charlottetown e almoçaram. Emily, que não tinha apetite desde a morte de seu pai, não podia comer o rosbife que a garçonete do pensionato lhe apresentava. A tia Elizabeth sussurrou misteriosamente para a garçonete que foi embora e logo retornou com um prato cheio de delicadas fatias brancas de frango frio, lindamente aparadas com folhos de alface.

"Você pode comer isso", disse a tia Elizabeth com firmeza, como a culpada no bar.

"Eu vou... tentarei", sussurrou Emily.

Ela estava muito assustada para dizer mais, mas quando ela forçou a abatimento de parte do frango, ela já havia decidido que um certo assunto deveria ser corrigido.

"Tia Elizabeth", disse ela.

"Ei, o quê?" disse a tia Elizabeth, dirigindo seus olhos azuis-aço diretamente para os problemáticos de sua sobrinha.

"Eu gostaria que você entendesse", disse Emily, falando muito primária e precisamente para que ela tivesse a certeza de acertar as coisas, "que não era porque eu não gostava do rosbife que eu não

quis comê-lo. Eu não estava com fome alguma; e eu apenas eduquei um pouco do frango para agradecê-la, não porque eu gostasse mais."

"As crianças deveriam comer o que lhes é apresentado e nunca levantar o nariz a uma boa e saudável comida", disse severamente a tia Elizabeth. Então Emily sentiu que afinal a tia Elizabeth não havia entendido e estava infeliz com isso.

Depois do almoço, a tia Elizabeth anunciou à tia Laura que eles fariam algumas compras.

"Precisamos comprar algumas coisas para a criança", disse ela.

"Oh, por favor não me chame de 'a criança'", exclamou Emily. "Isso me faz sentir como se eu não pertencesse a lugar algum. Você não gosta do meu nome, tia Elizabeth? A mãe achou-o tão bonito. E eu não preciso de 'coisas'. Tenho dois conjuntos inteiros de roupa de baixo - só um é remendado..."

"S-s-sh!" disse o primo Jimmy, chutando gentilmente as canelas de Emily debaixo da mesa.

O primo Jimmy só queria dizer que seria melhor se ela deixasse a tia Elizabeth comprar "coisas" para ela quando ela estava com humor para isso; mas Emily pensou que ele estava repreendendo-a por mencionar assuntos como roupa de baixo e se deixar levar por uma confusão escarlate. A tia Elizabeth continuou a falar com Laura como se não tivesse ouvido.

"Ela não deve usar aquele vestido preto barato em Blair Water. Você poderia peneirar farinha de aveia através dele. É um absurdo esperar que uma criança de dez anos use preto de todo. Vou comprar para ela um belo vestido branco com uma faixa preta, e um pouco de aventais pretos e brancos para a escola. Jimmy, vamos deixar a criança com você. Cuide dela."

O método do primo Jimmy para cuidar dela era levá-la a um restaurante na rua e enchê-la de sorvete. Emily nunca tinha tido muitas chances de comer sorvete e ela não precisava de nenhum incentivo, mesmo com falta de apetite, para comer repetidamente. O primo Jimmy a olhou com satisfação.

"Não adianta eu conseguir algo para você que Elizabeth pudesse ver", disse ele. "Mas ela não consegue ver o que está dentro de você. Aproveite ao máximo sua chance, pois só o bem sabe quando você vai conseguir mais."

"Você nunca come sorvete na Lua Nova?"

O primo Jimmy balançou a cabeça.

"Sua tia Elizabeth não gosta de coisas novas. Na casa, pertencemos a cinquenta anos atrás, mas na fazenda ela tem que ceder. Na casa - velas; na leiteria, as grandes panelas de sua avó para colocar o leite. Mas, bichana, Lua Nova é um lugar muito bom afinal de contas. Você vai gostar algum dia."

"Há lá alguma fada?" perguntou Emily, melancolicamente.

"O bosque está cheio delas", disse o primo Jimmy. "E as flores também estão no velho pomar. Cultivamos flores lá de propósito para as fadas."

Emily suspirou. Desde os oito anos, ela sabia que não havia fadas em nenhum lugar hoje em dia; no entanto, ela não tinha desistido da esperança de que uma ou duas pudessem ficar em lugares antiquados e fora do caminho. E onde é tão provável como na Lua Nova?

"Verdadeiramente fadas?", questionou ela.

"Por que, sabe, se uma fada fosse realmente verdadeira, não seria uma fada", disse seriamente o primo Jimmy. "Poderia ser, agora?"

Antes que Emily conseguisse pensar nisso, as tias voltaram e logo todas eles estavam na estrada novamente. Havia o pôr do sol quando chegaram a Blair Water - um pôr do sol rosado que inundou a longa e arenosa costa marítima de cor e trouxe a estrada vermelha e a colina escurecida pelo abeto, em um contorno de contornos fugazes. Emily olhou sobre ela em seu novo ambiente e achou-o bom. Ela viu uma grande casa espreitando branco através de um véu de árvores altas e velhas - sem crescimento de cogumelos dos bétulas de ontem, mas árvores que tinham sido amadas e amadas por três gerações - um vislumbre de água prateada brilhando através dos abetos escuros - que era a própria Água de Blair, ela sabia - e uma alta espiral de igreja branca dourada disparando acima do bosque de ácer no vale abaixo. Mas não foi nada disso que lhe trouxe o clarão - que veio com o súbito vislumbre da querida, amigável e pequena janela de dormitório espreitando através das videiras no telhado - e logo acima, no céu opalino, uma verdadeira lua nova, dourada e esbelta. Emily estava formigando com ela quando o primo Jimmy a ajudou a sair da carruagem e a levou para a cozinha.

Ela se sentou em um longo banco de madeira que era liso como cetim com a idade e esfregando, e viu a tia Elizabeth acendendo velas aqui e ali, em grandes castiçais de latão brilhantes - na prateleira entre as janelas, na cômoda alta onde a fila de pratos azuis e brancos começou a piscar o olho para ela, na longa mesa no canto. E enquanto ela os acendia, as "velas dos coelhos" dos elfos brilhavam no meio das árvores fora das janelas.

Emily nunca havia visto uma cozinha como esta antes. Tinha paredes de madeira escura e teto baixo, com vigas pretas cruzando, das quais penduraram presuntos e laterais de toucinho e cachos de ervas e meias e luvas novas, e muitas outras coisas, nomes e usos que Emily não podia imaginar. O piso lixado era branco, mas as tábuas tinham sido esfregadas ao longo dos anos até que os nós nelas se enfiaram em pequenos patrões engraçados, e em frente ao fogão eles tinham caído, fazendo um pequeno oco esquisito e raso. Em um canto do teto havia um grande buraco quadrado que parecia

preto e assustador à luz das velas, e a fazia sentir-se assustadora. Alguma coisa poderia saltar de um buraco como esse se não se tivesse comportado corretamente. E as velas lançam sombras tão esquisitas e onduladas. Emily não sabia se ela gostava ou não da cozinha de Lua Nova. Era um lugar interessante - e ela achava que gostaria de descrevê-lo no antigo livro de contabilidade, se não tivesse sido queimado - mas Emily de repente se viu tremendo à beira das lágrimas.

"Frio?", disse gentilmente a tia Laura. "Estas noites de junho ainda estão frias. Venha para a sala de estar, Jimmy acendeu uma fogueira."

Emily, lutando desesperadamente pelo autocontrole, foi para a sala de estar. Estava muito mais alegre do que a cozinha. O chão estava coberto com um castiçal de listras alegres, a mesa tinha um pano carmesim brilhante, as paredes estavam penduradas com um lindo papel com padrão de diamante, as cortinas eram de um maravilhoso damasco vermelho-pálido com um desenho de samambaias brancas espalhadas por todos eles. Pareciam muito ricas e imponentes e semelhantes a Murray. Emily nunca havia visto tais cortinas antes. Mas o melhor de tudo eram os brilhos e cintilações amigáveis do alegre fogo de lenha na lareira aberta que suavizava a luz fantasmagórica das velas com algo quente e dourado rosado. Emily brindou seus dedos dos pés antes disso e sentiu reavivar o interesse em seu ambiente. Que lindas pequenas portas de vidro com chumbo fecharam os armários de porcelana em ambos os lados da lareira alta, preta e polida! Que engraçada e deliciosa sombra o ornamento esculpido no aparador moldado na parede atrás dele - como a cara lateral de um negro, Emily decidiu. Que mistérios podem se esconder atrás das portas de vidro forradas de chita da estante! Os livros eram amigos de Emily onde quer que ela os encontrasse. Ela voou até a estante e abriu a porta. Mas antes que ela pudesse ver mais do que as costas de volumes bastante pesados, entrou a tia Elizabeth, com uma caneca de leite e um prato onde estavam dois pequenos bolinhos de aveia.

"Emily", disse a tia Elizabeth com firmeza fechando a porta. "Lembre-se de que depois disto você não deve se intrometer com coisas que não lhe pertencem."

"Eu pensava que os livros pertenciam a todos", disse Emily.

"Os nossos não pertencem", disse a tia Elizabeth, tentando transmitir a impressão de que os livros da Lua Nova estavam em outro patamar. "Aqui está o seu jantar, Emily. Estamos todos tão cansados que estamos apenas lanchando. Coma e depois iremos para a cama."

Emily bebeu o leite e se preocupou com os bolos de aveia, ainda olhando para ela. Como era bonito o papel de parede, com a guirlanda de rosas dentro do diamante dourado! Emily se perguntava se ela poderia "vê-lo no ar". Ela tentou - sim, ela conseguia - onde estava pendurado, um quintal de seus olhos, um pequeno padrão de fada, suspenso no meio do ar como uma tela. Emily havia descoberto que ela possuía esse jeito estranho quando tinha seis anos. Por um certo movimento dos músculos de seus olhos, que ela nunca poderia descrever, ela podia produzir uma pequena réplica do papel de parede no ar antes dela - podia segurá-lo ali e olhar para ele o tempo que quisesse - podia deslocá-lo para frente e para trás, para qualquer distância que escolhesse, tornando-o maior ou menor à medida que se afastava ou se aproximava. Foi uma de suas alegrias secretas quando ela entrou em uma nova sala em qualquer lugar para "ver o papel no ar". E este papel da casa da Lua Nova fez o papel de fada mais bonito que ela já havia visto.

"Por que você está olhando para nada dessa maneira estranha?" exigiu a tia Elizabeth, retornando de repente.

Emily encolheu-se em si mesma. Ela não conseguia explicar à tia Elizabeth. A tia Elizabeth seria como Ellen Greene e diria que estava "louca".

"Eu... eu não estava olhando para nada."

"Não contradiga. Eu digo que você estava", respondeu a tia Elizabeth. "Não faça isso de novo. Isso dá ao seu rosto uma expressão antinatural. Venha agora... vamos lá para cima. Você deve dormir comigo."

Emily deu um suspiro de consternação. Ela esperava que pudesse ficar com a tia Laura. Dormir com a tia Elizabeth parecia não ser uma coisa muito formidável. Mas ela não se atreveu a protestar. Elas foram até o quarto grande e sombrio da tia Elizabeth, onde havia papel de parede escuro e sombrio que nunca poderia ser transformado em uma cortina de fada, um escritório alto e preto, encimado por um pequeno espelho de balanço, tão acima dela que não poderia haver Emily do Espelho, janelas bem fechadas com cortinas verde-escuro, uma cama alta com um dossel verde-escuro, e uma cama enorme, gorda e sufocante, com almofadas altas e duras.

Emily ficou parada, olhando para ela.

"Por que você não se despe?" perguntou a tia Elizabeth.

"Eu não gosto de me despir antes de você", falhou Emily.

A tia Elizabeth olhou Emily através de seus olhos frios e de óculos.

"Tire a roupa, imediatamente", disse ela.

Emily obedeceu, formigando com raiva e vergonha. Era abominável - tirando a roupa enquanto a tia Elizabeth ficava de pé e a observava. O escândalo era indescritível. Era ainda mais difícil dizer suas orações diante da tia Elizabeth. Emily sentiu que não era muito bom rezar sob tais circunstâncias. O Deus do Pai parecia muito distante e ela suspeitava que o da tia Elizabeth era muito parecido com o de Ellen Greene.

"Deite-se na cama", disse a tia Elizabeth, recusando as roupas.

Emily olhou de relance para a janela coberta.

"Você não vai abrir a janela, tia Elizabeth?"

A tia Elizabeth olhou para Emily como se esta última tivesse sugerido a remoção do telhado.

"Abra a janela e deixe entrar o ar da noite!" exclamou ela.

"Certamente não!"

"O pai e eu sempre tínhamos nossa janela aberta", gritou Emily.

"Não admira que ele tenha morrido de consumo", disse a tia Elizabeth. "O ar noturno é venenoso."

"Que ar existe à noite, mas ar noturno?" perguntou Emily.

"Emily", disse a tia Elizabeth, "entre no leito."

Emily entrou.

Mas era totalmente impossível dormir, deitada naquela cama envolvente que parecia engoli-la, com aquela nuvem de escuridão acima dela e sem um brilho de luz em qualquer lugar - e a tia Elizabeth deitada ao seu lado, longa, rígida e ossuda.

"Sinto-me como se estivesse na cama com um grifo", pensou Emily. "Oh, oh, oh, vou chorar, eu sei que vou."

Desesperada e vaidosa, ela se esforçou para manter as lágrimas para trás - elas viriam. Ela se sentia completamente sozinha e solitária - ali naquela escuridão, com um mundo alienígena e hostil ao seu redor - pois parecia hostil agora. E havia um som tão estranho, misterioso e lúgubre no ar - longe, mas claro. Era o murmúrio do mar, mas Emily não sabia disso e isso a assustou. Oh, por sua pequena cama em casa - oh, pela suave respiração do pai no quarto - oh, pela simpatia dançante de estrelas conhecidas brilhando através de sua janela aberta! Ela deveria voltar - ela não

poderia ficar ali - ela nunca seria feliz ali! Mas não havia "volta" para ir... nenhum lar... nenhum pai... Um grande soluço dela... outro se seguiu e depois outro. Não adiantava apertar as mãos e pôr os dentes - e mastigar o interior das bochechas - a natureza conquistou o orgulho e a determinação e teve o seu caminho.

"Por que você está chorando?" perguntou a tia Elizabeth.

Para dizer a verdade, a tia Elizabeth se sentiu tão desconfortável e desarticulada quanto Emily. Ela não estava acostumada com um companheiro de cama; ela não queria dormir com Emily, assim como Emily não queria dormir com ela. Mas ela considerava impossível que a criança ficasse sozinha em um dos grandes e solitários quartos da Lua Nova; e Laura era uma pobre adormecida, facilmente perturbada; as crianças sempre davam pontapés, Elizabeth Murray tinha ouvido. Portanto, não havia nada a fazer além de levar Emily com ela; e quando ela sacrificou o conforto e a inclinação para fazer seu dever indesejado, esta criança ingrata e insatisfatória não estava contente.

"Eu lhe perguntei por que você estava chorando, Emily..." ela repetiu.

"Estou... com saudades de casa, acho eu", soluçou Emily.

A tia Elizabeth ficou chateada.

"Um bom lar para o qual você tinha que ter saudades de casa", disse ela com muita ênfase.

"Não era tão elegante como a Lua Nova", soluçou Emily, "mas... o pai estava lá. Acho que eu sou Fathersick, tia Elizabeth. Você não se sentiu terrivelmente só quando seu pai morreu?"

Elizabeth Murray lembrou-se involuntariamente da vergonhosa e sufocada sensação de alívio quando o velho Archibald Murray morreu - o velho bonito, intolerante e autocrático que governou sua família com uma vara de ferro durante toda a sua vida e fez a

existência na Lua Nova miserável com a tirania petulante dos cinco anos de invalidez que haviam encerrado sua carreira. Os Murrays sobreviventes tinham se comportado impecavelmente, e choraram decorosamente, e imprimiram um longo e lisonjeiro obituário. Mas será que um sentimento genuíno de arrependimento seguiu Archibald Murray até sua tumba? Elizabeth não gostou da memória e ficou zangada com Emily por evocá-la.

"Eu estava resignada com a vontade da Providência", disse ela friamente. "Emily, você deve compreender agora mesmo que deve ser grata e obediente e mostrar seu apreço pelo que está sendo feito por você. Eu não quero ver lágrimas e repugnância. O que você teria feito se não tivesse amigos para acolhê-la? Responda-me a isso."

"Suponho que eu teria morrido de fome", admitiu Emily... observando uma visão dramática de si mesma morta, parecendo exatamente como as fotos que ela tinha visto em uma das revistas missionárias de Ellen Greene retratando as vítimas de uma fome indiana.

"Não exatamente - mas você teria sido enviada a algum orfanato onde provavelmente teria ficado meio faminta. Você pouco sabe do que escapou. Você chegou a um bom lar, onde será bem cuidada e educada."

Emily não gostou totalmente do som de ser "educada adequadamente". Mas ela disse humildemente:

"Sei que foi muito bom da sua parte me trazer à Lua Nova, tia Elizabeth. E não vou incomodar você por muito tempo. Logo serei adulta e poderei ganhar meu próprio sustento. Qual você acha que é a idade mais precoce em que uma pessoa pode ser chamada de adulta, tia Elizabeth?"

"Você não precisa pensar sobre isso", disse a tia Elizabeth em breve. "As mulheres Murray nunca estiveram sob nenhuma necessidade de ganhar a própria vida. Tudo o que exigimos de você

é que seja uma criança boa e contente e que se comporte com prudência e modéstia."

Isto soou terrivelmente difícil.

"Eu serei", disse Emily, determinando de repente ser heroica, como a garota das histórias que ela havia lido. "Talvez não seja tão difícil afinal de contas, tia Elizabeth," então aconteceu neste momento de recordar um discurso que ela havia ouvido seu pai usar uma vez, e pensou que esta era uma boa oportunidade para trabalhar nisso: "porque, você sabe, Deus é bom e o diabo pode ser pior."

Pobre tia Elizabeth! Ter um discurso como esse disparado sobre ela na escuridão da noite, daquele pequeno e indesejável intruso em sua vida ordeira e em sua cama tranquila! Não era de admirar que, por um momento ou outro, ela estivesse paralisada demais para responder! Então ela exclamou em tom de horror: "Emily, nunca mais diga isso!"

"Muito bem", disse Emily mansamente. "Mas", ela acrescentou desafiadoramente sob seu fôlego, "vou continuar pensando nisso."

"E agora", disse a tia Elizabeth, "quero dizer que não tenho o hábito de falar a noite toda se você tiver. Eu lhe digo para ir dormir, e espero que você me obedeça. Boa noite."

O tom da boa noite da tia Elizabeth teria estragado a melhor noite do mundo. Mas Emily ficou muito quieta e não soluçou mais, embora as lágrimas sem barulho derramadas em suas bochechas na escuridão por algum tempo. Ela ficou tão quieta que a tia Elizabeth imaginou que estava dormindo e foi ela mesma dormir.

"Pergunto-me se alguém no mundo está acordado além de mim", pensou Emily, sentindo uma solidão repugnante. "Se ao menos eu tivesse aqui a Saucy Sal! Ela não é tão fofa como Mike, mas seria melhor do que nada. Pergunto-me onde ela estará. Pergunto-me se lhe deram alguma ceia."

A tia Elizabeth havia entregue a cesta com Saucy Sal ao primo Jimmy com um olhar impaciente: "Aqui está este gato", e Jimmy a havia carregado. Onde ele a havia colocado? Talvez Saucy Sal saísse e fosse para casa - Emily tinha ouvido dizer que os gatos sempre voltavam para casa. Ela desejava poder sair e ir para casa - imaginava-se junto a seu gato correndo avidamente pelas estradas escuras e estreladas até a pequena casa no vazio - de volta para os bétulas e Adão e Eva e Mike, e a velha cadeira de braços e seu querido berço e a janela aberta onde a Mulher do Vento cantava para ela e ao amanhecer podia-se ver o azul da névoa nas colinas da terra natal.

"Será que alguma vez será de manhã?" pensou Emily. "Talvez as coisas não sejam tão ruins pela manhã."

E então... ela ouviu a Mulher do Vento na janela... ela ouviu o murmúrio pequeno, baixo, sussurrante da brisa noturna de junho... fugindo, amigável, amorosa.

"Oh, você está lá fora, não está, querida?" ela sussurrou, esticando os braços. "Oh, estou tão feliz em ouvi-la. Você é uma companhia, Mulher do Vento. Não estou mais sozinha. E o clarão também veio! Tive medo de que nunca viesse em Lua Nova."

Sua alma escapou de repente da escravidão da tia Elizabeth, com a cama de penas abafada e o dossel sombrio e as janelas seladas. Ela estava ao ar livre com a Mulher do Vento e os outros ciganos da noite - os pirilampos, as traças, os riachos, as nuvens. Longe e larga, ela vagueou em devaneio encantado até que ela assou a margem dos sonhos e adormeceu profundamente no travesseiro gordo e duro, enquanto a Mulher do Vento cantava suavemente e atrativamente nas videiras que se aglomeravam sobre a Lua Nova.

CAPÍTULO VII

O Livro de Ontem

Aquele primeiro final de semana na Lua Nova sempre se destacou na memória de Emily como um momento muito maravilhoso, tão lotado foi com novas e geralmente encantadoras impressões. Se for verdade que "contamos o tempo de coração", Emily viveu dois anos nele em vez de dois dias. Tudo era fascinante desde o momento em que ela desceu a longa e polida escadaria até o salão quadrado que se enchia de uma luz suave e rosada que passava pelas vidraças vermelhas da porta da frente. Emily olhou através dos vidros com prazer. Que estranho, fascinante, mundo vermelho que ela via, com um estranho céu vermelho que parecia, ela pensava, como se pertencesse ao Dia do Julgamento.

Havia um certo encanto sobre a velha casa que Emily sentiu com entusiasmo e respondeu, embora ela fosse muito jovem para compreendê-lo. Era uma casa que antes tinha tido noivas, mães e esposas vívidas, e a atmosfera de seus amores e vidas ainda pairava em torno dela, ainda não banida pela anciã do regime de Elizabeth e Laura.

"Por que... vou amar a Lua Nova", pensou Emily, bastante espantada com a ideia.

A tia Laura estava colocando a mesa do café da manhã na cozinha, que parecia bastante brilhante e alegre no brilho do sol da manhã. Até mesmo o buraco negro no teto havia deixado de ser assustador e se tornou apenas uma entrada comum para o sótão da cozinha. E na porta de arenito vermelho, Saucy Sal estava sentada, pregando seu pelo tão contente como se tivesse vivido na Lua Nova durante toda sua vida. Emily não sabia, mas Saucy Sal já havia bebido profundamente o deleite da batalha com seus colegas naquela manhã e ensinado aos gatos do celeiro seu lugar de uma

vez por todas. O grande gato Tom amarelo do primo Jimmy tinha tido uma bebedeira assustadora, e estava a perder vários pedaços de sua anatomia, enquanto uma gata negra, que se imaginava consideravelmente, tinha decidido que se aquele interrogador cinzento e branco, de cara estreita, sabia onde iria ficar na Lua Nova, ela não admitiria.

Emily pegou Saucy Sal em seus braços e a beijou alegremente, para horror da tia Elizabeth, que se deparou com a plataforma do fogão com um prato de bacon abrasador em suas mãos.

"Não me deixe ver você beijando um gato de novo", ela pediu.

"Oh, tudo bem", concordou Emily alegremente, "Só a beijarei quando você não estiver olhando."

"Eu não quero nenhuma de sua perspicácia, senhorita. Você não deve beijar gatos de jeito nenhum."

"Mas tia Elizabeth, eu não a beijei em sua boca, é claro. Só a beijei entre as orelhas dela. É bom... você não vai apenas tentar uma vez e ver por si mesma?"

"Isso vai servir, Emily. Você já disse o suficiente." E a tia Elizabeth navegou majestosamente para a cozinha, deixando Emily momentaneamente miserável. Ela sentiu que havia ofendido a tia Elizabeth, e não tinha a menor noção do porquê ou como.

Mas a cena diante dela era muito interessante para se preocupar por muito tempo com a tia Elizabeth. Cheiros deliciosos vinham da casa de cozinha - um pequeno prédio de telhado inclinado na esquina onde o grande fogão de cozinha foi colocado no verão. Estava muito crescido com videiras de lúpulo, como a maioria dos edifícios da Lua Nova. À direita estava o "novo" pomar, muito maravilhoso agora em flor, mas afinal um lugar bastante comum, já que o primo Jimmy o cultivava da maneira mais moderna e tinha grãos crescendo nos amplos espaços entre as fileiras retas de árvores que pareciam todas iguais. Mas do outro lado da pista do

celeiro, logo atrás do poço, estava o "velho pomar", onde o primo Jimmy disse que as flores cresciam e que parecia ser um lugar encantador onde as árvores tinham surgido por sua própria e doce vontade, e cresciam em formas e tamanhos individuais, onde as hera de olhos azuis torciam em torno de suas raízes e as rosas de berço selvagem se revoltavam sobre a cerca de palha cinza. Em frente, fechando a vista entre os pomares, havia uma pequena encosta coberta de enormes bétulas brancas, entre as quais estavam os grandes celeiros da Lua Nova, e além do novo pomar, uma pequena e adorável estrada vermelha se erguia ligeiramente para cima e para cima, sobre uma colina, até que parecia tocar o azul vivo do céu.

O primo Jimmy desceu dos celeiros, carregando baldes de leite transbordante, e Emily correu com ele para a leiteria atrás do fogão. Um lugar tão encantador que ela nunca havia visto ou imaginado. Era um pequeno prédio branco como a neve em um tufo de bálsamo alto e ágil. Seu telhado cinza estava salpicado com almofadas de musgo como ratos gordos de veludo verde. Desceu seis degraus de pedra arenosa com samambaias se apinhando sobre eles, e abriu uma porta branca com um painel de vidro dentro, e desceu mais três degraus. E então você estava em um lugar limpo, com cheiro de terra, úmido, fresco, com piso de terra e janelas cobertas pela delicada esmeralda de videiras jovens, e largas prateleiras de madeira ao redor, onde havia largas e rasas panelas de louça marrom brilhante, cheias de leite revestido com creme tão rico que era positivamente amarelo.

A tia Laura estava esperando por eles e ela coou o leite em panelas vazias e depois desnatou algumas das cheias. Emily achou que desnatação era uma ocupação adorável e ansiava por experimentá-la. Ela também ansiava por sentar-se e escrever uma descrição daquela querida leiteria; mas, infelizmente, não havia um livro de contabilidade; mesmo assim, ela podia escrevê-lo em sua cabeça. Ela se agachou em um pequeno banco de três pernas em um canto escuro e continuou a fazê-lo, sentada de tal forma que Jimmy e Laura a esqueceram e foram embora e mais tarde tiveram

que caçá-la por um quarto de hora. Isto atrasou o café da manhã e deixou a tia Elizabeth muito irritada. Mas Emily havia encontrado a frase certa para definir a luz verde clara, porém fraca, que enchia a leiteria e estava tão feliz com isso que não se importava um pouco com o aspecto negro da tia Elizabeth.

Após o café da manhã, a tia Elizabeth informou a Emily que doravante seria um de seus deveres levar as vacas ao pasto todas as manhãs.

"Jimmy não tem nenhum homem contratado há pouco e isso vai poupá-lo alguns minutos."

"E não tenha medo", acrescentou a tia Laura, "as vacas sabem tão bem o caminho que vão seguir de si mesmas. Basta seguir e fechar os portões."

"Eu não tenho medo", disse Emily.

Mas ela estava. Ela não sabia nada sobre vacas; mesmo assim, ela estava determinada a que os Murrays não suspeitassem que uma Starr estava assustada. Então, seu coração palpitava como um martelo de viagem, ela salivava valentemente e descobriu que o que a tia Laura havia dito era verdade e que as vacas não eram animais tão ferozes, afinal de contas. Elas seguiram em frente e ela só teve que seguir, através do velho pomar e depois através do crescimento do ácer do mato, ao longo de um caminho de fertilidade retorcida onde a Mulher do Vento ronronava e espreitava ao redor dos tufos de ácer.

Emily vagava pelo portão do pasto até que seus olhos ansiosos tivessem tomado toda a geografia da paisagem. O velho pasto corria diante dela em uma sucessão de pequenos seios verdes até a famosa Blair Water - uma lagoa quase perfeitamente redonda, com margens gramíneas, inclinadas e sem árvores. Mais além ficava o vale de Blair Water, repleto de propriedades rurais, e mais além a grande varredura do abismo coberto de branco. Aos olhos de Emily parecia uma terra encantadora de sombras verdes, e águas azuis.

Em um canto do pasto, amuralhado por um velho dique de pedra, estava o pequeno cemitério privado onde foram enterrados os Murrays mortos e desaparecidos. Emily queria ir e explorá-lo, mas tinha medo de confiar em si mesma no pasto.

"Irei assim que conhecer melhor as vacas", ela resolveu.

À direita, na crista de uma pequena colina íngreme, coberta de bétulas e abetos, estava uma casa que intrigou Emily. Estava cinza e desgastada pelo tempo, mas não parecia velha. Nunca havia sido terminada; o telhado estava telhado, mas os lados não, e as janelas estavam cobertas de tábuas. Por que nunca havia sido terminado? E era para ser uma casinha tão bonita - uma casa que você poderia amar - uma casa onde houvesse belas cadeiras, fogueiras aconchegantes e estantes de livros e gatos lindos, gordos, com carteiras e cantos inesperados; então, e lá ela a chamou de Casa Decepcionada, e muitas horas depois ela passou terminando aquela casa, mobiliando-a como deveria ser mobiliada, e inventando as pessoas e animais adequados para viver nela.

À esquerda do campo de pasto havia outra casa de um tipo bem diferente - uma casa grande, velha, enredada com videiras, com telhado plano, com janelas de barbas de homem, e um ar geral de indiferença e negligência em relação a ela. Um gramado grande, desarrumado, coberto de arbustos e árvores não podadas, amarrado até a lagoa, onde enormes salgueiros caíam sobre a água. Emily decidiu que perguntaria ao primo Jimmy sobre estas casas quando tivesse uma boa chance.

Ela sentiu que, antes de voltar, deveria escorregar ao longo da cerca de pasto e explorar um certo caminho que ela viu entrar no bosque de abeto e ácer mais abaixo. Ela descobriu - e descobriu que ele levava direto para a Terra das Fadas - ao longo da margem de um largo e encantador riacho - um caminho selvagem, querido e pequeno, com as donzelas acenando e soprando ao longo dele, o mais tímido dos sinos de junho de elfo sob os abetos, e pequenos caprichos de beleza em cada curva. Ela respirava o sabor de bálsamo de abeto e via o brilho de teias de aranha no alto dos

ramos, e em todos os lugares a brincadeira de luzes e sombras de duendes. Aqui e ali os jovens ramos de ácer entrelaçados como se quisessem fazer uma tela para rostos de dríade - Emily sabia tudo sobre dríade, graças a seu pai - e as grandes folhas de musgo debaixo das árvores foram encontradas para o sofá de Titânia.

"Este é um dos lugares onde os sonhos crescem", disse Emily alegremente.

Ela desejou que o caminho pudesse continuar para sempre, mas atualmente ele se desviou do riacho, e quando ela tinha mexido em uma cerca velha e musculosa, ela se encontrou no "jardim da frente" da Lua Nova, onde o primo Jimmy estava podando alguns arbustos de espinhos.

"Oh, primo Jimmy, encontrei a estrada mais querida", disse Emily sem fôlego.

"Subindo através do arbusto do Majestoso John?"

"Não é o nosso arbusto?" perguntou Emily, bastante desapontada.

"Não, mas deveria ser. Há 50 anos, o tio Archibald vendeu aquela corrida de terra para o pai de Majestoso John, Mike Sullivan. Ele construiu uma casinha perto do lago e morou lá até brigar com o tio Archibald, o que não foi por muito tempo, é claro. Depois ele mudou sua casa para o outro lado da estrada - e Majestoso John mora lá agora. Elizabeth tentou comprar a terra de volta dele - ela lhe ofereceu muito mais do que vale - mas Majestoso John não quer vender - só por despeito, vendo que ele tem uma boa fazenda própria e esta peça não é muito boa para ele. Ele só pastoreia alguns poucos animais jovens nele durante o verão, e o que foi limpo é que tudo cresceu com o ácer do mato. É um espinho no lado de Elizabeth e é provável que seja tão longo quanto Majestoso John nutre seu rancor."

"Por que ele é chamado de Majestoso John?"

"Porque ele é um homem alto e sublime. Mas não se preocupe com ele. Eu quero mostrar-lhe em volta do meu jardim, Emily. É meu. Elizabeth manda na fazenda; mas ela me deixa dirigir o jardim - para compensar por me empurrar para o poço..."

"Ela fez isso?"

"Sim. Ela não tinha intenção, é claro. Éramos apenas crianças - eu estava aqui em uma visita - e os homens estavam colocando um novo equipamento no poço e limpando-o. Estava aberto... e estávamos brincando em volta. Eu deixei Elizabeth louca - esqueça o que eu disse - não foi difícil deixá-la louca - e ela fez para me dar um tapa na cabeça. Eu a vi chegando - e dei um passo atrás para sair do caminho - e desci, de cabeça, primeiro. Não me lembro de mais nada sobre isso. Não havia nada além de lama no fundo - mas minha cabeça bateu nas pedras ao lado. Fui tomado por morto... minha cabeça foi toda cortada. A pobre Elizabeth estava...". O primo Jimmy balançou a cabeça, como se fosse para intimidar que era impossível descrever como ou o que era a pobre Elizabeth. "Eu fiquei melhor depois de um tempo, embora... preparado quase como novo. As pessoas dizem que nunca tive tanta razão desde então - mas só dizem isso porque sou poeta, e porque nada me preocupa. Os poetas são tão escassos em Blair Water que as pessoas não os entendem, e a maioria das pessoas se preocupa tanto que pensam que você não está certo se você não se preocupa."

"Você não vai recitar um pouco de sua poesia para mim, primo Jimmy?" perguntou Emily avidamente.

"Quando o espírito me mover, eu o farei. Não adianta me perguntar quando o espírito não me move."

"Mas como vou saber quando o espírito o move, primo Jimmy?"

"Começarei por minha própria vontade a recitar minhas composições. Mas vou lhe dizer isto - o espírito geralmente me move quando estou fervendo as batatas dos porcos no outono. Lembre-se disso e esteja por perto."

"Por que você não escreve sua poesia?"

"O papel é muito escasso na Lua Nova. Elizabeth tem algumas economias de estimação e escrever-papel de qualquer tipo é uma delas.

"Mas você não tem dinheiro próprio, primo Jimmy?"

"Oh, Elizabeth me paga bons salários. Mas ela coloca todo o meu dinheiro no banco e só me dá alguns dólares de vez em quando. Ela diz que não estou apto a ser confiável com dinheiro. Quando eu vim aqui para trabalhar para ela, ela me pagou meu salário no final do mês e eu comecei a colocar o dinheiro no banco para Shrewsbury. Encontrei um vagabundo na estrada - uma pobre criatura desesperada e sem um centavo. Eu lhe dei o dinheiro. Por que não? Eu tinha uma boa casa, um emprego estável e roupas suficientes para me fazer durante anos. Eu pensei que era a coisa mais tola que eu já fiz - e a mais agradável. Mas Elizabeth nunca superou isso. Ela tem administrado meu dinheiro desde então. Mas venha agora, e eu lhe mostrarei meu jardim antes que eu tenha que ir e semear nabos."

O jardim era um lugar lindo, bem digno do orgulho do primo Jimmy. Parecia um jardim onde nenhuma geada podia murchar ou o vento forte soprar - um jardim que lembrava uma centena de verões desaparecidos. Havia uma alta sebe de abeto cortado ao seu redor, espaçado em intervalos por altos Lombardos. O lado norte estava fechado por um espesso bosque de abeto contra o qual crescia uma longa fila de peônias, suas grandes flores vermelhas esplêndidas contra sua escuridão. Um grande abeto cresceu no centro do jardim e debaixo dele havia um banco de pedra, feito de pedras lisas, desgastadas suavemente pelo longo polimento do vento e das ondas. No canto sudeste havia uma enorme touceira de lilases, aparada no semblante de uma grande árvore, glorificada de púrpura. Uma velha casa de verão, coberta de videiras, encheu o canto sudoeste. E no canto noroeste havia um relógio de sol de pedra cinza, colocado exatamente onde o largo passeio vermelho que era bordejado de grama listrada, e escolhido com conchas cor-

de-rosa, correu para o arbusto de Majestoso John. Emily nunca tinha visto um relógio de sol antes e o pairou sobre ele extasiado.

"Seu tataravô, Hugh Murray, tinha trazido isso do Velho País", disse o primo Jimmy. "Não há um tão bom nas províncias marítimas. E o tio George Murray trouxe aqueles búzios das Índias. Ele era um capitão de mar."

Emily olhou para ela com deleite. O jardim era lindo e a casa bastante esplêndida para seus olhos de criança. Tinha um grande alpendre frontal com colunas gregas. Estas eram consideradas muito elegantes em Blair Water, e foram longe para justificar o orgulho de Murray. Um mestre de escola havia dito que eles deram à casa um ar clássico. Para ter certeza, o efeito clássico estava agora bastante sufocado nas videiras de lúpulo que se revoltavam sobre todo o alpendre e penduradas em festões verde-pálido acima das fileiras de gerânios escarlate em vaso que flanqueavam os degraus.

O coração de Emily inchou de orgulho.

"É uma casa nobre", disse ela.

"E o meu jardim?" exigiu ciosamente o primo Jimmy.

"É adequado para uma rainha", disse Emily, com seriedade e sinceridade.

O primo Jimmy acenou com a cabeça, bem contente, e depois um som estranho penetrou em sua voz e um olhar estranho em seus olhos.

"Há um feitiço tecido ao redor deste jardim. A praga deve poupá-lo e o verme verde passa por ele. A seca não ousa invadi-lo e a chuva vem aqui suavemente."

Emily deu um passo para trás involuntário - ela quase teve vontade de fugir. Mas agora o primo Jimmy era ele mesmo

novamente.

"Não é esta grama sobre o relógio de sol como veludo verde? Eu me esforcei um pouco com ela, posso lhe dizer. Você se faz em casa neste jardim". O primo Jimmy fez um gesto esplêndido. "Eu lhe concedo a liberdade disso. Boa sorte para você, e que você encontre o Diamante Perdido."

"O Diamante Perdido?" disse Emily maravilhada. "Que coisa fascinante foi isto?"

"Nunca ouviu a história? Contarei amanhã, domingo, o dia de preguiça na Lua Nova. Tenho que ir para meus nabos agora ou terei Elizabeth aqui fora olhando para mim. Ela não vai dizer nada... ela só vai olhar. Já viu o verdadeiro olhar de Murray?"

"Acho que vi quando a tia Ruth me puxou para fora de baixo da mesa", disse Emily com pesar.

"Não, não, não. Esse era o olhar de Ruth Dutton... Espetadela e malícia e toda a descaracterização. Eu odeio Ruth Dutton. Ela ri da minha poesia... não que ela ouça alguma coisa disso. O espírito nunca se move quando Ruth está por perto. Não sei onde eles a levaram. Elizabeth é uma manivela, mas ela soa como uma louca, e Laura é uma santa. Mas Ruth é comida por minhocas. Quanto ao olhar de Murray, você o saberá quando o vir. É tão bem conhecido como o orgulho Murray. Somos um maldito lote, mas somos as melhores pessoas que já existiram. Contarei a vocês tudo sobre nós amanhã."

O primo Jimmy cumpriu sua promessa enquanto as tias estavam fora na igreja. Tinha sido decidido no conclave familiar que Emily não deveria ir à igreja naquele dia.

"Ela não tem nada adequado para vestir", disse a tia Elizabeth. "No próximo domingo, teremos seu vestido branco pronto."

Emily ficou desapontada por não ir à igreja. Ela sempre achara a igreja muito interessante nas raras ocasiões em que lá chegava. Tinha ido muito longe em Maywood para que seu pai pudesse caminhar, mas às vezes o irmão de Ellen Greene a tinha levado junto a Ellen.

"Você acha, tia Elizabeth", ela disse melancolicamente, "que Deus ficaria muito ofendida se eu usasse meu vestido preto para ir à igreja? É claro que é barato - acho que Ellen Greene pagou por ele mesmo - mas me cobre."

"As meninas que não entendem as coisas devem segurar a língua", disse a tia Elizabeth. "Eu não escolho que o povo de Blair Water deva ver minha sobrinha com um vestido como aquele merino preto miserável. E se Ellen Greene pagou por ele, devemos retribuir-lhe. Você deveria ter nos dito isso antes de sairmos de Maywood. Não, você não vai à igreja hoje em dia. Você pode usar o vestido preto para a escola amanhã. Podemos cobri-lo com um avental."

Emily se resignou com um suspiro de decepção de ficar em casa; mas afinal foi muito agradável. O primo Jimmy a levou para um passeio até o lago, mostrou-lhe o cemitério e abriu o livro de ontem para ela.

"Por que todos os Murrays estão enterrados aqui?" perguntou Emily. "É realmente porque eles são bons demais para serem enterrados com pessoas comuns?"

"Não, não, bichana. Não levamos nosso orgulho tão longe quanto isso. Quando o velho Hugh Murray se estabeleceu em Lua Nova, não havia nada além de bosques por quilômetros e nenhum cemitério mais próximo do que Charlottetown. É por isso que os velhos Murrays foram enterrados aqui - e mais tarde continuamos assim porque queríamos deitar-nos com nossos próprios, aqui nas margens verdes e verdes da velha Blair Water."

"Isso soa como uma linha de um poema, primo Jimmy", disse Emily.

"Assim é... fora de um dos meus poemas."

"Eu meio que gosto da ideia de um 'cemitério exclusivo como este'", disse Emily decididamente, olhando ao seu redor com aprovação a grama de veludo inclinada para o lago azul, os passeios limpos, as campas bem guardadas.

O primo Jimmy riu.

"E ainda assim eles dizem que você não é um Murray", disse ele. "Murray e Byrd e Starr... e uma pitada de Shipley, ou o primo Jimmy Murray está muito enganado."

"Shipley?"

"Sim, a esposa de Murray, sua tataravó, era uma Shipley, uma inglesa. Já ouviu falar de como os Murrays chegaram à Lua Nova?"

"Não."

"Eles estavam com destino ao Quebec... não tinham ideia de vir para a Ilha do Príncipe Eduardo. Eles tiveram uma longa viagem dura e a água ficou escassa, então o capitão da Lua Nova colocou aqui para conseguir alguma. Mary Murray quase tinha morrido de enjoo, mas... nunca parecia ter suas pernas marinhas... então o capitão, com pena dela, disse-lhe que poderia ir a terra com os homens e sentir-se em terra firme sob ela por uma hora ou mais. Com muito prazer ela foi e quando chegou à costa disse: "Aqui eu fico". E ela ficou; nada poderia mexer com ela; o velho Hugh - ele era o jovem Hugh, então, é claro, persuadido e invadido e discutido - e até mesmo chorou, eu fui tolhido - mas Mary não se sentiria comovida. No final, ele cedeu e teve seus pertences desembarcados e permaneceu, também. Então foi assim que os Murrays chegaram aqui."

"Estou feliz que tenha sido assim", disse Emily.

"Assim foi o velho Hugh a longo prazo. E ainda assim, Emily... ele classificou. Ele nunca perdoou sua esposa com todo o coração. O túmulo dela está ali no canto, aquele com a pedra vermelha lisa. Vá você e veja o que ele tinha colocado sobre ela."

Emily correu curiosamente. A grande pedra lisa estava inscrita com um dos longos e discursivos epitáfios de um dia mais antigo. Mas por baixo do epitáfio não havia nenhum verso bíblico ou salmo piedoso. Clara e distinta, apesar da idade e do líquen, correu a linha: "Aqui eu fico."

"Foi assim que ele conseguiu se vingar dela", disse o primo Jimmy. "Ele era um bom marido para ela - e ela era uma boa esposa e lhe deu à luz uma boa família - e ele nunca mais foi o mesmo depois de sua morte. Mas esse posto estava nele até que teve que sair."

Emily deu um pequeno arrepio. De alguma forma, a ideia daquele velho antepassado sombrio com seu eterno rancor contra seu mais próximo e querido era bastante aterrorizante.

"Estou feliz por ser apenas metade Murray", disse ela para si mesma. Em voz alta: "O pai me disse que era uma tradição Murray não levar a despeito para além da sepultura."

"Por isso, agora é... mas foi preciso ressuscitar desta mesma coisa. Sua família ficou tão horrorizada com isso, veja só. Foi um escândalo considerável. Algumas pessoas o distorceram para significar que o Velho Hugh não acreditava na ressurreição, e falava-se que a sessão a retomaria, mas depois de um tempo a conversa morreu."

Emily saltou para outra pedra de líquen cultivada.

"Elizabeth Burnley - quem era ela, primo Jimmy?"

"A esposa do velho William Murray. Ele era irmão de Hugh, e veio aqui cinco anos depois de Hugh. Sua esposa era uma grande

beleza e tinha sido uma beldade no Velho País. Ela não gostava dos bosques da Ilha do Príncipe Eduardo. Ela tinha saudades de casa, Emily... saudades escandalosas de casa. Durante semanas depois de vir para cá, ela não tirava o chapéu - apenas andava no chão, exigindo ser levada de volta para casa."

"Ela não a tirava quando ia para a cama?" perguntou Emily.

"Não sei se ela foi para a cama. De qualquer forma, William não quis levá-la de volta para casa, então com o tempo ela tirou o chapéu e se resignou. Sua filha casou-se com o filho de Hugh, então Elizabeth era sua tataravó."

Emily olhou para a cova verde afundada e se perguntou se algum sonho com saudades de casa assombrava o sono de Elizabeth Burnley de cem anos.

"É horrível ter saudades de casa... eu sei", ela pensou com simpatia.

"O pequeno Stephen Murray está enterrado ali", disse o primo Jimmy. "Sua foi a primeira pedra de mármore no cemitério. Ele era o irmão de seu avô - morreu quando tinha doze anos. Ele se tornou", disse solenemente o primo Jimmy, "uma tradição Murray."

"Por quê?"

"Ele era tão bonito, inteligente e bom. Ele não tinha um defeito - então, é claro, ele não podia viver. Dizem que nunca existiu uma criança tão bonita na conexão. E adorável - todos o amavam. Ele está morto há noventa anos - não um Murray que vive até hoje - e ainda assim falamos dele em reuniões familiares - ele é mais real do que muitas pessoas vivas. Então você vê, Emily, ele deve ter sido uma criança extraordinária... mas isso acabou em que.... O primo Jimmy acenou com a mão em direção à sepultura gramada e à lápide branca e primordial.

"Eu me pergunto", pensou Emily, "se alguém se lembrará de mim noventa anos após a minha morte."

"Este velho pátio está quase cheio", refletiu o primo Jimmy. "Há apenas espaço no canto ali para Elizabeth e Laura - e para mim. Nenhum para você, Emily."

"Eu não quero ser enterrada aqui", piscou Emily. "Acho esplêndido ter um cemitério como este na família - mas vou ser enterrada no cemitério de Charlottetown com pai e mãe. Mas há uma coisa que me preocupa, primo Jimmy, você acha que é provável que eu morra de consumo?"

O primo Jimmy olhou judicialmente nos olhos dela.

"Não", disse ele, "não, Senhorita. Você tem vida suficiente para levá-la longe. Você não está destinada à morte."

"Eu também sinto isso", disse Emily, acenando com a cabeça. "E agora, primo Jimmy, por que aquela casa ali está desapontada?"

"Qual deles? Oh, a casa de Fred Clifford. Fred Clifford começou a construir aquela casa trinta anos atrás. Ele ia se casar e sua dama mudou de ideia. E quando a casa já estava tão avançada quanto se vê, ela o abandonou, Emily... bem na cara do dia, ela o abandonou. Nunca mais um prego foi levado para dentro de casa. Fred foi para British Columbia. Ele ainda está morando lá, casado e feliz. Mas ele não vai vender esse lote para ninguém, então acho que ele ainda sente a picada."

"Lamento muito por aquela casa. Gostaria que tivesse sido terminada. Ela quer estar... mesmo assim quer estar."

"Bem, eu acho que nunca o será. Fred também tinha um pouco de Shipley nele, está vendo. Uma das meninas do velho Hugh era sua avó. E o Dr. Burnley lá em cima na grande casa cinza tem mais do que um pouco."

"Ele é um parente nosso também, primo Jimmy?"

"Primo de segundo grau. Há muito tempo ele tinha um primo de Mary Shipley para um bisneto. Isso foi no velho país - seus antepassados vieram para cá depois que nós o fizemos. Ele é um bom médico, mas um pouco estranho... é de longe mais do que eu, Emily, e ainda assim ninguém nunca diz que ele não está lá todo. Você pode explicar isso? Ele não acredita em Deus - e eu não sou tão tolo quanto isso."

"Não acredita em nenhum Deus?"

"Em nenhum Deus. Ele é um infiel, Emily. E ele está educando sua filhinha da mesma maneira, o que eu acho uma pena, Emily", disse o primo Jimmy confidencialmente.

"A mãe dela não lhe ensina as coisas?"

"A mãe dela está... morta", respondeu o primo Jimmy, com uma hesitação um pouco estranha. "Morta há dez anos", acrescentou ele, num tom mais firme. "Ilse Burnley é uma grande garota - cabelos como narcisos e olhos como diamantes amarelos."

"Oh, primo Jimmy, você prometeu que me contaria sobre o Diamante Perdido", gritou Emily ansiosamente.

"Para ter certeza... para ter certeza. Bem, está lá - em algum lugar ou sobre a velha casa de verão, Emily. Há 50 anos, Edward Murray e sua esposa vieram aqui de Kingsport para uma visita. Uma grande senhora que ela era, e usava sedas e diamantes como uma rainha, embora sem beleza. Ela tinha um anel com uma pedra que custava duzentas libras, Emily. Isso era muito dinheiro para estar usando em um dedo mínimo de mulher, não era? Faiscava em sua mão branca enquanto ela segurava seu vestido subindo os degraus da casa de verão; mas quando ela desceu os degraus, ele sumiu."

"E nunca foi encontrado?" perguntou Emily, sem fôlego.

"Nunca... e por nenhuma falta de busca. Edward Murray queria que a casa fosse derrubada - mas o tio Archibald não quis ouvir falar dela - porque ele a tinha construído para sua noiva. Os dois irmãos brigaram por causa dela e nunca mais foram bons amigos. Todos os que estavam conectados fizeram um feitiço para caçar o diamante. A maioria das pessoas pensa que ele caiu da casa de verão entre as flores ou arbustos. Mas eu sei que é melhor, Emily. Eu sei que o diamante de Miriam Murray ainda está em algum lugar sobre aquela velha casa. Nas noites de luar, Emily, eu o vi brilhando, brilhando e acenando. Mas nunca no mesmo lugar - e quando você vai a ele - ele desaparece, e você o vê rindo de você de algum outro lugar."

Mais uma vez, havia aquela coisa sinistra e indefinível na voz ou olhar do primo Jimmy que deu a Emily uma repentina sensação de enrugamento na coluna. Mas ela amava a maneira como ele falava com ela, como se ela fosse adulta; e amava a bela terra ao seu redor; e, apesar da dor por seu pai e pela casa no vazio que persistia o tempo todo e a machucava tanto à noite que seu travesseiro estava molhado de lágrimas secretas, ela começava a ficar um pouco feliz novamente no pôr do sol, no canto dos pássaros e nas primeiras estrelas brancas, nas noites de luar e nos ventos que cantavam. Ela sabia que a vida seria maravilhosa aqui - maravilhosa e interessante, com casas de cozinha ao ar livre, laticínios com cinturão de creme, caminhos de lago e solares, e diamantes perdidos, e casas e homens decepcionados que não acreditavam em nenhum Deus - nem mesmo no Deus de Ellen Greene. Emily esperava ver em breve o Dr. Burnley. Ela estava muito curiosa para ver como era um infiel. E ela já havia decidido que iria encontrar o Diamante Perdido.

CAPÍTULO VIII

Julgamento por fogo

A tia Elizabeth levou Emily à escola na manhã seguinte. A tia Laura havia pensado que, como havia apenas um mês antes das férias, não valia a pena para Emily "começar a escola". Mas a tia Elizabeth ainda não se sentia à vontade com uma sobrinha pequena pulando pela Lua Nova, penetrando em tudo insaciavelmente, e ficou resolvida que Emily deveria ir à escola para tirá-la do caminho. A própria Emily, sempre ávida por novas experiências, estava bastante ansiosa para ir, mas por tudo o que ela estava vendo com rebeldia enquanto eles dirigiam. A tia Elizabeth tinha conseguido um terrível avental e uma igualmente terrível touca de proteção solar de algum lugar no sótão da Lua Nova, e fez Emily vesti-los. O avental era uma peça de roupa longa, alta no pescoço, com mangas. Essas mangas eram o coroamento da indignidade. Emily nunca tinha visto uma menina usando um avental com mangas. Ela se rebelou ao ponto de chorar por usá-lo, mas a tia Elizabeth não ia ter nenhum disparate. Emily viu então o olhar de Murray; e quando o viu abotoou seu sentimento rebelde com força na alma e deixou a tia Elizabeth colocar o avental sobre ela.

"Era um dos aventais de sua mãe quando ela era uma menina, Emily", disse tia Laura confortavelmente, e de forma bastante sentimental.

"Então", disse Emily, desconfortável e pouco sentimental, "não me admira que ela tenha fugido com o pai quando ela cresceu."

A tia Elizabeth terminou de abotoar o avental e deu a Emily um empurrão não muito gentil para longe dela.

"Ponha a sua touca de sol", ela ordenou.

"Oh, por favor, tia Elizabeth, não me faça usar essa coisa horrível."

A tia Elizabeth, sem gastar mais palavras, pegou a touca e amarrou-a na cabeça de Emily. Emily teve que ceder. Mas, das profundezas da touca, emitiu uma voz, desafiadora embora tremulante.

"De qualquer forma, tia Elizabeth, você não pode mandar em Deus", disse ela.

A tia Elizabeth estava muito zangada para falar até a escola. Ela apresentou Emily à Srta. Brownell e foi embora. A turma já estava em aula, então Emily pendurou sua rede solar no prego do alpendre e foi até a mesa que a Srta. Brownell lhe designou. Ela já havia decidido que não gostava da Srta. Brownell e nunca iria gostar dela.

A Srta. Brownell tinha a reputação em Blair Water de ser uma boa professora - devido principalmente ao fato de que ela era uma disciplinadora rigorosa e mantinha excelente "ordem". Ela era uma pessoa magra, de meia-idade, com rosto incolor, dentes proeminentes, a maioria dos quais ela mostrava quando ria, e olhos frios, cinzentos e atentos - até mesmo mais frios do que os da tia Ruth. Emily sentia como se aqueles impiedosos olhos de ágata a vissem limpa até o âmago de sua pequena alma sensível. Emily podia ser destemida o suficiente na ocasião; mas na presença de uma natureza que ela instintivamente sentia ser hostil a sua, ela encolheu-se em algo que era mais repulsivo do que o medo.

Ela era um alvo de olhares curiosos durante toda a manhã. A escola Blair Water era grande e havia pelo menos vinte meninas de aproximadamente sua própria idade. Emily olhou para todas elas curiosamente e pensou na maneira como elas sussurravam umas para as outras atrás das mãos e dos livros quando olhavam para ela muito mal-educadas. Ela se sentiu subitamente infeliz, com saudades de casa - ela queria seu pai e sua antiga casa e as coisas queridas que amava.

"A menina da Lua Nova está chorando", sussurrou uma menina de olhos negros do outro lado do corredor. E depois veio uma risadinha cruel.

"Qual é o seu problema, Emily?" disse a Srta. Brownell de repente e de forma acusadora.

Emily ficou em silêncio. Ela não podia dizer à Srta. Brownell qual era o problema com ela - especialmente quando a Srta. Brownell usava tal tom.

"Quando faço uma pergunta a um de meus alunos, Emily, estou acostumada a ter uma resposta. Por que você está chorando?"

Havia outra risada do outro lado do corredor. Emily levantou os olhos miseráveis e em sua extremidade caiu sobre uma frase de seu pai.

"É um assunto que diz respeito apenas a mim mesma", disse ela.

Uma mancha vermelha apareceu de repente na bochecha da Srta. Brownell. Seus olhos brilhavam com o fogo frio.

"Você permanecerá no recesso como um castigo por sua impertinência", disse ela, mas deixou Emily sozinha o resto do dia.

Emily não se importou em ficar no recesso, pois, extremamente sensível ao seu ambiente como ela era, percebeu que, por alguma razão que não podia entender, a atmosfera da escola era antagônica. Os olhares lançados sobre ela não eram apenas curiosos, mas mal-assombrados. Ela não queria sair para o parque infantil com aquelas meninas. Não queria ir para a escola em Blair Water. Mas ela não queria chorar mais. Ela se sentava ereta e mantinha os olhos em seu livro. De repente, um assobio macio e maligno se deparou com o corredor.

" Srta. Orgulhosa..."

Emily olhou para a menina do outro lado. Olhos grandes, firmes, cinzentos e arroxeados, com olhos brilhantes, cintilantes e pretos - olhados sem parar - com algo neles que se acobardava e obrigava. Os olhos negros vacilaram e caíram, sua dona cobriu seu refúgio com outra risada e atirou sua trança curta de cabelo.

"Eu posso dominá-la", pensou Emily, com uma emoção de triunfo.

Mas há força nos números e ao meio-dia Emily se viu sozinha no pátio de recreio, enfrentando uma multidão de rostos hostis. As crianças podem ser as criaturas mais cruéis que existem. Elas têm o instinto de preconceito contra qualquer forasteiro, e são impiedosas em sua indulgência. Emily era uma estranha e uma das orgulhosas Murrays - duas acusações contra ela. E havia sobre ela, pequena e revoltada como ela era, uma certa reserva e dignidade e delicadeza que eles ressentiam. E se ressentiam da maneira como ela os olhava, com aquele rosto desdenhoso sob um cabelo preto nublado, em vez de serem tímidos e inclinados como se tornassem um intruso em liberdade condicional.

"Você é uma orgulhosa", disse a Olhos Negros. "Meu Deus, você pode ter botas abotoadas, mas está vivendo de caridade."

Emily não queria calçar as botas abotoadas. Ela queria andar descalça, como sempre tinha feito no verão. Mas a tia Elizabeth lhe havia dito que nenhuma criança de Lua Nova jamais havia ido descalça à escola.

"Oh, basta olhar para o avental do bebê", riu outra menina, com uma cabeça de cachos de castanheiro.

Agora Emily corou. Este era de fato o ponto vulnerável em sua armadura. Encantada com o sucesso dela em tirar sangue, a encaracolada tentou novamente.

"Essa é a touca solar de sua avó?"

Havia um coro de risadinhas.

"Oh, ela veste uma touca solar para salvar sua tez", disse uma garota maior. "Esse é o orgulho de Murray. Os Murrays estão podres de orgulho, diz minha mãe."

"Você é horrivelmente feia", disse uma menina gorda e atarracada, quase tão larga quanto ela era longa. "Suas orelhas parecem as de um gato."

"Você não precisa estar tão orgulhosa", disse Olhos Negros. "O teto de sua cozinha não está nem engessado."

"E seu primo Jimmy é um idiota", disse Cachos Castanhos.

"Ele não é!" gritou Emily. "Ele tem mais senso do que qualquer um de vocês. Você pode dizer o que quiser sobre mim, mas não vai insultar minha família. Se você disser mais uma palavra sobre eles, vou olhar para você com o olhar maligno."

Ninguém entendeu o significado desta ameaça, mas isso a tornou ainda mais eficaz. Ela produziu um breve silêncio. Então a isca começou novamente de uma forma diferente.

"Você sabe cantar?" perguntou uma garota magra, com sardas, que ainda assim conseguiu ser muito bonita, apesar da magreza e das sardas.

"Não", disse Emily.

"Você sabe dançar?"

"Não."

"Você sabe costurar?"

"Não."

"Você sabe cozinhar?"

"Não."

"Você sabe tricotar rendas?"

"Não."

"Você sabe fazer crochê?"

"Não."

"Então o que você pode fazer?", disse o sardento - um em tom de desprezo.

"Eu posso escrever poesia", disse Emily, sem no mínimo significado dizê-lo. Mas naquele instante ela soube que podia escrever poesia. E, com esta convicção pouco razoável, veio - o clarão! Ali mesmo, rodeada de hostilidade e suspeita, lutando sozinha por sua posição, sem apoio ou vantagem, chegou o momento maravilhoso em que a alma pareceu abandonar os laços da carne e saltar para as estrelas. O arrebatamento e o deleite no rosto de Emily surpreenderam e enfureceram seus inimigos. Eles acharam que era uma manifestação do orgulho de Murray em uma realização incomum.

"Vocês mentem", disse Olhos Negros, sem rodeios.

"Uma estrela não mente", retorquiu Emily. O clarão tinha desaparecido, mas sua elevação permaneceu. Ela os olhou por toda parte com um descolamento frio que os reprimiu temporariamente.

"Por que vocês não gostam de mim?", perguntou ela diretamente.

Não obtivemos resposta. Emily olhou diretamente para Cachos Castanhos e repetiu sua pergunta. A garota então se sentiu obrigada a responder.

"Porque você não é nem um pouco como nós", ela murmurou.

"Eu não gostaria de ser", disse Emily desdenhosamente.

"Meu Deus, você é um dos Escolhidos", zombou de olhos negros.

"Claro que sou", retorquiu Emily.

Ela se afastou para a escola, conquistadora naquela batalha.

Mas as forças contra ela não foram tão facilmente acobardadas. Houve muito sussurro e conspiração depois que ela entrou, uma conferência com alguns dos meninos, e uma entrega de lápis de cama e chicletes de chiclete por valor recebido.

Uma agradável sensação de vitória e o brilho do clarão levaram Emily pela tarde apesar de a Srta. Brownell a ter ridicularizado por seus erros de ortografia. A senhorita Brownell gostava muito de ridicularizar suas alunas. Todas as meninas da classe riram, exceto uma que não tinha estado lá pela manhã e, consequentemente, estava no fundo da sala. Emily estava se perguntando quem ela era. Ela era tão diferente das demais meninas quanto a própria Emily, mas num estilo totalmente diferente. Ela era alta, estranhamente vestida com um vestido muito comprido de estampas desbotadas, listradas e descalças. Seu cabelo grosso, cortado curto, solto em volta da cabeça em uma ondulação que parecia ser de ouro girado brilhante; e seus olhos brilhantes eram de um marrom tão claro e translúcido que era quase âmbar. Sua boca era grande e tinha um queixo atrevido e pronunciado. Bonita ela poderia não ser chamada, mas seu rosto era tão vívido e móvel que Emily não conseguia arrancar dela seus fascinados olhos. E ela era a única garota da classe que, em algum momento durante a aula, não recebeu uma farpa de sarcasmo da Srta. Brownell, embora ela tivesse cometido tantos erros quanto os demais.

No recesso, uma das meninas veio até Emily com uma caixa na mão. Emily sabia que ela era Rhoda Stuart e a achava muito bonita e doce. Rhoda tinha estado na multidão ao redor dela ao meio-dia, mas ela não tinha dito nada. Ela estava vestida com um avental

rosa; tinha tranças suaves e brilhantes de cabelos castanhos, grandes olhos azuis, uma boca rosada, características de boneca e uma voz doce. Se se podia dizer que a Srta. Brownell tinha um favorito, era Rhoda Stuart, e ela parecia geralmente popular em seu próprio conjunto e muito acariciada pelas meninas mais velhas.

"Aqui está um presente para você", disse ela docemente.

Emily pegou a caixa sem suspeitas. O sorriso de Rhoda teria desarmado qualquer suspeita. Por um momento, Emily se antecipou alegremente ao retirar a capa. Então, com um grito, ela atirou a caixa para longe e ficou pálida e tremendo da cabeça aos pés. Havia uma cobra na caixa, morta ou viva, que ela não conhecia e não se importava. Para qualquer cobra, Emily tinha um horror e repulsa que ela não conseguia superar. A própria visão de uma quase a paralisou.

Um coro de risadinhas corria ao redor do alpendre. "Quem teria tanto medo de uma velha cobra morta?" zombou a Olhos Negros.

"Você pode escrever poesia sobre isso?" riu a Cachos Castanhos.

"Eu vos odeio... eu vos odeio!" gritou Emily. "Vocês são meninas más e odiosas!"

"Chamar nomes não é como uma dama", disse a sardenta. "Pensei que um Murray seria grandioso demais para isso."

"Se você vier para a escola amanhã, Srta. Starr", disse a Olhos Negros deliberadamente, "vamos pegar aquela cobra e colocá-la em volta do seu pescoço."

"Deixe-me vê-la fazer isso!" gritou uma voz clara e zumbidora. No meio deles com um laço veio a garota de olhos âmbar e cabelo curto. "Deixe-me vê-la fazer isso, Jennie Strang!"

"Isto não é da sua conta, Ilse Burnley", murmurou Jennie, amuado.

"Oh, não é? Não seja insolente comigo, Cara de Porco". Ilse caminhou até a Jennie em retirada e sacudiu um punho queimado pelo sol em seu rosto. "Se eu te pegar provocando Emily Starr até amanhã com aquela cobra novamente, eu a pegarei pela cauda e você pela sua cauda, e te cortarei pelo rosto com ela. Cuidado com isso, Cara de Porco. Agora você vai e pega essa sua preciosa cobra e a joga na pilha de cinzas."

Jennie realmente foi e o fez. Ilse enfrentou as outras.

"Desapareçam, todos vocês, e deixem a garota da Lua Nova em paz depois disto", disse ela. "Se eu ouvir mais alguma intromissão e furor, cortarei suas gargantas, arrancarei seus corações e arrancarei seus olhos. Sim, e eu cortarei suas orelhas e as usarei presas em meu vestido!"

Cobertos por estas ameaças ferozes, ou por algo na personalidade de Ilse, os perseguidores de Emily se afastaram. Ilse voltou-se para Emily.

"Não se importe com elas", disse ela desdenhosamente. "Elas têm inveja de você, isso é tudo - inveja porque você vive na Lua Nova e anda em uma carruagem com franjas e usa botas com botões. Você bate nas canecas deles se eles te derem mais um pouco da mandíbula deles."

Ilse abobadou a cerca e arrancou para dentro do arbusto de bordo sem dar outra olhada em Emily. Apenas Rhoda Stuart permaneceu.

"Emily, lamento muito", disse ela, rolando seus grandes olhos azuis de forma apelativa. "Eu não sabia que havia uma cobra naquela caixa, cruze meu coração, eu não sabia. As meninas acabaram de me dizer que era um presente para você. Você não está zangada comigo, está? Porque eu gosto de você."

Emily tinha ficado "zangada" e magoada e indignada. Mas este pouco de simpatia a derreteu instantaneamente. Num momento, ela e Rhoda tinham os braços uma ao redor da outra, desfilando pelo pátio do recreio.

"Vou pedir à Srta. Brownell que a deixe sentar comigo", disse Rhoda. "Eu costumava sentar-me com Annie Gregg, mas ela se mudou. Você gostaria de sentar-se comigo, não é mesmo?"

"Eu adoraria", disse Emily calorosamente. Ela estava tão feliz quanto estava infeliz. Aqui estava a amiga de seus sonhos. Ela já venerava Rhoda.

"Deveríamos sentar-nos juntos", disse Rhoda, de forma importante. "Pertencemos às duas melhores famílias de Blair Water. Você sabe que se meu pai tivesse seus direitos, ele estaria no trono da Inglaterra?"

"Inglaterra", disse Emily, demasiado espantada para ser tudo menos um eco.

"Sim. Somos descendentes dos reis da Escócia", disse Rhoda. "Então, é claro que não 'nos associamos a todos'. Meu pai continua armazenando e eu estou tendo aulas de música. Sua tia Elizabeth vai lhe dar aulas de música?"

"Eu não sei."

"Ela deveria. Ela é muito rica, não é?"

"Eu não sei", disse Emily novamente. Ela desejava que Rhoda não fizesse tais perguntas. Emily achou que não era de boa educação. Mas certamente um descendente dos reis Stuart deveria saber as regras da criação, se alguém soubesse.

"Ela tem um temperamento horrível, não tem?" perguntou Rhoda.

"Não, ela não tem!" gritou Emily.

"Bem, ela quase matou seu primo Jimmy em uma de suas fúrias", disse Rhoda. "Isso é verdade... A mãe me disse. Por que sua tia Laura não se casa? Ela tem um namorado? Que salário sua tia Elizabeth paga ao seu primo Jimmy?"

"Eu não sei."

"Bem", disse Rhoda, bastante desapontada. "Suponho que você não esteja na Lua Nova há tempo suficiente para descobrir as coisas. Mas deve ser muito diferente do que você está acostumada, eu acho. Seu pai era tão pobre quanto um rato de igreja, não era?"

"Meu pai era um homem muito, muito rico", disse Emily deliberadamente.

Rhoda olhou fixamente.

"Eu pensei que ele não tinha um centavo."

"Nem ele tinha. Mas as pessoas podem ser ricas sem dinheiro."

"Não vejo como. Mas de qualquer forma, um dia você ficará rica - sua tia Elizabeth provavelmente lhe deixará todo o dinheiro dela, diz a mãe. Portanto, não me importa se você está vivendo de caridade - eu te amo e vou te defender. Você tem um pretendente, Emily?"

"Não", gritou Emily, corando violentamente e bastante escandalizada com a ideia. "Ora, eu tenho apenas onze anos."

"Oh, todas em nossa classe têm um pretendente. O meu é Teddy Kent. Apertei a mão com ele depois de ter contado nove estrelas durante nove noites sem perder uma noite. Se você fizer isso, o primeiro rapaz com quem você apertar a mão depois é para ser seu namorado. Mas é muito difícil de fazer. Levei todo o inverno. Teddy não estava na escola hoje - ele esteve doente durante todo o mês

de junho. Ele é o garoto mais bonito de Blair Water. Você também terá que ter um lindo menino, Emily."

"Não terei", declarou Emily com raiva. "Eu não sei nada sobre namorados e não vou ter um."

Rhoda atirou a cabeça dela.

"Oh, eu te digo que você acha que não há ninguém bom o suficiente para você, vivendo na Lua Nova" Bem, você não será capaz de jogar Clap-in-and-clap-out se não tiver um namorado."

Emily não conhecia os mistérios do "Clap-in-and-clap-out" e não se importava. De qualquer forma, ela não ia ter um namorado e repetiu isso em tons tão decididos que Rhoda considerou sábio deixar o assunto de lado.

Emily ficou bastante contente quando a campainha tocou. A Srta. Brownell atendeu o pedido de Rhoda com muita gentileza e Emily transferiu seus bens para a sede de Rhoda. Rhoda sussurrou um bom negócio durante a última hora e Emily foi repreendida por isso, mas não se importou.

"Vou fazer uma festa de aniversário na primeira semana de julho e vou convidá-lo, se suas tias o deixarem vir. Mas não vou ter Ilse Burnley."

"Você não gosta dela?"

"Não. Ela é como um menino horrível. E então o pai dela é um infiel. E ela também é. Ela sempre soletra 'Deus' com um pequeno 'd' em seu ditado. A Srta. Brownell repreende-a por isso, mas ela o faz bem feito. A Srta. Brownell não a chicoteia porque ela está preparando seu chapéu para o Dr. Burnley. Mas a mãe diz que ela não vai pegá-lo porque ele odeia mulheres. Eu não acho que seja apropriado 'associar-se a tais pessoas'. Ilse é uma garota muito selvagem e tem um temperamento horrível. O pai dela também. Ela não se relaciona com ninguém. Não é ridícula a maneira como ela

usa o cabelo? Você deveria ter uma franja, Emily. Você ficaria bem com uma porque você tem a testa tão alta. Isso faria de você uma verdadeira beleza. Mas você tem um cabelo lindo e suas mãos são simplesmente lindas. Todos os Murrays têm mãos bonitas. E você tem os olhos mais doces, Emily."

Emily nunca havia recebido tantos elogios em sua vida. Rhoda fez um elogio com uma colher de pedreiro. Sua cabeça estava bastante virada e ela voltou da escola determinada a pedir à tia Elizabeth para cortar o cabelo e deixar uma franja. Se isso fizesse dela uma beleza, ela teria que ser compassada de alguma forma. E ela também perguntaria à tia Elizabeth se ela poderia usar suas contas venezianas na escola no dia seguinte.

"As outras garotas podem me respeitar mais então", pensou ela.

Ela estava sozinha da encruzilhada, onde tinha feito companhia a Rhoda, e ela reviu os acontecimentos do dia com um sentimento de que, afinal, ela tinha mantido a bandeira Starr hasteada, exceto por um reverso temporário na questão da cobra. A escola era muito diferente do que ela esperava que fosse, mas era assim na vida, ela tinha ouvido Ellen Greene dizer, e você só tinha que fazer o melhor que podia. Rhoda era uma querida; e havia algo em Ilse Burnley que ela gostava; e quanto ao resto das garotas, Emily se acertou com elas fingindo que as via todas enforcadas em uma fila por assustá-la até a morte com uma cobra, e não sentia mais ressentimento em relação a elas, embora algumas das coisas que haviam sido ditas a ela durante muitos dias estivessem amargamente em seu coração. Ela não tinha nenhum pai para lhes dizer, e nenhum livro de contabilidade para escrevê-las, então ela não podia exorcizá-las.

Ela não tinha nenhuma chance rápida de pedir uma franja, pois havia companhia na Lua Nova e suas tias estavam ocupadas preparando um jantar elaborado. Mas quando as conservas foram trazidas para Emily, ela agarrou a oportunidade de uma pausa na conversa mais antiga.

"Tia Elizabeth", disse ela, "posso usar uma franja?"

A tia Elizabeth olhou com desdém.

"Não", disse ela, "eu não aprovo a franja. De todas as modas tolas que vieram hoje em dia, a franja é a mais tola."

"Oh, tia Elizabeth, deixe-me usar franja. Faria de mim uma beleza - diz Rhoda."

"Seria preciso muito mais do que uma franja para fazer isso, Emily. Não teremos franja na Lua Nova, exceto nas vacas Molly. Elas são as únicas criaturas que deveriam usar franja."

A tia Elizabeth sorriu triunfantemente ao redor da mesa... A tia Elizabeth sorriu algumas vezes quando achou que tinha silenciado uma pessoa pequena por uma ridicularização requintada. Emily entendeu que não adiantava esperar por franja. O amor não mentiu dessa maneira para ela. Era maldade da tia Elizabeth. Ela suspirou de decepção e descartou a ideia por ora. Havia algo mais que ela queria saber.

"Por que o pai de Ilse Burnley não acredita em Deus?", perguntou ela.

"Por causa do truque que sua mãe lhe pregou", disse o Sr. Slade, com um risinho. O Sr. Slade era um velho gordo, de aparência alegre, com cabelo peludo e bigodes. Ele já havia dito algumas coisas que Emily não conseguia entender e que pareciam embaraçar muito sua esposa.

"Que truque jogou a mãe de Ilse?" perguntou Emily, toda agitada com interesse.

Agora a tia Laura olhou para a tia Elizabeth e a tia Elizabeth olhou para a tia Laura. Então a última disse: "Saia correndo e alimente as galinhas, Emily."

Emily levantou-se com dignidade.

"Mais vale dizer-me que não se deve falar da mãe de Ilse e eu lhe obedecerei. Eu entendo perfeitamente o que você quer dizer", disse ela ao sair da mesa.

CAPÍTULO IX

Uma providência especial

Emily estava certa naquele primeiro dia de aula de que nunca iria gostar de estar na escola. Ela precisava ir, ela sabia, para obter uma educação e estar pronta para ganhar sua própria vida; mas seria sempre o que Ellen Greene solenemente chamou de "uma cruz". Consequentemente, Emily se sentiu bastante surpreendida quando, depois de ir à escola por alguns dias, percebeu que estava gostando. Com certeza, a Srta. Brownell não melhorou seu conhecimento; mas as outras garotas não mais a atormentavam, na verdade, para seu espanto, elas pareciam de repente esquecer tudo o que havia acontecido e a saudavam como uma delas mesmas. Ela foi admitida na comunhão da matilha e, embora em algum momento ela tenha se apaixonado por aventais de bebê e pelo orgulho de Murray, não houve mais hostilidade, velada ou aberta. Além disso, Emily era bastante capaz de dar "cavadas" ela mesma, pois aprendeu mais sobre as meninas e seus pontos fracos, e ela podia dar-lhes com tanta lucidez e ironia impiedosa que as outras logo aprenderam a não as provocar. A Cachos Castanhos, cujo nome era Grace Wells, e a sardenta - cujo nome era Carrie King, e Jennie Strang se tornaram muito amigas dela, e Jennie mandou mastigáveis de chicletes e papéis de tecido através do corredor em vez de risadas. Emily permitiu que todos eles entrassem na corte externa de seu templo de amizade, mas apenas Rhoda foi admitida no santuário interno. Quanto a Ilse Burnley, ela não apareceu depois daquele primeiro dia. Ilse, assim disse Rhoda, veio à escola ou não, exatamente como ela gostava. Seu pai nunca se preocupou com ela. Emily sempre sentiu um certo desejo de saber mais sobre Ilse, mas não parecia gratificada.

Emily estava se tornando insensivelmente feliz novamente. Ela já se sentia como se pertencesse a este velho berço de sua família. Ela pensava muito nos velhos Murrays; gostava de imaginá-los

revisitando os vislumbres da Lua Nova - a tia-avó esfregando seus castiçais e fazendo queijos; a tia-avó Miriam roubando à procura de seu tesouro perdido; a tia-avó Elizabeth, com saudades de casa, perseguindo em seu gorro; Capitão George, o elegante e bronzeado capitão do mar, voltando para casa com as conchas manchadas das Índias; Stephen, o amado de todos, sorrindo de suas janelas; sua própria mãe sonhando com o pai - todos lhe pareciam tão reais como se ela os tivesse conhecido em vida.

Ela ainda tinha horas terríveis quando estava sobrecarregada pela dor de seu pai e quando todos os esplendores da Lua Nova não conseguiam sufocar o anseio pela casinha maldita no buraco onde eles se amaram tanto. Então Emily fugia para algum canto secreto e chorava, emergindo com olhos vermelhos que sempre pareciam incomodar a tia Elizabeth. A tia Elizabeth havia se acostumado a ter Emily na Lua Nova, mas ela não havia se aproximado mais da criança. Isto sempre machucou Emily; mas a tia Laura e o primo Jimmy a amavam e ela tinha Saucy Sal e Rhoda, campos cremosos com trevo, árvores escuras macias contra o céu âmbar, e a música louca que a mulher do vento fazia nos abetos atrás dos celeiros quando explodia direto do abismo; seus dias se tornaram vívidos e interessantes, cheios de pequenos prazeres e delícias, como minúsculos botões dourados e abertos na árvore da vida. Se ela só pudesse ter seu antigo livro de contabilidade amarelo, ou algum equivalente, ela poderia ter ficado totalmente satisfeita. Ela sentiu falta dele ao lado de seu pai, e sua queima forçada foi algo pelo qual ela responsabilizou a tia Elizabeth e pelo qual ela sentiu que nunca poderia perdoá-la totalmente. Não lhe pareceu possível conseguir nenhum substituto. Como o primo Jimmy havia dito, em Lua Nova era escasso o papel de escrita de qualquer tipo. As cartas raramente eram escritas, e quando eram uma folha de papel de nota bastava. Emily não ousou pedir nenhuma para a tia Elizabeth. Havia momentos em que ela sentia que rebentaria se não pudesse escrever algumas das coisas que lhe chegavam. Ela encontrou uma certa válvula de segurança ao escrever em sua folha na escola; mas estes rabiscos tinham que ser apagados mais cedo ou mais tarde - o que deixou Emily com uma

sensação de perda - e havia sempre o perigo de que a Srta. Brownell os visse. Isso, Emily sentia, seria insuportável. Nenhum olhar estranho deve contemplar estas produções sagradas. Às vezes ela deixava Rhoda lê-las, apesar de Rhoda a irritar ao rir sobre seus melhores voos. Emily pensava que Rhoda estava tão próxima da perfeição quanto um ser humano poderia estar, mas o riso era culpa dela.

Mas há um destino que molda os fins das jovens meninas que nascem com a coceira de escrever formigueiros na ponta dos dedos do bebê, e na plenitude do tempo esse destino deu a Emily o desejo de seu coração - deu-lhe também no mesmo dia em que ela mais precisou. Esse foi o dia, o dia mal estrelado, em que a Srta. Brownell escolheu mostrar à quinta classe, tanto pelo exemplo como pelo preceito, como a Canção do Bugle deveria ser lida.

De pé na plataforma, a Srta. Brownell, que não era desprovida de um jeito superficial e elocutivo, leu aqueles três maravilhosos versos. Emily, que deveria ter feito uma soma em longa divisão, deixou cair seu lápis e escutou entrincheirada. Ela nunca tinha ouvido a canção do Bugle Song antes - mas agora ela a ouviu - e a viu - o esplendor da rosa vermelha caindo sobre aqueles cumes nevados e arruinados - as luzes que nunca estavam em terra ou no mar fluindo sobre os lagos - ela ouviu os ecos selvagens voando através dos vales roxos e as passagens nebulosas - o mero som das palavras parecia fazer um eco requintado em sua alma - e quando a Srta. Brownell chegou a "Chifres de terra de elfo soprando levemente" Emily tremeu de alegria. Ela foi arrancada de dentro de si mesma. Ela esqueceu tudo, menos a magia daquela linha inigualável - ela saltou de seu assento, batendo sua ardósia no chão com um ruído, ela correu para o corredor, ela pegou o braço da Srta. Brownell.

"Oh, professora", ela chorou com fervor, "leia aquela linha de novo... Oh, leia aquela linha de novo!"

A Srta. Brownell, assim parada de repente em sua elocução, olhou para um rosto arrebatado e erguido, onde grandes olhos

cinzentos-púrpura brilhavam com o brilho de uma visão divina - e a Srta. Brownell ficou furiosa. Zangada com esta violação de sua rigorosa disciplina - zangada com esta indecorosa demonstração de interesse por um átomo de terceira classe cuja atenção deveria ter sido focalizada em uma longa divisão. A Srta. Brownell fechou seu livro e fechou os lábios e deu a Emily uma bofetada estrondosa em seu rosto.

"Volte para o seu lugar e cuide de seus próprios assuntos, Emily Starr", disse a Srta. Brownell, seus olhos frios e malignos com sua fúria.

Emily, assim despedaçada, voltou ao seu lugar num aturdimento. Sua bochecha ferida era carmesim, mas a ferida estava em seu coração. Um momento atrás, no sétimo céu - e agora isto - dor, humilhação, mal-entendida! Ela não podia suportar isso. O que ela tinha feito para merecê-lo? Ela nunca havia sido esbofeteada em sua vida antes. A degradação e a injustiça comeram em sua alma. Ela não podia chorar - isto era "uma dor muito profunda para as lágrimas" - voltou da escola para casa em uma angústia reprimida de amargura e vergonha e ressentimento - uma angústia que não tinha saída, pois ela não ousava contar sua história na Lua Nova. A tia Elizabeth, ela tinha certeza, diria que a Srta. Brownell tinha feito muito bem, e até mesmo a tia Laura, gentil e doce como era, não entenderia. Ela ficaria triste porque Emily tinha se comportado mal na escola e tinha que ser punida.

"Oh, se eu pudesse contar tudo ao pai!" pensou Emily.

Ela não podia comer nenhuma ceia - ela achava que nunca mais seria capaz de comer de novo. E oh, como odiava aquela injusta e horrível Srta. Brownell! Nunca poderia perdoá-la... nunca! Se houvesse apenas uma maneira de onseguir se acertar com a Srta. Brownell! Emily, sentada pequena, pálida e quieta na mesa de jantar da Lua Nova, era um vulcão de sentimentos feridos, miséria e orgulho... sim, orgulho! Pior até do que a injustiça foi o aguilhão da humilhação por esta coisa que havia acontecido. Ela, Emily Byrd Starr, sobre a qual nenhuma mão havia sido colocada sem jeito

antes, havia sido esbofeteada como um bebê malcriado antes de toda a escola. Quem poderia suportar isto e viver?

Então o destino interveio e levou a tia Laura até a estante da sala para procurar em seu compartimento inferior por uma certa carta que ela queria ver. Ela levou Emily com ela para mostrar-lhe uma curiosa caixa velha de rapé que tinha pertencido a Hugh Murray, e em busca dela levantou um pacote grande e plano de papel empoeirado - papel de cor rosa profundo em folhas estranhamente longas e estreitas.

"É hora de queimar estas velhas cartas", disse ela. "Que pilha delas! Eles estão aqui juntando poeira há anos e não são bons para a terra. O pai uma vez manteve o correio aqui na Lua Nova, sabe, Emily. O correio chegava então apenas três vezes por semana, e a cada dia havia uma dessas longas 'cartas' vermelhas, como eram chamadas. A mãe sempre as guardava, embora quando usadas uma vez não tivessem mais utilidade. Mas eu vou queimá-las imediatamente."

"Oh, tia Laura", gaseou Emily, tão dividida entre o desejo e o medo que ela mal conseguia falar. "Oh, não faça isso... me dê elas... por favor, me dê elas."

"Por que, criança, o que você quer delas?"

"Oh, tia, elas têm as costas em branco tão bonitas para escrever. Por favor, tia Laura, seria um pecado queimar essas cartas."

"Você pode ficar com elas, querida. Só que é melhor você não deixar Elizabeth vê-las."

"Eu não vou... eu não vou", respirou Emily.

Ela recolheu seu precioso espólio em seus braços e correu para cima - e depois subiu novamente para o sótão, onde já tinha seu "assombro favorito", no qual seu desconfortável hábito de pensar em coisas a milhares de quilômetros de distância não podia irritar a

tia Elizabeth. Este era o canto silencioso da janela do dormitório, onde as sombras sempre se moviam, suavemente e oscilando, e belos mosaicos modelavam o chão descoberto. Dele se podia ver por cima das copas das árvores até a Blair Water. As paredes eram penduradas com grandes feixes de rolos macios e fofos, todos prontos para girar, e punhos de fios não torcidos. Às vezes a tia Laura girava na grande roda na outra extremidade do sótão e Emily adorava o redemoinho dela.

No recesso da janela do dormitório ela se agachou - sem fôlego, ela selecionou uma carta e extraiu um lápis de chumbo de seu bolso. Uma velha folha de papelão serviu como escrivaninha; ela começou a escrever febrilmente:

"Querido Pai" - e então ela derramou sua história do dia - de seu arrebatamento e de sua dor - escrevendo sem cuidado e com atenção até o pôr do sol desvanecer-se num crepúsculo escuro e estrelado. As galinhas ficaram sem comida - o primo Jimmy teve que ir ele mesmo buscar as vacas - a Saucy Sal não recebeu leite novo - a tia Laura teve que lavar os pratos - o que importava? Emily, na delícia da composição literária, estava perdida para todas as coisas mundanas.

Quando ela cobriu as costas de quatro cartas, não podia mais escrever. Mas ela havia esvaziado sua alma e estava mais uma vez livre das paixões do mal. Ela até se sentiu curiosamente indiferente à Srta. Brownell. Emily dobrou suas cartas-letras e escreveu claramente no pacote.

Ao Sr. Douglas Starr,
No caminho para o céu.

Então ela atravessou suavemente para um velho e gasto sofá em um canto distante e ajoelhou-se, guardando sua carta e suas "letras" confortavelmente em uma pequena prateleira formada por uma tábua pregada por baixo. Emily havia descoberto isto um dia quando brincava no sótão e a notara como um belo esconderijo para documentos secretos. Ninguém jamais se depararia com eles ali.

Ela tinha escrito - papel suficiente para durar meses - devem existir centenas daquelas velhas e alegres cartas antigas.

"Oh", gritou Emily, dançando pelas escadas do sótão, "sinto-me como se eu fosse feita de pó de estrela."

Depois disso, poucas noites foram passadas em que Emily não roubou o sótão e escreveu uma carta, longa ou curta, para seu pai. A amargura morreu por causa de seu pesar. Escrever-lhe parecia trazê-lo tão perto; e ela lhe contou tudo, com uma certa honestidade de confissão que era característica dela - seus triunfos, seus fracassos, suas alegrias, suas tristezas, tudo aconteceu nas cartas antigas de um governo que não tinha sido tão econômico em papel como se tornou depois. Havia meio quintal de papel em cada carta e Emily escreveu uma pequena mão e aproveitou ao máximo cada centímetro.

“Eu gosto de Lua Nova. É tão imponente e esplêndido aqui", escreveu ela a seu pai. *"E parece que devemos ser muito aristocratas quando temos um sol verdadeiro. Não posso deixar de me sentir orgulhosa de tudo isso. Receio ter muito orgulho e por isso peço a Deus todas as noites para tirar a maior parte, mas não tudo. É muito fácil conseguir uma repreensão por orgulho na escola Blair Water. Se você andar direito e segurar a cabeça para cima, você é um orgulhoso. Rhoda também está orgulhosa, porque seu pai deveria ser o rei da Inglaterra. Pergunto-me como a Rainha Victoria se sentiria se soubesse disso. É muito maravilhoso ter uma amiga que seria uma princesa se cada uma tivesse seus ritos. Eu amo Rhoda com todo o meu coração. Ela é tão doce e gentil. Mas eu não gosto das risadas dela. E quando eu lhe disse que podia ver o papel de parede da escola pequeno no ar, ela disse: "Você mente". Magoou-me muito ter minha querida amiga dizendo isso para mim. E me doeu ainda mais quando acordei à noite e pensei sobre isso. Eu também tive que ficar acordado por tanto tempo, porque estava cansada deitada de um lado e tinha medo de me virar porque a tia Elizabeth pensaria que eu estava acordada pensando longe.*

Eu não ousava contar a Rhoda sobre a Mulher Vento porque suponho que isso seja realmente uma espécie de fantasia, embora ela pareça tão real para mim. Eu a ouço agora cantando no telhado ao redor das grandes chaminés. Não tenho aqui nenhuma Emily do Espelho. Os óculos de proteção estão todos muito altos nas salas em que estive. Eu nunca estive à espreita. Está sempre trancada. Era o quarto da mãe e o primo Jimmy diz que seu pai o trancou depois que ela fugiu com você e a tia Elizabeth o mantém trancado ainda por respeito à sua memória, embora o primo Jimmy diga que a tia Elizabeth costumava brigar com seu pai algo escandaloso quando ele estava vivo, embora nenhum forasteiro soubesse disso por causa do orgulho Murray. Eu mesmo me sinto assim. Quando Rhoda me perguntou se a tia Elizabeth queimou velas porque ela era antiquada, eu respondi que não, era uma tradição dos Murray. O primo Jimmy me contou todas as tradições dos Murrays. Saucy Sal está muito bem e manda nos celeiros, mas mesmo assim ela não terá gatinhos e eu não consigo entender isso. Perguntei à tia Elizabeth sobre isso e ela disse que garotinhas simpáticas não falavam sobre tais coisas, mas não consigo entender por que os gatinhos são impróprios. Quando a tia Elizabeth está fora, a tia Laura e eu contrabandeamos a Saucy Sal para dentro de casa, mas quando a tia Elizabeth volta, eu sempre me sinto culpada e gostaria de não ter voltado. Mas da próxima vez eu faço isso novamente. Eu acho isso muito estranho. Eu nunca ouço falar do querido Mike. Escrevi para Ellen Greene e perguntei sobre ele e ela respondeu e nunca mencionou Mike, mas me contou tudo sobre seu reumatismo. Como se eu me importasse com o reumatismo dela.

Rhoda vai fazer uma festa de aniversário e ela vai me convidar. Estou tão entusiasmada. Você sabe que eu nunca fui a uma festa antes. Penso muito sobre isso e imagino o que será. Rhoda não vai convidar todas as meninas, mas apenas umas poucas favorecidas. Espero que a tia Elizabeth me deixe usar meu vestido branco e meu bom chapéu. Oh, pai, eu coloquei aquele lindo quadro do vestido de baile de rendas na parede do quarto da tia Elizabeth, assim como eu o tinha em casa, e a tia Elizabeth o tirou e o queimou e me repreendeu por fazer marcas de alfinetes no papel. Eu disse à tia

Elizabeth que ela não deveria ter queimado aquela foto. Eu queria tê-la quando eu crescesse para ter um vestido feito como ele para bailes. E a tia Elizabeth disse: 'Você espera assistir a muitos bailes se eu puder perguntar' e eu disse 'Sim, quando eu for rica e famosa' e a tia Elizabeth disse 'Sim, quando a lua for feita de queijo verde'.

Eu vi o Dr. Burnley ontem quando ele veio comprar alguns ovos da tia Elizabeth. Fiquei desapontada porque ele se parece com outras pessoas. Pensei que um homem que não acreditasse em Deus pareceria estranho de alguma forma. Ele também não sabia e eu lamentei por nunca ter ouvido ninguém saber e sou muito ansiosa por saber. Ele tem grandes olhos amarelos como Ilse e uma voz alta e Rhoda diz que quando ele fica bravo você pode ouvi-lo gritar por toda Blair Water. Há algum mistério sobre a mãe de Ilse que eu não consigo entender. O Dr. Burnley e Ilse vivem sozinhos. Rhoda diz que o Dr. Burnley diz que ele não terá demônios de mulheres naquela casa. Aquele discurso é perspicaz, mas marcante. A velha Sra. Simms vai lá e cozinha o jantar para eles e eles preparam seu próprio café da manhã. O médico varre a casa de vez em quando e Ilse nunca faz nada a não ser correr à solta. O médico nunca sorri, diz Rhoda. Ele deve ser como o rei Henrique II.

Eu gostaria de ser amiga de Ilse. Ela não é tão doce como Rhoda, mas eu também gosto de sua aparência. Mas ela não vem muito à escola e Rhoda diz que eu não devo ter nenhum amigo a não ser ela ou ela vai chorar. Rhoda me ama tanto quanto eu a amo. Nós duas vamos rezar para que possamos viver juntas toda a vida e morrer no mesmo dia.

A tia Elizabeth sempre prepara meu lanche escolar. Ela não me dá nada além de pão e manteiga simples, mas ela corta boas fatias grossas e a manteiga também é grossa e nunca tem o gosto horrível que a manteiga de Ellen Greene costumava ter. E a tia Laura empacota um doce de maçã às escondidas quando a tia Elizabeth está de costas. A tia Elizabeth diz que doces de maçãs não é próprio para mim. Por que é que as coisas mais bonitas nunca são próprias, pai? Ellen Greene também costumava dizer isso.

O nome da minha professora é Srta. Brownell. Eu não gosto do corte de sua bujarrona (Essa é uma palavra marota que o primo Jimmy usa). Eu sei que as frestas não são soletradas corretamente, mas não há nenhum dicionário na Lua Nova, mas esse é o som da frase). Ela é muito sombria e gosta de fazer você se tornar um idiota. Então ela ri de você de uma maneira desagradável e bufante. Mas eu a perdoei por me esbofetear e levei um buquê para ela na escola no dia seguinte para fazer as pazes. Ela o recebeu muito friamente e o deixou desbotar em sua mesa. Em uma história, ela teria chorado no meu pescoço. Não sei se vale a pena perdoar ou não as pessoas. Sim, é, faz você se sentir mais confortável. Você nunca teve que usar aventais de bebê e tocas de sol porque você era um menino, então não consegue entender o que eu sinto sobre isso. E os aventais são feitos de coisas tão boas que eles nunca se desprenderão e passarão anos até que eu cresça fora deles. Mas tenho um vestido branco para a igreja com uma faixa de seda preta e um chapéu branco com arcos pretos e sapatos pretos para crianças, e me sinto muito elegante neles. Eu gostaria de ter uma franja, mas a tia Elizabeth não quer ouvir falar disso. Rhoda me disse que eu tinha uns olhos lindos. Sempre suspeitei que meus olhos eram lindos, mas não tinha certeza. Agora que sei que eles são, temo sempre estar me perguntando se as pessoas não são assim. Tenho que ir para a cama às oito e meia e não gosto, mas sento-me na cama e olho pela janela até escurecer, então deito com a tia Elizabeth dessa maneira, e ouço o som que o mar faz. Eu gosto agora, embora sempre me faça sentir triste, mas é uma espécie de tristeza agradável. Tenho que dormir com a tia Elizabeth e também não gosto disso porque se eu me mexo um pouco, ela reclama. E ela não me permite deixar a janela aberta. Ela não gosta de ar fresco ou luz dentro de casa. O salão é escuro como um túmulo. Eu entrei um dia e enrolei todas as persianas e a tia Elizabeth ficou horrorizada e me chamou de estranha e me deu o olhar de Murray. Você suporia que eu tivesse cometido um crime. Senti-me tão insultado que cheguei até o sótão e escrevi uma descrição de mim mesma em uma carta e depois me senti melhor. A tia Elizabeth disse que eu nunca mais entraria na sala sem permissão, mas eu não quero entrar. Tenho medo da sala de estar.

Todas as paredes estão de ressaca com fotos de nossos antepassados e não há uma pessoa bonita entre eles, exceto o avô Murray, que parece bonito, mas muito cruzado. A sala de estar está lá em cima e é tão sombria quanto a sala de estar debaixo. A tia Elizabeth só deixa as pessoas convidadas dormir lá. Eu gosto da cozinha durante o dia, e do sótão e da sala de estar e do salão por causa da linda porta vermelha da frente e eu adoro os laticínios, mas não gosto dos outros quartos Lua Nova. Oh, esqueci de mencionar sobre o armário da adega. Adoro ir até lá e olhar as lindas fileiras de geleia e potes de doces. O primo Jimmy diz que é uma tradição de Lua Nova que os potes de geleia nunca devem estar vazios. É uma casa muito espaçosa, e as árvores são lindas. Eu chamei as três lombardas no portão do jardim de Três Princesas e chamei a velha casa de verão Residência de Emily, e a grande macieira junto ao velho portão do pomar de árvore de oração porque ela sustenta seus longos ramos exatamente como o Sr. Dare sustenta seus braços na igreja quando ele reza.

A tia Elizabeth me deu a pequena gaveta de cima à direita para guardar minhas coisas.

Oh, querido pai, eu fiz uma grande descoberta. Gostaria de ter feito quando você estava vivo, pois acho que teria gostado de saber. Eu posso escrever poesia. Talvez eu pudesse tê-la escrito há muito tempo se eu tivesse tentado. Mas depois daquele primeiro dia na escola, senti-me obrigada a tentar e é tão fácil. Na estante da tia Elizabeth, chamada Sessão Thompson, há um pequeno livro de capa preta encaracolada e decidi escrever um poema sobre uma estação e as três primeiras linhas são:

Agora o outono vem maduro com o pêssego e a pera,
A buzina do esportista é ouvida em toda a terra,
E a pobre perdiz que agita cai morta.

Claro que não há pêssegos na Ilha do Príncipe Eduardo e eu também nunca ouvi a buzina de um esportista aqui, mas não é preciso ficar muito perto dos fatos na poesia. Eu preenchi uma carta

com ela e depois corri e a li para a tia Laura. Pensei que ela ficaria muito feliz ao descobrir que tinha uma sobrinha que sabia escrever poesia, mas ela aceitou muito bem e disse que não soava muito como poesia. É um verso em branco que eu chorei. Muito em branco disse a tia Elizabeth sarcasticamente, embora eu não tivesse pedido sua opinião. Mas acho que vou escrever poesia depois disto para que não haja engano sobre isso e pretendo ser uma poetisa quando crescer e me tornar famosa. Espero também que eu seja como um silfo. Uma poetisa deve ser como um silfo. O primo Jimmy também faz poesia. Ele já fez mais de mil peças, mas nunca escreve nenhuma, mas as carrega em sua cabeça. Eu me ofereci para dar-lhe algumas de minhas cartas antigas - pois ele é muito gentil comigo - mas ele disse que era velho demais para aprender novos hábitos. Ainda não ouvi nenhuma de suas poesias porque o espírito não o moveu, mas sou muito esperançosa e lamento que eles não engordem os porcos até a queda. Gosto cada vez mais do primo Jimmy, exceto quando ele faz seus feitiços de olhar e falar. Então ele me assusta, mas eles nunca duram muito. Li uma boa parte dos livros na estante da Lua Nova. Uma história da reforma na França, muito triste. Uma pequena e gorda escrivaninha de livros que descreve os meses na Inglaterra e as quatro Estações de Thompson. Eu gosto de lê-los porque eles têm tantas palavras bonitas, mas não gosto da sensação deles. O papel é tão áspero e grosso que me deixa arrepiado. Viagens na Espanha, muito fascinante, com um belo papel liso e brilhante, um livro missionário nas ilhas do Pacífico, imagens muito interessantes devido à maneira como os chefes pagãos arranjam seus cabelos. Depois de se tornarem cristãos, eles o cortaram, o que eu acho que foi uma pena. Poemas da Sra. Hemans. Gosto apaixonadamente de poesia, também de histórias sobre ilhas desertas. Rob Roy, um romance, mas eu só li um pouco dele quando a tia Elizabeth disse que eu deveria parar porque não devo ler romances. A tia Laura diz para lê-lo às escondidas. Não vejo por que não estaria bem obedecer à tia Laura, mas tenho um sentimento estranho sobre isso e ainda não o li. Um lindo livro de Tigres, cheio de fotos e histórias de tigres que me fazem sentir tão bem e arrepiante. A Estrada Real tem um pouco de diversão nela tão boa para os domingos. Reuben e Grace, uma

história, mas não um romance, porque Reuben e Grace são irmãos e irmãs e não há como se casar. O pequeno Katy e Jolly Jim, o mesmo que acima, mas não tão emocionante e trágico. As Maravilhas Poderosas da Natureza que é boa e está melhorando. Alice no País das Maravilhas, que é perfeitamente adorável, e as Memórias de Anzonetta B. Peters, que foi convertida aos sete anos e morreu aos doze. Quando alguém lhe fez uma pergunta, ela respondeu com um verso de hino. Isso foi depois que ela foi convertida. Antes disso, ela falava inglês. A tia Elizabeth me disse que eu deveria tentar ser como Anzonetta. Acho que posso ser uma Alice sob circunstâncias mais favoráveis, mas tenho certeza de que nunca poderei ser tão boa quanto Anzonetta foi e não acredito que quero ser porque ela nunca se divertiu. Ela adoeceu assim que foi convertida e sofreu agravos durante anos. Além disso, tenho certeza de que, se eu falasse com as pessoas, ela exilaria do ridículo. Eu tentei uma vez. A tia Laura me perguntou no outro dia se eu gostaria mais de listras azuis do que vermelhas nas minhas meias no próximo inverno e eu respondi exatamente como Anzonetta quando me fez uma pergunta semelhante, só que diferente, sobre um saco:

Jesus Teu sangue e tua retidão
Minha beleza é, meu glorioso vestido.

E a tia Laura disse que eu era louca e a tia Elizabeth disse que eu era irreverente. Então eu sei que não funcionaria. Além disso, Anzonetta não conseguia comer nada durante anos tendo úlceras no estômago e eu gosto muito de comer bem.

O velho Sr. Wales, na Derry Pond Road, está morrendo de cansaço. Jennie Strang diz que sua esposa tem sua manhã toda pronta.

Escrevi hoje uma biografia do Saucy Sal e um desenho da estrada em Majestoso John. Vou prendê-los a esta carta para que você possa lê-los também. Boa noite, meu querido pai.

Sua mais obediente humilde serva,

Emily B. Starr.

P. S. Eu acho que a tia Laura me ama. Eu gosto de ser amada, querido pai.

"E. B. S."

CAPÍTULO X

Dores de Crescimento

Houve muita excitação reprimida na escola durante a última semana de junho, sendo a causa disso a festa de aniversário de Rhoda Stuart, que deveria ocorrer no início de julho. A quantidade de calor abrasador foi incrível. Quem deveria ser convidado? Essa era a grande pergunta. Havia alguns que sabiam que não os convidariam e outros que sabiam que os convidariam; mas havia mais que estavam em um suspense verdadeiramente horrível. Todos pagaram a Emily a corte porque ela era a amiga mais querida de Rhoda e poderia ter alguma voz na seleção dos convidados. Jennie Strang chegou mesmo a oferecer a Emily uma linda caixa branca com uma linda foto da Rainha Victoria na capa, para manter seus lápis dentro, se ela lhe fizesse um convite. Emily recusou o suborno e disse grandemente que não poderia interferir em um assunto tão delicado. Emily realmente colocou alguns ares sobre o assunto. Ela estava certa do seu convite. Rhoda havia lhe contado sobre a festa semanas antes e havia conversado com ela sobre tudo isso. Era para ser um caso muito grandioso - um bolo de aniversário coberto com cobertura de glacê rosa e adornado com dez velas rosas altas - creme e laranjas - e convites escritos em papel de papel rosa, dourado, enviados através do pós-ofício - sendo este último um toque adicional de exclusividade. Emily sonhou com aquela festa dia e noite e tinha seu presente pronto para a Rhoda - um laço de cabelo bonito que a tia Laura havia trazido de Shrewsbury.

No primeiro domingo de julho, Emily se viu sentada ao lado de Jennie Strang na catequese para os exercícios de abertura. Geralmente ela e Rhoda sentaram-se juntas, mas agora Rhoda estava sentada três cadeiras à frente com uma estranha garotinha - uma garotinha muito alegre e linda, vestida de seda azul, com um grande chapéu de espinheiro com flores em seu cabelo enrolado,

meias brancas de renda em suas pernas rechonchudas e um estrondo que lhe veio limpo até os olhos. No entanto, nem todas as suas penas finas conseguiam fazer dela um pássaro muito bonito; ela não era nada bonita e sua expressão era cruzada e desdenhosa.

"Quem é a menina sentada com Rhoda?" sussurrou Emily.

"Oh, ela é Muriel Porter", respondeu Jennie. "Ela é da capital, você sabe. Ela saiu para passar suas férias com sua tia, Jane Beatty. Eu a odeio. Se eu fosse ela, nunca sonharia em usar azul com uma pele tão escura quanto a dela. Mas os carregadores são ricos e Muriel acha que ela é uma maravilha. Dizem que Rhoda e ela têm sido muito grossas desde que ela saiu - Rhoda está sempre perseguindo qualquer um que ela pensa que está no mundo."

Emily se endureceu. Ela não ia ouvir comentários depreciativos sobre seus amigos. Jennie sentiu o enrijecimento e mudou sua nota.

"De qualquer forma, estou feliz por não ter sido convidada para a antiga festa de Rhoda. Eu não gostaria de ir quando Muriel Porter estivesse lá, colocando seus ares."

"Como você sabe que não foi convidada?" perguntou Emily.

"Porque, os convites saíram ontem. Você não recebeu os seus?"

"Não, não, não."

"Você recebeu seu correio?"

"Sim... o primo Jimmy recebeu."

"Bem, talvez a Sra. Beecher se tenha esquecido de lhe dar. Provavelmente você o receberá amanhã."

Emily concordou que era provável. Mas uma sensação de consternação fria invadiu seu ser, que não foi removida pelo fato de que depois da escola de domingo Rhoda se pavoneara com Muriel Porter sem dar uma olhada em mais ninguém. Na segunda-feira, a

própria Emily foi aos correios, mas não havia nenhum envelope rosa para ela. Ela chorou para dormir naquela noite, mas não perdeu totalmente a esperança até terça-feira. Então ela enfrentou a terrível verdade - que ela, Emily Byrd Starr, de Lua Nova - não tinha sido convidada para a festa de Rhoda. A coisa foi incrível. Deve ter havido um engano em algum lugar. Teria o primo Jimmy perdido o convite na estrada para casa? Será que a irmã adulta de Rhoda, que escreveu os convites, ignorou o nome dela? As dúvidas infelizes de Emily foram para sempre resolvidas com uma certeza amarga por Jennie, que se juntou a ela quando ela deixou o correio. Havia uma luz maliciosa nos olhos de Jennie. Jennie já gostava muito de Emily, apesar de sua passagem de armas no dia do primeiro encontro, mas ela gostava de ver seu orgulho humilhado por tudo isso.

"Então, afinal, você não está convidado para a festa de Rhoda."

"Não", admitiu Emily.

Foi um momento muito amargo para ela. O orgulho de Murray foi dolorosamente torcido - e, sob o orgulho de Murray, algo mais havia sido gravemente ferido, mas ainda não estava completamente morto.

"Bem, eu chamo isso de sujeira grossa", disse Jennie, muito honestamente simpática apesar de sua satisfação secreta. "Depois de todo o alarido que ela fez por você, também! Mas isso é Rhoda Stuart por toda parte. Enganosa é nome para ela."

"Eu não acho que ela seja enganosa", disse Emily, leal à última vala. "Acredito que há algum engano sobre eu não ter sido convidada."

Jennie olhou fixamente.

"Então você não sabe a razão? Ora, Beth Beatty me contou a história toda. Muriel Porter odeia você e acabou de dizer a Rhoda que não iria à festa dela se você fosse convidada. E Rhoda estava

tão louca por ter uma garota da cidade lá que prometeu que não te convidaria."

"Muriel Porter não me conhece", gaseou Emily. "Como ela pode me odiar?"

Jennie sorriu impecavelmente.

"Eu posso lhe dizer. Ela está com ciúmes pois Fred Stuart a provocou elogiando você para ela - disse-lhe que você era a garota mais doce de Blair Water e que ele queria ter você para sua garota quando você fosse um pouco mais velha. E Muriel ficou tão furiosa e ciumenta que fez Rhoda te deixar de fora. Eu não me importaria se eu fosse você. Um Murray de Lua Nova está longe, acima desse lixo. Quanto a Rhoda não ser enganosa, posso lhe dizer que ela o é. Porque, ela lhe disse que não sabia que aquela cobra estava na caixa, quando ela pensou em fazer isso em primeiro lugar?"

Emily estava demasiado esmagada para responder. Ela ficou feliz que Jennie teve que ir para casa e deixá-la em paz. Ela correu para casa, com medo de não poder reter as lágrimas até chegar lá. A decepção com a festa - a humilhação por causa do insulto - tudo foi engolido pela angústia de uma fé traída e de uma confiança ultrajada. Seu amor por Rhoda estava bem morto agora e Emily esperneou até o fundo de sua alma com a dor do golpe que a havia matado. Foi a tragédia de uma criança - e ainda mais amarga por isso, pois não havia ninguém para entender. A tia Elizabeth lhe disse que as festas de aniversário eram um disparate e que os Stuarts não eram uma família à qual os Murrays tivessem se associado. E até mesmo a tia Laura, apesar de ter acariciado e confortado, não percebeu o quão profundo e doloroso tinha sido o sofrimento - tão profundo e doloroso que Emily não podia sequer escrever sobre isso para seu pai, e não tinha saída para a violência da emoção que a atormentava.

No domingo seguinte, Rhoda estava sozinha na escola dominical, Muriel Porter foi subitamente chamada de volta à cidade pela doença de seu pai; e Rhoda olhou docemente para Emily. Mas

Emily passou por ela com a cabeça erguida muito alta e desprezando todos os lineamentos. Ela nunca mais teria nada a ver com Rhoda Stuart - ela não podia. Ela desprezava Rhoda mais do que nunca por tentar voltar a amizade com ela, agora que a garota da cidade pela qual ela a havia sacrificado havia partido. Não foi por Rhoda que ela lamentou, foi pela amizade que lhe havia sido tão querida. Rhoda havia sido querida e doce pelo menos na superfície, e Emily havia encontrado intensa felicidade em seu companheirismo. Agora ela tinha ido embora e nunca mais poderia amar ou confiar em ninguém novamente. Aí estava a picada.

Envenenou tudo. Emily era de uma natureza que, mesmo quando criança, não se recuperava prontamente de tal golpe ou o esquecia. Ela se esfregou sobre a Lua Nova, perdeu o apetite e ficou magra. Ela detestava ir à escola dominical porque pensava que as outras meninas se exultavam em sua humilhação e em seu afastamento de Rhoda. Talvez houvesse um leve sentimento do tipo que havia, mas Emily exagerou morbidamente. Se duas garotas sussurravam ou riam juntas, ela pensava que estava sendo discutida e ria. Se uma delas caminhava para casa com ela, ela achava que era por pena condescendente porque ela era sem amigos. Durante um mês, Emily foi a pequena mais infeliz em Blair Water.

"Acho que devo ter sido colocada sob uma maldição ao nascer", ela refletiu desconsoladamente.

A tia Elizabeth teve uma ideia mais prosaica para explicar o rancor e a falta de apetite de Emily. Ela havia chegado à conclusão de que as pesadas massas de cabelo de Emily "tiraram de sua força" e que ela seria muito mais forte e melhor se fosse cortada. Com a tia Elizabeth para decidir era para agir. Uma manhã, ela informou friamente a Emily que seu cabelo deveria ser "cortado".

Emily não podia acreditar em seus ouvidos.

"Você não quer dizer que vai cortar o meu cabelo, tia Elizabeth", exclamou ela.

"Sim, quero dizer exatamente isso", disse a tia Elizabeth firmemente. "Você tem cabelos demais, especialmente para o tempo quente. Tenho certeza de que é por isso que você tem sido tão miserável ultimamente. Agora, eu não quero te ver chorar."

Mas Emily não conseguiu reter as lágrimas.

"Não corte tudo", ela suplicou. "Apenas corte as pontas. Muitas das meninas têm o cabelo cortado acima dos ombros. Isso tiraria a metade do meu cabelo e o resto não precisaria de muita força."

"Não haverá franja aqui", disse a tia Elizabeth. "Eu já lhe disse tantas vezes. Vou cerrar seu cabelo em toda a sua cabeça para o tempo quente. Um dia, você me agradecerá por isso."

Emily sentiu tudo menos agradecida.

"É a minha única beleza", ela soluçou, "o cabelo e minhas pestanas. Suponho que você também queira cortar minhas pestanas."

A tia Elizabeth desconfiou daquelas pestanas longas e curvadas de Emily, que eram uma herança da madrasta feminina; mas ela não tinha nenhum projeto contra elas. Os cabelos devem ir, no entanto, e ela pediu a Emily que esperasse ali, sem alarde, até receber a tesoura.

Emily esperou... desesperadamente. Ela deve perder seu lindo cabelo - o cabelo de que seu pai se orgulhava tanto. Ele poderia crescer novamente no tempo - se a tia Elizabeth deixasse - mas isso levaria anos, e enquanto isso, que susto ela seria! A tia Laura e o primo Jimmy estavam fora; ela não tinha ninguém para apoiá-la; esta coisa horrível deve acontecer.

A tia Elizabeth voltou com a tesoura; eles clicaram sugestivamente enquanto ela os abria; aquele clique, como que por magia, parecia afrouxar algo - um estranho poder formidável na alma de Emily. Ela se virou deliberadamente e enfrentou sua tia. Ela

sentiu suas sobrancelhas se unindo de uma forma inabitual - ela sentiu uma revolta como se viesse de profundidades desconhecidas de uma irresistível onda de energia.

"Tia Elizabeth", disse ela, olhando diretamente para a senhora com a tesoura, "meu cabelo não vai ser cortado. Não me deixe mais ouvir isso."

Uma coisa incrível aconteceu com a tia Elizabeth. Ela ficou pálida - ela baixou a tesoura - ela pareceu horrorizada por um momento com a criança transformada ou possuída diante dela - e então, pela primeira vez em sua vida, Elizabeth Murray virou de costas e fugiu - literalmente fugiu - para a cozinha.

"Qual é o problema, Elizabeth?" gritou Laura, vindo da casa de cozinha.

"Eu vi... o pai... olhando de seu rosto", gritou Elizabeth, tremendo. "E ela disse: 'Não me deixe ouvir mais isso' - como ele sempre dizia - suas próprias palavras."

Emily a ouviu e correu para o espelho do aparador. Ela tinha tido, enquanto falava, uma estranha sensação de usar o rosto de outra pessoa em vez do seu próprio rosto. Estava desaparecendo agora - mas Emily teve um vislumbre quando saiu - o olhar de Murray, ela supunha. Não é de se admirar que tivesse assustado a tia Elizabeth - ela mesma se assustou - ela estava feliz por ter desaparecido. Ela tremeu - ela fugiu para seu refúgio e chorou; mas de alguma forma, ela sabia que seu cabelo não seria cortado.

E foi assim; a tia Elizabeth nunca mais se referiu ao assunto. Mas vários dias se passaram até que ela se intrometeu muito com Emily.

Foi um fato bastante curioso que a partir daquele dia Emily deixou de lamentar sua amiga perdida. O assunto tinha se tornado de repente de pouca importância. Foi como se tivesse acontecido há tanto tempo que nada, a não ser a mera memória sem emoção,

permaneceu. Emily rapidamente recuperou o apetite e a animação, retomou suas cartas para seu pai e descobriu que a vida tinha um sabor bom novamente, manchada apenas por uma misteriosa presciência que a tia Elizabeth tinha por ela em relação à sua derrota na questão do cabelo e que, mais cedo ou mais tarde, haveria uma revanche.

A tia Elizabeth "se vingou" dentro de uma semana. Emily iria buscar uma encomenda na loja. Era um dia quente e ela tinha sido autorizada a ficar descalça em casa; mas agora ela tinha que calçar botas e meias para sair. Emily se rebelou - estava muito quente - estava muito empoeirada - ela não conseguia andar tantos quilômetros em botas com botões. A tia Elizabeth era inexorável. Nenhum Murray deve ser visto descalço longe de casa - e eles foram. Mas assim que Emily estava do lado de fora do portão da Lua Nova, ela deliberadamente se sentou, as tirou, as arrumou em um buraco no dique e caminhou descalças.

Ela buscou a encomenda e voltou com a consciência tranquila. Como o mundo era belo - como era suavemente azul o grande, redondo Blair Water - como era glorioso aquele milagre das borboletas no campo molhado abaixo do arbusto do Majestoso John! Ao vê-lo, Emily ficou parada e compôs um verso de poesia.

Ranúnculo, flor do corante amarelo,
Eu vejo seu rosto alegre
Saudação e aceno em todos os lugares
Descuido com o tempo e o lugar.

No campo pantanoso ou na via pública
Ou o jardim de cultivo pálido
Você esporta suas pétalas de cetim-suave,
E dentro do vale.

Até agora, tudo bem. Mas Emily queria outro verso para arredondar o poema corretamente e o estado divino parecia ter

desaparecido. Ela caminhou sonhando para casa e, quando chegou à Lua Nova, ela já tinha conseguido seu verso e o estava recitando para si mesma com uma agradável sensação de conclusão.

Você lança sua beleza ao redor
Onde você pode estar,
E você deve sempre, botão,
Seja uma flor que me seja querida.

Emily se sentiu muito orgulhosa. Este foi seu terceiro poema e, sem dúvida, seu melhor. Ninguém podia dizer que era muito vazio. Ela deve se apressar até o sótão e escrevê-lo em uma carta. Mas a tia Elizabeth a estava confrontando nos degraus.

"Emily, onde estão suas botas e meias?"

Emily voltou das nuvens com uma sacudida desagradável. Ela havia esquecido tudo sobre botas e meias.

"No buraco junto ao portão", ela disse sem rodeios.

"Você foi até a loja descalça?"

"Sim."

"Depois de lhe ter dito para não ir?"

Esta pareceu a Emily uma pergunta supérflua e ela não respondeu. Mas tinha chegado a vez da tia Elizabeth.

CAPÍTULO XI

Ilse

Emily foi trancada no quarto de hóspedes e lhe foi dito que ela deveria ficar lá até a hora de dormir. Ela tinha implorado contra tal punição em vão. Tinha tentado dar um olhar ao Murray, mas parecia que - no caso dela, de qualquer forma - não tinha vindo à vontade.

"Oh, não me deixe ali sozinha, tia Elizabeth", implorou ela. "Eu sei que fui mal-educada, mas não me ponha no quarto de hóspedes."

A tia Elizabeth era inexorável. Ela sabia que era uma coisa cruel fechar uma criança muito sensível como Emily naquela sala sombria. Mas ela pensava que estava cumprindo seu dever. Ela não percebeu e nem por um momento teria acreditado que estava realmente causando seu próprio ressentimento sufocado com Emily por sua derrota e susto no dia do corte de cabelo ameaçado. A tia Elizabeth acreditava ter sido carimbada naquela ocasião por uma semelhança casual de família que saía sob estresse, e ela se envergonhava disso. O orgulho de Murray tinha sido esperto sob essa humilhação, e os espertos só deixaram de incomodá-la quando ela virou a chave do quarto de hóspedes para o culpado de cara branca.

Emily, parecendo muito pequena, perdida e solitária, seus olhos cheios de tanto medo quanto não deveria ter lugar nos olhos de uma criança, encolheu-se de perto contra a porta do quarto de hóspedes. Foi melhor assim. Ela não podia imaginar as coisas por trás dela naquela época. E o quarto era tão grande e escuro que um número horrível de coisas podia ser imaginado nele. Sua dignidade e sua opacidade enchiam-na de um terror contra o qual ela não podia lutar. Desde que ela se lembrava que tinha tido um horror de estar fechada sozinha na semiescuridão. Ela não tinha medo do

crepúsculo fora das portas, mas esta escuridão sombria e murada fez do quarto de hóspedes um lugar de pavor.

A janela foi pendurada com material pesado, verde-escuro, reforçado por estores de ripas desenhadas. A cama grande, saltando da parede para o meio do piso, era alta e rígida e cortada também com cortinas escuras. Qualquer coisa poderia saltar para fora de tal cama. E se alguma grande mão negra de repente se esticasse para fora dela, atravessando o chão, e a arrancasse? As paredes, como as da sala de estar, estavam adornadas com fotos de parentes falecidos. Havia uma conexão tão grande de Murrays mortos. Os vidros de suas molduras emitiam reflexos estranhos dos fios espectrais de luz lutando através das cortinas de ripas. O pior de tudo, do outro lado da sala dela, no alto do armário preto, estava uma enorme coruja branca, empalhada no Ártico, olhando para ela com olhos estranhos. Emily gritou em voz alta quando a viu, e depois se acobardou em seu canto horrorizada com o som que tinha feito na grande sala, silenciosa e ecoante. Ela desejava que algo saltasse da cama e lhe pusesse um fim.

"Imagino como seria a tia Elizabeth se eu fosse encontrada aqui morta", pensou ela, vingativamente.

Apesar de seu susto, ela começou a dramatizá-lo e sentiu o remorso da tia Elizabeth tão intensamente que decidiu apenas ficar inconsciente e voltar à vida quando todos estavam suficientemente assustados e penitentes. Mas pessoas haviam morrido nesta sala, dezenas delas. Segundo o primo Jimmy, era uma tradição da Lua Nova que quando qualquer membro da família estava perto da morte, ele ou ela era prontamente removido para o quarto de descanso, para morrer em meio a um ambiente de grandeza apropriada. Emily podia vê-los morrendo, naquela cama terrível. Ela sentiu que iria gritar novamente, mas lutou contra o impulso. Uma Starr não deve ser uma covarde. Oh, aquela coruja! Suponha que, quando ela olhasse para longe e depois olhasse para trás, descobrisse que ela havia saltado silenciosamente do guarda-roupa e estava se aproximando dela. Emily não ousou olhar para ela por

medo de que fosse exatamente o que havia acontecido. As cortinas da cama não se mexeram e vacilaram! Ela sentiu na testa uma gota de suor frio.

Então algo aconteceu. Um feixe de luz do sol atingiu uma pequena pausa em uma das ripas da persiana e caiu diretamente a imagem do avô Murray pendurada sobre a lareira. Era uma "ampliação" copiada de um antigo daguerreótipo na sala de estar abaixo. Naquele brilho de luz, o rosto dele parecia saltar verticalmente para fora da escuridão de Emily, com seu franzido estranhamente exagerado. A coragem de Emily cedeu completamente. Em um espasmo ingovernável de pânico, ela correu loucamente através da sala até a janela, abriu as cortinas de lado, e pegou a ripa às cegas. Um abençoado dilúvio de sol irrompeu. Lá fora estava um mundo saudável, amigável e humano. E, de todas as maravilhas, ali, encostada ao parapeito da janela, estava uma escada! Por um momento, Emily quase acreditou que um milagre havia sido feito para sua fuga.

O primo Jimmy havia tropeçado naquela manhã sobre a escada, deitado perdido entre os bardos sob o bálsamo de leite atrás da leiteria. Estava muito podre e ele decidiu que era hora de se desfazer dela. Ele a tinha encostado contra a casa para que ele tivesse certeza de vê-la ao voltar do campo de feno.

Em menos tempo do que o necessário para escrevê-lo, Emily levantou a janela, subiu no parapeito e desceu a escada. Ela estava muito empenhada em fugir daquele quarto horrível para estar consciente do tremor dos degraus podres. Quando ela chegou ao chão, aparafusou através do bálsamo de agilidade e por cima da cerca no arbusto do Majestoso John, nem parou de correr até chegar ao caminho junto ao riacho.

Então ela fez uma pausa para respirar, exultante. Ela estava cheia de uma alegria temerosa com uma delícia de duende correndo através dele. Doce era o vento de liberdade que soprava sobre as samambaias. Ela havia escapado do quarto de hóspedes e de seus fantasmas - ela havia levado a melhor sobre a velha tia Elizabeth.

"Sinto-me como se fosse um passarinho que tinha acabado de sair de uma gaiola", disse a si mesma; e então ela dançou com alegria ao longo de seu caminho de fada até o final, onde encontrou Ilse Burnley amontoada no topo de um painel de cerca, sua cabeça pálida e dourada fazendo uma mancha de brilhantismo contra os jovens abetos escuros que se amontoavam ao seu redor. Emily não a via desde aquele primeiro dia de aula e novamente ela pensava que nunca havia visto ou fingido ninguém como Ilse.

"Bem, Emily da Lua Nova", disse Ilse, "para onde você está correndo?"

"Estou fugindo", disse Emily, francamente. "Eu fui má - pelo menos, fui um pouco má - e a tia Elizabeth me trancou no quarto de hóspedes. Eu não tinha sido ruim o suficiente para isso - não era justo - então saí pela janela e desci a escada."

"Sua malandrinha! Eu não pensei que você fosse ser mal criada o suficiente para isso", disse Ilse.

Emily gaseou. Parecia muito horrível ser chamada de malandrinha. Mas Ilse tinha dito isso de forma bastante admirável.

"Eu não acho que tenha sido malandra", disse Emily, demasiado honesta para aceitar um elogio que ela não merecia. "Eu estava muito assustada para ficar naquela sala."

"Bem, para onde você vai agora?" perguntou Ilse. "Você terá que ir para algum lugar, não pode ficar ao ar livre. Vem aí uma tempestade de trovoada."

Assim foi. Emily não gostou das trovoadas. E sua consciência a feriu.

"Oh", disse ela, "você acha que Deus está levantando essa tempestade para me castigar porque eu fugi?"

"Não", disse Ilse desdenhosamente. "Se existe algum Deus, Ele não faria tanto alarido por nada."

"Oh, Ilse, você não acredita que existe um Deus?"

"Eu não sei. O pai diz que não há. Mas, nesse caso, como é que as coisas aconteceram? Alguns dias eu acredito que existe um Deus e alguns dias eu não acredito. É melhor você voltar para casa comigo. Não há ninguém lá. Eu me sentia tão só que vim para o mato."

Ilse saltou e estendeu sua mão queimada pelo sol para Emily. Emily pegou-a e elas correram juntos pelo pasto do Majestoso John até a velha casa Burnley, que parecia um gato cinza enorme, que ainda não havia sido engolido pelos ameaçadores cabeças de trovão. Lá dentro, estava cheio de móveis que devem ter sido esplêndidos uma vez; mas a desordem era terrível e a poeira estava espessa sobre tudo. Nada estava aparentemente no lugar certo, e a tia Laura certamente teria desmaiado de horror se ela tivesse visto a cozinha. Mas era um bom lugar para brincar. Não era preciso ter cuidado para não estragar as coisas. Ilse e Emily tiveram um glorioso jogo de esconde-esconde por toda a casa até o trovão ficar tão pesado e o relâmpago tão brilhante que Emily sentiu que devia se aconchegar no sofá e nutrir sua coragem.

"Você nunca tem medo de trovões?", perguntou ela a Ilse.

"Não, eu não tenho medo de nada, exceto do diabo", disse Ilse.

"Eu pensei que você também não acreditava no diabo... Rhoda disse que você não acreditava."

"Oh, há um diabo, diz o pai. É apenas em Deus que ele não acredita. E se existe um demônio e nenhum Deus para mantê-lo em ordem, é de se admirar que eu tenha medo dele? Olhe aqui, Emily Byrd Starr, eu gosto de você... montes. Eu sempre gostei de você. Eu sabia que você logo ficaria boa e farta daquela pequena mentirosa de uma Rhoda Stuart. Eu nunca conto mentiras. O pai me

disse uma vez que me mataria se alguma vez me pegasse contando uma mentira. Eu o quero como minha amiga. Eu iria à escola regularmente se eu pudesse sentar-me com você."

"Muito bem", disse Emily de improviso. Chega de votos sentimentais de eterna devoção Rhodiana para ela. Essa fase tinha acabado.

"E você me dirá coisas... ninguém nunca me diz coisas. E deixe-me dizer-lhe coisas - eu não tenho ninguém a quem dizer coisas", disse Ilse. "E você não terá vergonha de mim porque minhas roupas são sempre estranhas e porque eu não acredito em Deus..."

"Não. Mas se você conhecesse o Deus do Pai, você acreditaria Nele."

"Eu não acreditaria. Além disso, só existe um Deus, se é que existe algum."

"Eu não sei", disse Emily perplexamente. "Não, não pode ser assim. O Deus de Ellen Greene não é nem um pouco como o do Pai, nem o da tia Elizabeth. Eu não acho que gostaria do da tia Elizabeth, mas Ele é um Deus digno pelo menos, e o de Ellen não é. E tenho certeza de que o da tia Laura é outro ainda... gentil, mas não é maravilhoso como o do pai."

"Bem, não importa - eu não gosto de falar de Deus", disse Ilse desconfortavelmente.

"Eu gosto", disse Emily. "Eu acho que Deus é um assunto muito interessante, e vou rezar por você, Ilse, para que você possa acreditar no Deus do Pai."

"Não seja covarde!" gritou Ilse, que por alguma misteriosa razão não gostou da ideia. "Não vou ser rezada por ninguém!"

"Você nunca reza por si mesma, Ilse?"

"Oh, de vez em quando - quando me sinto só à noite - ou quando estou em um aperto. Mas eu não quero que ninguém mais reze por mim. Se eu te pegar fazendo isso, Emily Starr, vou arrancar seus olhos. E também não vá se esgueirar e rezar por mim nas minhas costas."

"Tudo bem, eu não vou", disse Emily com firmeza, mortificada com o fracasso de sua oferta bem intencionada. "Vou rezar por cada alma que conheço, mas vou deixá-la de fora."

Por um momento, Ilse pareceu não gostar disto também. Então ela riu e deu um abraço vulcânico a Emily.

"Bem, de qualquer forma, por favor, goste de mim. Ninguém gosta de mim, você sabe."

"Seu pai deve gostar de você, Ilse."

"Ele não gosta", disse Ilse positivamente. "O pai não quer saber de mim. Acho que há momentos em que ele odeia me ver. Eu gostaria que ele gostasse de mim porque ele pode ser muito simpático quando gosta de qualquer um. Você sabe o que eu vou ser quando crescer? Eu vou ser uma recitadora em concertos."

"O que é isso?"

"Uma mulher que recita em concertos. Eu posso fazer isso bem. O que você vai ser?"

"Uma poetisa."

"Caramba!" disse Ilse, aparentemente superada. "Eu não acredito que você possa escrever poesia", acrescentou ela.

"Eu posso sim, é verdade", gritou Emily. "Escrevi três peças - 'Outono' e 'Linhas para Rhoda' - só queimei isso - e 'Um endereço para uma copa de manteiga'. Eu o compus hoje e é a minha obra-prima."

"Vamos ouvi-lo", ordenou Ilse.

Nada detestável, Emily repetiu orgulhosamente suas falas. De alguma forma, ela não se importou em deixar Ilse ouvi-las.

"Emily Byrd Starr, você não fez isso com a sua própria cabeça?"

"Eu fiz."

"Cruzou seus dedos?"

"Cruzei meus dedos."

"Bem... Acho que você é uma poetisa, sim senhora."

Foi um momento de muito orgulho para Emily - um dos grandes momentos da vida, na verdade. O mundo dela havia concedido a sua posição. Mas agora outras coisas tinham que ser pensadas. A tempestade havia terminado e o sol havia se posto. Era crepúsculo... logo escureceria. Ela tinha que voltar para casa e voltar para o quarto de hóspedes antes que sua ausência fosse descoberta. Foi terrível pensar em voltar, mas ela deve fazê-lo para que uma coisa pior não lhe aconteça nas mãos da tia Elizabeth. Há pouco, sob a inspiração da personalidade de Ilse, ela estava cheia de coragem holandesa. Além disso, logo seria sua hora de dormir e ela seria solta. Ela trotou para casa através do arbusto do Majestoso John, que estava cheio de luzes errantes e misteriosas dos pirilampos, esquivou-se cautelosamente através do bálsamo de agilidade - e parou curto em consternação. A escada tinha desaparecido!

Emily deu a volta para a porta da cozinha, sentindo que estava indo direto para a sua desgraça. Mas, por uma vez, o caminho do transgressor foi facilitado pecaminosamente. A tia Laura estava sozinha na cozinha.

"Emily querida, de onde você veio?" exclamou ela. "Eu estava subindo para deixá-la sair. Elizabeth disse que eu poderia... ela foi a

uma reunião de oração."

A tia Laura não disse que ela tinha se inclinado várias vezes para a porta do quarto de hóspedes e tinha sido atormentada com ansiedade por causa do silêncio por trás dela. A criança estava inconsciente do susto? Nem mesmo enquanto a tempestade estava ocorrendo, Elizabeth não permitia que a porta se abrisse incessantemente. E aqui estava a senhorita Emily caminhando despreocupadamente para fora do crepúsculo depois de toda esta agonia. Por um momento, até mesmo a tia Laura ficou irritada. Mas quando ela ouviu a história de Emily, seu único sentimento foi de gratidão por a filha de Julieta não ter quebrado seu pescoço naquela escada podre.

Emily sentiu que tinha conseguido sair melhor do que merecia. Ela sabia que a tia Laura guardaria o segredo; e a tia Laura a deixou dar ao Saucy Sal um copo inteiro cheio de leite, e lhe deu uma grande guloseima de ameixa e a colocou na cama com beijos.

"Você não deveria ser tão boa comigo porque eu fui má hoje", disse Emily, entre bocas deliciosas. "Suponho que desgracei os Murrays descalços."

"Se eu fosse você, esconderia minhas botas toda vez que saísse do portão", disse a tia Laura. "Mas eu não me esqueceria de calçá-las antes de voltar. O que Elizabeth não sabe, nunca a machucará."

Emily refletiu sobre isso até que ela tivesse terminado o seu lanche. Então ela disse:

"Isso seria bom, mas não pretendo mais fazer isso. Acho que devo obedecer à tia Elizabeth porque ela é a chefe da família."

"Onde você consegue tais noções", disse a tia Laura.

"Da minha cabeça. Mas tia Laura, Ilse Burnley e eu vamos ser amigas. Eu gosto dela. Sempre senti que gostaria dela se tivesse a

oportunidade. Não acredito que possa voltar a amar qualquer garota, mas eu gosto dela."

"Pobre Ilse!" disse a tia Laura, suspirando.

"Sim, o pai dela não gosta dela. Não é horrível?" disse Emily. "Por que ele não gosta?"

"Ele faz... realmente. Ele só pensa que não gosta."

"Mas por que ele pensa isso?"

"Você é muito jovem para entender, Emily."

Emily detestava que lhe dissessem que era muito jovem para entender. Ela sentia que poderia entender perfeitamente se apenas as pessoas se dessem ao trabalho de explicar-lhe as coisas e não ser tão misteriosa.

"Eu gostaria de poder rezar por ela. Não seria justo, porém, quando eu sei o que ela sente sobre isso. Mas eu sempre pedi a Deus que abençoasse todos os meus amigos para que ela estivesse nisso e talvez algum bem venha disso.

CAPÍTULO XII

Tansy Patch

Emily e Ilse tiveram uma esplêndida quinzena de diversão antes de sua primeira briga. Foi realmente uma luta terrível, decorrente de uma simples discussão sobre se teriam ou não uma sala de jogos na casa de jogos que estavam construindo no arbusto do Majestoso John. Emily queria uma sala de ordenha e Ilse não. Ilse perdeu a calma imediatamente, e entrou em uma verdadeira birra de Burnley. Ela era muito fluente em sua fúria e a salva de "palavras de dicionário" abusivas que ela atirou em Emily teria escalonado a maioria das garotas de Blair Water. Mas Emily estava muito em casa com palavras para ser derrubada tão facilmente; ela também ficava furiosa, mas na maneira fria, digna, Murray, que era mais exasperante do que a violência. Quando Ilse teve que parar para respirar em suas diatribes, Emily, sentada em uma grande pedra com os joelhos cruzados, seus olhos negros e suas bochechas carmesim, interrompeu pequenas réplicas sarcásticas que enfureceram ainda mais Ilse. Ilse também era carmesim, e seus olhos eram poças de fogo cintilante e ardente. Ambas eram tão bonitas em sua fúria que era quase uma pena que não pudessem estar sempre com raiva.

"Você não precisa supor, seu pequeno chitão que vai me mandar, só porque você vive na Lua Nova", gritou Ilse, como um ultimato, estampando seu pé.

"Eu não vou mandar em você - eu não vou me associar com você nunca mais", retorquiu Emily, desdenhosamente.

"Estou feliz em me livrar de você - orgulhosa, convencida, vaidosa, bípede de alto nível", gritou Ilse. "Nunca mais fale comigo. E não fale de Blair Water dizendo coisas sobre mim também."

Isto foi insuportável para uma garota que nunca "disse coisas" sobre seus amigos ou amigos de outrora.

"Eu não vou dizer coisas sobre você", disse Emily deliberadamente. "Vou apenas pensar nelas."

Isto foi muito mais agravante do que o discurso e Emily sabia disso. Ilse ficou bastante frenética com isso. Quem sabia o que Emily poderia estar pensando sobre ela a qualquer momento que ela levasse a ideia? Ilse já havia descoberto a imaginação fértil que Emily tinha.

"Você acha que me importa o que você pensa, sua insignificante serpente? Ora, você não tem nenhum sentido."

"Tenho algo então que é muito melhor", disse Emily, com um sorriso superior enlouquecedor. "Algo que você nunca poderá ter, Ilse Burnley."

Ilse dobrou os punhos como se ela quisesse demolir Emily pela força física.

"Se eu não pudesse escrever melhor poesia do que você, eu me enforcaria", ela zombou.

"Eu lhe empresto um centavo para comprar uma corda", disse Emily.

Ilse olhou para ela, derrotada.

"Você pode ir para o diabo", disse ela.

Emily se levantou e foi, não para o diabo, mas de volta à Lua Nova. Ilse aliviou seus sentimentos ao derrubar as tábuas de seu armário de porcelana, e chutando seus "jardins de musgo" em pedaços, e partiu também.

Emily se sentiu extremamente mal. Aqui estava outra amizade destruída - uma amizade, também, que tinha sido muito prazerosa e

gratificante. Ilse havia sido uma excelente companheira - não havia dúvidas sobre isso. Depois que Emily esfriou, ela foi para a janela do dormitório e chorou.

"Miserável, miserável!" ela soluçou, dramaticamente, mas com muita sinceridade.

No entanto, a amargura de sua pausa com Rhoda não estava presente. Esta briga foi justa e aberta e acima da mesa. Ela não tinha sido apunhalada pelas costas. Mas é claro que ela e Ilse nunca mais seriam amigas. Você não poderia ser amiga de uma pessoa que lhe chamava de chitão e bípede, e de uma serpente, e lhe dizia para ir até o diabo. A coisa era impossível. E além disso, Ilse nunca poderia perdoá-la - pois Emily era honesta o suficiente para admitir a si mesma que ela também tinha sido muito irritante.

No entanto, quando Emily foi ao local da brincadeira na manhã seguinte, inclinada a recuperar sua parte de pratos e tábuas quebradas, lá estava Ilse, pulando, trabalhando duro, com todas as prateleiras de volta no lugar, o jardim de musgo refeito, e uma bela sala de estar disposta e conectada com a sala de estar por um arco de abeto.

"Olá, você. Aqui está sua sala de estar e espero que você fique satisfeito agora", disse ela alegremente. "Por que você demorou tanto tempo? Eu pensei que você nunca viria."

Isto, ao contrário, colocou Emily depois de sua trágica noite, na qual ela havia enterrado sua segunda amizade e chorado sobre sua sepultura. Ela não estava preparada para uma ressurreição tão rápida. No que diz respeito a Ilse, parecia que nunca havia ocorrido nenhuma briga.

"Por quê, isso foi ontem", disse ela, espantada, quando Emily, bastante distante, se referiu a ela. Ontem e hoje foram duas coisas completamente diferentes na filosofia de Ilse. Emily aceitou-o - ela descobriu que tinha que fazê-lo. Ilse, ao que parece, não podia mais ajudar voando em birras de vez em quando do que ajudar a ser

alegre e afetuosa entre eles. O que surpreendeu a Emily, em quem as coisas estavam destinadas a ficar no mesmo nível por um tempo, foi a forma como Ilse apareceu para esquecer uma briga no momento em que ela terminou. Ser chamada de serpente e crocodilo em um minuto e abraçada e querida no outro foi um pouco desconcertante até que o tempo e a experiência a tiraram do limite.

"Não sou simpática o suficiente entre as vezes para compensar isso?" exigiu Ilse. "Dot Payne nunca voa para o temperamento, mas você gostaria que ela fosse um amigo?"

"Não, ela é muito estúpida", admitiu Emily.

"E Rhoda Stuart nunca está fora de si, mas você tem o suficiente dela. Você acha que eu alguma vez a trataria como ela a tratou?"

Não, Emily não tinha dúvidas sobre este ponto. O que quer que Ilse fosse ou não era, ela era leal e verdadeira.

E certamente Rhoda Stuart e Dot Payne comparadas a Ilse eram "como a luz da lua à luz do sol e como a água ao vinho" - ou teria sido se Emily ainda tivesse conhecido algo mais de seu Tennyson do que a Canção do Bugle Song.

"Você não pode ter tudo", disse Ilse. "Eu tenho o temperamento do pai e isso é tudo o que há para ter. Espere até vê-lo em uma de suas fúrias."

Emily não tinha visto isto até agora. Ela tinha estado frequentemente na casa dos Burnley, mas nas poucas ocasiões em que o Dr. Burnley tinha estado em casa, ele a tinha ignorado, exceto por um aceno de cortesia. Ele era um homem ocupado, pois, quaisquer que fossem suas falhas, sua habilidade era inquestionável e os limites de sua prática se estendiam longe. Pela cama doentia, ele era tão gentil e simpático quanto brusco e sarcástico longe dela. Enquanto você estivesse doente, não havia nada que o Dr. Burnley não pudesse fazer por você; uma vez que você estivesse bem, ele aparentemente não teria mais utilidade para

você. Ele tinha sido absorvido até julho, tentando salvar a vida de Teddy Kent no Tansy Patch. Teddy estava agora fora de perigo e capaz de se levantar, mas sua melhora não foi rápida o suficiente para satisfazer o Dr. Burnley. Um dia, ele segurou Emily e Ilse, que estavam indo para o lago através do gramado, com anzóis e uma lata de vermes gordos e abomináveis - estes últimos manipulados apenas por Ilse - e ordenou que eles se levassem para o Tansy Patch e brincassem com Teddy Kent.

"Ele se sente só e se lamenta. Vão lá e animem-no", disse o médico.

Ilse estava bastante relutante em ir. Ela gostava do Teddy, mas parecia que não gostava da mãe dele. Emily não era, secretamente, avessa. Ela tinha visto Teddy Kent, mas uma vez, na escola de domingo, na véspera de ele ser levado a sério como doente, ela tinha gostado da aparência dele. Parecia que ele também tinha gostado da dela, pois ela o pegou várias vezes olhando timidamente para ela sobre os bancos intermediários. Ele era muito bonito, Emily decidiu. Ela gostava de seus cabelos espessos e castanhos escuros e seus olhos azuis-escuros, e pela primeira vez lhe ocorreu que poderia ser muito bom ter um companheiro de brincadeira também. Não um "namorado", é claro. Emily odiava o jargão da escola que chamava um garoto de seu "namorado" se ele por acaso lhe desse um lápis ou uma maçã e o escolhesse com frequência para seu parceiro nos jogos.

“Teddy é simpático, mas sua mãe é esquisita", disse-lhe Ilse a caminho do Tansy Patch. "Ela nunca sai a qualquer lugar - nem mesmo à igreja - mas acho que é por causa da cicatriz no rosto dela. Eles não são pessoas da Blair Water - eles só vivem no Tansy Patch desde o outono passado. Eles são pobres e orgulhosos e não há muitas pessoas que os visitam. Mas Teddy é muito simpático, então se sua mãe nos der um olhar negro não precisamos nos importar."

A Sra. Kent não lhes deu nenhum olhar negro, embora sua recepção fosse bastante distante. Talvez ela também tivesse

recebido algumas ordens do médico. Ela era uma criatura minúscula, com enormes massas de cabelos baços, macios, sedosos, fulvos, olhos escuros, lamentosos, e uma cicatriz larga correndo no sentido oblíquo através de seu rosto pálido. Sem a cicatriz ela devia ser bonita, e tinha uma voz tão suave e incerta como o vento no bronzeado. Emily, com sua faculdade instintiva de dimensionar as pessoas que conheceu, sentiu que a Sra. Kent não era uma mulher feliz.

O Patch Tansy estava a leste da Casa Desapontada, entre a Blair Water e as dunas de areia. A maioria das pessoas o considerava um lugar nu, solitário e negligenciado, mas Emily o achava fascinante. A pequena casa com aplausos encabeçava uma pequena colina, sobre a qual o bronzeado crescia numa luxuosidade dura, ostentosa e aromática, subindo abruptamente de uma estrada principal. Uma cerca de trilhos, quase sufocada por rosas selvagens, delimitava o domínio, e um pequeno portão flácido e mal utilizado dava entrada pela estrada. Pedras foram deixadas na lateral da colina para degraus até a porta principal. Atrás da casa havia um pequeno celeiro e um campo de trigo sarraceno florido, verde cremoso, inclinado até a água de Blair. Na frente havia uma varanda louca ao redor da qual uma brilhante faixa de papoulas vermelhas segurava seus copos encantados.

O Teddy ficou feliz em vê-las, e eles tiveram uma tarde feliz juntos. Havia alguma cor na pele clara da azeitona de Teddy quando ela terminou e seus olhos azuis escuros estavam mais brilhantes. A Sra. Kent acolheu avidamente estes sinais e pediu às meninas que voltassem, com uma ânsia que ainda não era cordialidade. Mas elas haviam encontrado no Tansy Patch um lugar encantador e estavam felizes em ir novamente. Durante o resto das férias, dificilmente houve um dia em que elas não subissem a ele - preferencialmente nas longas e esfumaçadas e deliciosas noites de agosto, quando as traças brancas navegaram sobre a plantação bronzeada e o crepúsculo dourado desvaneceu-se em crepúsculo e púrpura sobre as encostas verdes além e os pirilampos acenderam suas tochas de duendes junto à lagoa. Às vezes eles brincavam no campo

bronzeado, quando Teddy e Emily geralmente se encontravam do mesmo lado e depois não mais do que um jogo para Ilse ágil e rápido; às vezes Teddy as levava ao pombal do celeiro e lhes mostrava sua pequena coleção de desenhos. Ambas as meninas as achavam muito maravilhosas sem saber ao menos o quão maravilhosas elas realmente eram. Parecia mágico ver Teddy pegar um lápis e um pedaço de papel e com algumas pinceladas rápidas de seus dedos marrons finos fazer surgir um esboço de Ilse ou Emily ou Smoke ou Buttercup, que parecia pronto para falar - ou miar.

Smoke e Buttercup eram os gatos Tansy Patch. O Buttercup era uma criatura gordinha, amarela e encantadora, que mal saía do gatinho. O Smoke era um grande maltês e um aristocrata desde a ponta do nariz até a ponta da cauda. Não havia dúvidas de que ele pertencia à casta de gatos da realeza. Ele tinha olhos de esmeralda e uma pelagem de pelúcia. A única coisa branca nele era um pinto adorável.

Emily pensava em todas as horas agradáveis passadas no Tansy Patch que eram as mais agradáveis, quando, cansados de brincar, os três se sentaram nos passos loucos da varanda no mistério e encantamento da fronteira entre a luz e a escuridão quando a pequena touceira de abeto atrás do celeiro parecia com árvores lindas, escuras e fantasmas. As nuvens do oeste desvaneceram-se em cinza e uma grande lua redonda amarela subiu sobre os campos para ser refletida quebrada no lago, onde a Mulher do Vento estava fazendo maravilhosas luzes e sombras tecidas.

A Sra. Kent nunca se juntou a eles, embora Emily tivesse uma convicção assustadora de que estava observando-os furtivamente por trás da cega da cozinha. Teddy e Ilse cantavam as canções da escola, e Ilse recitava, e Emily contava histórias; ou eles se sentavam em silêncio feliz, cada um ancorado em algum porto secreto de sonhos, enquanto os gatos se perseguiam loucamente sobre a colina e através do bronzeado, rasgando ao redor e ao redor da casa como criaturas possuídas. Eles brotavam para as

crianças com os pingos repentinos e saltavam de repente para longe. Seus olhos brilhavam como joias, suas caudas balançavam como plumas. Estavam palpitantes com uma vida nervosa e furtiva.

"Oh, não é bom estar vivo... assim?" Emily disse uma vez. "Não seria horrível se nunca se tivesse vivido?"

Ainda assim, a existência não estava totalmente desnorteada... A tia Elizabeth se encarregou disso. A tia Elizabeth só permitiu as visitas ao Tansy Patch sob protesto, e porque o Dr. Burnley as havia ordenado.

"A tia Elizabeth não aprova Teddy", escreveu Emily em uma de suas cartas ao pai - cujas epístolas se multiplicavam constantemente na velha prateleira do sofá do sótão. *"A primeira vez que lhe perguntei se eu poderia ir brincar com Teddy, ela me olhou severamente e disse: Quem é essa pessoa Teddy? Nós não sabemos nada sobre estes Kent. Lembre-se, Emily, os Murrays não se associam com todos eles. Eu disse que sou uma Starr... Eu não sou uma Murray, você mesmo disse. Querido pai, eu não queria ser impertinente, mas a tia Elizabeth disse que eu era e não falaria comigo o resto do dia. Ela parecia pensar que era um castigo muito ruim, mas eu não me importei muito só porque é um pouco desagradável ter sua própria família preservando um silêncio desdenhoso em relação a você. Mas desde então ela me deixou ir ao Tansy Patch porque o Dr. Burnley veio e lhe disse para ir. O Dr. Burnley tem uma estranha influência sobre a tia Elizabeth. Eu não entendo isso. Rhoda disse uma vez que a tia Elizabeth esperava que o Dr. Burnley e a tia Laura fizessem uma combinação disso - o que, você sabe, significa casar - mas não é assim. A Sra. Thomas Anderson esteve aqui uma tarde para o chá. (A Sra. Thomas Anderson é uma grande mulher gorda e sua avó era uma Murray e não há mais nada a dizer sobre ela). Ela perguntou à tia Elizabeth se ela achava que o Dr. Burnley se casaria novamente e a tia Elizabeth disse não, ele não o faria e ela não achou certo que as pessoas se casassem uma segunda vez. A Sra. Anderson disse que às vezes pensou que ele aceitaria Laura. A tia Elizabeth apenas a*

olhou de relance. Não adianta negar, há momentos em que tenho muito orgulho da tia Elizabeth, mesmo que eu não goste dela.

Teddy é um menino muito simpático, pai. Acho que você o aprovaria. Ele pode fazer quadros esplêndidos e um dia vai ser um artista famoso e depois vai pintar meu retrato. Ele mantém seus quadros no celeiro porque sua mãe não gosta de vê-los. Ele pode assobiar como um pássaro. O Tansy Patch é um lugar muito pitoresco, especialmente à noite. Eu amo o crepúsculo lá. Nós sempre nos divertimos tanto no crepúsculo. A Mulher Vento se faz pequena no bronzeado como uma fada minúscula, e os gatos são tão esquisitos, assustadores e deliciosos então. Eles pertencem à Sra. Kent e Teddy tem medo de acariciá-los muito por medo de que ela os afogue. Ela afogou um gatinho uma vez porque achou que ele gostava mais do que ela. Mas ele não o fez porque Teddy é muito atento à sua mãe. Ele lava os pratos para ela e a ajuda em todo o trabalho doméstico. Ilse diz que os meninos da escola o chamam de maricas por isso, mas eu acho que é nobre da parte dele. Teddy gostaria de ter um cachorro, mas ela não o deixa. Eu pensei que a tia Elizabeth era tirânica, mas a Sra. Kent é muito pior em alguns aspectos. Mas então ela ama Teddy e a tia Elizabeth não me ama.

Mas a Sra. Kent não gosta de Ilse nem de mim. Ela nunca o diz, mas nós o sentimos. Ela nunca nos pede para ficar para o chá - e nós sempre fomos tão educadas com ela. Acredito que ela é muito simpática conosco porque Teddy gosta de nós. Teddy me deu o quadro mais doce da Blair Water que ele havia pintado em uma grande concha branca de vaqueiro, mas ele disse que eu não deveria deixar sua mãe saber disso porque ela choraria. A Sra. Kent é uma pessoa muito misteriosa, muito parecida com algumas pessoas de quem você lê em livros. Eu gosto de pessoas misteriosas, mas não muito próximas. Seus olhos sempre parecem esfomeados, embora ela tenha muito o que comer. Ela nunca vai a lugar algum porque tem uma cicatriz no rosto onde foi queimada com uma lâmpada que explodiu. Isso fez meu sangue esfriar, querido pai. Como estou grata por a tia Elizabeth só queimar velas.

Algumas das tradições de Murray são muito sensatas. A Sra. Kent é muito religiosa, o que ela chama de religião. Ela reza mesmo no meio do dia. Teddy diz que antes de nascer neste mundo ele vivia em outro onde havia dois sóis, um vermelho e um azul. Os dias eram vermelhos e as noites, azuis. Não sei onde ele foi buscar a ideia, mas me parece atraente. E ele diz que os riachos correm mel em vez de água. Mas o que você fez quando estava com sede, eu disse. Nunca tínhamos sede lá. Mas eu acho que gostaria de ter sede porque então a água fria tem um sabor tão bom. Eu gostaria de viver na lua. Deve ser um lugar tão bonito e prateado.

Ilse diz que Teddy deveria gostar mais dela porque há mais diversão nela do que em mim, mas isso não é verdade. Há tanta diversão em mim quando minha consciência não me incomoda. Acho que Ilse quer que Teddy goste mais dela, mas ela não é uma garota invejosa.

Tenho o prazer de dizer que a tia Elizabeth e a tia Laura aproveitam a amizade que tenho com Ilse. É tão raro que elas aproveitem da mesma coisa. Estou me acostumando a brigar com Ilse agora e não me importo muito com isso. Além disso, eu mesma posso lutar muito bem quando meu sangue está em pé. Brigamos cerca de uma vez por semana, mas fazemos as pazes imediatamente e Ilse diz que as coisas seriam monótonas se nunca houvesse uma briga. Eu gostaria mais sem brigas, mas nunca se sabe o que vai deixar Ilse furiosa. Ela nunca fica brava duas vezes por causa da mesma coisa. Ela me chama de nomes horríveis. Ontem ela me chamou de um péssimo lagarto e uma víbora desdentada. Mas de alguma forma eu não me importei muito porque sabia que eu não era péssima nem desdentada e ela sabia disso também. Eu não chamo seus nomes porque isso não é uma senhora, mas sorrio e isso deixa Ilse muito mais furiosa do que se eu me desviasse e carimbasse como ela, e é por isso que eu faço isso. A tia Laura diz que eu devo ter cuidado para não pegar as palavras que Ilse usa e tentar dar a ela um bom exemplo porque a pobre criança não tem ninguém para cuidar dela. Eu gostaria de poder usar algumas de suas palavras porque elas são tão

marcantes. Ela as recebe de seu pai. Eu acho que minhas tias são muito particulares. Uma noite, quando o Reverendo Sr. Dare esteve aqui para o chá, usei a palavra touro em meu vocabulário. Eu disse que Ilse e eu tínhamos medo de passar pelo pasto do Sr. James Lee onde estava o velho poço porque ele tinha um touro cruzado ali. Depois que o Sr. Dare se foi, a tia Elizabeth me deu um péssimo sermão e me disse que eu nunca mais deveria usar essa palavra. Mas ela tinha falado de tigres no chá - em conexão com os missionários - e eu não consigo entender por que é mais vergonhoso falar de touros do que de tigres. É claro que os touros são animais ferozes, mas os tigres também o são. Mas a tia Elizabeth diz que estou sempre desonrando-os quando eles têm companhia. Quando a Sra. Lockwood esteve aqui de Shrewsbury na semana passada, eles estavam falando da Sra. Foster Beck, que é uma noiva, e eu disse que o Dr. Burnley a achava diabolicamente bonita. A tia Elizabeth disse EMILY em um tom horrível. O Dr. Burnley disse isso, eu exclamei, eu só estou repetindo. E o Dr. Burnley disse-o no dia em que fiquei para jantar com Ilse e o Dr. Jameson estava lá desde Shrewsbury. Eu vi o Dr. Burnley em uma de suas fúrias naquela tarde por algo que a Sra. Simms havia feito em seu escritório. Foi uma visão grotesca. Seus grandes olhos amarelos brilharam e ele se rasgou e chutou sobre uma cadeira, jogou um tapete na parede e disparou um vaso pela janela e disse coisas terríveis. Sentei-me no sofá e olhei para ele como se fosse um possuído. Foi tão interessante que me arrependi quando ele esfriou, o que logo fez porque ele é como Ilse e nunca fica louco por muito tempo. Mas ele nunca fica bravo com Ilse. Ela é tão órfã quanto eu, pobre criança. No domingo passado, ela foi à igreja com seu velho vestido azul desbotado. Havia um rasgo bem em frente a ela. A tia Laura chorou quando chegou em casa e depois falou com a Sra. Simms sobre isso porque ela não ousava falar com o Dr. Burnley. A Sra. Simms estava zangada e disse que não era seu lugar para cuidar de Ilse de perto, mas ela disse que tinha conseguido que o Dr. Burnley arranjasse para Ilse um belo vestido de musselina com raminhos e que Ilse tinha ficado entusiasmada, e quando a Sra. Simms o estragou por ser tão descuidada, Ilse voou em fúria e subiu as escadas e rasgou o vestido de musselina em

pedaços, e a Sra. Simms disse que não ia incomodar sua cabeça novamente por causa de uma criança assim e que não havia nada para ela se vestir, a não ser seu velho azul, mas a Sra. Simms não sabia que estava rasgado. Então, eu me vesti às escondidas para a Lua Nova e a tia Laura a remendou de forma limpa e escondeu o rasgo com um bolso. Ilse disse que ela rasgou seu vestido de musselina um dos dias em que não acreditava em Deus e não se importava com o que ela fazia. Ilse encontrou um rato em sua cama uma noite e simplesmente o sacudiu e pulou para dentro. Oh, que corajosa. Eu nunca poderia ser tão corajosa quanto isso. Não é verdade que o Dr. Burnley nunca sorri. Eu já o vi fazer isso, mas não com frequência. Ele apenas sorri com os lábios, mas não com os olhos e isso me faz sentir desconfortável. A maior parte das vezes ele ri de uma maneira horrível e sarcástica, como o tio de Jolly Jim.

Tivemos sopa de cevada para o jantar naquele dia, muito aguada.

A tia Laura está me dando cinco centavos por semana para lavar a louça. Eu só posso gastar um centavo e os outros quatro têm que ser colocados no cofrinho de sapos na sala de estar na lareira. O sapo é feito de latão e fica em cima do banco e você coloca os centavos na boca dele um de cada vez. Ele os engole e eles caem no banco. É muito fascinante (eu não deveria escrever fascinante novamente porque você me disse que eu não deveria usar a mesma palavra com muita frequência, mas eu não consigo pensar em nenhuma outra que a escrivaninha me subestime tão bem). O cofre de sapos é da tia Laura, mas ela disse que eu poderia usá-lo. Eu só a abracei. É claro que nunca abracei a tia Elizabeth. Ela é muito ríspida e magra. Ela não aprova que a tia Laura me pague para lavar pratos. Eu tremo ao pensar no que ela diria se soubesse que o primo Jimmy me deu um dólar inteiro às escondidas na semana passada.

Eu gostaria que ele não me tivesse dado tanto. Isso me preocupa. É uma responsabilidade terrível. Será tão difícil gastá-lo sabiamente também sem que a tia Elizabeth saiba disso. Espero

nunca ter um milhão de dólares. Tenho certeza de que isso me esmagaria completamente. Mantenho meu dólar escondido na prateleira com minhas cartas e o coloquei em um envelope velho e escrevi nele o primo Jimmy Murray me deu isto para que se eu morresse de repente e a tia Elizabeth o encontrasse, ela saberia que eu o tinha encontrado honestamente.

Agora que os dias estão ficando frios, a tia Elizabeth me obriga a usar meu saiote de flanela grossa. Eu odeio isso. Isso me deixa tão engraçada. Mas a tia Elizabeth diz que eu devo usá-lo porque você morreu de consumo. Quem me dera que o fechamento pudesse ser ao mesmo tempo gracioso e impotente. Eu li a história da Chapeuzinho Vermelho hoje. Acho que o lobo era o personagem mais intrigante nela. A Chapeuzinho Vermelho era uma coisinha estúpida tão facilmente enganada.

Escrevi dois poemas ontem. Um era curto e intitulado Linhas dirigidas a uma flor de grama-de-olhos-azul colhida no Velho Pomar. Aqui está:

Doce florzinha teu rosto modesto
É sempre levantado tochas no céu
E um reflexo de seu rosto
Está preso dentro do seu próprio olho azul.
As rainhas dos prados são altas e justas
Os columbinos também são adoráveis.
Mas o pobre talento que eu possuo
Louvar-te-á a minha flor de azul.

O outro poema era longo e eu o escrevi em um cartaz. Chama-se O Monarca da Floresta. O Monarca é a grande bétula no arbusto do Majestoso John. Eu amo tanto aquele arbusto que dói. Você entende esse tipo de dor. Ilse também gosta e brincamos lá a maior parte do tempo quando não estamos no Tansy Patch. Temos três caminhos nele. Nós os chamamos de Estrada do Dia, Estrada de Ontem e Estrada do Amanhã. A Estrada do Dia-a-Dia é junto ao riacho e a chamamos assim porque é adorável agora. A Estrada de Ontem está nos tocos onde Majestoso John cortou algumas árvores

e a chamamos assim porque costumava ser adorável. A Estrada do Amanhã é apenas um pequeno caminho na clareira do bordo e a chamamos assim porque um dia vai ser adorável, quando as árvores crescerem maiores. Mas oh Pai querido, eu não esqueci as queridas árvores velhas lá em casa. Sempre penso nelas depois de ir para a cama. Mas sou feliz aqui. Não é errado ser feliz, é pai. A tia Elizabeth diz que eu superei as saudades de casa muito rápido, mas muitas vezes tenho saudades de casa por dentro. Fui procurado pelo Majestoso John. Ilse é uma grande amiga dele e frequentemente vai lá para vê-lo trabalhando em sua carpintaria. Ele diz ter feito escadas suficientes para chegar ao céu sem o padre, mas isso é apenas uma piada dele. Ele é realmente um católico muito devoto e vai para a capela da Cruz Branca todos os domingos. Eu vou com Ilse, embora talvez não deva ir quando ele é um inimigo de minha família. Ele é de uma bárbara e refinada educação - muito civil para mim, mas eu nem sempre gosto dele. Quando eu lhe faço uma pergunta séria, ele sempre me dá um piscar de olhos. Isso é um insulto. É claro que nunca faço perguntas sobre temas de confiança, mas Ilse faz. Ela gosta dele, mas diz que ele nos queimaria a todos se ele tivesse o poder. Ela perguntou-lhe logo se ele não o faria e ele piscou o olho para mim e disse: 'Oh, nós não queimaríamos belos e pequenos protestantes como você. Nós só queimaríamos os velhos feios'. Essa foi uma resposta frívola. A Sra. John é uma mulher simpática e não é nada orgulhosa. Ela parece apenas uma pequena maçã rosada.

Em dias de chuva, brincamos na casa da Ilse. Podemos deslizar pelos corrimões e fazer o que quisermos. Ninguém se importa apenas quando o médico está em casa, temos que ficar quietas porque ele não suporta nenhum barulho em casa, exceto o que ele mesmo faz. O telhado é plano e podemos sair por uma porta no teto do sótão. É muito emocionante estar no telhado de uma casa. Tivemos um concurso de gritos lá na outra noite para ver qual poderia gritar mais alto. Para minha surpresa, descobri que podia. Nunca se sabe o que se pode fazer até que se tente. Mas muita gente nos ouviu e a tia Elizabeth ficou muito zangada. Ela me perguntou o que me levou a fazer uma coisa dessas. Essa é uma

pergunta bem feita porque muitas vezes eu não consigo dizer o que me faz fazer as coisas. Às vezes as faço apenas para descobrir o que me apetece fazê-las. E às vezes as faço porque quero ter algumas coisas interessantes para contar aos meus netos. É improviso falar sobre ter netos. Descobri que é improviso falar sobre ter filhos. Uma noite, quando as pessoas estavam aqui, a tia Laura me disse, muito gentilmente: 'Emily, o que você está pensando de tão íntimo?' e eu disse que estava escolhendo nomes para meus filhos. Pretendo ter dez. E depois que a visita se foi, a tia Elizabeth disse à tia Laura: 'Acho que será melhor no futuro Laura se você não perguntar àquela criança no que ela está pensando'. Se a tia Laura não perguntar, vou me arrepender porque quando tenho um pensamento interessante, gosto de contá-lo.

A escola começa novamente na próxima semana. Ilse vai perguntar à Srta. Brownell se eu posso sentar com ela. Pretendo agir como se Rhoda não estivesse lá. Teddy também está indo. O Dr. Burnley diz que ele está bem o suficiente para ir, embora sua mãe não goste da ideia. Teddy diz que ela nunca gosta que ele vá à escola, mas está feliz por ele odiar a Srta. Brownell. A tia Laura diz que a maneira correta de terminar uma carta a uma querida amiga é dizer 'afetuosamente'.

Por isso, eu sou sua muito afetuosamente.

Emily Byrd Starr.

P. S. Porque você ainda é meu muito querido amigo, Pai. Ilse diz que me ama mais do que tudo no mundo e suas botas de couro vermelhas que a Sra. Simms lhe deu em segundo lugar."

CAPÍTULO XIII

Uma Filha de Eva

A Lua Nova foi notada por suas maçãs e naquele primeiro outono da vida de Emily, tanto os pomares "velhos" quanto os "novos" tiveram uma cultura de grande porte. No novo, as maçãs com título e linhagem; e no antigo, as mudas, desconhecidas dos catálogos, que ainda assim tinham um sabor selvagemente doce e todo seu próprio. Não havia tabu em nenhuma maçã e Emily estava livre para comer tudo o que quisesse de cada espécie - a única proibição é que ela não deve levar nenhuma para a cama com ela. A tia Elizabeth, muito apropriadamente, não queria que sua cama fosse bagunçada com sementes de maçã; e a tia Laura tinha um pavor de que qualquer um que comesse maçãs no escuro para que não comesse um verme de maçã no meio da barganha. Emily, portanto, deveria ter sido capaz de satisfazer plenamente seu apetite por maçãs em casa; mas há uma certa excentricidade na natureza humana pela qual o sabor das maçãs pertencentes a outra pessoa é sempre muito superior ao nosso - como muito bem sabia a serpente astuta do Éden. Emily, como a maioria das pessoas, possuía esta dobra, e consequentemente pensava que em nenhum lugar havia maçãs tão deliciosas como as pertencentes ao Majestoso John. Ele tinha o hábito de manter uma longa fila de maçãs em uma das vigas de sua oficina, e entendia-se que ela e Ilse poderiam se ajudar livremente sempre que visitassem aquele lugar encantador, empoeirado e coberto de carpetes de barbear. Três variedades de maçãs ali eram suas favoritas - as "maçãs sarna", que pareciam ter lepra, mas eram de uma delícia insuperável sob suas peles esquisitas e manchadas; as "pequenas maçãs vermelhas", pouco maiores que um caranguejo, carmesim profundo e brilhantes como cetim, que tinham um sabor tão doce e de nozes; e as grandes "maçãs doces" verdes que as crianças geralmente achavam as melhores de todas. Emily considerava

aquele dia desperdiçado, cujo sol baixo e descendente não lhe havia dado um dos grandes doces verdes do Majestoso John.

No fundo de sua mente, Emily sabia muito bem que não deveria ir ao Majestoso John de forma alguma. Para ter certeza, ela nunca havia sido proibida de ir, pois nunca havia ocorrido a suas tias que um preso de Lua Nova pudesse esquecer a querida rixa entre as casas de Murray e Sullivan, pertencentes a duas gerações atrás. Era uma herança que qualquer Murray propriamente dito estaria à altura, como é óbvio. Mas quando Emily saiu com aquela pequena ismaelita selvagem da Ilse, as tradições perderam seu poder sob o fascínio dos "vermelhos" e "crostas" do Majestoso John.

Ela entrou solitária em sua oficina em uma noite de setembro ao crepúsculo. Ela estava sozinha desde que veio da escola; suas tias e primo Jimmy tinham ido para Shrewsbury, prometendo estar de volta ao pôr do sol. Ilse também estava fora, o pai dela, incentivado pela Sra. Simms, tendo-a levado para Charlottetown para comprar-lhe um casaco de inverno. Emily gostou muito de estar sozinha no início. Ela se sentia muito importante por estar no comando da Lua Nova. Ela comeu o jantar que a tia Laura havia deixado na cômoda da casa de cozinha para ela e foi para o laticínio e desnatou seis lindas panelas grandes de leite. Ela não tinha nada a ver com isso, mas sempre desejou fazê-lo e esta era uma oportunidade muito boa para ser perdida. Ela fez isso lindamente e ninguém jamais soube - cada tia supondo que a outra o tivesse feito - e assim ela nunca foi repreendida por isso. Isto não aponta nenhuma moral em particular, é claro; em um fio adequado, Emily deveria ter sido descoberta e punida por desobediência ou ser levada por uma consciência inquieta para confessar; mas eu sinto muito - ou deveria ser - ter que declarar que a consciência de Emily nunca a preocupou com o assunto. Mesmo assim, ela estava condenada a sofrer o suficiente naquela noite por uma causa totalmente diferente, para equilibrar todos os seus pequenos pecadinhos.

Quando o creme foi desnatado e derramado na grande jarra de pedra e bem agitado - Emily também não se esqueceu disso - foi

depois do pôr do sol e ainda ninguém tinha voltado para casa. Emily não gostou da ideia de ir sozinha para a casa grande, sombria e ecoando; então ela foi na oficina do Majestoso John, que ela encontrou desocupada, embora indicasse que o Majestoso John tinha trabalhado lá muito recentemente e provavelmente voltaria. Emily sentou-se em uma seção redonda de um enorme tronco e olhou em volta para ver o que ela poderia comer. Havia uma fila de "vermelhos" e "crostas" limpas do outro lado da loja, mas nenhum "doce" entre eles; e Emily sentiu que o que ela precisava naquele momento era de um "doce" e nada mais.

Então ela espiou um - um enorme - o maior "doce" que Emily já havia visto, sozinha em um dos degraus da escada que leva ao sótão. Ela subiu, possuiu-a e comeu-a fora de controle. Ela estava roendo feliz no centro quando o Majestoso John entrou. Ele acenou para ela com um olhar aparentemente descuidado ao redor.

"Só entrei para pegar meu jantar", disse ele. "A esposa está fora, então eu mesmo tive que ir buscá-lo."

Ele caiu para planejar em silêncio. Emily sentou-se nas escadas, contando as sementes do grande "doce" - contou sua sorte pelas sementes - escutando a Mulher do Vento assobiando elfos através de um buraco de nó na oficina, e compondo um poema "Descrição da Oficina de Carpinteiro do Majestoso John Iluminada por Lanterna", a ser escrito mais tarde em uma carta. Ela se perdeu numa caçada mental por uma frase precisa para imaginar a absurda sombra alongada do nariz do Majestoso John na parede oposta quando o próprio rodopiou, tão de repente que a sombra de seu nariz disparou para cima como uma enorme lança para o teto, e exigiu em uma voz assustada:

"O que aconteceu a aquela grande maçã doce que estava naquela escada?"

"Por que... eu... eu... eu...", gaguejou Emily.

Majestoso John deixou cair seu trabalho, balançou as mãos e olhou para Emily com um rosto horrorizado.

"Os santos nos preservam, criança. Nunca aquela maçã... não me diga que você foi e comeu aquela maçã!"

"Sim", eu disse, Emily desconfortavelmente. "Eu não achei que fosse algum mal... eu..."

"Misericórdia! Ouça-me, sim? Aquela maçã foi envenenada para os ratos! Eles têm me atormentado a vida aqui fora e eu me decidi a terminar a diversão deles. E agora você comeu a maçã... mataria uma dúzia de pessoas em um aperto de mão."

Majestoso John viu um rosto branco e um avental piscando através da oficina e saindo para o escuro. O primeiro impulso selvagem de Emily foi chegar em casa imediatamente - antes que ela caísse morta. Ela rasgou o campo através do mato e do jardim e correu para dentro da casa, que ainda estava em silêncio e ninguém ainda havia chego. Emily deu um grito amargo de desespero - quando eles chegariam, provavelmente encontrariam sua cara dura e fria, tudo neste querido mundo acabou para ela para sempre, tudo porque ela tinha comido uma maçã que ela achava que era perfeitamente bem-vinda para comer. Não era justo... ela não queria morrer.

Mas ela tem que morrer. Ela só esperava desesperadamente que alguém viesse antes que ela morresse. Seria tão terrível morrer ali sozinha naquela grande, grande e vazia Lua Nova. Ela não se atreveu a tentar ir a qualquer lugar pedir ajuda. Estava muito escuro agora e ela provavelmente cairia morta no caminho. Morrer lá fora - sozinha - na escuridão - oh, isso seria muito terrível. Não lhe ocorreu que algo pudesse ser feito por ela; ela pensou que se uma vez você engolisse veneno, seria o seu fim.

Com as mãos tremendo em pânico, ela acendeu uma vela. Não foi tão ruim assim... podia-se encarar as coisas com a luz. E Emily, pálida, aterrorizada, sozinha, já estava decidindo que isto deveria

ser enfrentado corajosamente. Ela não deve envergonhar os Starrs e os Murrays. Ela apertou suas mãos frias e tentou parar de tremer. Quanto tempo demoraria até ela morrer, ela se perguntava. Majestoso John havia dito que a maçã a mataria em um "aperto de mão". O que isso significava? Quanto tempo era um "aperto de mão?" Será que a machucaria morrer? Ela tinha uma vaga ideia de que o veneno a machucaria terrivelmente. Oh; e há pouco tempo ela havia ficado tão feliz! Ela havia pensado que iria viver por anos e escrever grandes poemas e ser famosa como a Sra. Hemans. Ela tinha tido uma briga com Ilse na noite anterior e ainda não tinha resolvido... nunca poderia ter resolvido isso agora. E Ilse se sentiria tão terrivelmente. Ela deve escrever-lhe um bilhete e perdoá-la. Havia tempo para tanto? Oh, como as mãos dela estavam frias! Talvez isso significasse que ela já estivesse morrendo. Ela tinha ouvido ou lido que suas mãos tinham ficado frias quando você estava morrendo. Ela se perguntava se seu rosto estava ficando negro. Ela agarrou sua vela e subiu as escadas apressadamente para o quarto de hóspedes. Havia um espelho - o único na casa pendurado suficientemente baixo para que ela pudesse ver seu reflexo se ela inclinasse o fundo para trás. Normalmente Emily teria ficado assustada até a morte só de pensar em entrar naquele quarto de hóspedes com a luz fraca e cintilante das velas. Mas o único grande terror havia engolido todos os menores. Ela olhou para seu reflexo, em meio ao fluxo lustroso e negro de seus cabelos, na luz que se elevava sobre o fundo escuro da sala sombria. Oh, ela já estava pálida como os mortos. Sim, aquele era um rosto moribundo - não havia dúvida disso.

Alguma coisa se levantou em Emily e tomou posse de sua... alguma herança do bom e velho estoque por trás dela. Ela deixou de tremer - ela aceitou seu destino - com amargo pesar, mas calmamente.

"Eu não quero morrer, mas como tenho que morrer, vou morrer como um Murray", disse ela. Tinha lido uma frase semelhante em um livro e ela chegou até o momento. E agora deveria se apressar. Essa carta para Ilse deve ser escrita. Emily foi primeiro ao quarto da

tia Elizabeth, para assegurar-se de que sua gaveta superior direita do escritório estava bem arrumada; depois, ela subiu as escadas do sótão até o seu canto do dormitório. O grande lugar estava cheio de sombras à espreita que se amontoavam sobre a pequena ilha de velas fracas, mas agora eles não tinham terrores para Emily.

"E pensar que eu estava me sentindo tão mal hoje porque minha saia estava amontoada", pensou ela, ao pegar uma de suas queridas cartas - a última em que ela escreveria. Não havia necessidade de escrever ao pai - ela o veria em breve - mas Ilse deve ter sua carta - Ilse, querida, amorosa, alegre e temperamental, que, no dia anterior, gritou insultos depois dela e que seria assombrada por remorsos durante toda sua vida por isso.

"Querida Ilse", escreveu Emily, sua mão tremendo um pouco, mas seus lábios bem fixos. *"Eu vou morrer. Fui envenenada por uma maçã que o Majestoso John tinha posto para ratos. Nunca mais te verei, mas estou escrevendo isto para te dizer que te amo e que não te deves sentir mal porque ontem me chamaste de gambá e de marta sanguinária. Eu te perdoo, portanto, não se preocupe com isso. E lamento ter lhe dito que você estava abaixo de mim porque não quis dizer uma palavra sobre isso. Deixo a todos vocês minha parte dos pratos quebrados em nossa casa de jogos e, por favor, diga adeus ao Teddy por mim. Ele nunca será capaz de me ensinar como colocar minhocas no gancho do peixe agora. Eu prometi a ele que aprenderia porque não queria que ele pensasse que eu era uma covarde, mas estou feliz por não ter aprendido, pois agora sei como é a minhoca. Ainda não me sinto doente, mas não sei quais são as simpatias do envenenamento e Majestoso John disse que havia o suficiente para matar uma dúzia, então não posso ter muito tempo de vida. Se a tia Elizabeth estiver disposta, você pode ficar com meu colar de miçangas venezianas. É o único bem valioso que eu tenho. Não deixe ninguém fazer nada ao Majestoso John porque ele não queria me envenenar e foi tudo culpa minha por ser tão gananciosa. Talvez as pessoas pensem que ele o fez de propósito porque sou protestante, mas tenho certeza de que ele não o fez e, por favor,*

diga-lhe para não ser apanhado pelo remorso. Acho que agora sinto uma dor no estômago, então acho que o fim me chama."

"Sua própria devotada",

"Emily".

Quando Emily dobrou sua carta, ouviu o som de rodas no pátio abaixo. Um momento depois, Elizabeth e Laura Murray foram confrontadas na cozinha por uma criaturinha de cara trágica, segurando uma vela de calha em uma mão e uma carta vermelha na outra.

"Emily, qual é o problema?" gritou a tia Laura.

"Estou morrendo", disse Emily solenemente. "Eu comi uma maçã que o Majestoso John tinha envenenado para ratos. Tenho apenas alguns minutos para viver, tia Laura."

Laura Murray caiu sobre o banco negro com a mão no coração. Elizabeth ficou tão pálida quanto a própria Emily.

"Emily, isto é alguma encenação sua?" ela exigiu com severidade.

"Não", gritou Emily, indignadamente. "É a verdade. Você acha que uma pessoa moribunda estaria fazendo uma encenação? E oh, tia Elizabeth, por favor, você pode entregar esta carta a Ilse - e por favor me perdoe por ser malandra - embora eu nem sempre tenha sido malandra quando você pensou que eu era - e não deixe ninguém ver depois que eu morrer, se eu ficar negra - especialmente Rhoda Stuart."

Nesse momento, a tia Elizabeth já era ela mesma novamente.

"Há quanto tempo você comeu aquela maçã, Emily?"

"Há cerca de uma hora."

"Se você tivesse comido uma maçã envenenada há uma hora, já estaria morta ou doente..."

"Oh", gritou Emily transformada em um segundo. Uma esperança selvagem e doce brotou em seu coração... afinal de contas, havia uma chance para ela? Então ela acrescentou desesperadamente: "Mas eu senti outra dor no estômago assim que desci."

"Laura", disse a tia Elizabeth, "leve esta criança para a cozinha e dê a ela uma boa dose de mostarda e água imediatamente. Ela não fará nenhum mal e pode fazer algum bem, se houver alguma coisa neste seu estômago. Vou até o médico, ele pode estar de volta, mas verei Majestoso John no caminho."

A tia Elizabeth saiu - e a tia Elizabeth saiu muito rapidamente - se tivesse sido qualquer outra, poderia ter sido dito que ela correu. Quanto a Emily - bem, a tia Laura lhe deu aquela emética em ordem curta e dois minutos depois Emily não tinha dúvidas de que estava morrendo naquele momento e ali - e quanto mais cedo melhor. Quando a tia Elizabeth voltou, Emily estava deitada no sofá da cozinha, branca como o travesseiro debaixo da cabeça, e coxeia como um lírio desbotado.

"O médico não estava em casa?" gritou desesperadamente a tia Laura.

"Não sei, não há necessidade do médico. Eu não pensei que houvesse desde o primeiro. Era apenas uma das piadas do Majestoso John. Ele pensou que daria a Emily um susto... só por diversão... sua ideia de diversão. Vá para a cama, Srta. Emily. Você merece tudo o que tem por ter ido lá e não tenho pena de você. Há anos que não tenho tanta vontade."

"Tive uma dor de estômago", lamentou Emily, em quem o susto e a mostarda combinados tinham temporariamente extinguido todo o espírito.

"Qualquer um que come maçãs desde o amanhecer até o anoitecer deve esperar algumas dores de estômago. Não terá mais esta noite, eu acho que a mostarda vai remediar isso. Pegue sua vela e vá embora."

"Bem", disse Emily, ficando instável a seus pés. "Eu odeio aquele Majestoso John maldito."

"Emily!" disse as duas tias juntas.

"Ele merece", disse Emily, vingativamente.

"Oh, Emily... aquela palavra horrível que você usou!" A tia Laura parecia curiosamente chateada com alguma coisa.

"Por que, o que se passa com maldito?" disse Emily, bastante mistificada. "O primo Jimmy o usa com frequência, quando as coisas o irritam. Ele o usou hoje... ele disse que a novilha maldita tinha saído de novo do cemitério."

"Emily", disse a tia Elizabeth, com o ar de alguém se empalando no corno mais fácil de um dilema, "seu primo Jimmy é um homem - e os homens às vezes usam expressões, no calor da raiva, que não são próprias para meninas pequenas."

"Mas o que se passa com o maldito?" persistiu Emily. "Não é um palavrão, pois não? E se não é, por que não posso usá-lo?"

"Não é uma palavra de senhora", disse a tia Laura.

"Bem, então, não vou usá-la mais", disse Emily resignada, "mas Majestoso John está acabado."

A tia Laura riu tanto depois que Emily subiu as escadas que a tia Elizabeth lhe disse que uma mulher de sua idade deveria ter mais juízo.

"Elizabeth, você sabe que foi engraçado", protestou Laura.

Estando Emily fora de vista em segurança, Elizabeth se permitiu um sorriso um pouco sombrio.

"Eu disse ao Majestoso John algumas verdades simples - ele não vai dizer às crianças que elas estão envenenadas novamente com pressa. Deixei-o com muita raiva."

Desgastada, Emily adormeceu assim que estava na cama; mas uma hora depois ela acordou. A tia Elizabeth ainda não tinha vindo para a cama, então a cega ainda estava de pé e Emily viu uma estrela querida e amigável piscando para ela. Longe, o mar gemia de forma sedutora. Era bom estar sozinha e estar viva. A vida sabia bem para ela novamente - "sabia como mais", como disse o primo Jimmy. Ela poderia ter a chance de escrever mais cartas e poesias - Emily já viu um quintal de versos intitulado "Pensamentos de Uma Condenada à Morte Súbita" - e brincar com Ilse e Teddy - percorrer os celeiros com Saucy Sal, ver a tia Laura desnatando creme de leite e ajudar o primo Jimmy no jardim - ler livros na Residência de Emily e trotar ao longo da estrada do dia - mas não visitar a oficina de Majestoso John. Ela determinou que nunca mais teria nada a ver com o Majestoso John depois de sua crueldade diabólica. Ela ficou tão indignada com ele por assustá-la - depois que eles também tinham sido tão bons amigos - que não pôde dormir até ter composto um relato de sua morte por veneno, de Majestoso John ter sido julgado por seu assassinato e condenado à morte, e de ele ter sido enforcado em uma forca tão sublime como ele, de Emily estar presente na cena terrível, apesar do fato de que ela estava morta por seu ato. Quando ela finalmente o tinha cortado e enterrado com indiferença - as lágrimas que corriam pelo rosto dela por simpatia à Sra. John - ela o perdoou. É muito provável que ele não tenha sido esquivado, afinal.

Ela escreveu tudo isso em uma carta no sótão no dia seguinte.

CAPÍTULO XIV

Mike II

Em outubro, o primo Jimmy começou a ferver as batatas dos porcos - nome pouco romântico para uma ocupação muito romântica - ou assim pareceu a Emily, cujo amor pelo belo e pitoresco estava satisfeito, pois nunca havia estado naqueles longos e frescos crepúsculos estrelados do ano minguante na Lua Nova.

Havia uma touceira de abeto em um canto do velho pomar, e sob eles um imenso pote de ferro estava pendurado sobre um círculo de grandes pedras - um pote tão grande que um boi poderia ter sido confortavelmente cozido nele. Emily pensou que deveria ter descido dos dias dos contos de fadas e ter sido o pote de mingau de um gigante; mas o primo Jimmy lhe disse que tinha apenas cem anos e que o velho Hugh Murray o tinha mandado da Inglaterra.

"Nós o usamos desde então para ferver as batatas para os porcos da Lua Nova", disse ele. "O pessoal de Blair Water pensa que é antiquado; todos eles têm caldeiras agora, com caldeiras embutidas; mas enquanto o chefe de Elizabeth na Lua Nova usaremos isto."

Emily tinha certeza de que nenhuma caldeira embutida poderia ter o charme do grande pote. Ela ajudou o primo Jimmy a enchê-la de batatas, depois que veio da escola; depois, quando o jantar acabou, o primo Jimmy acendeu o fogo e emergiu sobre ela durante toda a noite. Às vezes, ele abanava o fogo - Emily adorava aquela parte da apresentação - enviando gloriosas centelhas rosadas para cima na escuridão; às vezes, ele agitava as batatas com uma longa vara, olhando, com sua barba cinzenta bifurcada, exatamente como uma velha história de um gnomo de Northland misturando o conteúdo de um caldeirão mágico; e às vezes ele sentava ao lado

de Emily na pedra de granito cinza perto da panela e recitava sua poesia para ela. Emily gostou mais ainda desta parte, pois a poesia do primo Jimmy era surpreendentemente boa - pelo menos em pontos - e o primo Jimmy tinha um "público" nesta donzela esbelta com seu rosto pálido e ávido e seus olhos arrebatados.

Eles eram um casal estranho e eram perfeitamente felizes juntos. O povo de Blair Water achava o primo Jimmy um fracasso e um fraco mental. Mas ele habitava em um mundo ideal do qual nenhum deles sabia de nada. Ele havia recitado seus poemas cem vezes, enquanto fervia as batatas dos porcos; os fantasmas de uma vintena de colunas assombravam o tufo de abetos para ele. Ele era uma figura estranha, ridícula o suficiente, dobrada, enrugada e desgrenhada, gesticulando de forma desajeitada como ele recitava. Mas era a sua hora; ele não era mais "simples Jimmy Murray", mas um príncipe em seu próprio reino. Por um tempo ele foi forte e jovem e esplêndido e belo, acreditado mestre da canção para um mundo que o escutava e se maravilhava. Nenhum de seus prósperos e sensatos vizinhos de Blair Water jamais viveu uma hora assim. Ele não teria trocado de lugar com um deles. Emily, ouvindo-o, sentiu vagamente que se não tivesse sido por aquele empurrão infeliz para o poço da Lua Nova, este homenzinho estranho ao seu lado poderia ter ficado na presença de reis.

Mas Elizabeth o empurrou para o poço da Lua Nova e como consequência ele cozinhou batatas de porco e recitou poesia para Emily - Emily, que também escreveu poesia, e amou tanto estas noites que não conseguiu dormir depois de ir para a cama até ter composto uma descrição minuciosa delas. O clarão vinha quase todas as noites por causa de alguma coisa ou outra. A Mulher do Vento se precipitava ou ronronava nos ramos que se jogavam sobre eles - Emily nunca havia estado tão perto de vê-la; o ar aguçado estava cheio do agradável sabor dos cones de abeto em chamas que o primo Jimmy empurrava para baixo da panela; o gatinho peludo de Emily, Mike II, revistado e espalhado como um pequeno e encantador demônio da noite; o fogo brilhava com uma bela vermelhidão e sedução através da escuridão; havia bons sons

sussurros por toda parte; a "grande escuridão" espalhada ao redor deles cheia de mistérios que a luz do dia nunca revelou; e sobre todo um céu púrpura em pó com estrelas.

Ilse e Teddy vieram, também, em algumas noites. Emily sempre soube quando Teddy estava chegando, pois quando ele chegava ao velho pomar ele assobiava seu "chamado" - o que ele usava apenas para ela - um pequeno e engraçado chamado, como três notas claras de pássaros, a primeira apenas um tom médio, a segunda mais alto, a terceira caindo em baixeza e doçura há muito tempo - como os ecos na Canção do Clarim que iam mais claro e mais longe em sua morte. Essa chamada sempre teve um efeito estranho sobre Emily; pareceu-lhe que ela tirou o coração de seu corpo - e ela teve que segui-lo. Ela pensou que Teddy poderia tê-la assobiado claramente pelo mundo com aquelas três notas mágicas. Sempre que ouvia isso, corria rapidamente pelo pomar e dizia a Teddy se o primo Jimmy o queria ou não, porque era somente em certas noites que o primo Jimmy queria alguém além dela. Ele nunca recitava sua poesia para Ilse ou Teddy; mas ele lhes contava histórias de fadas e contos sobre os velhos Murrays mortos e desaparecidos no cemitério da lagoa que eram tão estranhos, às vezes, como as histórias de fadas; e Ilse também recitava, fazendo melhor lá do que em qualquer outro lugar; e às vezes Teddy se estendia no chão ao lado da panela grande e desenhava quadros à luz do fogo - quadros do primo Jimmy agitando as batatas - quadros de Ilse e Emily dançando de mãos dadas em torno dela como duas bruxas pequenas, quadros do rosto astuto, pequeno e batido de Mike II espreitando ao redor da velha rocha, quadros de rostos estranhos e vagos se aglomerando na escuridão fora de seu círculo encantado. Elas tiveram noites maravilhosas lá, aquelas quatro crianças.

"Oh, você não gosta do mundo à noite, Ilse?" Emily disse uma vez de forma arrebatadora.

Ilse olhou alegremente ao redor dela... pouco negligenciada Ilse, que encontrou na companhia de Emily o que ela havia faminto por

toda sua curta vida e que estava, mesmo agora, sendo levada pelo amor a algo de sua herança legítima.

"Sim", disse ela. "E eu sempre acredito que existe um Deus quando estou aqui assim."

Então as batatas foram amassadas - e o primo Jimmy deu uma a cada uma delas antes de misturá-las no farelo; elas as partiram em pedaços em pratos de bétula, polvilharam-nas com sal que Emily tinha armazenado em uma pequena caixa sob as raízes do maior abeto, e as comeram com gosto. Nenhum banquete de deuses era tão delicioso quanto aquelas batatas. Então finalmente veio a voz amável e prateada da tia Laura chamando através da escuridão gelada; Ilse e Teddy se espalharam para casa; e Emily capturou Mike II e o calou em segurança para a noite na casa de cães da Lua Nova que não segurava nenhum cão há anos, mas ainda era cuidadosamente preservada e branqueada a cada primavera. O coração de Emily teria partido se alguma coisa tivesse acontecido com Mike II.

O "velho Kelly", o vendedor de lata, o tinha dado a ela. O velho Kelly passava por Blair Water a cada quinze dias, de maio a novembro, durante trinta anos, empoleirado no assento de uma carroça e atrás de um pônei empoeirado, ambulante e vermelho daquele movimento e aparência peculiares pertencentes aos pôneis dos plebeus do campo - uma certa magreza plácida e sem sabor, como de um chato que encontrou seus próprios problemas e que os vivenciou por pura paciência e poder de permanência. Da carroça prosseguiu um certo rugido metálico e um certo tilintar enquanto se jogava, e dois enormes ninhos de panelas de lata em seu telhado liso e listrado com cordas, reavivaram a luz do sol de forma tão deslumbrante que o velho Kelly parecia ser o sol radiante de um pequeno sistema planetário, todo seu. Uma nova vassoura, grudada agressivamente em cada um dos quatro cantos, deu à carroça uma semelhança com uma carruagem triunfante. Emily ansiava secretamente por uma carona na carroça do velho Kelly. Ela achou que deveria ter sido muito agradável.

O velho Kelly e ela eram grandes amigos. Ela gostava de seu rosto vermelho, barbeado e limpo debaixo de seu chapéu, seus olhos azuis, brilhantes e bonitos, sua escova de cabelo erguido e arenoso, e sua boca cômica com bolsa, cuja forma se devia em parte à natureza e em parte a muito assobio. Ele sempre tinha para ela um pequeno saco de papel com três pipas de "gotas de limão", ou um doce de muitas cores, que ele contrabandeava para o bolso dela quando a tia Elizabeth não estava olhando. E ele nunca esqueceu de lhe dizer que ele supunha que ela logo estaria pensando em se casar - pois o Velho Kelly pensava que a maneira mais segura de agradar a uma criatura feminina de qualquer idade era provocá-la a respeito de se casar.

Um dia, em vez de um doce, ele produziu um gatinho cinza gordo da gaveta de trás de sua carroça e disse-lhe que era para ela. Emily recebeu o presente de forma arrebatadora, mas depois que o Velho Kelly se retirou, a tia Elizabeth disse a ela que não queria mais gatos na Lua Nova.

"Oh, por favor, deixe-me ficar com ele, tia Elizabeth", implorou Emily. "Não vai ser um pouco incômodo para você. Eu tenho experiência na criação de gatos. E estou tão solitária por um gatinho. Saucy Sal está ficando tão selvagem correndo com os gatos do celeiro que eu não consigo 'associar-me com ela como eu costumava fazer - e ela nunca foi simpática em se aconchegar. Por favor, tia Elizabeth."

A tia Elizabeth não agradaria e não agradou. Ela estava de muito mau humor naquele dia, de qualquer forma - ninguém sabia exatamente por quê. Com tal humor, ela era totalmente irracional. Ela não dava ouvidos a ninguém - Laura e o primo Jimmy tinham que segurar a língua, e o primo Jimmy foi convidado a levar o gatinho cinza até a Blair Water e afogá-lo. Emily explodiu em lágrimas por causa deste comando cruel, e isto agravou ainda mais a tia Elizabeth. Ela estava tão cruzada que o primo Jimmy não ousou contrabandear o gatinho para o celeiro, como ele havia planejado no início.

"Leve essa besta até o lago e jogue-a e volte e me diga que você fez isso", disse Elizabeth com raiva. "Quero ser obedecida... A Lua Nova não vai ser transformada num depósito de lixo para os gatos supérfluos do Velho Kelly."

O primo Jimmy fez o que lhe foi dito e Emily não comeria nenhum jantar. Depois do jantar, ela fugiu em luto através do velho pomar, descendo o pasto até o lago. Por que ela foi, ela não podia ter contado, mas sentiu que devia ir. Quando ela chegou à margem do pequeno riacho, ouviu gritos piedosos; e lá, abandonado em uma pequena ilhota de erva do pântano no riacho, estava uma fera infeliz e pequena, com seu pelo embebido em gesso, seus lados tremendo com o vento do dia afiado de outono. O velho saco de aveia no qual o primo Jimmy o havia aprisionado estava flutuando.

Emily não parou para pensar, nem procurou uma tábua, nem contou as consequências. Ela mergulhou no riacho até os joelhos, se atirou para a grama e pegou o gatinho. Ela estava tão quente com indignação que não sentiu o frio da água ou o frio do vento enquanto corria de volta à Lua Nova. Um animal sofredor ou torturado sempre a enchia de tanta simpatia que a tirava limpa de si mesma. Ela irrompeu pela casa de cozinha onde a tia Elizabeth estava fritando rosquinhas.

"Tia Elizabeth", ela gritou, "afinal o gatinho não se afogou - e eu vou ficar com ele."

"Você não está falando isso...", disse a tia Elizabeth.

Emily olhou sua tia no rosto. Mais uma vez ela sentiu aquela estranha sensação que tinha vindo quando a tia Elizabeth trouxe a tesoura para cortar seu cabelo.

"Tia Elizabeth, esta pobre gatinha está com frio e faminta, e oh, tão miserável. Está sofrendo há horas. Não se afogará novamente."

O olhar de Archibald Murray estava em seu rosto e o tom de Archibald Murray estava em sua voz. Isto só aconteceu quando as

profundezas de seu ser foram agitadas por alguma emoção peculiarmente pungente. Agora mesmo ela estava em uma agonia de piedade e raiva.

Quando Elizabeth Murray viu seu pai olhando para ela com o pequeno rosto branco de Emily, ela se rendeu sem luta, com raiva de si mesma, como se ela pudesse depois por sua fraqueza. Era o seu único ponto vulnerável. A coisa poderia não ter sido tão assustadora se Emily tivesse se parecido com os Murrays. Mas ver os Murray de repente sobrepostos como uma máscara sobre características alienígenas, foi um choque tão grande para seus nervos que ela não conseguia resistir a isso. Um fantasma do túmulo não poderia tê-la acobardado mais rapidamente.

Ela virou as costas para Emily em silêncio, mas Emily sabia que havia conquistado sua segunda vitória. A gatinha cinza ficou na Lua Nova e foi amada, e a tia Elizabeth nunca se deu conta de sua existência, a não ser para varrê-la para fora de casa quando Emily não estava por perto. Mas foi semanas antes de Emily ser realmente perdoada e ela se sentiu bastante desconfortável por causa disso. A tia Elizabeth poderia ser uma conquistadora não pouco generosa, mas ela foi muito desagradável na derrota. Foi realmente muito bom que Emily não pudesse convocar o olhar de Murray para a vontade.

CAPÍTULO XV

Várias Tragédias

Emily, obediente ao comando da tia Elizabeth, eliminou a palavra "touro" de seu vocabulário. Mas ignorar a existência de touros não era acabar com eles - e especificamente com o touro inglês do Sr. James Lee, que habitava o grande pasto ventoso a oeste de Blair Water e que tinha uma reputação horrível. Ele era certamente uma criatura de aparência fantástica e Emily às vezes tinha sonhos temerosos de ser perseguida por ele e de ser incapaz de se mover. E num dia afiado de novembro, esses sonhos se tornaram realidade.

Havia um certo poço no fim do pasto sobre o qual Emily sentia uma curiosidade, porque o primo Jimmy lhe havia contado uma terrível história sobre ele. O poço havia sido cavado há sessenta anos por dois irmãos que viviam em uma casinha que foi construída perto da costa. Era um poço muito profundo, o que era considerado uma coisa curiosa naquela terra baixa, perto da lagoa e do mar; os irmãos já tinham passado de 30 metros antes de encontrar uma fonte. Então os lados do poço tinham sido apedrejados - mas o trabalho nunca foi mais longe. Thomas e Silas Lee haviam discutido sobre uma trivial diferença de opinião quanto ao tipo de tampa que deveria ser colocada sobre ele; e no calor de sua raiva Silas havia golpeado Thomas na cabeça com seu martelo e o matado.

A casa do poço nunca foi construída. Silas Lee foi mandado para a prisão por homicídio culposo e morreu lá. A fazenda passou para outro irmão - o pai do Sr. James Lee - que mudou a casa para o outro lado e aplainou o poço. O primo Jimmy acrescentou que o fantasma de Tom Lee deveria assombrar a cena de sua trágica morte, mas ele não podia atestar isso, embora tivesse escrito um poema sobre isso. Um poema muito sinistro que também era, e fez o sangue de Emily esfriar com uma alegria temerosa quando ele o

recitou para ela numa noite nublada junto à grande panela de batatas. Desde então, ela queria ver o velho poço.

Sua chance veio num sábado, quando ela estava rondando sozinha no velho cemitério. Além dele, havia o pasto Lee e aparentemente não havia sinal de um touro dentro ou sobre ele. Emily decidiu fazer uma visita ao velho poço e desceu pelo campo contra a varredura do vento norte que cortava o golfo. A Mulher do Vento estava gigantesca naquele dia e havia uma poderosa agitação ao longo da costa; mas quando Emily se aproximou das grandes dunas de areia, eles fizeram um pequeno porto de calma ao redor do velho poço.

Emily levantou friamente uma das tábuas, ajoelhou-se sobre as outras e espreitou para baixo. Felizmente, as tábuas eram fortes e comparativamente novas - do contrário, a pequena donzela da Lua Nova poderia ter explorado o poço mais profundamente do que ela desejava. Como era, ela podia ver pouco dele; enormes samambaias cresceram espessos das fendas entre as pedras de seus lados e chegaram através dele, fechando a vista de suas profundezas sombrias. Um pouco decepcionada, Emily reposicionou a tábua e começou a voltar para casa. Ela não tinha dado dez passos antes de parar. O touro do Sr. James Lee estava vindo direto para ela e estava a menos de vinte metros de distância.

A cerca da margem não estava muito atrás de Emily e ela poderia ter chegado a tempo se tivesse corrido. Mas ela era incapaz de correr; como ela escreveu naquela noite em sua carta ao pai, ela foi "paralisada" com terror e não podia mais se mover do que podia em seus sonhos desta mesma ocorrência. É bem concebível que uma coisa terrível pudesse ter acontecido naquela época e que não houvesse um certo rapaz sentado na cerca da praia. Ele tinha estado ali sentado sem ser notado o tempo todo que Emily tinha espreitado para o poço, agora ele saltou para baixo.

Emily viu, ou sentiu, um corpo robusto passando por ela. O dono correu a menos de três metros do touro, atirou uma pedra diretamente no rosto cabeludo do monstro, e depois correu em

ângulos retos em direção à cerca lateral. O touro, assim insultado, virou-se com um ronco ameaçador e saiu com uma madeira abatida após este intruso.

"Corra agora!" gritou o garoto por cima do ombro para Emily.

Emily não fugiu. Aterrorizada como ela estava, havia algo nela que não a deixava correr até ver se seu galante salvador lhe compensava a fuga. Ele alcançou sua cerca no momento certo. Então, e não até então, Emily correu também, e se mexeu pela cerca da margem, quando o touro começou a atravessar o pasto, evidentemente determinado a pegar alguém. Tremendo, ela abriu caminho através da grama espinhosa das colinas de areia e encontrou o menino na esquina. Eles se levantaram e olharam um para o outro por um momento.

O garoto era um estranho para Emily. Ele tinha um rosto alegre, atrevido e limpo, com olhos aguçados e cinzentos e muitos cachos. Ele usava tão poucas roupas quanto a decência permitida e tinha apenas a pretensão de um chapéu. Emily gostou dele; não havia nada do encanto sutil de Teddy nele, mas ele tinha uma certa atração forte própria e ele tinha acabado de salvá-la de uma morte terrível.

"Obrigada", disse Emily timidamente, olhando para ele com grandes olhos cinzentos que pareciam azuis sob suas longas pestanas. Foi um olhar muito eficaz que não perdeu nada de eficácia por estar totalmente inconsciente. Ninguém ainda havia dito a Emily o quão atraente era aquele olhar tímido, súbito e de alto nível dela.

"Ele não é um rancoroso?" disse o rapaz facilmente. Ele enfiou as mãos em seus bolsos esfarrapados e olhou fixamente para Emily de tal forma que ela deixou cair os olhos em confusão - fazendo assim mais estragos com aquelas franjas de seda.

"Ele é horrível", disse ela com um arrepio. "E eu estava tão assustada."

"Você estava agora? E eu pensando que você estava cheia de coragem para estar ali parada assim, olhando para ele fria como um pepino. Como é ter medo?"

"Você nunca teve medo?" perguntou Emily.

"Não - não sei como é", disse o menino descuidadamente, e um pouco orgulhoso. "Qual é o seu nome?"

"Emily Byrd Starr."

"Vive por aqui?"

"Eu moro na Lua Nova."

"Onde vive o simples Jimmy Murray?"

"Ele não é simples", gritou Emily indignadamente.

"Oh, tudo bem. Eu não o conheço. Mas eu vou conhecê-lo. Vou trabalhar com ele no inverno."

"Eu não sabia", disse Emily, surpresa. "Você vai mesmo?"

"Sim. Eu mesmo não sabia até este minuto. Ele estava perguntando sobre mim à tia Tom na semana passada, mas eu não queria aceitar na época. Agora eu acho que vou aceitar. Quer saber meu nome?"

"Claro que sim."

"Perry Miller. Vivo com minha velha tia Tom na cidade de Stovepipe. O pai era capitão de mar e eu naveguei com ele quando ele estava vivo - navegou por todos os lugares. Você vai à escola?"

"Sim."

"Eu não... nunca fui. A tia Tom vive tão longe. De qualquer forma, não achei que fosse gostar. Mas acho que vou agora."

"Você não sabe ler?", perguntou Emily, maravilhada.

"Sim... e consigo. O pai me ensinou um pouco quando estava vivo. Eu não me preocupei com isso, já que... eu estaria no porto. Foi muito divertido lá. Mas se eu me decidir a ir para a escola, aprenderei como um trovão. Eu acho que você deve ser muito esperta!"

"Não, não muito. O pai disse que eu era um gênio, mas a tia Elizabeth diz que eu sou apenas esquisita."

"O que é um gênio?"

"Não tenho certeza. Às vezes é uma pessoa que escreve poesia. Eu escrevo poesia."

Perry olhou fixamente para ela.

"Caramba. Eu também escrevo poesia."

"Não acredito que você possa escrever poesia", disse Emily - um pouco desdenhosamente, deve ser admitido. "Teddy não pode... e ele é muito esperto."

"Quem é o Teddy?"

"Um amigo meu." Havia apenas um traço de rigidez na voz de Emily.

"Então", disse Perry, dobrando os braços sobre o peito e com um carrancudo, "vou dar um soco na cabeça desse seu amigo por ele."

"Você não vai", gritou Emily. Ela ficou muito indignada e esqueceu por um momento que Perry a havia resgatado do touro. Então virou-se e começou a voltar para casa. Perry também se virou.

"Mais vale subir e ver Jimmy Murray sobre a contratação 'antes de eu ir para casa", disse ele. "Não fique brava, agora. Se você não

quer que ninguém leve um soco na cabeça, eu não vou dar um soco. Só espero que você goste de mim."

"Claro que vou gostar de você", disse Emily, como se não houvesse dúvidas sobre isso. Ela sorriu seu sorriso lento e florescente para Perry e assim o reduziu a uma escravidão sem esperança.

Dois dias depois, Perry Miller foi instalado como trabalhador na Lua Nova e, em quinze dias, Emily sentiu como se ele estivesse sempre lá.

"A tia Elizabeth não queria que o primo Jimmy o contratasse", escreveu a seu pai, *"porque ele era um dos meninos que fez uma coisa horrível uma noite no outono passado. Eles soltaram todos os cavalos que estavam amarrados à cerca numa noite de domingo, quando a pregação estava acontecendo e quando as pessoas saíram a confusão foi horrível. A tia Elizabeth disse que não seria seguro tê-lo no local. Mas o primo Jimmy disse que era muito difícil conseguir um garoto trabalhador e que nós agradecemos a Perry por ter salvo minha vida do touro. Então a tia Elizabeth cedeu e o deixou sentar à mesa conosco, mas ele tem que ficar na cozinha à noite. O resto de nós está na sala de estar, mas eu posso sair e ajudar Perry com suas lições. Ele só pode ter uma vela e a luz é muito fraca. Ela nos mantém a todo o tempo apagando a vela. É muito divertido apagar as velas. Perry já está à frente de sua classe na escola. Ele está apenas no terceiro livro, apesar de ter quase doze anos. A senhorita Brownell disse algo sarcástico para ele no primeiro dia de aula e ele simplesmente jogou sua cabeça para trás e riu alto e longo. A Srta. Brownell deu-lhe uma chicotada por isso, mas ela nunca mais foi sarcástica com ele. Ela não gosta que lhe riam. Perry não tem medo de nada. Pensei que ele poderia não ir mais à escola quando ela o chicoteasse, mas ele diz uma coisinha dessas não vai impedi-lo de receber uma educação, já que ele já se decidiu por isso. Ele é muito determinado.*

A tia Elizabeth também está determinada. Mas ela diz que Perry é teimoso. Eu estou ensinando gramática ao Perry. Ele diz que quer

aprender a falar corretamente. Eu disse a ele que não deveria chamar sua tia Tom de besta velha, mas ele disse que tinha que fazê-lo porque ela não era uma besta jovem. Ele diz que o lugar onde ele mora se chama Cidade Stovepipe, e que as casas não têm chaminés, apenas tubos que saem do telhado, mas que um dia ele viveria em uma mansão. A tia Elizabeth diz que eu não deveria ser tão amigável com um garoto contratado. Mas ele é um rapaz simpático, embora seus modos estejam a desejar. A tia Laura diz que seus modos não são adequados. Não sei o que isso significa, mas acho que significa que ele sempre diz o que pensa e come feijão com sua faca. Eu gosto do Perry, mas de uma maneira diferente do Teddy. Não é engraçado, querido pai, quantos tipos de maneiras de gostar existem? Eu não acho que Ilse goste dele. Ela goza da ignorância dele e vira o nariz para ele, porque o seu próximo está remendado, embora o seu próprio próximo seja bastante estranho. Teddy não gosta muito dele e ele fez um desenho tão engraçado de Perry pendurado por seus calcanhares em um galo. O rosto parecia o de Perry. O primo Jimmy disse que era um carrinho de mão e riu dele, mas eu não ousei mostrá-lo a Perry por medo que ele desse um soco na cabeça do Teddy. Eu mostrei para Ilse e ela ficou brava e rasgou em dois. Não consigo imaginar por quê.

Perry diz que pode recitar tão bem quanto Ilse e que também poderia fazer desenhos se ele se empenhasse nisso. Vejo que ele não gosta de pensar que qualquer pessoa pode fazer qualquer coisa que ele não possa. Mas ele não pode ver o papel de parede no ar como eu posso, embora ele tente até eu temer que ele estrague os olhos. Ele pode fazer discursos melhores do que qualquer um de nós. Ele diz que costumava querer ser um velejador como seu pai, mas agora pensa que será um advogado quando crescer e for para o parlamento. Teddy vai ser um artista se sua mãe deixar, e Ilse vai ser uma recitadora de concertos - há outro nome, mas não sei como se escreve - e eu vou ser uma poetisa. Acho que somos uma multidão alta. Talvez isso seja uma coisa de palheta a dizer, querido Pai.

Uma coisa muito terrível aconteceu anteontem. No sábado de manhã estávamos nas orações familiares, todos ajoelhados e muito solenes ao redor da cozinha. Eu só olhei para Perry uma vez e ele fez uma cara tão engraçada para mim que eu ri bem alto antes que eu pudesse ajudar. (Isso não foi o pior.) A tia Elizabeth estava muito zangada. Eu não diria que foi Perry que me fez rir porque eu tinha medo que ele pudesse ser mandado embora se eu o fizesse. Então a tia Elizabeth disse que eu deveria ser punida e que eu não seria deixada ir à festa de Jennie Strangs à tarde. (Foi uma decepção terrível, mas também não foi a coisa mais horrível.) Perry esteve fora com o primo Jimmy o dia todo e quando ele chegou em casa à noite ele me disse, muito bravo: 'Quem tem feito você chorar'. Eu disse que estava chorando - um pouco mas não muito - porque não me deixaram ir à festa porque eu tinha rido das orações. E Perry marchou até a tia Elizabeth e lhe disse que era tudo culpa dele. A tia Elizabeth disse que eu não deveria ter rido de qualquer maneira, mas a tia Laura ficou muito chateada e disse que meu castigo tinha sido muito severo; e ela disse que me deixaria levar seu anel de pérolas para a escola na segunda-feira para compensar isso. Fiquei maravilhada porque é um anel adorável e nenhuma outra garota tem um. Assim que a chamada acabou na segunda-feira de manhã, levantei a mão para fazer uma pergunta à Srta. Brownell, mas realmente para mostrar meu anel. Isso foi um orgulho e eu fui punida. No recesso Cora Lee, uma das garotas grandes da sexta classe veio e me pediu que a deixasse usar o anel por um tempo. Eu não queria, mas ela disse que se eu não o fizesse, ela conseguiria que todas as meninas da minha turma me mandassem para o Convento (o que é uma coisa terrível, querido pai, e faz você se sentir como um pária). Então eu a deixei e ela continuou até o recesso da tarde e então ela veio e me disse que a tinha perdido no riacho. (Esta foi a coisa terrível.) Oh, meu querido pai, eu estava quase louca. Eu não ousei ir para casa e enfrentar a tia Laura. Eu havia prometido a ela que teria tanto cuidado com o anel. Pensei que poderia ganhar dinheiro para conseguir outro anel para ela, mas quando imaginei que teria que lavar a louça por vinte anos para fazê-lo. Eu chorei no meu desespero. Perry me viu e depois da escola ele marchou até Cora Lee e disse que, ou ela devolveria o

anel, ou ele contaria tudo à Srta. Brownell sobre isso. Então Cora Lee o devolveu e Perry disse: 'Não brinque mais com Emily ou eu brinco com você'. É muito reconfortante ter um campeão assim! Eu tremo ao pensar como teria sido se eu tivesse que ir para casa e dizer à tia Laura que tinha perdido o anel dela. Mas foi feio da parte de Cora Lee me dizer que ela o tinha perdido quando não o tinha feito e me enrugou a cabeça assim. Eu não podia ser tão inocente para uma garota órfã.

Quando cheguei em casa, olhei no espelho para ver se meu cabelo tinha ficado branco. Disseram-me que às vezes isso acontece. Mas não tinha acontecido.

Perry conhece mais geografia do que qualquer um de nós porque ele já esteve em quase todos os lugares do mundo com seu pai. Ele me conta histórias tão fascinantes depois que suas lições estão prontas. Ele fala até que a vela é queimada até a última polegada e depois usa isso para ir para a cama com o buraco negro no sótão da cozinha, porque a tia Elizabeth não o deixa ter mais de uma vela por noite.

Ilse e eu tivemos uma discussão ontem sobre qual preferiríamos ser: Joana D'Arc ou Frances Willard. Não começamos como uma briga, mas apenas como uma discussão, mas ela terminou assim. Eu preferiria ser Frances Willard porque ela está viva.

Tivemos a primeira neve ontem. Eu fiz um poema sobre ela. É isso aí:

Ao longo da neve, os raios de sol deslizam,
A Terra é uma noiva sem igual e cintilante,
Pingando com diamantes, revestidos de branco,
Nenhuma noiva jamais foi tão justa e brilhante.

Eu li para Perry e ele disse que podia fazer poesia tão boa quanto ele e disse logo:

Mike fez uma longa fila
de pistas através da neve.

Agora isso não é tão bom quanto o meu. Eu não pensei que fosse porque se poderia dizer isso tão bem em prosa. Mas quando se fala de noivas brilhantes e sem igual em prosa, parece engraçado. Mike fez uma fila de pequenas pegadas no campo do celeiro e elas pareciam tão bonitas, mas não tão bonitas como as pegadas de ratos em alguma farinha que o primo Jimmy derramou no chão do celeiro. Eles são as coisinhas mais queridas. Parecem poesia.

Lamento que o inverno tenha chegado porque Ilse e eu não podemos mais brincar em nossa casa nos arbustos do Majestoso John até a primavera ou lá fora no Tansy Patch. Às vezes brincamos dentro de casa no Tansy Patch, mas a Sra. Kent nos faz sentir estranhos. Ela se senta e nos observa o tempo todo. Portanto, vamos apenas quando o Teddy exige muito. E os porcos foram mortos, coitados, então o primo Jimmy não ferve mais batatas para eles. Mas há um consolo que não tenho que levar para a escola agora. A tia Laura me fez um capuz vermelho tão bonito com fitas, no qual a tia Elizabeth olhou com ar de extravagância dizendo que era extravagante. Eu gosto mais da escola aqui a cada dia, mas não posso gostar da Srta. Brownell. Ela não é justa. Ela nos disse que daria àquela que escreveu a melhor composição uma fita rosa para usar de sexta à noite até segunda-feira. Escrevi 'As Histórias do Riacho' sobre o riacho no arbusto do Majestoso John - todas aventuras e pensamentos - e a Srta. Brownell disse que eu deveria ter copiado de algum lugar e Rhoda Stuart recebeu a fita. A tia Elizabeth disse que eu perdi tempo suficiente escrevendo lixo, então achou que eu deveria ter ganho essa fita. Ela ficou mortificada (acho que) porque eu tinha desonrado a Lua Nova ao não a receber, mas não lhe contei o que havia acontecido. Teddy diz que um bom esportista nunca se queixa de perder. Eu quero ser um bom esportista. Rhoda é tão odiosa para mim agora. Ela diz estar surpresa que uma garota da Lua Nova tenha um garoto contratado

como pretendente. Isso é muito bobo porque Perry não é meu pretendente. Perry disse a ela que ela tinha mais tagarelice do que bom senso. Isso não foi educado, mas é verdade. Um dia, na classe Rhoda, disse que a lua estava situada ao leste do Canadá. Perry riu e a Srta. Brownell o obrigou a ficar no recesso, mas ela nunca disse nada a Rhoda por dizer uma coisa tão ridícula. Mas a coisa mais maldosa que Rhoda disse foi que ela me perdoou pela maneira como eu a tinha usado. Isso fez meu sangue ferver quando eu não tinha feito nada para ser perdoado. Que ideia.

Começamos a comer o grande presunto de carne que estava pendurado no canto sudoeste da cozinha.

Na outra quarta-feira à noite, Perry e eu ajudamos o primo Jimmy a escolher uma estrada através dos nabos na primeira adega. Temos que passar por ela até a segunda adega, porque a escotilha externa está agora guardada. Foi muito divertido. Tínhamos uma vela presa em um buraco na parede e ela fazia sombras tão bonitas e podíamos comer todas as maçãs que queríamos do grande barril no canto e o espírito moveu o primo Jimmy para recitar um pouco de sua poesia enquanto ele jogava os nabos.

Estou lendo O Alhambra. Ela pertence a nossa biblioteca de livros. A tia Elizabeth não gosta de dizer que não me convém ler porque foi um dos livros de seu pai, mas eu não acredito que ela aprove porque ela tricotou muito furiosamente e me olha sobre seus óculos. Teddy me emprestou histórias de Hans Andersons. Eu as amo - somente penso sempre em um fim diferente para a Donzela de Gelo e salvo Rudy.

Dizem que a Sra. John Killegrew engoliu seu anel de casamento. Por que será que ela fez isso?

O primo Jimmy diz que em dezembro haverá dias de sol. Espero que isso não interfira com o Natal.

Minhas mãos estão rachadas. A tia Laura esfrega sebo de carneiro nelas todas as noites quando eu vou para a cama. É difícil escrever poesia com as mãos rachadas. Será que a Sra. Hemans já teve as mãos rachadas? Ela não menciona nada parecido em sua biografia.

Jimmy Ball tem que ser um ministro quando ele crescer. Sua mãe disse à tia Laura que ela o aconselhou a fazê-lo em seu berço. Pergunto-me como ela o fez.

Agora, temos o chá à luz das velas e eu gosto disso.

Ilse estava aqui no domingo à tarde e nós subimos no sótão e conversamos sobre Deus, porque isso é o próprio aos domingos. Temos que ter muito cuidado com o que fazemos aos domingos. É uma tradição de Lua Nova manter os domingos muito santos. O vovô Murray foi muito insistente. O primo Jimmy me contou uma história sobre ele. Eles sempre cortam a madeira para domingo à noite, mas uma vez esqueceram e não havia madeira no domingo para cozinhar o jantar, então o avô Murray disse que não se deve cortar madeira aos domingos, rapazes, mas apenas quebrar um pouco com a parte de trás do machado. Ilse está muito curiosa sobre Deus, embora ela não acredite Nele a maior parte do tempo e não goste de falar sobre Ele, mas ainda quer saber mais sobre Ele. Ela diz que acha que poderia gostar Dele se O conhecesse. Ela escreve seu nome com um 'D' maiúsculo agora porque é melhor estar no lado seguro. Eu acho que Deus é como meu clarão, só que ele dura apenas um segundo e Ele dura sempre. Conversamos tanto que ficamos com fome e eu fui até a sala de estar e peguei duas rosquinhas. Esqueci que a tia Elizabeth havia me dito que eu não poderia comer rosquinhas entre as refeições. Não estava roubando, estava apenas esquecendo. Mas Ilse ficou furiosa na última e disse que eu era uma jacobita (o que quer que isso seja) e uma ladra e que nenhum cristão roubaria rosquinhas de sua pobre tia velha. Então eu fui e confessei à tia Elizabeth e ela disse que eu não deveria ter uma rosquinha no jantar. Era difícil ver os outros comendo-os. Pensei que Perry tivesse comido a sua muito rápidos,

mas depois do jantar, ele me deu metade de sua rosquinha, que ele tinha guardado para mim. Ele tinha guardado em seu lenço, que não estava muito limpo, mas eu o guardei porque não queria ferir seus sentimentos.

A tia Laura diz que Ilse tem um sorriso bonito. Será que eu tenho um sorriso bonito? Olhei para espelho no quarto de Ilse e sorri, mas não me pareceu muito bonito.

Agora que as noites ficaram frias, a tia Elizabeth sempre coloca uma garrafa de água quente na cama. Eu gosto de colocar meus dedos dos pés contra ela. É só para isso que usamos a garrafa de gim nos dias de hoje. Mas o avô Murray costumava manter o verdadeiro gim dentro dele.

Agora que a neve chegou, o primo Jimmy não pode mais trabalhar em seu jardim e ele está muito só. Eu acho que o jardim é tão bonito no inverno quanto no verão. Há covinhas tão bonitas e colinas de bebês onde a neve cobriu os canteiros de flores. E à noite é tudo rosa e ao pôr do sol e ao luar é como a terra dos sonhos. Eu gosto de olhar pela janela da sala de estar para ela e ver os coelhos atirando velas no ar acima dela e imaginar o que todas as pequenas raízes e sementes estão pensando sob a neve. E me dá uma sensação de arrepiar ao olhar para ela através do vidro vermelho na porta da frente.

Há um belo rastro de fumaça ao longo do telhado, saindo da chaminé. Mas haverá coisas muito mais belas no céu. Eu estava lendo sobre Anzonetta hoje e isso me fez sentir religiosa. Boa noite, meus queridos pais.

Emily.

P. S. Isso não significa que eu tenha outro Pai. É apenas uma forma de dizer muito querido.

"E. B. S.".

CAPÍTULO XVI

Procure a Srta. Brownell

Emily e Ilse estavam sentadas no banco lateral da escola Blair Water escrevendo poesia em suas ardósias - pelo menos, Emily estava escrevendo poesia e Ilse estava lendo enquanto escrevia e ocasionalmente sugerindo uma rima quando Emily estava momentaneamente presa a uma. Mais vale admitir aqui e agora que elas não tinham nada a ver com isso. Elas deveriam estar "fazendo somas", como a Srta. Brownell supunha que estavam fazendo. Mas Emily nunca fazia somas quando levava em sua cabeça negra para escrever poesia, e Ilse odiava aritmética sobre princípios gerais. A Srta. Brownell estava dando aula de geografia do outro lado da sala, o sol agradável estava tomando banho sobre eles pela grande janela, e tudo parecia propício para um voo com as musas. Emily começou a escrever um poema sobre a vista da janela da escola.

Fazia muito tempo que ela não podia sentar-se no banco lateral. Esta era uma bênção reservada para aqueles alunos que haviam encontrado favor nos olhos frios da Srta. Brownell - e Emily nunca havia sido um desses. Mas esta tarde Ilse havia pedido por ela e Emily, e a Srta. Brownell havia deixado ambas irem embora, não podendo pensar em nenhuma razão válida para permitir Ilse e recusar Emily - como ela gostaria de ter feito, pois ela tinha uma daquelas naturezas mesquinhas que nunca esquecem ou perdoam qualquer ofensa. Emily, em seu primeiro dia de aula, tinha, assim acreditava a Srta. Brownell, sido culpada de impertinência e rebeldia - e de rebeldia bem sucedida nisso. Esta classificação ainda estava na mente da Srta. Brownell e Emily sentiu seu veneno de várias maneiras sutis. Ela nunca recebeu nenhum elogio - ela era um alvo do sarcasmo da professora continuamente - e os pequenos favores que outras meninas recebiam nunca lhe vieram ao encontro. Portanto, esta oportunidade de sentar-se no banco lateral era uma novidade agradável.

Havia pontos sobre sentar-se no banco lateral. Você podia ver por toda a escola sem virar sua cabeça - e a Srta. Brownell não podia se esgueirar atrás de você e olhar por cima do ombro para ver o que você estava fazendo; mas, aos olhos de Emily, o melhor de tudo era que você podia olhar direto para o "arbusto da escola" e ver os velhos abetos onde a Mulher do Vento brincava, as longas trilhas cinzentas e verdes de musgo penduradas nos galhos, como faixas da Cidade dos Elfos, os pequenos esquilos vermelhos correndo ao longo da cerca, e os maravilhosos corredores brancos de neve onde salpicos de luz solar caíam como piscinas de vinho dourado; e havia uma pequena abertura nas árvores através da qual se podia ver o vale de Blair Water até as colinas de areia e o golfo além. Hoje, as colinas de areia eram suavemente arredondadas e cintilantes sob a neve, mas além delas o golfo era escuro, profundamente azul com deslumbrantes massas brancas de gelo como icebergs bebês, flutuando dentro dele. Só de olhar para ela emocionou Emily com um deleite que era indizível, mas que ela ainda deve tentar expressar. Ela começou seu poema. Frações foram completamente esquecidas - o que tinha a ver com aqueles seios curvados de neve branca - aquele azul celestial - aquelas pontas de abeto negro cruzadas contra os céus perolados - aqueles corredores etéreos de bosques de pérolas e ouro? Emily estava perdida para seu mundo - tão perdida que não sabia que a classe de geografia tinha se espalhado para seus respectivos assentos e que a Srta. Brownell, vendo o olhar entrançado de Emily para o céu enquanto procurava uma rima, estava caminhando suavemente em direção a ela. Ilse estava desenhando um quadro em sua ardósia e não a viu ou ela teria avisado Emily. Esta última, de repente, sentiu sua ardósia ser retirada de sua mão e ouviu a Srta. Brownell dizer:

"Suponho que você tenha terminado essas somas, Emily?"

Emily não tinha terminado nem mesmo uma soma - ela só tinha coberto sua ardósia com versos - versos que a Srta. Brownell não deve ver - não deve ver! Emily saltou aos seus pés e se agarrou loucamente depois de sua ardósia. Mas a senhorita Brownell, com

um sorriso de prazer malicioso em seus lábios finos, segurou-a além de seu alcance.

"O que é isto? Não se parece - exatamente - com frações. 'Linhas na Vista da Janela da Escola de Blair Water'. Realmente, crianças, parece que temos um poeta florescente entre nós."

As palavras eram suficientemente inofensivas, mas... oh, a zombaria odiosa que percorria o tom... o desprezo, o escárnio que estava nele! Ele queimou a alma de Emily como um chicote. Nada era mais terrível para ela do que o pensamento de ter seus amados "poemas" lidos por olhos estranhos - olhos frios, insensíveis, zombadores e estranhos.

"Por favor, Srta. Brownell", ela gaguejou miseravelmente, "não leia - eu vou apagar - eu vou fazer minhas somas imediatamente. Só que, por favor, não leia. Não é nada..."

A Srta. Brownell riu cruelmente.

"Você é muito modesta, Emily. É uma tábua cheia de... poesia... pensem nisso, crianças... poesia. Temos um aluno nesta escola que sabe escrever... poesia. E ela não quer que a gente leia isso... poesia. Receio que Emily seja egoísta. Tenho certeza de que todos nós devemos gostar disto... poesia."

Emily se encolhia cada vez que a Srta. Brownell dizia "poesia" com aquela ênfase zombeteira e aquela pausa odiosa diante dela. Muitas das crianças riram, em parte porque gostaram de ver um "Murray da Lua Nova" humilhado, em parte porque perceberam que a Srta. Brownell esperava que elas rissem. Rhoda Stuart riu mais alto do que qualquer outra; mas Jennie Strang, que havia atormentado Emily em seu primeiro dia na escola, recusou-se a rir e, ao invés disso, se recusou a dar gargalhadas negras para a Srta. Brownell.

A Srta. Brownell ergueu a tábua e leu o poema de Emily em voz alta, com uma voz nasal cantada, com entoações e gestos absurdos

que o fizeram parecer uma coisa muito ridícula. As linhas que Emily havia pensado que as mais finas pareciam as mais ridículas. Os outros alunos riram mais do que nunca e Emily sentiu que a amargura do momento nunca poderia sair de seu coração. As pequenas fantasias que tinham sido tão bonitas quando chegaram até ela, como ela escreveu, estavam agora despedaçadas e machucadas, como borboletas rasgadas e mutiladas - "vistas em algum sonho de fada", cantava a Srta. Brownell, fechando os olhos e abanando a cabeça de um lado para o outro. As risadas se tornaram gritos de gargalhadas.

"Oh", pensou Emily, apertando as mãos, "desejo - desejo que os ursos que comeram as crianças malvadas da Bíblia venham e te comam."

No entanto, não havia ursos simpáticos e retribuidores no mato da escola, e a senhorita Brownell leu todo o "poema". Ela estava se divertindo imensamente. Para ridicularizar uma aluna sempre lhe dava prazer e quando essa aluna era Emily da Lua Nova, em cujo coração e alma ela sempre havia sentido algo fundamentalmente diferente de seu próprio, o prazer era requintado.

Quando chegou ao fim, ela devolveu a ardósia à carmesim da Emily.

"Pegue sua... poesia, Emily", disse ela.

Emily arrancou a ardósia. Nenhum "trapo" de ardósia era útil, mas Emily deu a palma de sua mão uma lambida feroz e um lado da ardósia foi apagado. Outra lambida - e o resto do poema foi. Tinha sido desgraçado - degradado - deve ter sido apagado da existência. Até o final de sua vida, Emily nunca esqueceu a dor e a humilhação daquela experiência.

A senhorita Brownell riu novamente.

"Que pena obliterar tal... poesia, Emily", disse ela. "Suponha que você faça essas somas agora. Elas não são poesia, mas eu estou

nesta escola para ensinar aritmética e não estou aqui para ensinar a arte de escrever poesia. Vá para seu próprio lugar. Sim, Rhoda?"

Pois Rhoda Stuart estava segurando sua mão e estalando seus dedos.

"Por favor, Srta. Brownell", disse ela, com distinto triunfo em seus tons, "Emily Starr tem todo um monte de poesia em sua mesa. Ela estava lendo para Ilse Burnley esta manhã, enquanto você pensava que eles estavam aprendendo história."

Perry Miller se virou e um delicioso míssil, composto de papel mastigado e conhecido como "pílula de cuspo", voou pela sala e bateu no rosto de Rhoda. Mas a Srta. Brownell já estava na mesa da Emily, tendo chegado a ela um salto antes da própria Emily.

"Não toque neles - você não tem direito!" gaseou Emily freneticamente.

Mas a senhorita Brownell tinha o "monte de poesia" em suas mãos. Ela se virou e caminhou até a plataforma. Emily a seguiu. Aqueles poemas eram muito queridos por ela. Ela os tinha composto durante os vários recessos tempestuosos, quando era impossível brincar fora das portas e os escrevia em pedaços de papel desonestos emprestados de seus colegas. Ela tinha a intenção de levá-los para casa naquela mesma noite e copiá-los nas cartas antigas. E agora esta mulher horrível ia lê-los para toda a escola de zombaria e risos.

Mas a Srta. Brownell percebeu que o tempo era muito curto para isso. Ela teve que se contentar com a leitura sobre os títulos, com alguns comentários apropriados.

Enquanto isso, Perry Miller estava aliviando seus sentimentos bombardeando Rhoda Stuart com pílulas de cuspo, tão astutamente cronometrado que Rhoda não tinha ideia de que quarto da sala eles vinham e por isso não podia "contar" em nenhum deles. No entanto, eles interferiram muito no prazer dela com o raspão de Emily.

Quanto a Teddy Kent, que não fazia guerra com cuspi, mas preferia métodos mais sutis de vingança, ele estava ocupado desenhando algo em uma folha de papel. Rhoda encontrou a folha em sua mesa na manhã seguinte; nela estava representado um pequeno macaco magricela, pendurado pela cauda de um galho; e a cara do macaco era como a cara de Rhoda Stuart. Onde Rhoda Stuart encerrou a ira, mas por causa de sua própria vaidade rasgou o esboço para esfarelar e manteve silêncio a respeito. Ela não sabia que Teddy tinha feito um esboço semelhante, com a Srta. Brownell figurando como um morcego de aparência vampírica, e o empurrou para a mão de Emily ao saírem da escola.

"O Diamante Perdido - Um Conto Romântico", leu a Srta. Brownell. "Linhas em uma bétula- me parece mais como linhas em um pedaço de papel muito sujo, Emily. 'Linhas escritas em um relógio de sol em nosso Jardim' - 'Linhas para meu gato favorito' - um outro conto romântico, eu presumo - 'Hino a Ilse' -'Seu pescoço é de um maravilhoso brilho perolado' - dificilmente isso, eu deveria dizer. O pescoço de Ilse está muito queimado pelo sol - 'Um Fragmento de Nosso Salão', 'O Feitiço das Violetas' - espero que o feitiço violeta seja melhor do que você, Emily - 'A Casa Decepcionada' - 'A Casa Decepcionada'.

"Lírios levantados em copos brancos
Para as abelhas be-be-rem."

"Eu não escrevi assim!" gritou Emily torturada.

"'Linhas para um pedaço de Brokade na gaveta Burow da tia Laura', 'Adeus ao sair de casa', 'Linhas para um abeto' - 'Não tem calor, sol e brilho', 'É uma boa árvore que eu tenho' - tem certeza de que sabe o que significa 'tenho', Emily? - 'Poema no campo do Sr. Tom Bennet', 'Poema na vista da janela da tia Elizabeth', você é forte na v-i-s-t-a, Emily, 'Epitáfio de um gatinho afogado', 'Meditações no túmulo de minha bisavó', pobre senhora, 'Linhas compostas na margem de Blair Water olhando para as estrelas':"

"Crustado com gemas incontáveis
Essas estrelas tão distantes, frias e verdadeiras."

"Não tente passar essas linhas como se fossem suas, Emily. Você não poderia tê-las escrito."

"Eu fiz... eu fiz!" Emily era branca com senso de ultraje. "E eu escrevi muito melhor."

A Srta. Brownell de repente amarrotou os papeizinhos esfarrapados em sua mão.

"Já perdemos tempo suficiente com este lixo", disse ela. "Vá para o seu lugar, Emily."

Ela se moveu em direção ao fogão. Por um momento, Emily não se deu conta de seu propósito. Então, quando a senhorita Brownell abriu a porta do fogão, Emily entendeu e se dirigiu para frente. Ela pegou os papéis e os arrancou da mão da Srta. Brownell antes que esta última pudesse pôr um fim em tudo.

"Não os queimará, não os terá", gaseou Emily. Ela enfiou os poemas no bolso de seu "avental de bebê" e enfrentou a senhorita Brownell em uma espécie de fúria calma. O olhar de Murray estava em seu rosto - e embora a senhorita Brownell não tenha sido tão violentamente afetada por ele como a tia Elizabeth havia sido, ainda assim deu a ela uma sensação desagradável, a de ter despertado forças com as quais ela não se atreveu a mexer mais. Esta criança atormentada parecia bastante capaz de voar para ela, com dentes e garras.

"Dê-me esses papéis, Emily," mas ela disse com bastante incerteza.

"Não o farei", disse Emily de forma tempestuosa. "Eles são meus. Você não tem direito a eles. Eu os escrevi nos intervalos - eu não quebrei nenhuma regra. Você..." Emily olhou desafiadoramente

nos olhos frios da Srta. Brownell: "Você é uma pessoa injusta, tirânica!"

A Srta. Brownell virou-se para sua mesa.

"Estou chegando à Lua Nova à noite para contar isto a sua tia Elizabeth", disse ela.

No início, Emily estava muito entusiasmada em salvar sua preciosa poesia para prestar muita atenção a esta ameaça. Mas à medida que a excitação dela diminuía o pavor do frio, sabia que tinha um momento desagradável à sua frente. Mas em todo caso, eles não deveriam receber seus poemas - não um deles, não importa o que fizeram com ela. Assim que chegou em casa da escola, ela voou para o sótão e os segregou na prateleira do velho sofá.

Ela queria muito chorar, mas não chorou. A senhorita Brownell estava chegando e a senhorita Brownell não deveria vê-la com os olhos vermelhos. Mas seu coração ardia dentro dela. Algum templo sagrado de seu ser havia sido profanado e envergonhado. E mais ainda estava por vir, ela se sentia miseravelmente segura. A tia Elizabeth tinha a certeza de estar ao lado da Srta. Brownell. Emily encolheu-se da provação iminente com todo o pavor de uma natureza sensível e fina, enfrentando a humilhação. Ela não teria medo da justiça; mas sabia que no tribunal da tia Elizabeth e da Srta. Brownell ela não teria justiça.

"E eu não posso escrever ao pai sobre isso", pensou ela, o seu pequeno levantar de peito. A vergonha de tudo isso era profunda e íntima demais para ser escrita, e assim ela não encontrava alívio para sua dor.

Eles não jantaram na Lua Nova no inverno até que o primo Jimmy tivesse terminado suas tarefas e estivesse pronto para passar a noite em casa. Assim, Emily não foi perturbada no sótão.

Da janela do dormitório, ela olhou para baixo em uma cena de terra de sonho que normalmente a teria encantado. Havia um pôr do sol vermelho atrás das colinas brancas e distantes, brilhando através das árvores escuras como um grande fogo; havia um delicado tabuleiro azul de sombras de galhos nus por todo o jardim; havia um pálido e etéreo brilho alpino por todo o céu do sudeste; e, atualmente, havia uma pequena e adorável lua nova no arco prateado sobre o arbusto do Majestoso John. Mas Emily não encontrou nenhum prazer em nenhum deles.

Atualmente, ela viu a Srta. Brownell subindo a pista, sob os braços brancos das bétulas, com seus passos masculinos.

"Se meu pai fosse vivo", disse Emily, olhando para ela, "você iria embora deste lugar com uma pulga no ouvido."

Os minutos passaram, cada um parecendo muito longo para Emily. Finalmente, a tia Laura subiu.

"Sua tia Elizabeth quer que você desça até a cozinha, Emily."

A voz da tia Laura era gentil e triste. Emily lutou um soluço. Ela detestava que a tia Laura pensasse que tinha sido malcriada, mas ela não podia confiar em si mesma para explicar. A tia Laura se compadeceria e a simpatia a derrubaria. Ela desceu silenciosamente os dois longos lances de escada antes da tia Laura e saiu para a cozinha.

A mesa de jantar foi colocada e as velas foram acesas. A grande cozinha, de cor negra, parecia assustadora e estranha, como sempre fazia à luz das velas. A tia Elizabeth sentou-se rigidamente junto à mesa e seu rosto estava muito duro. A senhorita Brownell sentou-se na cadeira de balanço, seus olhos pálidos brilhando com uma malícia triunfante. Parecia haver algo de maléfico e venenoso em seu próprio olhar. Também seu nariz estava muito vermelho, o que não acrescentava nada ao seu encanto.

O primo Jimmy, em seu pulôver cinza, estava empoleirado na borda da caixa de madeira, assobiando no teto e parecendo mais gnomo do que nunca. Perry não estava em nenhum lugar para ser visto. Emily se arrependeu por isso. A presença de Perry, que estava ao seu lado, teria sido um grande apoio moral.

"Lamento dizer, Emily, que tenho ouvido coisas muito ruins sobre seu comportamento na escola hoje em dia", disse a tia Elizabeth.

"Não, eu não acho que você esteja arrependida", disse Emily, gravemente.

Agora que a crise havia chegado, ela se viu capaz de enfrentá-la friamente - não, mais, de se interessar curiosamente por ela sob todo seu medo e vergonha secretos, como se alguma parte dela se tivesse separado do resto e estivesse interessada em absorver impressões e analisar motivos e descrever cenários. Ela sentiu que quando escreveu sobre esta cena mais tarde, não deveria esquecer de descrever as sombras estranhas que a vela sob o nariz da tia Elizabeth lançou sobre seu rosto, produzindo um efeito bastante esquelético. Quanto à Srta. Brownell, será que ela poderia ter sido um bebê - um bebê covarde, gordo e risonho? A coisa era inacreditável.

"Não fale impertinentemente comigo", disse a tia Elizabeth.

"Você vê," disse a Srta. Brownell, significativamente.

"Eu não quero ser impertinente, mas você não está arrependida", persistiu Emily. "Você está zangada porque acha que eu desonrei a Lua Nova, mas está um pouco feliz por ter conseguido que alguém concordasse com você que eu sou má."

"Que criança ingrata", disse a Srta. Brownell - piscando os olhos para cima no teto - onde encontraram uma visão surpreendente. A cabeça de Perry Miller - e nada mais dele - ficou presa no "buraco negro" e na cara de Perry Miller de cabeça para baixo foi uma mágoa muito desrespeitosa e impetuosa. O rosto e a cabeça

desapareceram num piscar de olhos, deixando a Srta. Brownell olhando insensatamente para o teto.

"Você tem se comportado de forma vergonhosa na escola", disse a tia Elizabeth, que não tinha visto esta brincadeira. "Eu tenho vergonha de você."

"Não foi tão ruim assim, tia Elizabeth", disse Emily com firmeza. "Você vê que não foi desta maneira..."

"Não quero ouvir mais nada sobre isso", disse a tia Elizabeth.

"Mas você deve", gritou Emily. "Não é justo ouvir apenas o lado dela. Eu fui um pouco mal criada - mas não tão mal quanto ela diz..."

"Nem mais uma palavra! Ouvi a história toda", disse a tia Elizabeth com tristeza.

"Você ouviu um monte de mentiras", disse Perry, de repente enfiando sua cabeça no buraco negro novamente.

Todos saltaram - até mesmo a tia Elizabeth, que ao mesmo tempo ficou mais furiosa do que nunca porque ela havia pulado.

"Perry Miller, desça daquele sótão imediatamente!", ordenou ela.

"Não posso", disse Perry laconicamente.

"Imediatamente, eu disse!"

"Não posso", repetiu Perry, piscando audaciosamente para a Srta. Brownell.

"Perry Miller, desça! Serei obedecida. Eu sou a patroa aqui ainda."

"Oh, tudo bem", disse Perry alegremente. "Se eu precisar..."

Ele se abaixou até que seus dedos dos pés tocaram a escada. A tia Laura deu um pequeno grito. Todos também pareciam ser burros.

"Acabei de tirar as minhas calças molhadas", dizia Perry alegremente, balançando as pernas prestes a se apoiar na escada enquanto ele pendurava com os cotovelos nos lados do buraco negro. "Caí no riacho quando eu estava guiando as vacas. Ia colocar as secas, mas como você diz..."

"Jimmy", implorou a pobre Elizabeth Murray, rendendo-se à discrição. Ela não conseguia lidar com a situação.

"Perry, volte para aquele sótão e vista-se agora mesmo!" ordenou o primo Jimmy.

As pernas nuas dispararam e desapareceram. Havia um riso tão jovial e malicioso quanto o de uma coruja além do buraco negro. A tia Elizabeth deu um suspiro convulsivo de alívio e virou-se para Emily. Ela estava determinada a recuperar a ascendência e Emily deve ser completamente humilhada.

"Emily, ajoelhe-se aqui diante da senhorita Brownell e peça-lhe perdão por sua conduta de hoje", disse ela.

No rosto pálido de Emily veio um protesto escarlate. Ela não podia fazer isso - ela pedia perdão à Srta. Brownell, mas não de joelhos. Ajoelhar-se diante desta mulher cruel que a havia ferido, então ela não poderia... não o faria. Toda sua natureza se levantou em protesto contra tal humilhação.

"Ajoelhe-se", repetiu a tia Elizabeth.

A senhorita Brownell parecia contente e expectante. Seria muito gratificante ver esta criança que a desafiou ajoelhada diante dela como uma penitente. Nunca mais, a Srta. Brownell sentiu, Emily seria capaz de olhar niveladamente para ela com aqueles olhos intrépidos e sem medo, que lhe conferiam uma alma indomável e livre, não importando que punição pudesse ser infligida ao corpo ou

à mente. A memória deste momento seria sempre com Emily. Ela nunca poderia esquecer que tinha se ajoelhado em humilhação. Emily sentiu isso tão claramente quanto a Srta. Brownell e permaneceu teimosa em seus pés.

"Tia Elizabeth, por favor, deixe-me contar meu lado da história", ela suplicou.

"Ouvi tudo o que desejava ouvir sobre o assunto. Você fará o que eu disser, Emily, ou será proscrita nesta casa até que o faça. Ninguém falará com você, comerá com você, ou terá contato com você até que me obedeça."

Emily estremeceu. Era um castigo que ela não podia enfrentar. Ser separada do seu mundo - ela sabia que isso a levaria a um acordo em pouco tempo. Ela poderia muito bem ceder imediatamente - mas, ah, a amargura, a vergonha!

"Um ser humano não deve ajoelhar-se diante de ninguém além de Deus", disse o primo Jimmy, inesperadamente, ainda olhando para o teto.

Uma estranha mudança repentina veio sobre o rosto orgulhoso e irado de Elizabeth Murray. Ela ficou muito quieta, olhando para o primo Jimmy - resistiu tanto tempo que a senhorita Brownell fez um movimento de impaciência petulante.

"Emily", disse a tia Elizabeth num tom diferente. "Eu estava errada, não vou pedir-lhe que se ajoelhe. Mas você deve pedir desculpas para sua professora, e eu a punirei mais tarde."

Emily colocou suas mãos atrás dela e olhou diretamente nos olhos da Srta. Brownell novamente.

"Peço desculpas por tudo o que fiz hoje que estava errado", disse ela, "e peço seu perdão por isso."

A Srta. Brownell se pôs de pé. Ela se sentiu enganada de um triunfo legítimo. Qualquer que fosse o castigo de Emily, ela não teria a satisfação de vê-lo. Ela poderia ter sacudido "Simples Jimmy Murray" com a boa vontade certa. Mas isso dificilmente mostraria tudo o que ela sentia. Elizabeth Murray não era uma curadora, mas ela era a pagadora mais pesada da Lua Nova e tinha grande influência junto ao Conselho Escolar.

"Desculparei sua conduta se você se comportar no futuro, Emily", disse ela friamente. "Sinto que só cumpri meu dever de colocar o assunto diante de sua tia. Não, obrigada, Srta. Murray, não posso ficar para jantar. Quero chegar em casa antes que escureça demais."

"Deus acelere a todos os viajantes", disse Perry alegremente, descendo sua escada - desta vez com a roupa vestida.

A tia Elizabeth o ignorou - ela não ia ter uma cena com um garoto contratado na frente da Srta. Brownell. Esta última se retirou e a tia Elizabeth olhou para Emily.

"Você comerá seu jantar sozinha esta noite, Emily, na despensa. Você terá apenas pão e leite. E você não dirá uma palavra a ninguém até amanhã de manhã."

"Mas você não vai me proibir de pensar", disse Emily ansiosamente.

A tia Elizabeth não respondeu, mas se sentou soberbamente na mesa de jantar. Emily entrou na despensa e comeu seu pão e leite, com o cheiro de deliciosas salsichas que as outras estavam comendo para saborear. Emily gostava de salsichas, e as salsichas Lua Nova eram a última palavra em salsichas. Elizabeth Burnley havia trazido a receita do Velho País e seu segredo foi cuidadosamente guardado. E Emily estava com fome. Mas ela havia escapado do insuportável, e as coisas poderiam ser piores. Ocorreu-lhe de repente que ela escreveria um poema épico, imitando A Festa do Último Ministro. O primo Jimmy havia lido A

Balada do Último Sábado. Ela começaria o primeiro canto logo de cara. Quando Laura Murray entrou na despensa, Emily, seu pão e leite apenas meio comido, estava encostando os cotovelos na cômoda, olhando para o espaço, com os lábios vagamente móveis e a luz que nunca estava em terra ou no mar em seus olhos jovens. Até mesmo o aroma das salsichas foi esquecido.

"Emily", disse a tia Laura, fechando a porta, e olhando muito amorosamente para Emily de seus amáveis olhos azuis, "você pode falar comigo o quanto quiser. Eu não gosto da Srta. Brownell e não acho que você estava completamente errada - embora, é claro, você não deveria estar escrevendo poesia quando tem somas para fazer. E há alguns biscoitos de gengibre nessa caixa."

"Não quero falar com ninguém, querida tia Laura - estou muito feliz", disse Emily sonhando. "Estou compondo um épico... deve ser chamado de A Dama Branca, e já tenho vinte linhas dele feitas... e duas delas são emocionantes. A heroína quer entrar em um convento e seu pai a adverte que se ela o fizer, ela nunca será capaz de...

"Volte para a vida que você deu
Com todos os seus prazeres até a sepultura."

"Oh, tia Laura, quando compus essas linhas, o clarão veio até mim. E os biscoitos de gengibre não são mais nada para mim."

A tia Laura sorriu novamente.

"Não só agora, talvez, querida. Mas quando o momento de inspiração tiver passado, não fará mal se lembrar que os biscoitos na caixa não foram contados e que são tão meus quanto os de Elizabeth."

CAPÍTULO XVII

Epístolas vivas

"QUERIDO PAI:

"Oh, tenho uma coisa tão excitante para lhe dizer. Eu tenho sido a heroína de uma aventura. Um dia na semana passada, Ilse me perguntou se eu iria passar a noite com ela porque seu pai estava fora e só chegaria em casa muito tarde e Ilse disse que ela não estava triste, mas muito solitária. Por isso perguntei à tia Elizabeth se eu poderia. Eu mal ousava esperar, querido pai, que ela me deixasse, pois ela não aprova que meninas pequenas estejam longe de casa à noite, mas para minha surpresa ela disse que eu poderia ir muito gentilmente. E então a ouvi dizer na despensa à tia Laura: 'É uma pena a maneira como o médico deixa aquela pobre criança tão sozinha à noite'. E a tia Laura disse: 'O pobre homem está perturbado. Você sabe que ele não era assim antes de sua esposa' - e então, no momento em que a história estava ficando intrigante, a tia Elizabeth deu um empurrão à tia Laura e disse: 's-s-s-h, os pequenos jarros têm orelhas grandes'. Eu sabia que ela se referia a mim, embora minhas orelhas não sejam grandes, apenas pontiagudas. Eu gostaria de poder descobrir o que a mãe de Ilse fez. Isso me preocupou depois que eu fui para a cama. Eu fiquei acordada por tanto tempo pensando nisso. Ilse não tem ideia. Uma vez ela pediu a seu pai e ele lhe disse (com voz de trovão) para nunca mais mencionar aquela mulher a ele. E há outra coisa que também me preocupa. Continuo pensando em Silas Lee, que matou seu irmão no velho poço. Como o pobre homem deve ter se sentido horrível. E o que é ser perturbado?

Fui até Ilse e brincamos no sótão. Eu gosto de brincar lá porque não temos que ser cuidadosas e arrumadas como fazemos em nosso sótão. O sótão de Ilse é muito desarrumado e não deve ter

sido limpo durante anos. A sala de pano é pior do que o resto. Está abrigada em uma das extremidades do sótão e está cheia de velhos fechos e sacos de trapos e móveis quebrados. Eu não gosto do cheiro dele. A chaminé da cozinha sobe por ela e as coisas ficam penduradas em volta dela (ou se movimentou). Pois tudo isso está no passado agora, querido pai.

Quando nos cansamos de brincar, nos sentamos em um velho baú e conversamos. 'Isto é esplêndido de dia', eu disse, 'mas deve ser horrível à noite'. 'Ratos', disse Ilse - 'e aranhas e fantasmas'. 'Eu não acredito em fantasmas', eu disse com desdém. 'Não existe tal coisa.' (Mas talvez haja por tudo isso, querido Pai.) 'Acredito que este sótão está forrado', disse Ilse. 'Dizem que o sótão sempre é'. 'Bobagem', eu disse. O senhor sabe, querido Pai, que não faria bem a uma pessoa da Lua Nova acreditar em fantasmas. 'Mas eu me senti muito esquisita. É fácil falar,' disse Ilse, começando a ficar louca (embora eu não estivesse tentando correr pelo sótão), 'mas você não ficaria aqui sozinha à noite'. 'Eu não me importaria um pouco com isso', eu disse. 'Então eu a desafio a fazer isso', disse Ilse. 'Desafio você a vir até aqui na hora de dormir e dormir aqui a noite toda'. Então eu vi que eu estava em um horrível descuido, querido pai. É uma coisa tola de se perder. Eu não sabia o que fazer. Era horrível pensar em dormir sozinha naquele sótão, mas se eu não o fizesse, Ilse me atiraria isso para cima sempre que lutássemos e pior do que isso, ela diria ao Teddy e ele me acharia uma covarde. Então eu disse orgulhosamente: 'Ilse Burnley e eu também não tenho medo.' (Mas oh, eu estava... por dentro.) 'Os ratos vão atropelar você', disse Ilse. 'Oh, eu não seria você para o mundo'. Foi maldade da Ilse tornar as coisas piores do que elas eram. Mas eu podia sentir que ela também me admirava e isso me ajudou muito. Arrastamos uma velha cama de penas para fora da sala de pano e Ilse me deu um travesseiro e metade dela se aproximou. Nessa altura já estava escuro e Ilse não subiria novamente para o sótão. Então eu fiz minhas orações com muito cuidado e então peguei uma lâmpada e comecei a subir. Estou tão acostumada a velas agora que a lâmpada me deixou nervosa. Ilse disse que eu parecia assustada de morte. Meus joelhos tremeram

querido pai, mas pela honra das estrelas (e dos Murrays também) eu continuei. Eu tinha me despido no quarto de Ilse, então fui direto para a cama e apaguei o candeeiro. Mas eu não consegui dormir por muito tempo. A luz da lua fazia o sótão parecer um pouco macabro. Eu não sei exatamente o que significa "pastar", mas sinto que o sótão era isso. Os sacos e o velho pendurado nas vigas pareciam criaturas. Eu pensei que não precisava ficar com medo. Os anjos estavam ali. Mas depois senti como se eu fosse ter tanto medo de anjos quanto de qualquer outra coisa. E eu podia ouvir ratos e camundongos mexendo nas coisas. Pensei: 'E se um rato me atropelasse', e então pensei que no dia seguinte eu escreveria uma descrição do sótão ao luar e meus sentimentos. Finalmente ouvi o médico entrando e depois o ouvi batendo na cozinha e me senti melhor e em pouco tempo fui dormir e sonhei um sonho horrível. Sonhei que a porta da sala de pano se abrira e um grande jornal saiu e me perseguiu por todo o sótão. E depois pegou fogo e eu podia sentir o cheiro da fumaça tão puro quanto simples e foi só em cima de mim quando eu derrapei e acordei. Eu estava sentada na cama e o jornal tinha desaparecido, mas ainda podia sentir o cheiro da fumaça. Olhei para a porta da sala de pano e a fumaça saía debaixo dela e vi a luz de fogo através das rachaduras das tábuas. Acabei gritando para o alto da minha voz e desci até o quarto de Ilse e ela correu pelo corredor e acordou seu pai. Ele se levantou e então nós três continuamos correndo para cima e para baixo nas escadas do sótão com baldes de água e fizemos uma bagunça terrível, mas tiramos o fogo. Eram apenas os sacos de lã que estavam pendurados perto da chaminé que tinham pegado fogo. Quando tudo acabou, o médico limpou a transpiração de sua testa masculina e disse: 'Foi por pouco. Alguns minutos depois, teria sido tarde demais. Eu ateei fogo quando entrei para fazer uma xícara de chá e suponho que aqueles sacos devem ter pegado fogo de uma faísca. Vejo aqui um buraco onde o gesso caiu. Devo mandar limpar este lugar todo. Como no mundo você veio para descobrir o fogo, Emily?' 'Eu estava dormindo no sótão' foi o que eu disse. 'Dormindo no sótão?' disse o médico, 'o que... o que... o que você estava fazendo lá?' 'Ilse me desafiou', eu disse. 'Ela disse que eu tinha muito medo de ficar lá e eu disse que não o faria. Eu

adormeci e acordei e senti o cheiro de fumaça'. 'Seu diabinho', disse o médico. Suponho que foi uma coisa horrível ser chamada de demônio, mas o médico me olhou tão admiravelmente que senti como se ele estivesse me pagando uma coação. Ele tem maneiras estranhas de falar. Ilse diz que a única vez que ele lhe disse uma coisa gentil foi quando ela teve uma dor de garganta, ele a chamou de "um pobre animalzinho" e parecia que estava arrependido por ela. Tenho certeza de que Ilse se sente terrivelmente mal porque seu pai não gosta dela, embora ela finja que não se importa. Mas, oh querido pai, há mais a dizer. Ontem veio o Shrewsbury Weekly Times e no Blair Notes contou tudo sobre o incêndio na residência do médico e disse que, felizmente, tinha sido descoberto a tempo pela Srta. Emily Starr. Não posso dizer como me senti quando vi meu nome no jornal. Senti-me famosa. E nunca tinha sido chamada de senhorita no jornal antes.

No sábado passado, a tia Elizabeth e a tia Laura foram passar o dia em Shrewsbury e deixaram o primo Jimmy e eu para ficar em casa. Nós nos divertimos tanto e o primo Jimmy me deixou desnatar todas as panelas de leite. Mas depois do jantar chegou uma visita e não havia bolo em casa. Isso foi uma coisa horrível. Isso nunca tinha acontecido antes em Lua Nova. A tia Elizabeth teve dor de dente o dia todo ontem e a tia Laura estava fora no lago do Padre visitando a tia Nancy, então nenhum bolo foi feito. Rezei sobre isso e depois fui trabalhar e fiz um bolo na recepção da tia Laura e acabou tudo bem. O primo Jimmy me ajudou a pôr a mesa e jantar, e eu derramei o chá e nunca inclinei nenhum nos pires. O senhor teria ficado orgulhoso de mim, pai. A Sra. Lewis pegou um segundo pedaço de bolo e disse que eu conheceria o bolo de Elizabeth Murray se o encontrasse na África central. Eu disse nem uma palavra para a honra da família. Mas eu me senti muito orgulhoso. Eu tinha salvo os Murrays da desgraça. Quando a tia Elizabeth chegou em casa e ouviu o conto, ela ficou com um ar sombrio e provou um pedaço que sobrou e então ela disse: 'Bem, você tem um pouco de Murray em você de qualquer maneira'. Esta é a primeira vez que a tia Elizabeth me elogia. Ela arrancou três dentes para que eles não doessem mais. Estou feliz por ela. Antes de ir para a cama,

peguei o livro de receitas e escolhi todas as coisas que eu gostava de fazer. Pudim, Molho de Espuma do Mar. Eles soam muito bem.

Eu posso ver nuvens brancas fofas tão bonitas sobre o arbusto do Majestoso John. Quem me dera poder me irritar e cair direto nelas. Não posso acreditar que elas estariam molhadas e desarrumadas como diz Teddy. Teddy colocou minhas iniciais e as dele juntas, mas alguém as cortou. Eu não sei se foi Perry ou Ilse.

A senhorita Brownell quase nunca me dá boas notas de depoimento agora e a tia Elizabeth está muito descontente nas noites de sexta-feira, mas a tia Laura entende. Escrevi um relato da tarde em que a Srta. Brownell gozou com meus poemas e o coloquei em um envelope antigo e escrevi o nome da tia Elizabeth nele e o coloquei entre meus papéis. Se eu morrer de consumo, a tia Elizabeth vai encontrá-lo e conhecer os seus ritos e lamentar que ela tenha sido tão injusta comigo. Mas não acho que vou morrer porque estou ficando muito mais gorda e Ilse me disse que ouviu seu pai dizer à tia Laura que eu seria bonita se eu tivesse mais cor. É errado querer ser bonita, meu querido pai. A tia Elizabeth diz que é.

A Srta. Brownell tem tido desavenças com Perry desde aquela noite e o trata muito mal, mas ele é manso e diz que não vai fazer nenhum alarido na escola porque quer aprender e chegar à frente. Ele continua dizendo que suas rimas são tão boas quanto as minhas e eu sei que não são e isso me exaspera. Se eu não prestar atenção o tempo todo na escola, a Srta. Brownell diz que supõe que eu esteja compondo poesia, e então todos riem. Não, nem todo mundo. Eu não devo exagerar. Teddy e Perry e Ilse e Jennie nunca riem. É engraçado que eu gosto tanto de Jennie agora e a odiei tanto naquele primeiro dia de escola. Afinal de contas, seu rosto não é de porquinho. Ele é pequeno, mas alegre. Eu odeio Frank Barker. Ele pegou meu novo livro e escreveu de uma forma bem espalhada por toda a primeira página.

Não roubar este livro por medo de vergonha

Pois nele está o nome do proprietário
E quando você morrer, o Senhor dirá
Onde está o livro que você roubou
E quando você diz que não sabe
O Senhor dirá: "Desça abaixo".

Este não é um poema refinado e, além disso, não é a maneira certa de falar de Deus. Eu rasguei a folha e a queimei e a tia Elizabeth ficou furiosa. Ilse diz que ela vai chamar Deus de Alla depois disto. Eu mesmo acho que é um nome mais bonito. É tão macio e não soa tão austero. Mas temo que não seja suficientemente confiável.

MAIO 20.

"Ontem foi meu aniversário, querido Pai. Logo fará um ano desde que cheguei à Lua Nova. Sinto como se sempre tivesse vivido aqui. Cresci dois centímetros. O primo Jimmy me mediu por uma marca na porta do laticínio. Meu aniversário foi muito bonito. A tia Laura fez um lindo bolo e me presenteou com um lindo casaco branco novo com um bordado. Ela tinha passado uma fita azul por ela, mas a tia Elizabeth a obrigou a puxá-la para fora. A tia Laura também me deu aquele pedaço de brocado de cetim rosa em sua gaveta. Eu ansiava por ele desde que o vi, mas nunca esperei possuí-lo. Ilse me perguntou o que eu queria fazer com ele, mas não queria fazer nada com ele. Só mantê-lo aqui no sótão com meus tesouros e olhar para ele porque é lindo. A tia Elizabeth me deu um dicionário. Esse foi um presente útil. Sinto que deveria gostar dele. Você logo notará um improviso na minha ortografia, espero. O único problema é que, quando estou escrevendo algo interessante, fico tão exaltado que é terrível ter que parar e caçar uma palavra para ver como é soletrada. Eu olhei para cima e a Srta. Brownell estava certa. Eu não sabia o que isso realmente significava. Ela era tão bem escrita com brilho e eu pensei que significava contemplar ou ver, mas significava pensar. O primo Jimmy me deu um grande livro grosso em branco. Estou tão orgulhosa dele. Vai ser tão bom escrever poemas. Mas ainda vou usar as cartas antigas para

escrever a você, querido pai, porque posso dobrar cada uma sozinha e me dirigir a ela como uma carta de verdade. Teddy me deu uma foto de mim mesma. Ele o pintou em aquarelas e o chamou de A Garota Sorridente. Pareço como se estivesse ouvindo algo que me deixou muito feliz. Ilse diz que isso me lisonjeia. Faz-me parecer melhor do que sou, mas não melhor do que seria se eu pudesse ter uma franja. Teddy diz que vai pintar um quadro bem grande de mim quando ele crescer. Perry percorreu todo o caminho até Shrewsbury para conseguir um colar de pérolas e o perdeu. Ele não tinha mais dinheiro, então ele foi para casa na cidade de Stovepipe e pegou uma galinha jovem de sua tia Tom e me deu isso. Ele é um garoto muito persistente. Eu devo ter todos os ovos que a galinha põe para vender. Ilse me deu uma caixa de bombons. Só vou comer um pedaço por dia para que dure muito tempo. Eu queria que Ilse comesse um pouco, mas ela disse que não o faria porque seria mau para ajudar a comer um presente que você tinha dado e eu insisti e depois lutamos por ele e Ilse disse que eu era um quadrúpede de lagartos e não sabia o suficiente para entrar quando chovesse. E eu disse que sabia o suficiente para ter algumas maneiras, pelo menos. Ilse ficou tão furiosa que foi para casa, mas logo esfriou e voltou para o jantar.

Está chovendo de noite e soa como pés de fada dançando sobre o telhado do sótão. Se não tivesse chovido, Teddy iria descer e me ajudar a procurar o Diamante Perdido. Não seria esplêndido se pudéssemos encontrá-lo.

O primo Jimmy está arrumando o jardim. Ele me deixa ajudá-lo e eu mesma tenho um pequeno canteiro de flores. Eu sempre saio correndo todas as manhãs para ver o quanto as coisas cresceram desde o dia anterior. A primavera é uma época tão feliz, não é, pai? O pequeno povo azul está por toda parte na casa de verão. É o que o primo Jimmy chama de violetas e eu acho que é adorável. Ele tem nomes como esse para todas as flores. As rosas são as Rainhas e os lírios de junho são as Senhoritas e as tulipas são as Galantes e os narcisos são os Dourados.

Mike II está aqui comigo, sentado no parapeito da janela. Mike é um gato 'fofolino'. A palavra não está no dicionário. É uma palavra que eu mesma inventei. Não consegui pensar em nenhuma palavra que apenas descrevesse Mike II, então inventei isto. Significa elegante e brilhante e macio e fofo, tudo em um e outra coisa além do que eu não consigo expressar.

A tia Laura está me ensinando a costurar. Ela diz que eu preciso aprender a fazer uma bainha em musselina que não pode ser vista (tradição). Espero que ela me ensine a fazer rendas de ponto algum dia" Todas as Murrays de Lua Nova foram notadas por fazer rendas pontuais (quero dizer todas as Murrays mulheres). Nenhuma das meninas na escola pode fazer rendas. A tia Laura diz que ela me fará um lenço de renda quando eu me casar. Todas as noivas da Lua Nova tinham lenços de renda pontiagudos, exceto minha mãe que fugiu. Mas o senhor não se importou que ela não tivesse um, pois o senhor era seu pai. A tia Laura fala um pouco sobre minha mãe para mim, mas não quando a tia Elizabeth está por perto. A tia Elizabeth nunca menciona seu nome. A tia Laura quer me mostrar o quarto das mães, mas nunca conseguiu encontrar a chave porque a tia Elizabeth a mantém escondida. A tia Laura diz que a tia Elizabeth amava muito minha mãe. Você pensaria que ela amaria sua filha, mas alguns não a amariam. Mas ela não ama. Ela está apenas me educando como um dever.

JUNHO 1.

QUERIDO PAI:

Este tem sido um dia muito importante. Eu escrevi minha primeira carta. Refiro-me à primeira carta que estava realmente para ser enviada pelo correio. Era para a tia-avó Nancy, que vive na lagoa dos Priest e é muito velha. Ela escreveu para a tia Elizabeth e disse que eu poderia escrever de vez em quando para uma pobre mulher idosa. Meu coração ficou tocado e eu quis. A tia Elizabeth disse: 'Mais vale deixá-la'. E disse também: 'Você deve ter cuidado para escrever uma carta bonita e eu a lerei quando ela for escrita.

Se você causar uma boa impressão na tia Nancy, ela pode fazer algo por você'. Escrevi a carta com muito cuidado, mas ela não parecia um pouco comigo quando foi terminada. Não consegui escrever uma boa carta quando soube que a tia Elizabeth iria lê-la. Eu me senti paralisada.

JUNHO 7.

Querido pai, minha carta não causou uma boa impressão na tia-avó Nancy. Ela não respondeu, mas escreveu à tia Elizabeth que eu devo ser uma criança muito estúpida para escrever uma carta tão estúpida. Eu me sinto insultada porque não sou estúpida. Perry diz que tem vontade de ir ao lago dos Priest e apagar as luzes do dia da tia-avó Nancy. Eu disse a ele que ele não deve falar assim sobre minha família, e de qualquer forma eu não vejo como tirar as luzes do dia da tia-avó Nancy a faria mudar sua opinião sobre eu ser estúpido. (Pergunto-me o que são as luzes do dia e como você as faz cair fora das pessoas).

Eu tenho três partes de 'A Dama Branca' terminados. Tenho 'A heroína imbuída num convento' e não sei como tirá-la de lá porque não sou católica. Suponho que teria sido melhor se eu tivesse uma heroína protestante, mas não havia protestantes nos dias de cavalheirismo. Eu poderia ter perguntado ao Majestoso John no ano passado, mas este ano eu não posso porque nunca mais falei com ele desde que ele fez aquela piada horrível comigo sobre a maçã.

Quando o encontro na estrada, fico tão alta quanto ele. Eu chamei meu porco atrás dele para ficar quieto. O primo Jimmy me deu um porquinho. Quando ele for vendido, ficarei com o dinheiro. Quero dar algum para os missionários e colocar o resto no banco para minha educação. Pensei que se eu tivesse um porquinho, o chamaria de tio Wallace. Mas agora não me parece apropriado chamar os porcos pelos nomes dos tios, mesmo que você não goste deles.

Teddy, Perry, Ilse e eu brincamos que estamos vivendo nos dias de cavalheirismo e Ilse e eu somos donzelas angustiadas. Teddy fez um esplêndido terno de armadura com pautas velhas de barril e depois Perry fez um melhor com caldeiras de lata velhas marteladas com uma panela quebrada para um capacete. Às vezes jogamos no Tansy Patch. Tenho a estranha sensação de que a mãe de Teddy me odeia neste verão. No verão passado, ela não gostou de mim. Smoke e Buttercup não estão lá agora. Eles desapareceram misteriosamente no inverno. Teddy diz ter certeza de que sua mãe os envenenou porque ela achava que ele estava ficando muito afeiçoado a eles. Teddy está me ensinando a assobiar, mas a tia Laura diz que não é uma coisa de senhora. Tantas coisas alegres parecem não ser 'coisas de damas'. Às vezes eu quase queria que minhas tias fossem infiéis como a Dra. Burnley. Ele nunca se incomoda se Ilse não é dama de companhia ou não. Mas não, não seria uma boa educação ser um infiel. Não seria uma tradição de Lua Nova.

Hoje ensinei a Perry que ele não deve comer com sua faca. Ele quer aprender todas as regras de etiqueta. E eu estou ajudando-o a aprender uma recitação para o dia do exame escolar. Eu queria que Ilse o fizesse, mas ela ficou brava porque ele me pediu primeiro e ela não quis. Mas ela deveria porque ela é uma recitadora muito melhor do que eu. Estou muito nervosa.

JUNHO 14.

Querido pai, agora temos composição na escola e eu aprendi hoje que você coloca as coisas entre aspas quando você escreve qualquer coisa que alguém tenha dito. Eu não sabia disso antes. Devo rever todas as minhas cartas para você e colocá-las. E depois de uma pergunta, você deve colocar um ponto de interrogação. A Srta. Brownell é sarcástica, mas ela lhe ensina coisas. Estou colocando isso para baixo porque quero ser justa, mesmo que eu a odeie. E ela é interessante, embora não seja simpática. Escrevi uma descrição dela em uma carta antiga. Gosto mais de escrever sobre

pessoas de quem não gosto do que sobre aquelas de quem gosto. A tia Laura é mais simpática de se viver do que a tia Elizabeth, mas a tia Elizabeth é mais simpática de se escrever sobre ela. Posso escrever para ela, mas me sinto ingrata se disser algo que não seja obrigatório sobre a querida tia Laura. A tia Elizabeth trancou seus livros e diz que não vou tê-los até que eu seja adulta. Como se eu não tivesse cuidado com eles, querido pai. Ela diz que eu não teria por que descobriu que quando eu estava lendo um deles eu coloquei um pequeno ponto de lápis debaixo de cada palavra bonita. Não fez mal ao livro nem um pouco, querido pai. Algumas das palavras eram jarros, perolados, almiscarados, batidos, intervalos, marfim. Acho que todas essas são palavras adoráveis, meu caro Pai.

A tia Laura me deixa ler sua cópia de Um Progresso Peregrino aos domingos.

Teddy me emprestou 3 livros de poesia. Um deles foi Tennyson e eu aprendi 'A Canção do Corneteiro' de cor, então eu sempre a terei. O outro era apenas um poema chamado Sohrab e Rustum. Depois que fui para a cama, chorei por ele. A tia Elizabeth disse: 'Por que você está farejando?' Eu não estava farejando, eu estava chorando muito. Ela me fez dizer a ela e depois ela disse: 'Você deve estar louca'. Mas eu não conseguia dormir até que tivesse pensado num fim diferente para isso... um fim feliz.

JUNHO 25.

QUERIDO PAI:

Tem havido uma sombra escura sobre este dia. Eu deixei cair meu centavo na igreja. Fez um barulho horrível. Senti como se todos olhassem para mim. A tia Elizabeth ficou muito aborrecida. Perry deixou cair o dele depois. Ele me disse depois da igreja que o fez de propósito porque achava que isso me faria sentir melhor, mas não o fez porque eu tinha medo que as pessoas pensassem que era eu deixando cair o meu novamente. Os garotos fazem coisas tão

estranhas. Espero que o ministro não tenha ouvido porque estou começando a gostar dele. Eu nunca gostei muito dele antes da última terça-feira. A família dele é toda de meninos e suponho que ele não entende muito bem as meninas. Então ele nos visitou na Lua Nova. Tia Laura e tia Elizabeth estavam ambas fora e eu estava sozinha na cozinha. O Sr. Dare entrou e sentou-se com Saucy Sal, que estava dormindo na cadeira de balanço. Ele estava confortável, mas a Saucy Sal não estava. Ele não se sentou muito perto dela. Se ele tivesse sentado, suponho que a teria matado. Ele apenas sentou-se nas pernas e no rabo dela. Saucy Sal gritava mas o Sr. Dare é um pouco surdo e não a ouviu e eu era tímida demais para dizer a ele. Mas o primo Jimmy entrou e disse: 'Escute aquele pobre animal idiota. Levante-se, se você é cristão'. Então o Sr. Dare se levantou e disse: 'Caro, isto é muito notável. Pensei ter escutado algo'.

Pensei em escrever isto para você, querido Pai, porque me pareceu importante.

Quando o Sr. Dare terminou de me fazer perguntas, pensei que era a minha vez e lhe perguntaria algumas coisas que eu queria saber há anos. Perguntei-lhe se ele achava que Deus era muito particular sobre cada coisinha que eu fazia e se ele achava que meus gatos iriam para o céu. Ele disse que esperava que eu nunca fizesse coisas erradas e que os animais não tivessem alma. E eu lhe perguntei por que não deveríamos colocar vinho novo em garrafas velhas. A tia Elizabeth faz com seu vinho do dente-de-leão e as garrafas velhas fazem tão bem quanto as novas. Ele explicou gentilmente que as garrafas bíblicas eram feitas de peles e apodreciam quando eram velhas. Ele deixou bem claro para mim. Então eu lhe disse que estava preocupada porque sabia que deveria amar a Deus melhor do que tudo, mas havia coisas que eu amava melhor do que Deus. Ele disse "Que coisas?" e eu disse flores e estrelas e a Mulher do Vento e as Três Princesas e coisas assim. E ele sorriu e disse "Mas elas são apenas uma parte de Deus, Emily - todas as coisas bonitas são". E imediatamente eu gostei tanto dele e não me senti mais tímida com ele. Ele pregou um sermão no céu

no domingo passado. Parecia um lugar entediante. Acho que deve ser mais excitante do que isso. Pergunto-me o que farei quando for para o céu, pois não posso cantar. Será que eles me deixarão escrever poesia? Mas acho que a igreja é interessante. A tia Elizabeth e a tia Laura sempre leem suas Bíblias antes do início do serviço, mas eu gosto de olhar em volta e ver todos e me pergunto no que estão pensando. É tão bom ouvir os vestidos de seda balançando pelas ilhas. Agora os agitadores são muito frágeis, mas a tia Elizabeth não vai usá-los. Acho que a tia Elizabeth ficaria engraçada com a azáfama. A tia Laura veste um muito pequeno.

Sua filha mais querida,

Emily B. Starr.

P. S. Querido Pai, é adorável escrever para você. Mas eu nunca recebo uma resposta de volta.

E. B. S."

CAPÍTULO XVIII

Padre Cassidy

A consternação reinou na Lua Nova. Todos estavam desesperadamente infelizes. A tia Laura chorou. A tia Elizabeth era tão intratável que não havia como viver com ela. O primo Jimmy andava distraído e Emily desistiu de se preocupar com a mãe de Ilse e com o fantasma arrependido de Silas Lee depois que ela foi para a cama, e se preocupou com este novo problema. Pois tudo isso tinha se originado em sua desconsideração pela tradição da Lua Nova ao fazer visitas ao Majestoso John, e a tia Elizabeth não se importou em dizer-lhe isso. Se ela, Emily Byrd Starr, nunca tivesse ido ao Majestoso John, ela nunca teria comido a Doce Maçã, e se ela nunca tivesse comido a Doce Maçã, o Majestoso John não teria brincado com ela e se ele não tivesse brincado, sua tia Elizabeth nunca teria ido e dito coisas amargas, como Murray - para ele; e se a tia Elizabeth nunca tivesse dito coisas amargas, Majestoso John não teria ficado ofendido e vingado; e se Majestoso John não tivesse ficado ofendido e vingado ele nunca teria levado isso para dentro de sua cabeça sublime para cortar o lindo bosque ao norte da Lua Nova.

Pois foi exatamente aqui que esta casa os tinha aterrissado a todos. Majestoso John havia anunciado publicamente na loja do ferreiro Blair Water que iria cortar o mato assim que a colheita terminasse - todas as últimas árvores e mudas iriam ser derrubadas. A notícia foi prontamente levada à Lua Nova e perturbou os habitantes da mesma, pois eles não tinham sido perturbados por anos. Aos seus olhos, não foi nada menos do que uma catástrofe.

Elizabeth e Laura mal conseguiam acreditar nisso. A coisa era incrível. Aquele arbusto grande, grosso e protetor de abeto e madeira dura sempre esteve lá; pertencia à Lua Nova moralmente; mesmo o Majestoso John não se atreveria a cortá-lo. Mas

Majestoso John tinha uma reputação desconfortável por fazer o que ele disse que faria; isso fazia parte de sua alta condição; e se o fizesse, se o fizesse...

"Lua Nova será arruinada", lamentou a pobre tia Laura. "Vai parecer horrível - toda sua beleza irá - e nós ficaremos abertos ao vento norte e às tempestades do mar - sempre fomos tão quentes e abrigados aqui. E o jardim de Jimmy também ficará arruinado."

"Isto é o que vem de trazer Emily aqui", disse a tia Elizabeth.

Foi uma coisa cruel de se dizer, mesmo quando todas as mesadas foram feitas - cruel e injustas, já que sua própria língua afiada e o sarcasmo de Murray tinham tanto a ver com isso quanto Emily. Mas ela o disse e ele furou Emily até o coração com uma pancada que deixou uma cicatriz durante anos. A pobre Emily não sentiu como se precisasse de qualquer angústia adicional. Ela já se sentia tão miserável que não conseguia comer nem dormir. Elizabeth Murray, zangada e infeliz como estava, dormia profundamente à noite; mas ao seu lado, na escuridão, com medo de se mexer ou se virar, deitava uma criaturinha esbelta cujas lágrimas, roubando silenciosamente pelas bochechas abaixo, não conseguiam aliviar seu coração partido. Pois Emily pensava que seu coração estava partido; ela não podia continuar a viver e sofrer assim. Ninguém conseguia.

Emily havia vivido o tempo suficiente na Lua Nova para que ela se enfiasse bem no seu sangue. Talvez até tivesse nascido lá. De qualquer forma, quando ela chegou ali, ela se encaixou em sua atmosfera como uma mão em uma luva. Ela amava o lugar como se tivesse vivido lá toda a sua curta vida - amava cada pau, cada pedra, cada árvore e cada folha de grama sobre ela - cada prego no velho chão da cozinha, cada almofada de musgo verde no telhado do laticínio, cada columbina rosa e branca que crescia no velho pomar, cada "tradição" de sua história. Pensar que sua beleza estava em grande medida em seu peso, foi uma agonia para ela. E pensar no jardim do primo Jimmy sendo arruinado! Emily amava aquele jardim quase tanto quanto ele; por que, era o orgulho da vida

do primo Jimmy que ele podia cultivar ali plantas e arbustos que não invernariam em nenhum outro lugar da Ilha do Príncipe Eduardo.; se o abrigo do norte fosse removido, eles morreriam. E pensar naquele belo arbusto que estava sendo cortado - a estrada de hoje e a estrada de ontem e a estrada de amanhã sendo varrida da existência - a majestosa Monarca da Floresta destruída - a pequena casa de brincar onde ela e Ilse tiveram horas tão gloriosas destruídas - todo o lugar encantador, fértil e íntimo arrancado de sua vida de uma só vez.

Oh, Majestoso John havia escolhido e cronometrado bem sua vingança!

Quando o golpe iria cair? Todas as manhãs, Emily ouvia miseravelmente enquanto estava na porta de arenito da cozinha, ao som de golpes de machado no ar claro de setembro. Toda noite, quando voltava da escola, ela temia ver que o trabalho de destruição havia começado. Ela se agitava e se inquietava. Houve momentos em que lhe pareceu que ela não podia mais suportar sua vida. Todos os dias a tia Elizabeth dizia algo que lhe imputava toda a culpa e a criança ficava morbidamente sensível a isso. Quase ela desejava que Majestoso John começasse e acabasse logo com isso. Se Emily tivesse ouvido a clássica história de Damocles, ela teria simpatizado de coração com ele. Se ela tivesse tido alguma esperança de que isso fizesse algum bem, ela teria engolido o orgulho de Murray e de Starr e todo outro tipo de orgulho e teria se ajoelhado a Majestoso John para implorar que ele segurasse sua mão vingativa. Mas ela acreditava que não o faria. Majestoso John não tinha deixado dúvidas na mente de ninguém quanto à sua amarga determinação na matéria. Falou-se muito sobre isso em Blair Water e alguns ficaram muito satisfeitos com este golpe ao orgulho e prestígio da Lua Nova, e alguns sustentaram que era um comportamento baixo e impuro da parte dele, e todos concordaram que isto era o que eles haviam profetizado o tempo todo como devendo acontecer algum dia quando a velha rixa das famílias de três gerações deveria ter chegado à sua inevitável cabeça. A única coisa surpreendente foi que Majestoso John não o tinha feito há

muito tempo. Ele sempre odiou Elizabeth Murray desde seus dias de escola, quando sua língua não o havia poupado.

Um dia, às margens de Blair Water, Emily sentou-se e chorou. Ela havia sido enviada para aparar as flores mortas das rosas do túmulo da avó Murray; tendo terminado sua tarefa, ela não tinha coragem de voltar para a casa onde a tia Elizabeth estava tornando todos infelizes porque ela mesma estava tão infeliz. Perry havia relatado que Majestoso John havia declarado no dia anterior no ferreiro que iria começar a cortar o grande arbusto na segunda-feira de manhã.

"Eu não posso suportar", soluçou Emily para os arbustos de rosas.

Algumas rosas tardias acenaram para ela; a Mulher Vento penteou e acenou e agitou as longas gramíneas verdes nos túmulos onde Murrays orgulhosos, homens e mulheres, dormiam calmamente, não agitados por velhas rixas e paixões; a luz do sol de setembro brilhava mais além nos velhos campos de colheita, suavemente brilhante e sereno, e muito suavemente contra seu banco verde, arbustivo, lapidava a Água Azul de Blair.

"Não vejo porque Deus não detém Majestoso John", disse Emily apaixonadamente. Certamente, os Murrays da Lua Nova tinham o direito de esperar tanto da Providência.

Teddy veio assobiando pelo pasto, as notas de sua melodia soprando através da Blair Water como gotas de som de elfo, abobadou a cerca do cemitério e pousou irreverentemente seu corpo magro e gracioso no "Aqui fico" da lápide plana da Bisavó Murray.

"Qual é o problema?", disse ele.

"Tudo é o problema", disse Emily, um pouco zangada. Teddy não tinha o que fazer para parecer tão alegre. Ela estava acostumada a ter mais simpatia do Teddy e isso a agravava ao não a encontrar.

"Você não sabe que o Majestoso John vai começar a cortar o mato na segunda-feira?"

Teddy acenou com a cabeça.

"Sim, Ilse me disse. Mas olhe aqui, Emily, eu pensei em algo. O Majestoso John não ousaria cortar aquele arbusto se o padre lhe dissesse para não o fazer, não é mesmo?"

"Por quê?"

"Porque os católicos têm que fazer exatamente o que seus padres lhes dizem, não é verdade?"

"Não sei, não sei nada sobre eles. Nós somos presbiterianos."

Emily deu um pequeno arremesso na cabeça dela. A Sra. Kent era conhecida por ser uma mulher da "Igreja Inglesa" e embora Teddy tenha ido à escola dominical presbiteriana, esse fato lhe deu uma posição escassa entre os círculos presbiterianos.

"Se sua tia Elizabeth fosse ao Padre Cassidy na Cruz Branca e lhe pedisse para parar Majestoso John, talvez ele o fizesse", insistiu Teddy.

"A tia Elizabeth nunca faria isso", disse Emily positivamente. "Tenho certeza disso. Ela está muito orgulhosa."

"Nem mesmo para salvar o mato?"

"Nem mesmo para isso."

"Então eu acho que nada pode ser feito", disse Teddy, um pouco abatido. "Veja aqui - veja o que eu fiz. Esta é uma foto de Majestoso John no purgatório, com três diabinhos enfiando nele forquilhas de pedra quente. Copiei parte dele de um dos livros da Mãe - o Inferno de Dante, acho que era... mas coloquei o Majestoso John no lugar do homem do livro. Você pode ficar com ele."

"Eu não o quero". Emily desenrolou suas pernas e se levantou. Ela passou do palco quando infligir tormentos imaginários ao Majestoso John pôde confortá-la. Ela já o havia matado de várias formas agonizantes durante suas vigílias noturnas. Mas uma ideia tinha chegado a ela - uma ideia ousada e sem fôlego. "Preciso ir para casa agora, Teddy... é hora do jantar."

Teddy embolsou seu esboço desprezado - o que foi realmente um trabalho maravilhoso se algum deles tivesse tido o bom senso de conhecê-lo: a expressão da angústia no rosto de Majestoso John como um diabinho alegre o tocou com uma forquilha teria sido o desespero de muitos artistas treinados. Ele foi para casa desejando sem poder ajudar Emily; era tudo errado que uma criatura como Emily - com suaves olhos roxos-acinzentados e um sorriso que o fazia pensar em todo tipo de coisas maravilhosas que você não conseguia colocar em palavras - devesse ser infeliz. Teddy sentiu-se tão preocupado com isso que acrescentou mais alguns demônios ao seu esboço de Majestoso John no purgatório e alongou consideravelmente os dentes de suas forquilhas.

Emily foi para casa com uma torção determinada em sua boca. Ela comeu o máximo que pôde - o que não foi muito, pois o rosto da tia Elizabeth teria destruído seu apetite se ela tivesse tido algum - e depois saiu sorrateiramente de casa pela porta da frente. O primo Jimmy estava trabalhando em seu jardim, mas ele não a chamou. O primo Jimmy estava sempre muito triste agora. Emily ficou um momento no alpendre grego e olhou para o arbusto do Majestoso John... verde-espinho, acenando, tudo lindo. Seria um desperdício profanado de tocos até segunda-feira à noite? Emily, com o pensamento, lançou o medo e a hesitação aos ventos e começou a descer rapidamente a pista. Ao chegar ao portão, ela virou para a esquerda na longa estrada vermelha de mistério que subia a Montanha Deleitável. Ela nunca havia estado naquela estrada antes; ela correu diretamente para a Cruz Branca; Emily estava indo para a casa paroquial de lá para entrevistar o Padre Cassidy. Foram duas milhas até a igreja e Emily a percorreu muito cedo - não porque fosse uma bela estrada de vento e samambaia, assombrada por

pequenos coelhos - mas porque ela temia o que a esperava no final. Ela estava tentando pensar no que deveria dizer - como deveria dizer; mas sua invenção falhou com ela. Ela não conhecia os padres católicos e não conseguia imaginar como se deveria falar com eles. Eles eram ainda mais misteriosos e desconhecidos do que ministros. Suponhamos que o padre Cassidy deveria estar terrivelmente zangado com sua ousadia de ir até lá e pedir-lhe um favor. Talvez tenha sido uma coisa terrível de se fazer de todos os pontos de vista. E muito provavelmente não faria nenhum bem. Muito provavelmente o Padre Cassidy se recusaria a interferir com Majestoso John, que era um bom católico, enquanto ela era, na opinião dele, uma herege. Mas para qualquer chance, mesmo a mais tênue, de evitar a calamidade iminente sobre a Lua Nova, Emily teria enfrentado todo o Colégio Sagrado. Horrivelmente assustada, miseravelmente nervosa como ela estava, a ideia de voltar atrás nunca lhe ocorreu. Ela só lamentava não ter colocado suas contas venezianas. Eles poderiam ter impressionado o Padre Cassidy.

Embora Emily nunca tivesse estado na Cruz Branca, ela conhecia a casa paroquial quando a viu - uma bela residência arborizada perto da grande capela branca com a cruz dourada cintilante em sua espada e os quatro anjos dourados, um em cada um dos pequenos pináculos nas esquinas. Emily os achou muito bonitos enquanto brilhavam à luz do sol que se abaixava, e desejou que eles pudessem ter alguns na igreja branca e plana de Blair Water. Ela não conseguia entender por que os católicos deveriam ter todos os anjos. Mas não havia tempo para confundir sobre isso, pois a porta estava se abrindo e a pequena empregada estava parecendo uma pergunta.

"O... pai Cassidy... em... casa?" perguntou Emily, um tanto idiota.

"Sim."

"Pode... eu... ver... ele?"

"Entre", disse a pequena criada. Evidentemente, não havia nenhuma dificuldade em ver o padre Cassidy - nenhuma cerimônia misteriosa como Emily esperava pela metade, mesmo que ela tivesse permissão para vê-lo. Ela foi exibida em uma sala forrada de livros e saiu de lá, enquanto a criada foi chamar o Padre Cassidy, que, disse ela, estava trabalhando no jardim. Isso soou bastante natural e encorajador. Se o Padre Cassidy trabalhasse em um jardim, ele não poderia ser tão terrível.

Emily olhou para tudo com curiosidade. Ela estava em uma sala muito bonita - com cadeiras aconchegantes, e quadros e flores. Nada de alarmante ou assustador - exceto um enorme gato preto que estava sentado no topo de uma das estantes. Era realmente uma criatura enorme. Emily adorava os gatos e sempre se sentira em casa com qualquer um deles. Mas ela nunca havia visto um gato como este. Com seu tamanho e seus olhos insolentes e dourados, colocados como joias vivas em seu rosto de veludo preto, ela não parecia pertencer à mesma espécie de gatinhos simpáticos, fofinhos e respeitáveis. O Sr. Dare nunca teria tido uma besta tão grande em sua virilidade. Todo o pavor de Emily sobre o Padre Cassidy voltou.

E então chegou o padre Cassidy, com o sorriso mais amigável do mundo. Emily o acolheu com seu olhar de nível como era seu hábito - ou presente - e nunca mais no mundo ela teve o mínimo de medo do padre Cassidy. Ele era grande e de ombros largos, com olhos e cabelos castanhos; e seu próprio rosto estava tão profundamente bronzeado de seu hábito inveterado de andar nu com o sol impiedoso, que também era marrom. Emily pensava que ele se parecia com uma noz grande - uma noz grande, marrom e saudável.

O Padre Cassidy olhou para ela ao apertar as mãos; Emily teve uma das suas visitas de beleza naquele momento. A excitação havia trazido um matiz selvagem ao seu rosto, a luz do sol trouxe à tona o brilho da seda aguada de seu cabelo preto; seus olhos eram suavemente escuros e límpidos; mas foi aos seus ouvidos que

Padre Cassidy de repente se inclinou para olhar. Emily teve um momento de agonia, perguntando-se se eles estavam limpos.

"Ela tem orelhas pontiagudas", disse Padre Cassidy, em um sussurro emocionante. "Orelhas pontiagudas! Eu sabia que ela vinha diretamente da terra das fadas no momento em que a vi. Sente-se, Elfo, se os duendes se sentarem, sente-se e me dê as últimas notícias da corte da Titânia."

O pé de Emily estava agora sobre a sua terra natal. Padre Cassidy falava a língua dela, e ele a falava com uma voz tão suave e garganta, que se desdobrava tão suavemente como se tornasse um verdadeiro irlandês. Mas ela balançou a cabeça com um pouco de tristeza. Com o fardo de seu recado na alma, ela não podia desempenhar o papel de embaixatriz da Terra dos Elfos.

"Eu sou apenas Emily Starr da Lua Nova", disse ela; e depois arfou apressadamente, porque não deve haver engano - não navegando sob cores falsas, "e eu sou uma protestante."

"E uma protestante muito simpática", disse o Padre Cassidy. "Mas com certeza estou um pouco decepcionado. Estou acostumado com os protestantes - os bosques aqui, por estarem cheios deles - mas faz cem anos que o último elfo me chamou."

Emily olhou fixamente. Certamente o Padre Cassidy não tinha cem anos de idade. Ele não parecia ter mais de cinquenta anos. Talvez, porém, os padres católicos tenham vivido mais do que as outras pessoas. Ela não sabia exatamente o que dizer, por isso ela disse, um pouco lamechas:

"Vejo que você tem um gato."

"Errado". O Padre Cassidy balançou a cabeça e gemeu desgraçadamente. "Um gato me tem."

Emily desistiu de tentar entender o padre Cassidy. Ele era simpático, mas incompreensível. Ela deixou passar isso. E ela deve

continuar com seu recado.

"Você é uma espécie de ministro, não é?", perguntou ela timidamente. Ela não sabia se o padre Cassidy gostaria de ser chamado de ministro.

"Bondoso céu", ele concordou amigavelmente. "E você vê que ministros e padres não podem fazer seus próprios juramentos. Eles têm que manter gatos para fazer isso por eles. Eu nunca conheci nenhum gato que pudesse jurar tão bem e efetivamente como o Além."

"É assim que você o chama?" perguntou Emily, olhando para o gato preto com algum espanto. Parecia pouco seguro discuti-lo bem diante de seu rosto.

"É assim que ele se chama a si mesmo. Minha mãe não gosta dele porque ele rouba o creme. Agora, eu não me importo que ele faça isso; não, é a maneira dele lamber as mandíbulas depois disso que eu não suporto. Oh, Além, temos uma fada nos chamando. Fique entusiasmado por uma vez, eu imploro: há uma fada com um gato."

O Além se recusou a ficar entusiasmado. Ele piscou um olho insolente para a Emily.

"Você tem ideia do que se passa na cabeça com um gato, duende?"

O que o estranho perguntou o padre Cassidy. No entanto, Emily achou que gostaria das perguntas dele se ela não estivesse tão preocupada. De repente o padre Cassidy se inclinou sobre a mesa e disse:

"Agora, o que o está incomodando?"

"Estou tão infeliz", disse Emily piedosamente.

"Assim como muitas outras pessoas. Todos são infelizes por feitiços, mas as criaturas que têm orelhas pontiagudas não deveriam ser infelizes. Só os mortais é que deveriam ser assim."

"Oh, por favor, por favor..." Emily se perguntou como ela deveria chamá-lo. Será que o ofenderia se um protestante o chamasse de "Pai"? Mas ela teve que arriscar... "por favor, Padre Cassidy, estou com tantos problemas e vim pedir-lhe um grande favor."

Emily contou-lhe toda a história do começo ao fim - a velha rixa Murray-Sullivan, sua antiga amizade com Majestoso John, a maçã envenenada, a infeliz consequência e a ameaça de vingança de Majestoso John. O Além e o padre Cassidy ouviram com igual gravidade até que ela terminou. Então Além piscou o olho para ela, mas o padre Cassidy juntou seus longos dedos castanhos.

"Humph", disse ele.

("É a primeira vez", refletiu Emily, "que eu já ouvi alguém fora de um livro dizer 'Humph'").

"Humph", disse novamente o Padre Cassidy. "E você quer que eu ponha um fim a este ato perverso?"

"Se você puder", disse Emily. "Oh, seria tão esplêndido se você pudesse. Você... você vai... você vai?"

O Padre Cassidy encaixou seus dedos ainda mais cuidadosamente.

"Receio dificilmente poder invocar o poder e as chaves para impedir que Majestoso John se desfaça como ele deseja de sua própria propriedade legítima, sabe, elfo."

Emily não entendeu a alusão às chaves, mas ela entendeu que o padre Cassidy estava declinando a alavanca da Igreja para carregar o Majestoso John. Não havia esperança, então. Ela não conseguia manter as lágrimas de desapontamento fora de seus olhos.

"Oh, venha agora, querida, não chore", implorou o padre Cassidy. "Os Elfos nunca choram, não podem. Partiria meu coração descobrir que você não estava com o povo verde. Você pode se chamar de Lua Nova e de qualquer religião que quiser, mas o fato é que você pertence à Idade de Ouro e aos deuses antigos. É por isso que devo guardar seu precioso pedaço de madeira verde para você."

Emily olhou fixamente.

"Acho que isso pode ser feito", prosseguiu o padre Cassidy. "Acho que se eu for ao Majestoso John e tiver uma conversa de coração para coração com ele, posso fazê-lo ver a razão. Majestoso John e eu somos muito bons amigos. Ele é uma criatura razoável, se você souber como levá-lo - o que significa lisonjear sua vaidade judiciosamente. Vou dizer a ele, não como padre para paroquiano, mas como homem para homem, que nenhum irlandês decente carrega uma rixa com mulheres e que nenhuma pessoa sensata vai destruir por nada além de um rancor aquelas belas árvores velhas que levaram meio século para crescer e que nunca poderão ser substituídas. Por que o homem que corta tal árvore, exceto quando ela é realmente necessária, deve ser enforcado tão alto quanto Haman em uma forca feita da madeira com ela."

(Emily pensou que escreveria a última frase do Padre Cassidy no livro em branco do primo Jimmy quando chegasse em casa).

"Mas não vou dizer isso a Majestoso John", concluiu o padre Cassidy. "Sim, Emily da Lua Nova, acho que podemos considerar como uma coisa certa que seu arbusto não será cortado."

De repente, Emily se sentiu muito feliz. De alguma forma, ela tinha toda a confiança no Padre Cassidy. Ela estava certa de que ele torceria o Majestoso John em torno de seu dedo mindinho.

"Oh, nunca poderei lhe agradecer o suficiente", disse ela com sinceridade.

"Isso é verdade, então não perca o fôlego tentando. E agora me diga coisas. Há mais alguma coisa a seu respeito? E há quanto tempo você é você mesma?"

"Tenho doze anos, não tenho irmãos nem irmãs. E acho melhor eu ir para casa."

"Não até que você tenha comido alguma coisa antes do jantar."

"Oh, obrigado, já jantei."

"Duas horas atrás e uma caminhada de duas milhas desde então. Não me diga. Lamento não ter nenhum néctar e ambrosia à mão - como os duendes comem - e nem mesmo um pires com molho de lua - mas minha mãe faz o melhor bolo de ameixa com qualquer mulher da Ilha do Príncipe Eduardo. E nós mantemos uma vaca para o creme. Espere aqui um pouco. Não tenha medo do Além. Às vezes ele come protestantes ternos, mas nunca se intromete com duendes."

Quando o padre Cassidy voltou, sua mãe veio com ele, carregando uma bandeja. Emily esperava ver seu grande e marrom também, mas ela era a mulher mais pequena imaginável, com cabelos brancos como a neve, sedosos, olhos azuis suaves e bochechas rosadas.

"Ela não é a coisa mais doce no jeito de mães?" perguntou o padre Cassidy. "Eu a mantenho para olhar. Claro" Padre Cassidy baixou a voz para um sussurro: "há algo estranho sobre ela. Eu conheci aquela mulher para parar bem no meio de uma faxina, e ir embora e passar uma tarde na floresta. Como você, estou pensando que ela tem um compromisso com fadas."

A Sra. Cassidy sorriu, beijou Emily, disse que devia sair e terminar a sua conservação, e trotou.

"Agora você senta aqui, Elfo, e seja humano por dez minutos e teremos um lanche amigável."

Emily estava com fome - uma sensação agradável e confortável que ela não experimentava há quinze dias. O bolo de ameixa da Sra. Cassidy era tudo o que seu filho reverendo alegava, e o creme parecia não ser um mito.

"O que você acha de mim agora?" perguntou o padre Cassidy de repente, encontrando os olhos de Emily fixados nele especulativamente.

Emily corou. Ela se perguntava se ela ousava pedir outro favor ao padre Cassidy.

"Eu acho que você é muito bom", disse ela.

"Sou muito bom", concordou o padre Cassidy. "Sou tão bom que farei o que você quer que eu faça - pois sinto que há algo mais que você quer que eu faça."

"Estou em apuros e estive nisso o verão todo. Você vê", Emily estava muito sóbria: "Sou uma poetisa."

"Céus! Isso é sério? Eu não sei se posso fazer muito por você. Há quanto tempo você está assim?"

"Você está zombando de mim?" perguntou Emily seriamente.

O padre Cassidy engoliu algo além de bolo de ameixa.

"Os santos proíbem! É só que estou bastante dominado. Estar depois de entreter uma senhora na Lua Nova - e um duende - e uma poetisa tudo em um é um pouco demais para um humilde gosto como eu. Coma outra fatia de bolo e me conte tudo sobre isso."

"É assim... estou escrevendo um épico."

O Padre Cassidy de repente se inclinou e deu uma pequena pitada no pulso de Emily.

"Eu só queria ver se você era real", explicou ele. "Sim... sim, você está escrevendo um épico... continue. Acho que agora estou com meu segundo vento."

"Eu comecei na primavera passada. Eu o chamei de 'A Dama Branca' primeiro, mas agora o mudei para 'O Menino do Mar'. Você não acha que esse é um título melhor?"

"Muito melhor."

"Tenho três cantos feitos, e não posso ir adiante porque há algo que não sei e não consigo descobrir. Tenho estado tão preocupada com isso."

"O que é isso?"

"Meu épico", disse Emily, devorando diligentemente o bolo de ameixa, "é sobre uma garota muito bonita, que foi roubada de seus pais verdadeiros quando era bebê e criada em uma cabana de lenhador."

"Um com os sete enredos originais do mundo", murmurou o padre Cassidy.

"O quê?"

"Nada. Apenas um mau hábito de pensar em voz alta. Vá em frente."

"Ela tinha um pretendente de alto grau, mas sua família não queria que ele se casasse com ela porque ela era apenas a filha de um lenhador..."

"Outra das sete parcelas - desculpem-me."

"...assim eles o mandaram para a Terra Santa em uma cruzada, e a notícia de que ele foi morto e então Editha - seu nome era Editha - foi para um convento..."

Emily fez uma pausa para uma mordida de bolo de ameixa e o padre Cassidy assumiu a tensão.

"E agora seu pretendente volta muito vivo, embora coberto com cicatrizes de Paynim, e o segredo de seu nascimento é descoberto através da confissão moribunda com a velha enfermeira e a marca de nascença em seu braço."

"Como você soube?" gaseou Emily em espanto.

"Oh, eu adivinhei... eu sou um bom adivinhador. Mas onde está o seu incômodo em tudo isso?"

"Eu não sei como tirá-la do convento", confessou Emily. "Pensei que talvez você soubesse como isso poderia ser feito."

Novamente o padre Cassidy entrelaçou seus dedos.

"Vamos ver, agora. Não é leve o que você empreendeu, mocinha. Como está o caso? Editha tomou o véu, não porque ela tenha uma vocação religiosa, mas porque ela imagina que seu coração está partido. A Igreja Católica não libera suas freiras de seus votos porque elas pensam que cometeram um pequeno erro desse tipo. Não, não... devemos ter uma razão melhor. É esta Editha a única filha com seus pais verdadeiros?"

"Sim."

"Oh, então o caminho está livre. Se ela tivesse tido algum irmão ou irmã você teria que matá-los, o que é uma coisa confusa de se fazer. Bem, então, ela é a única filha e herdeira de uma família nobre que há anos está em uma briga mortal com outra família nobre - a família com o amante. Você sabe o que é uma rixa?"

"Claro", disse Emily desdenhosamente. "E eu já tenho tudo isso no poema."

"Tanto melhor. Esta rixa alugou o reino em dois e só pode ser curada por uma aliança entre Capuleto e Montéquio."

"Esses não são seus nomes."

"Não importa. Este, então, é um assunto nacional, com questões de longo alcance, portanto, um apelo ao Sumo Pontífice está em ordem. O que você quer", acenou o Padre Cassidy solenemente, "é uma dispensa de Roma."

"Dispensação é uma palavra difícil de se trabalhar em um poema", disse Emily.

"Sem dúvida. Mas as jovens que escreverão poemas épicos e que colocarão as cenas deles em meio a tempos e costumes de centenas de anos atrás, e escolherão heroínas de uma religião bastante desconhecida para elas, devem esperar enfrentar alguns problemas."

"Oh, acho que serei capaz de trabalhar nisso", disse Emily alegremente. "E estou muito grata a você. Você não sabe o alívio que isso me traz à mente. Vou terminar o poema agora mesmo dentro de algumas semanas. Eu não fiz nada durante todo o verão. Mas é claro que tenho andado ocupada. Ilse Burnley e eu estivemos fazendo uma nova linguagem."

"Fazendo uma... nova... Desculpe-me. Você disse linguagem?"

"Sim."

"Qual é o problema com o inglês? Não é bom o suficiente para você, seu pequeno ser incompreensível?"

"Oh, sim. Não é por isso que estamos fazendo uma nova. Você vê na primavera, o primo Jimmy tem muitos garotos franceses para ajudar a plantar as batatas. Eu também tive que ajudar, e Ilse veio para me fazer companhia. E era tão irritante ouvir aqueles garotos falando francês quando não conseguíamos entender uma palavra

disso. Eles fizeram isso só para nos aborrecer. Que tagarelice! Então Ilse e eu acabamos de decidir que inventaríamos uma nova linguagem que eles não conseguiriam entender. Estamos nos dando bem e quando chegar a hora da colheita da batata, poderemos conversar uns com os outros e esses garotos não poderão entender uma palavra do que estamos dizendo. Oh, será muito divertido!"

"Eu não tenho dúvidas. Mas duas meninas que se darão ao trabalho de inventar uma nova língua só para se acertar com alguns pobres meninos franceses - você está além de mim", disse o Padre Cassidy, impotente. "Deus sabe o que você estará fazendo quando crescer. Vocês serão Revolucionistas Vermelhos. Eu tremo pelo Canadá."

"Oh, não é um problema, é divertido. E todas as garotas na escola ficam inquietas porque nos ouvem falando na nossa linguagem e não conseguem se safar. Podemos falar segredos bem diante delas."

"Sendo a natureza humana o que ela é, eu posso ver onde a diversão chega. Vamos ouvir uma amostra da sua linguagem."

"*Nat millan O ste dolman bote ta Shrewsbury fernas ta poo litanos*", disse Emily glibly. "Isso significa: 'No próximo verão vou ao bosque de Shrewsbury para colher morangos'. Eu gritei isso no recreio para Ilse no outro dia no recesso e oh, como todos olharam fixamente!"

"Olhando, é isso? Eu deveria dizer que sim. Meus próprios olhos velhos e pobres estão quase saindo da minha cabeça. Vamos ouvir um pouco mais de aventuras."

"*Mo tral li dead seb ad li mo trene. Mo bertral seb mo bertrene das sten dead e ting setra*. Isso significa: 'Meu pai está morto e minha mãe também. Meu avô e minha avó estão mortos há muito tempo'. Ainda não inventamos uma palavra para 'morto'. Acho que logo poderei escrever meus poemas em nossa língua e então a tia Elizabeth não poderá lê-los se os encontrar."

"Você já escreveu alguma outra poesia além de sua epopeia?"

"Oh, sim... mas apenas peças curtas... dúzias delas."

"Hum. Você teria a gentileza de me deixar ouvir uma delas?"

Emily ficou muito lisonjeada. E ela não se importou de deixar o Padre Cassidy ouvir suas preciosas coisas.

"Vou recitar meu último poema", disse ela, limpando sua garganta, o que é importante. "Chama-se 'Sonhos Noturnos'."

Padre Cassidy escutou com atenção. Depois do primeiro verso, uma mudança veio sobre seu grande rosto marrom, e ele começou a unir as pontas de seus dedos. Quando Emily terminou, ela pendurou as pestanas e esperou trêmula. E se o padre Cassidy dissesse que não era bom? Não, ele não seria tão indelicado - mas se ele a bancasse como fez com sua epopeia - ele saberia o que isso significava.

O Padre Cassidy não falou tudo de uma só vez. O suspense prolongado foi terrível para Emily. Ela tinha medo que ele não pudesse elogiar e não queria ferir seus sentimentos dispersando-os. Ao mesmo tempo, seus "sonhos noturnos" pareciam lixo e ela se perguntava como ela poderia ter sido tola o suficiente para repeti-lo ao padre Cassidy.

É claro, era lixo. Padre Cassidy sabia disso suficientemente bem. Mesmo assim, para uma criança como esta - e a rima e o ritmo eram impecáveis - e havia uma linha - apenas uma linha - "a luz de estrelas levemente douradas" - por causa daquela linha que Padre Cassidy repentinamente disse:

"Continue... continue a escrever poesia."

"Você quer dizer...?" Emily ficou sem fôlego.

"Quer dizer que você será capaz de fazer algo. Algo... não sei o quanto... mas continue... continue."

Emily estava tão feliz que queria chorar. Foi a primeira palavra de elogio que ela havia recebido, exceto de seu pai - e um pai poderia ter uma opinião muito elevada sobre um filho. Isto foi diferente. Até o final de sua luta pelo reconhecimento, Emily nunca esqueceu o "Continue" do pai Cassidy e o tom em que ele o disse.

"A tia Elizabeth repreende-me por escrever poesia", disse ela com tristeza. "Ela diz que as pessoas vão pensar que sou tão simples quanto o primo Jimmy."

"O caminho do gênio nunca correu bem. Mas pegue outro pedaço de bolo, só para mostrar que há algo de humano em você."

"Ve, alegre ti. O del re dolman cosey aman ri sen ritter. Isso significa: 'Não, obrigado. Devo estar indo para casa antes que escureça'."

"Eu te levo para casa."

"Oh, não, não. É muito gentil da sua parte" - a língua inglesa era bastante boa para Emily agora, "mas eu prefiro caminhar. É... é... é um exercício tão bom."

"Significa", disse o Padre Cassidy com um brilho no olho, "que temos de mantê-lo longe da velha senhora.... Adeus, e que você sempre veja um rosto feliz em seu espelho!"

Emily estava muito feliz para estar cansada no caminho de casa. Parecia haver uma bolha de alegria em seu coração - uma bolha cintilante e prismática. Quando ela chegou ao topo da grande colina e olhou para a Lua Nova, seus olhos estavam satisfeitos e amorosos. Como era belo, deitado embebido no crepúsculo das velhas árvores; as pontas dos abetos mais altos saíam em silhueta roxa contra o céu noroeste de rosa e âmbar; por trás dela a Água de Blair sonhava em prata; a Mulher do Vento tinha dobrado suas asas

de morcego nebulosas em um vale de pôr do sol e a quietude jazia sobre o mundo como uma bênção. Emily sentiu que tudo ficaria bem. O padre Cassidy iria conseguir isso de alguma forma. E ele havia dito a ela para "continuar".

CAPÍTULO XIX

Amigos novamente

Emily ouviu com muita ansiedade na segunda-feira de manhã, mas "nenhum som de machado, nenhum martelo pesado soou" no arbusto do Majestoso John. Naquela noite, a caminho de casa da escola, o próprio Majestoso John a alcançou em sua carroça e, pela primeira vez desde a noite da maçã, parou e a cumprimentou.

"Você vai pegar uma carona, Srta. Emily da Lua Nova?" ele perguntou afavelmente.

Emily subiu, sentindo-se um pouco tonta. Mas Majestoso John parecia bastante amigável enquanto se agarrava ao seu cavalo.

"Então você abriu o coração para o Padre Cassidy, 'A mais doce migalha com uma garota que eu já vi', disse-me ele."

Emily olhou para o Majestoso John pelo canto do olho. Ele não parecia zangado.

"Vós me colocastes em uma boa situação", continuou ele. "Estou tão orgulhoso quanto qualquer Murray da Lua Nova e sua tia Elizabeth disse uma série de coisas que ficaram sob minha pele. Tenho muitas contas antigas a ajustar com ela. Por isso, pensei em me endireitar cortando o mato. E você teve que ir e se intrometer e agora não tenho dúvidas de que não terei a ousadia de cortar um graveto em uma lenha para aquecer minha carcaça trêmula sem perguntar ao Papa."

"Oh, Sr. Sullivan, você vai deixar o mato em paz?" disse Emily sem fôlego.

"Tudo descansa consigo mesma, Srta. Emily da Lua Nova. Não pode ser depois de esperar que Majestoso John seja muito

humilde."

"O que você quer que eu faça?"

"Primeiro, então, quero que você deixe que o passado seja passado nesse assunto com a maçã. E que seja simbólico que, de vez em quando, venha falar comigo como fez no verão passado. Claro que agora, e eu senti saudades de você - sim e de Ilse."

"Eu irei, é claro", disse Emily duvidosamente, "se ao menos a tia Elizabeth me deixar."

"Diga a ela que se ela não deixar, o mato será cortado... o último pau de entrega com ele. Isso a trará. E há mais coisas a fazer. Você deve me pedir para fazer o favor de não cortar o mato. Se você fizer isso, com certeza, eu não posso cumprir o acordo", concluiu Majestoso John.

Emily invocou todas as suas artimanhas em seu auxílio. Ela apertou suas mãos, olhou para cima através de suas pestanas para Majestoso John, sorriu tão lenta e sedutoramente quanto sabia como - e Emily tinha um conhecimento nativo considerável desse tipo. "Por favor, Sr. Majestoso John", ela persuadiu, "você poderia não cortar o querido arbusto que eu amo?"

Majestoso John tirou seu velho chapéu de feltro amarrotado. "Para ter certeza, eu o farei. Um bom irlandês sempre faz o que uma senhora lhe pede. Claro e tem sido a ruína para nós. Estamos à mercê das anáguas. Se você tivesse vindo e dito isso a mim antes, não teria necessidade da sua caminhada até a Cruz Branca. Mas cuidado, mantenham o resto e o acordo. Os vermelhos estão maduros e as crostas em breve estarão - e todos os ratos foram para a glória."

Emily voou para a cozinha da Lua Nova como um redemoinho fino.

"Tia Elizabeth, Majestoso John não vai cortar o mato - ele me disse que não iria - mas eu tenho que ir vê-lo às vezes - se você não se opuser."

"Suponho que não faria muita diferença para você se eu fizesse", disse a tia Elizabeth. Mas a voz dela não era tão aguçada como de costume. Ela não confessaria o quanto o anúncio de Emily a aliviou; mas suavizou consideravelmente sua atitude. "Há aqui uma carta para você. Quero saber o que ela significa."

Emily levou a carta. Foi a primeira vez que ela recebeu uma carta de verdade através do correio e ela se deliciou com o prazer de recebê-la. Foi endereçada com uma pesada mão negra à "Srta. Emily Starr, Lua Nova, Blair Water". Mas...

"Você a abriu", ela chorou indignada.

"Claro que abri. Você não vai receber cartas que eu não vou ver, senhorita. O que eu quero saber é... como vem o Padre Cassidy escrever para você... e escrever tal bobagem?"

"Fui vê-lo no sábado", confessou Emily, percebendo que o gato estava fora do saco. "E perguntei-lhe se ele não podia impedir o Majestoso John de cortar o mato."

"Emily Byrd Starr!"

"Eu disse a ele que era protestante", gritou Emily. "Ele entende tudo sobre isso. E ele era como qualquer outra pessoa. Eu gosto mais dele do que do Sr. Dare."

A tia Elizabeth não disse muito mais. Não parecia haver muito que ela pudesse dizer. Além disso, o mato não ia ser cortado. O portador de boas notícias é muito perdoado. Ela se contentou em olhar para Emily, que estava muito feliz e animada para se lembrar dos clarões. Ela carregou sua carta para o dormitório do sótão e se vangloriou do selo e da inscrição um pouco antes de retirar o recinto.

"Querida Pérola Emily", escreveu o Padre Cassidy. "Eu vi nosso grande amigo e tenho certeza de que seu posto verde do país das fadas será salvo para suas revelações ao luar. Eu sei que você dança lá à luz da lua quando os mortais ressonam. Acho que você terá que passar pela forma de pedir ao Sr. Sullivan que poupe essas árvores, mas você vai achá-lo bastante razoável. Está tudo no saber como e na hora da lua. Como vai o épico e a linguagem? Espero que você não tenha problemas em libertar a Criança do Mar de seus votos. Continue a ser amigo de todos os bons duendes e de

Seu admirável amigo,

James Cassidy."

"P.S. O Além manda cumprimentos. Que palavra você tem para 'gato' em seu idioma? Claro e você não pode receber nada mais católico do que 'gato', não é mesmo?"

Majestoso John espalhou a história do apelo de Emily ao Padre Cassidy por toda parte, aproveitando-a como uma boa piada sobre si mesmo. Rhoda Stuart disse que sempre soube que Emily Starr era uma coisa ousada e a Srta. Brownell disse que ficaria surpresa com nada que Emily Starr fizesse, e o Dr. Burnley a chamou de Diabinha mais admiravelmente do que nunca, e Perry disse que ela tinha depenado e Teddy ficou orgulhoso por sugerir isso, e a tia Elizabeth suportou, e a tia Laura pensou que poderia ter sido pior. Mas o primo Jimmy fez Emily se sentir muito feliz.

"Teria estragado o jardim e partido meu coração, Emily", disse-lhe ele. "Você é uma garotinha querida por tê-lo evitado."

Um dia um mês depois, quando a tia Elizabeth tinha levado Emily a Shrewsbury para lhe dar um casaco de inverno, eles encontraram o Padre Cassidy em uma loja. A tia Elizabeth se curvou com grande imponência, mas Emily estendeu uma pata esbelta.

"E a dispensação de Roma?" sussurrou o padre Cassidy.

Uma Emily ficou bastante horrorizada ao não ouvir a tia Elizabeth e pensar que ela estava tendo desacordos com o Papa, como nenhuma boa meia presbiteriana de Lua Nova deveria ter. A outra Emily ficou encantada com o deleite dramático de uma compreensão secreta do mistério e da intriga. Ela acenou com a cabeça gravemente, seus olhos eloquentes de satisfação.

"Eu consegui sem nenhum problema", ela sussurrou de volta.

"Muito bem", disse o padre Cassidy. "Desejo-lhe boa sorte e desejo-lhe muita felicidade. Adeus."

"Adeus", disse Emily, pensando que se tratava de uma palavra mais de acordo com segredos sombrios do que de um adeus. Ela provou o sabor daquela entrevista meio roubada até a casa, e se sentiu como se ela mesma estivesse vivendo uma epopeia. Ela não voltou a ver o Padre Cassidy durante anos - ele foi logo depois removido para outra paróquia; mas sempre pensou nele como uma pessoa muito agradável e compreensiva.

CAPÍTULO XX

Por Posto Aéreo

"QUERIDO PAI:

Meu coração está muito dorido esta noite. Mike morreu esta manhã. O primo Jimmy diz que ele deve ter sido envenenado. Oh, querido pai, eu me senti tão mal. Ele era um gato tão adorável. Eu chorei e chorei e chorei. A tia Elizabeth ficou enojada. Ela disse: "Você não fez tanto alarido quando seu pai morreu". Que discurso de tripulante. A tia Laura foi mais simpática, mas quando ela disse: 'Não chore, querida. Eu lhe darei outro gatinho', eu vi que ela também não entendeu. Eu não quero outro gatinho. Se eu tivesse milhões de gatinhos, eles não iriam compensar Mike.

Ilse e eu o enterramos no mato do Majestoso John. Estou tão grata pois o chão ainda não congelou. A tia Laura me deu uma caixa de sapatos para um caixão, e um pouco de papel higiênico rosa para embrulhar seu pobre corpinho. E nós colocamos uma pedra sobre a cova e eu disse: "Abençoados sejam os mortos que morrem no Senhor". Quando contei à tia Laura sobre isso, ela ficou horrorizada e disse: "Oh, Emily, isso foi uma coisa horrível. Você não deveria ter dito isso por causa de um gato". E o primo Jimmy disse: "Você não acha, Laura, que uma criaturinha inocente e idiota tem uma parte em Deus? Emily o amava e todo amor é parte de Deus". E a tia Laura disse: "Talvez você esteja certo, Jimmy. Mas eu estou grata por Elizabeth não a ter ouvido."

O primo Jimmy pode não estar inteiramente lá, mas o que está lá dele já é muito bom.

Mas oh, pai, estou tão só sem Mike. Ontem à noite ele estava aqui brincando comigo, tão astuto e bonito e manchado, e agora ele está frio e morto no arbusto do Majestoso John.

18 de dezembro.

QUERIDO PAI:

Eu estou aqui no sótão. A Mulher do Vento está muito arrependida de alguma coisa para dormir. Ela está tão triste ao redor da janela. E, no entanto, a primeira vez que a ouvi falar dela... esta noite o clarão veio... senti como se eu tivesse acabado de ver algo que aconteceu há muito, muito tempo atrás... algo tão lindo que me machucou.

O primo Jimmy diz que vai haver uma tempestade de neve... de noite. Estou feliz. Eu gosto de ouvir uma tempestade à noite. É tão aconchegante estar entre os cobertores e sentir que não pode chegar até você. Só quando eu me aconchego, a tia Elizabeth diz que eu contorço. A ideia de quem não sabe a diferença entre aconchegar-se e contorcer-se.

Estou feliz que teremos neve para o Natal. O jantar Murray deverá ser na Lua Nova este ano. É a nossa vez. No ano passado foi em casa do tio Oliver, mas o primo Jimmy tinha gripe e não podia ir, então fiquei em casa com ele. Este ano estarei bem no meio da confusão e isso me excita. Escreverei tudo sobre isso depois que terminar, querido.

Quero lhe dizer uma coisa, pai. Tenho vergonha disso, mas acho que me sentirei melhor se lhe contar tudo sobre isso. No sábado passado, Ella Lee deu uma festa de aniversário e eu fui convidada. A tia Elizabeth me deixou vestir meu novo vestido azul de caxemira. É um vestido muito bonito. A tia Elizabeth queria um marrom escuro, mas a tia Laura insistiu no azul. Eu me olhei em meu espelho e me lembrei que Ilse tinha me dito que seu pai lhe disse que eu seria bonita se eu tivesse mais cor. Então eu belisquei minhas bochechas para que ficassem vermelhas. Eu parecia muito mais bonita, mas não durou muito. Então peguei uma velha flor vermelha de veludo que uma vez havia estado no gorro da tia Laura e a molhei e depois esfreguei o vermelho em minhas bochechas. Fui à festa e as meninas todas olharam para mim, mas ninguém disse nada, apenas

Rhoda Stuart riu muito. Eu queria voltar para casa e lavar o vermelho antes que a tia Elizabeth me visse. Mas ela teve a ideia de me buscar no caminho de casa, vindo da loja. Ela não disse nada lá, mas quando chegamos em casa ela disse: "O que você tem feito na sua cara, Emily?". Eu disse a ela e esperava uma repreensão terrível, mas tudo o que ela disse foi: "Você não sabe que você se fez vulgar?" Eu também sabia. Eu tinha sentido isso o tempo todo, embora não pudesse pensar na palavra certa antes. "Nunca mais farei uma coisa dessas, tia Elizabeth", disse eu. "É melhor não", disse ela. "Vá lavar o rosto neste instante". Eu lavei e não era nem metade tão bonita, mas me senti muito melhor. Estranho de relatar, querido pai, ouvi a tia Elizabeth rindo sobre isso na despensa para a tia Laura depois. Nunca se sabe o que vai fazer a tia Elizabeth rir. Tenho certeza de que foi sempre muito mais engraçado quando Saucy Sal me seguiu até a reunião de oração na última quarta-feira à noite, mas a tia Elizabeth não riu nem um pouco então. Eu não vou muitas vezes à reunião de oração, mas a tia Laura não pôde ir naquela noite, então a tia Elizabeth me levou porque ela não gosta de ir sozinha. Eu não sabia que Saucy Sal estava nos seguindo até que chegamos à igreja que eu a vi. Eu a empurrei para longe, mas depois que entramos, suponho que Saucy Sal entrou sorrateiramente quando alguém abriu a porta e subiu na galeria. E assim que o Sr. Dare começou a rezar a Saucy Sal começou a miar. Soava horrível naquela grande galeria vazia. Eu me senti tão culpada e miserável. Eu não precisava pintar meu rosto. Estava apenas queimando vermelho e os olhos da tia Elizabeth brilhavam intensamente. O Sr. Dare rezou por muito tempo. Ele é surdo, então não ouviu Saucy Sal mais do que quando se sentou em cima dela. Mas todos os outros ouviram e os meninos riram. Após a oração, o Sr. Morris foi até a galeria e expulsou Saucy Sal. Conseguimos ouvi-la a sentar-se sobre os assentos e o Sr. Morris atrás dela. Eu estava louca de medo que ele a machucasse. Eu mesmo a espanquei com uma telha no dia seguinte, mas não queria que ela fosse chutada. Depois de muito tempo ele a tirou da galeria e ela desceu as escadas e entrou na igreja, subindo uma ilha e descendo as outras duas ou três vezes, o mais rápido que ela podia ir e o Sr. Morris atrás dela com uma vassoura. É muito engraçado pensar nisso

agora, mas eu não achei tão engraçado na época em que eu estava tão envergonhada e com tanto medo que Saucy Sal fosse ferida.

O Sr. Morris finalmente a deixou. Quando ele se sentou, fiz uma careta para ele atrás do meu livro de hinos. Voltando para casa, a tia Elizabeth disse: "Espero que você nos tenha desonrado o suficiente por esta noite, Emily Starr. Nunca mais vou levá-la para a reunião de oração". Lamento ter desonrado os Murrays, mas não vejo como fui culpada e, de qualquer forma, não gosto de orações porque é monótono.

Mas não foi aborrecido naquela noite, querido Pai.

Você percebe como a minha ortografia foi melhorada? Eu pensei em um plano tão bom. Primeiro escrevo minha carta e depois procuro todas as palavras das quais não tenho certeza e as corrijo. Às vezes, embora eu ache que uma palavra está bem quando não está.

Ilse e eu desistimos da nossa língua. Lutamos por causa dos verbos. Ilse não queria ter tempos para os verbos. Ela só queria ter uma palavra completamente diferente para cada tempo. Eu disse que se eu fosse fazer uma língua, seria uma língua apropriada e Ilse ficou furiosa e disse que ela já tinha se incomodado o suficiente com gramática em inglês e que eu poderia ir e fazer minha velha língua sozinha. Mas isso não é divertido, então eu também deixei passar. Senti muito porque era muito interessante e era muito divertido confundir as outras meninas na escola. Afinal de contas, não conseguimos nos acertar com os meninos franceses, pois Ilse tinha a garganta dorida durante todo o tempo de coleta de batatas e não conseguia vir. Parece-me que a vida está cheia de decepções.

Tivemos exames na escola esta semana. Eu me saí muito bem em todos, exceto na aritmética. A Srta. Brownell explicou algo sobre as perguntas, mas eu estava ocupada compondo uma história em minha mente e não a ouvi, então fiquei com más notas. A história é chamada "O Segredo de Madge MacPherson". Vou comprar quatro folhas de papel com meu dinheiro do ovo e costurá-las em um livro

e escrever a história nele. Posso fazer o que eu quiser com meu dinheiro do ovo. Acho que talvez escreva romances quando crescer, assim como poesia. Mas a tia Elizabeth não me deixa ler nenhum romance, então como posso descobrir como escrevê-los? Outra coisa que me preocupa, se eu crescer e escrever um poema maravilhoso, talvez as pessoas não vejam como ele é maravilhoso.

O primo Jimmy diz que um homem em Priest Pond diz que o fim do mundo está chegando em breve. Espero que ele não venha até que eu tenha visto tudo nele.

Pobre Elder MacKay tem a papeira.

Eu estava dormindo na casa de Ilse na outra noite porque seu pai estava fora. Ilse faz agora suas orações e ela disse que apostaria em mim qualquer coisa que pudesse rezar mais do que eu. Eu disse que ela não podia e rezei por tanto tempo sobre tudo o que eu podia pensar e quando eu não conseguia pensar em mais nada, pensei no início que começaria de novo. Depois pensei: "Não, isso não seria honroso. Uma Starr deve ser honrada". Então eu me levantei e disse "Você venceu" e Ilse não respondeu. Eu dei a volta na cama e lá estava ela dormindo de joelhos. Quando a acordei, ela disse que teríamos que cancelar a aposta porque ela poderia ter continuado orando por tanto tempo se não tivesse adormecido.

Depois que deitamos na cama, eu lhe disse muitas coisas que desejava não ter dito depois. Segredos.

No outro dia, na aula de história, a Srta. Brownell leu que Sir Walter Raleigh teve que deitar-se na Torre durante quatorze anos. Perry disse: "Será que não o deixariam se levantar às vezes?". Então a Srta. Brownell o castigou por impertinência, mas Perry foi sincero. Ilse ficou brava com a Srta. Brownell por chicotear Perry e brava com Perry por fazer uma pergunta tão tola como se ele não soubesse de nada. Mas Perry diz que um dia vai escrever um livro de história que não terá coisas tão intrigantes.

Estou terminando a Casa Decepcionada em minha mente. Estou mobiliando os quartos com flores. Terei um quarto rosa e um quarto de lírio todo branco e prateado e um quarto azul e dourado. Gostaria que a Casa dos Decepcionados pudesse ter um Natal. Ela nunca tem nenhum Natal.

Oh, Pai, acabei de pensar em algo agradável. Quando eu crescer e escrever um grande romance e ganhar muito dinheiro, vou comprar a Casa Decepcionada e terminá-la. Então, não será mais Desapontada.

"A professora da escola dominical de Ilse, Sra. Willeson, deu a ela uma Bíblia para aprender duzentos versículos. Mas quando ela a levou para casa, seu pai a colocou no chão e a expulsou para o pátio. A Sra. Simms diz que um julgamento virá sobre ele, mas ainda não aconteceu nada. O pobre homem está desvirtuado. É por isso que ele fez uma coisa tão perversa.

A tia Laura me levou ao funeral da velha Sra. Mason na última quarta-feira. Eu gosto dos funerais. Eles são tão dramáticos.

Meu porco morreu na semana passada. Foi uma grande perda financeira para mim. A tia Elizabeth diz que o primo Jimmy o alimentou muito bem.

Agora temos mapas para desenhar na escola. Rhoda Stuart sempre recebe o maior número de notas. A Srta. Brownell não sabe que Rhoda apenas coloca o mapa contra uma vidraça e o papel sobre ele e o copia. Eu gosto de desenhar mapas. A Noruega e a Suécia parecem um tigre com montanhas para riscas e a Irlanda parece um cãozinho de costas viradas para a Inglaterra, com as patas encostadas ao peito, e a África parece um grande presunto de porco. A Austrália é um belo mapa para desenhar.

Ilse está se dando muito bem na escola agora. . Ela pode aprender como o Dickens, como diz Perry, quando ela tenta, e ganhou a medalha de prata para o Condado da Rainha. A W.C.T.U. em Charlottetown a deu para o melhor recitador. Eles tiveram o

concurso em Shrewsbury e a tia Laura levou Ilse porque o Dr. Burnley não quis e Ilse a ganhou. A tia Laura disse ao Dr. Burnley quando ele esteve aqui um dia que ele deveria dar a Ilse uma boa educação. Ele disse: "Eu não vou desperdiçar dinheiro educando nada". E ele parecia negro como uma nuvem de trovão. Oh, eu gostaria que o Dr. Burnley amasse Ilse. Estou tão feliz que você me amasse, pai.

22 DE DEZEMBRO.

Prezado Pai:

Tivemos nosso exame escolar hoje. Foi uma grande ocasião. Quase todos estavam lá, exceto o Dr. Burnley e a tia Elizabeth. Todas as meninas usavam seus melhores vestidos, menos eu. Eu sabia que Ilse não tinha nada para vestir, a não ser o seu velho vestido de inverno passado que é muito curto para ela, então para evitar que ela se sentisse mal, eu vesti meu velho vestido marrom também. A tia Elizabeth não queria me deixar fazer isso no início porque os Murrays de Lua Nova deveriam estar bem vestidos, mas quando expliquei sobre Ilse, ela olhou para a tia Laura e depois disse que eu poderia.

Rhoda Stuart gozou de mim e de Ilse, mas eu amontoei brasas de fogo em sua cabeça. (Isso é o que se chama uma figura de linguagem.) Ela ficou presa em sua recitação. Ela tinha deixado o livro em casa e ninguém mais conhecia a peça além de mim. No início eu olhei para ela triunfantemente. Mas depois veio um sentimento estranho em mim e eu pensei: "Como eu me sentiria se eu estivesse presa diante de uma grande multidão de pessoas como esta? E além da honra da escola estar em jogo", então sussurrei a ela porque eu estava bem perto. Ela conseguiu passar bem o resto. O estranho, querido pai, é que agora eu não me sinto mais como se eu a odiasse. Sinto-me muito gentil com ela e é muito mais agradável. É desconfortável odiar as pessoas.

28 DE DEZEMBRO.

QUERIDO PAI:

O Natal acabou. Foi muito agradável. Nunca vi tantas coisas boas cozinhadas de uma só vez. Tio Wallace, tia Eva, tio Oliver, tia Addie e tia Ruth estavam aqui. O tio Oliver não trouxe nenhum de seus filhos e eu fiquei muito decepcionada. Tivemos o Dr. Burnley e Ilse também. Todos estavam vestidos lindamente. A tia Elizabeth usava seu vestido de cetim preto com colarinho de renda pontiagudo e chapéu. Ela estava muito bonita e eu estava orgulhoso dela. Você gosta que seus parentes fiquem bem mesmo que não goste deles. A tia Laura usava sua seda marrom e a tia Ruth usava um vestido cinza. A tia Eva era muito elegante. O vestido dela tinha um trem. Mas cheirava a bolas de naftalina.

Eu tinha em meu caxemira azul e usava meu cabelo amarrado com fitas azuis, e tia Laura me deixou usar a faixa de seda azul da mãe com as margaridas rosa que ela tinha quando era uma garotinha na Lua Nova. A tia Ruth fungou quando me viu. Ela disse: "Você cresceu muito, Emily. Espero que você seja uma garota melhor."

Mas ela não esperava (realmente). Eu vi isso bem claro. Então, ela me disse que meu calçado estava desamarrado.

"Ela parece melhor", disse o tio Oliver. "Eu não me perguntaria se ela cresceu e se tornou uma garota forte e saudável, afinal de contas."

A tia Eva suspirou e balançou a cabeça. O tio Wallace não disse nada além de um aperto de mão comigo. Sua mão estava tão fria como um peixe. Quando saímos para jantar na sala de estar, pisei no vestido da tia Eva e pude ouvir alguns pontos rasgarem em algum lugar. A tia Eva me afastou e a tia Ruth disse: "Que criança tão estranha você é, Emily". Eu fiquei atrás da tia Ruth e lhe enfiei a língua de fora. O tio Oliver faz um barulho comendo sua sopa. Tivemos todas as boas colheres de prata de fora. O primo Jimmy

cortou os perus e me deu duas fatias do peito porque ele sabe que eu gosto mais da carne branca. A tia Ruth disse: "Quando eu era pequena a asa era suficientemente boa para mim", e o primo Jimmy colocou outra fatia branca no meu prato. A tia Ruth não disse mais nada até que a talha estivesse pronta, e então ela disse: "Eu vi sua professora da escola em Shrewsbury no sábado passado, Emily, e ela não me deu um relato muito bom de você. Se você fosse minha filha, eu esperaria um relatório diferente."

"Estou muito feliz por não ser sua filha", eu disse em minha mente. Eu não disse em voz alta, é claro, mas a tia Ruth disse: "Por favor, não fique tão amuada quando eu falar com você, Emily". E o tio Wallace disse: 'É uma pena que ela tenha uma expressão tão pouco atrativa."

"Você é convencida, dominadora e mesquinha", disse eu, ainda na minha mente. "Eu ouvi o Dr. Burnley dizer que você era."

"Vejo que há uma mancha de tinta no dedo dela", disse a tia Ruth. (Eu tinha escrito um poema antes do jantar).

E então aconteceu uma coisa muito surpreendente. Tia Elizabeth falou e disse: "Eu desejo, Ruth, que você e Wallace deixem aquela criança em paz". Eu mal podia acreditar nos meus ouvidos. A tia Ruth parecia irritada, mas me deixou sozinha depois disso e só farejou quando o primo Jimmy escorregou um pouco mais de carne branca no meu prato.

Depois disso, o jantar foi bom. E quando chegaram até o pudim, todos eles começaram a falar e foi esplêndido ouvir. Eles contavam histórias e piadas sobre os Murrays. Até mesmo o tio Wallace riu e a tia Ruth contou algumas coisas sobre a tia-avó Nancy. Eles eram sarcásticos, mas eram interessantes. A tia Elizabeth abriu a mesa do avô Murray e tirou um poema antigo que havia sido escrito à tia Nancy por um admirador quando ela era jovem e o tio Oliver o leu. A tia-avó Nancy deve ter sido muito bonita. Será que alguém alguma vez me escreverá um poema? Se eu pudesse ter uma franja, alguém poderia. Eu disse: "A tia-avó Nancy era realmente tão bonita

assim?" e o tio Oliver disse: "Eles dizem que ela era há setenta anos atrás" e o tio Wallace disse: "Ela se saiu bem... ela ainda verá a marca do século", e o tio Oliver disse: "Oh, ela tem tanto hábito de viver que nunca morrerá."

O Dr. Burnley contou uma história que eu não entendi. O tio Wallace se descongelou e o tio Oliver colocou o guardanapo na cara dele. A tia Addie e a tia Eva olharam uma para a outra de lado e depois para seus pratos e sorriram um pouquinho. A tia Ruth parecia ofendida e a tia Elizabeth olhou friamente para o Dr. Burnley e disse: "Acho que você esqueceu que há crianças presentes". O Dr. Burnley disse: "Peço desculpas, Elizabeth", muito educadamente. Ele pode falar com um ar grandioso quando quiser. Ele é muito bonito quando está vestido e barbeado. Ilse diz estar orgulhosa dele, mesmo que ele a odeie.

Depois do jantar, os presentes foram dados. Isso é uma tradição de Murray. Nunca temos meias ou árvores, mas uma grande torta é passada por toda parte com os presentes enterrados e fitas penduradas com os nomes. Foi divertido. Todos os meus parentes me deram presentes úteis, exceto a tia Laura. Ela me deu um frasco de perfume. Eu adorei. Eu adoro cheiros agradáveis. A tia Elizabeth não aprova os perfumes. Ela me deu um novo avental, mas estou grata por dizer que não é de bebê. A tia Ruth me deu um Novo Testamento e disse: "Emily, espero que você leia uma porção disso todos os dias até que o tenha lido completamente", e eu disse: "Por que, tia Ruth, eu li o Novo Testamento inteiro uma dúzia de vezes (e assim tenho.) Eu amo Revelações". (E eu amo. Quando li o verso "e os doze portões eram doze pérolas", acabei de vê-las e o clarão chegou). "A Bíblia não deve ser lida como um livro de histórias", disse friamente a tia Ruth. O tio Wallace e a tia Eva me deram um par de botas pretas e o tio Oliver e a tia Addie me deram um dólar inteiro em belas moedas de prata novas e o primo Jimmy me deu um laço de cabelo. Perry tinha deixado um marcador de seda para mim. Ele teve que ir para casa para passar o dia de Natal com sua tia Tom em Stovepipe, mas eu guardei muitas nozes e passas para ele. Eu dei a ele e ao Teddy lenços (o do Teddy era um pouco mais

bonito) e dei a Ilse um laço de cabelo. Eu mesmo os comprei com o dinheiro do meu ovo. (Não terei mais dinheiro para ovos por muito tempo, porque minha galinha parou de pôr). Todos estavam felizes e uma vez o tio Wallace sorriu direto para mim. Eu não o achei tão feio quando ele sorriu.

Em seguida, eu e Ilse brincamos na cozinha e o primo Jimmy nos ajudou a fazer caramelo. Tivemos uma grande ceia, mas ninguém podia comer muito porque eles tinham jantado tanto. A cabeça da tia Eva doeu e a tia Ruth disse que não via por que Elizabeth fazia as salsichas tão ricas. Mas o resto foi bem humorado e a tia Laura manteve as coisas agradáveis. Ela é boa em tornar as coisas agradáveis. E depois que tudo acabou, tio Wallace disse (este é outra tradição de Murray) "Vamos pensar por alguns momentos naqueles que já foram antes". Eu gostei da maneira como ele disse - muito solene e gentil. Foi uma das vezes em que me alegro de que o sangue dos Murrays flua em meus vãos. E pensei em você, querido pai e mãe e no pobre Mike e na tataravó Murray, e no meu antigo livro de contabilidade que a tia Elizabeth queimou, porque me pareceu uma pessoa. E então todos nós demos as mãos e cantamos antes de os convidados partirem. Eu não me senti mais como uma estranha entre os Murrays. A tia Laura e eu nos destacamos no alpendre para vê-los partir. A tia Laura colocou seu braço ao meu redor e disse: "Sua mãe e eu ficávamos assim há muito tempo, Emily, para ver os convidados de Natal irem embora". A neve rangia e os sinos tocavam de volta através das árvores e a geada no teto do farol brilhava ao luar. E foi tudo tão lindo (os sinos e a geada e a grande noite branca brilhante) que o clarão veio e isso foi o melhor de tudo."

CAPÍTULO XXI

“Romântico, mas não Confortável"

Uma certa coisa aconteceu na Lua Nova porque Teddy Kent fez um dia um elogio a Ilse Burnley e Emily Starr não gostou nada. Os impérios foram derrubados pela mesma razão.

Teddy estava patinando em Blair Water e levando Ilse e Emily em turnos para " escorregas". Nem Ilse nem Emily tinham patins. Ninguém estava suficientemente interessado em Ilse para comprar patins para ela, e como para Emily, a tia Elizabeth não aprovava a patinação de meninas. As meninas de Lua Nova nunca tinham patinado. A tia Laura teve uma ideia revolucionária de que patinar seria um bom exercício para Emily e, além disso, a impediria de desgastar a sola de suas botas deslizando. Mas nenhum destes argumentos foi suficiente para convencer a tia Elizabeth, apesar da série econômica que lhe chegou dos Burnleys. Este último, entretanto, fez com que ela emitisse um édito de que Emily não iria "escorregar". Emily aceitou isso muito dificilmente. Ela se lamentou de uma forma muito triste e escreveu a seu pai: "Odeio a tia Elizabeth. Ela é tão injusta. Ela nunca joga limpo". Mas um dia o Dr. Burnley enfiou sua cabeça na porta da cozinha da Lua Nova e disse asperamente: "O que é isso que ouço sobre você não deixar Emily deslizar, Elizabeth?"

"Ela desgasta as solas de suas botas", disse Elizabeth.

"Botas dem..." o médico lembrou que as senhoras estavam presentes mesmo a tempo. "Deixe a criatura deslizar o quanto ela quiser. Ela deveria estar ao ar livre o tempo todo. Ela deveria" - o médico olhou ferozmente para Elizabeth - "ela deveria dormir fora das portas."

Elizabeth tremeu para que o médico não insistisse neste procedimento inédito. Ela sabia que ele tinha ideias absurdas sobre o tratamento adequado dos consumidos e daqueles que poderiam se tornar tais. Ela estava feliz em apaziguá-lo, deixando Emily ficar fora das portas durante o dia e fazer o que lhe parecia bom, se ao menos ele não dissesse mais nada sobre ficar fora a noite toda também.

"Ele está muito mais preocupado com Emily do que com sua própria filha", disse ela amargamente a Laura.

"Ilse é muito saudável", disse a tia Laura com um sorriso. "Se ela fosse uma criança delicada, Allan poderia perdoá-la por - por ser filha de sua mãe."

"S--s--h", disse a tia Elizabeth. Mas ela "s--s--s--h" tarde demais. Emily, entrando na cozinha, tinha ouvido a tia Laura e se intrigou com o que ela tinha dito o dia todo na escola. Por que Ilse tinha que ser perdoada por ser filha de sua mãe? Todos eram filhos de sua mãe, não eram? Em que consiste o crime? Emily estava tão preocupada com isso que estava desatenta às suas lições e a Srta. Brownell a atacou com sarcasmo na frente e atrás.

É hora de voltarmos para Blair Water onde Teddy estava trazendo Emily de uma volta gloriosa ao redor do grande círculo de gelo. Ilse estava esperando pela sua vez, na margem. Sua nuvem dourada de cabelo aureolava seu rosto e caía em uma onda cintilante sobre sua testa sob a doma vermelha desbotada que ela usava. As roupas de Ilse estavam sempre desbotadas. O beijo do vento havia rosado suas bochechas e seus olhos brilhavam como piscinas de âmbar com fogo em seus corações. A percepção artística de Teddy viu sua beleza e se alegrou com isso.

"Ilse não é bonita?", disse ele.

Emily não estava com ciúmes. Nunca a machucou ouvir Ilse ser elogiada. Mas de alguma forma ela não gostou disso. Teddy estava olhando para Ilse com admiração demais. Tudo isso, Emily

acreditava, devido àquela franja cintilante nas sobrancelhas claras de Ilse.

Se eu tivesse uma franja, Teddy poderia me achar bonita também", pensou ela ressentida. "É claro, o cabelo preto não é tão bonito quanto o loiro. Mas minha testa está muito alta - todo mundo diz isso. E eu fiquei bonita no quadro de Teddy porque ele desenhou alguns caracóis sobre ele."

O assunto foi classificado. Emily pensou nisso enquanto voltava para casa sobre o brilho do campo de neve inclinado para a luz do pôr do sol do inverno, e ela não podia comer o jantar porque não tinha uma franja. Toda sua longa saudade escondida de uma franja parecia ter chegado à cabeça de uma só vez. Ela sabia que não havia utilidade em convencer a tia Elizabeth por uma. Mas quando ela estava se preparando para dormir naquela noite, ficou em uma cadeira para que pudesse ver a pequena Emily do Espelho, depois levantou as extremidades de sua longa trança e as colocou sobre sua testa. O efeito, pelo menos aos olhos de Emily, foi muito sedutor. Ela pensou - e se ela mesma cortasse uma franja? Levaria apenas um minuto. E uma vez feito, o que a tia Elizabeth poderia fazer? Ela ficaria muito zangada e, sem dúvida, infligiria algum tipo de punição. Mas a franja estaria lá, pelo menos até que se tornasse longa novamente.

Emily, com os lábios postos, foi buscar a tesoura. Ela soltou o cabelo e separou as tranças da frente. Snip-snip - foi a tesoura. Fechos brilhantes caíram a seus pés. Em um minuto, Emily teve sua desejada franja. Em linha reta em suas sobrancelhas caiu a franja brilhante e suavemente curvada. Isso mudou todo o caráter de seu rosto. Tornou-a em arco, provocativa, esquiva. Por um breve momento, Emily olhou para seu reflexo em triunfo.

E então... o terror a apreendeu. Oh, o que ela tinha feito? Como a tia Elizabeth ficaria furiosa! A consciência de repente despertou e acrescentou sua pontada também. Ela tinha sido perversa. Foi perverso cortar uma franja quando a tia Elizabeth a havia proibido. A tia Elizabeth havia lhe dado um lar na Lua Nova - não Rhoda Stuart

naquele mesmo dia na escola não a torceu de novo com "viver da caridade"? E ela estava lhe retribuindo com desobediência e ingratidão. Uma Starr não deveria ter feito isso. Em um pânico de medo e remorso Emily ficou com o resultado em consternação. Qualquer pessoa podia ver que uma franja tinha sido cortada, então a raiva da tia Elizabeth ainda estava por enfrentar. E ela tinha dado um susto terrível de si mesma. Emily estourou em lágrimas, amontoou as mechas caídas e as enfiou no cesto do lixo, apagou a vela e saltou para a cama, assim que a tia Elizabeth entrou.

Emily enterrada de bruços nos travesseiros, fingiu estar dormindo. Ela tinha medo que a tia Elizabeth lhe fizesse alguma pergunta e insistisse para que ela olhasse para cima enquanto ela respondesse. Essa era uma tradição Murray - você olhava as pessoas no rosto quando falava com elas. Mas a tia Elizabeth se despiu em silêncio e veio para a cama. O quarto estava na escuridão... escuridão espessa. Emily suspirou e se virou. Havia uma garrafa quente na cama, ela sabia, e seus pés estavam frios. Mas ela não achava que deveria ter o privilégio deste conforto. Ela era muito malvada, muito ingrata.

"Pare de se contorcer", disse a tia Elizabeth.

Emily não se contorceu mais, pelo menos fisicamente. Mentalmente, ela continuou a contorcer-se. Ela não conseguia dormir. Seus pés ou sua consciência - ou ambos - a mantinham acordada. E o medo, também. Ela temia a manhã. A tia Elizabeth veria então o que havia acontecido. Se a revelação só tivesse acabado - se a revelação só tivesse acabado.

"O que a faz tão inquieta de noite?" exigiu a tia Elizabeth, em grande desagrado. "Você está pegando uma constipação?"

"Não, senhora."

"Então vá dormir. Eu não suporto tanta inquietação. Mais vale ter uma enguia na cama... O-O-O!"

A tia Elizabeth, ao se contorcer um pouco, tinha colocado seu próprio pé contra os gélidos de Emily.

"Meu Deus, criança, seus pés são como a neve. Aqui, coloque-os na garrafa quente."

A tia Elizabeth empurrou a garrafa contra os pés de Emily. Como era adorável, quente e reconfortante!

Emily trabalhou seus dedos dos pés contra ele como um gato. Mas de repente ela sabia que não podia esperar pela manhã.

"Tia Elizabeth, eu tenho algo a confessar."

A tia Elizabeth estava cansada e sonolenta e não queria confissões naquele momento. Em tom não muito gracioso, ela disse:

"O que você tem feito?"

"Eu... eu cortei a franja, tia Elizabeth."

"Uma franja?"

A tia Elizabeth sentou-se na cama.

"Mas eu cortei de novo", gritou Emily, apressada. "Bem longe... cerrar a minha cabeça."

A tia Elizabeth levantou-se da cama, acendeu uma vela, e olhou Emily.

"Bem, você fez uma vista de si mesma", disse ela, assustadoramente. "Eu nunca vi ninguém tão feia como você neste minuto. E você se comportou de uma maneira muito desleal."

Esta foi uma das vezes em que Emily se sentiu compelida a concordar com a tia Elizabeth.

"Sinto muito", disse ela, levantando os olhos suplicantes.

"Você vai jantar na despensa por uma semana", disse a tia Elizabeth. "E você não irá à casa do tio Oliver na próxima semana quando eu for. Eu tinha prometido levá-la. Mas não levarei ninguém que pareça como você em qualquer lugar comigo."

Isto foi difícil. Emily estava ansiosa por aquela visita ao tio Oliver. Mas, no geral, ela estava aliviada. O pior já havia passado e seus pés estavam esquentando. Mas ainda havia uma coisa. Ela poderia muito bem aliviar completamente o seu coração enquanto ela estava nisso.

"Há outra coisa que eu sinto que deveria lhe dizer."

A tia Elizabeth entrou na cama novamente com um grunhido. Emily a levou para pedir permissão.

"Tia Elizabeth, você se lembra daquele livro que encontrei na estante do Dr. Burnley e trouxe para casa e lhe perguntei se eu poderia lê-lo? Ele se chamava A História de Henry Esmond. Você olhou para ele e disse que não tinha objeção a que eu lesse a história. Então, eu a li. Mas, tia Elizabeth, não era história, era um romance. E eu o sabia quando o trouxe para casa."

"Você sabe que eu a proibi de ler romances, Emily Starr. Eles são livros perversos e arruinaram muitas almas."

"Foi muito monótono", suplicou Emily, como se a monotonia e a perversidade fossem bastante incompatíveis. "E isso me fez sentir infeliz. Todos pareciam estar apaixonados pela pessoa errada. Eu decidi, tia Elizabeth, que nunca me apaixonarei. Isso causa demasiados problemas."

"Não fale de coisas que você não consegue entender, e que não são adequadas para as crianças pensarem. Este é o resultado da leitura de romances. Direi ao Dr. Burnley para trancar sua estante de livros."

"Oh, não faça isso, tia Elizabeth", exclamou Emily. "Não há mais romances nela. Mas eu estou lendo um livro tão interessante ali. Ele conta sobre tudo o que está dentro de você. Eu cheguei tão longe quanto o fígado e suas doenças. As fotos são tão interessantes. Por favor, deixe-me terminá-lo." Isto foi pior do que os romances. A tia Elizabeth ficou verdadeiramente horrorizada. As coisas que estavam dentro de você não eram para ser lidas.

"Você não tem vergonha, Emily Starr? Se você não tem vergonha, eu tenho vergonha de você. Meninas pequenas não leem livros assim."

"Mas, tia Elizabeth, por que não? Eu tenho fígado, não tenho... e coração e pulmões... e estômago..."

"Isso servirá, Emily. Nem mais uma palavra."

Emily foi dormir infelizes. Ela desejava nunca ter dito uma palavra sobre "Esmond". E ela sabia que nunca teria a chance de terminar aquele outro livro fascinante. Ela também não tinha. A estante do Dr. Burnley foi trancada depois disso e o médico, asperamente, ordenou que ela e Ilse se mantivessem fora de seu consultório. Ele estava de muito mau humor por ter conversado com Elizabeth Murray sobre o assunto.

Emily não foi autorizada a esquecer sua franja. Ela era provocada na escola sobre isso e a tia Elizabeth sempre olhava para Emily e a desprezava em seus olhos. No entanto, enquanto os cabelos maltratados cresciam e começavam a encaracolar em pequenas argolas macias, Emily encontrava consolo. Assim, a franja foi tacitamente permitida, e ela sentiu que sua aparência melhorou muito com isso. É claro, assim que cresceu o suficiente, ela sabia que a tia Elizabeth faria com que ela o escovasse de volta. Mas, por enquanto, ela se consolou com sua beleza acrescida.

A franja estava quase no seu melhor quando a carta veio da tia-avó Nancy.

Foi escrita à tia Laura - a tia-avó Nancy e a tia Elizabeth não gostavam muito uma da outra - e nela a tia-avó Nancy disse: *"Se você tiver uma fotografia daquela criança, Emily, mande-a junto. Eu não quero vê-la; ela é estúpida - eu sei que ela é estúpida. Mas eu quero ver como é a filha de Julieta. Também a criança daquele jovem fascinante, Douglas Starr. Ele era fascinante. Que tolos vocês foram para fazer tanto alarido sobre Julieta fugindo com ele. Se você e Elizabeth tivessem ambas fugido com alguém em seus dias de fuga, teria sido melhor para vocês."*

Esta carta não foi mostrada a Emily. A tia Elizabeth e a tia Laura tiveram uma longa consulta secreta e então Emily foi informada de que ela deveria ser levada a Shrewsbury para que sua foto fosse tirada para a tia Nancy. Emily ficou muito entusiasmada com isso. Ela estava vestida com seu caxemira azul e a tia Laura colocou-lhe um colarinho de renda e pendurou suas contas venezianas sobre ele. E novas botas abotoadas foram trazidas para a ocasião.

"Estou tão feliz por isto ter acontecido enquanto ainda tenho minha franja", pensou Emily com alegria.

Mas, no vestiário da fotógrafa, a tia Elizabeth procedeu com dificuldade para escovar a franja e prendê-la com ganchos de cabelo.

"Oh, por favor, tia Elizabeth, deixe-me mostrar", implorou Emily. "Só para a foto. Depois disto, eu a escovarei de volta."

A tia Elizabeth era inexorável. A franja foi escovada de volta e a fotografia foi tirada. Quando a tia Elizabeth viu o resultado final, ela ficou satisfeita.

"Ela parece amuada; mas ela é asseada; e há uma semelhança com os Murrays que eu nunca tinha notado antes", disse ela à tia Laura. "Isso vai agradar à tia Nancy. Ela é muito mal-humorada sob toda sua estranheza."

Emily gostaria de ter jogado cada uma das fotografias no fogo. Ela as odiava. Elas a faziam parecer horrenda. O rosto dela parecia estar todo na testa. Se eles mandassem a tia Nancy, ela pensaria que ela seria mais estúpida do que nunca. Quando a tia Elizabeth fez a fotografia em papelão e disse a Emily para levá-la ao escritório, Emily já sabia o que queria fazer. Ela foi direto para o sótão e tirou de sua caixa a cor de água que Teddy tinha feito dela. Era do mesmo tamanho que a fotografia. Emily tirou esta última de seus invólucros, borrifando-a para o lado com seu pé.

"Essa não sou eu", disse ela. "Eu fiquei amuada porque me senti feia sem a franja. Mas eu quase nunca pareço amuada, por isso não é justo."

Ela embrulhou o esboço do Teddy no papelão e depois se sentou e escreveu uma carta.

"QUERIDA TIA-AVÓ NANCY:

A tia Elizabeth mandou fazer minha foto para mandá-la, mas eu não gosto porque me faz parecer muito feia e estou colocando outra foto em seu lugar. Um amigo artista a fez para mim. É exatamente como eu quando estou sorrindo e tenho uma franja. Só estou emprestando, não dando, porque eu a valorizo muito.

Sua sobrinha-avó obediente,

EMILY BYRD STARR.

P.S. Eu não sou tão estúpida quanto você pensa.

E. B. S.

P. S. No. 2. Eu não sou nada estúpida."

Emily pôs sua carta com a foto - enganando inconscientemente o pós-oficial - e escapou de casa para enviá-la pelo correio. Uma vez que ela estava a salvo no posto de correios, deu um suspiro de alívio. Ela chou a caminhada para casa muito agradável. Era um dia

suave no início de abril e a primavera olhava para você pelas esquinas. A Mulher do Vento ria e assobiava sobre os campos molhados e doces; os corvos realizavam conferências nas copas das árvores; pequenas piscinas de sol se deitavam nas cavidades musgosas; o mar era um brilho de safira além das dunas douradas; os maples no arbusto do Majestoso John falavam de botões vermelhos. Tudo o que Emily já havia lido sobre sonho e mito e lenda parecia fazer parte do encanto daquele arbusto. Ela estava cheia até a ponta de seus dedos com um arrebatamento de vida.

"Oh, cheira-me a primavera!" ela chorava enquanto dançava ao longo do caminho do riacho.

Então ela começou a compor um poema sobre isso. Todos os que já viveram no mundo e puderam juntar duas rimas, escreveram um poema sobre a primavera. É o tema mais rimado do mundo - e sempre será, porque é a poesia que se encarna. Você nunca poderá ser um poeta de verdade se não tiver feito pelo menos um poema sobre a primavera.

Emily estava se perguntando se teria duendes dançando no riacho ao luar, ou duendes dormindo em uma cama de samambaias em seu poema, quando algo a confrontou em uma curva no caminho que não era nem duende nem duende, mas parecia estranho e estranho o suficiente para pertencer a algumas das tribos do Povo Pequeno. Era uma bruxa? Ou uma fada idosa de más intenções - a fada má de todos os contos de batismo?

"Eu sou a tia Tom", disse a aparição, vendo que Emily estava surpresa demais para fazer qualquer outra coisa além de ficar de pé e olhar fixamente.

"Oh!". Emily gaseou em alívio. Ela não estava mais assustada. Mas que aparência tão peculiar era a tia Tom de Perry. Velha - tão velha que parecia impossível que ela pudesse ter sido jovem; um capuz vermelho brilhante sobre fechaduras cinzentas, como se fosse uma cítara; um pequeno rosto costurado por mil rugas finas e cruzadas; um longo nariz com uma maçaneta na ponta; pequenos

olhos cinzentos brilhantes e ávidos sob sob as sobrancelhas de cerdas; um casaco de homem esfarrapado cobrindo-a do pescoço aos pés; uma cesta em uma mão e uma maçaneta preta na outra.

"Olhar fixamente não era considerado uma boa criação no meu tempo", disse a tia Tom.

"Oh!", disse Emily novamente. "Desculpe-me por isso!" ela acrescentou, com uma vaga compreensão depois de suas maneiras.

"Educada - e não muito orgulhosa", disse Tia Tom, olhando curiosamente para ela. "Fui até a casa grande com um par de meias para Perry, mas era você mesma que eu queria ver."

"Eu?" disse Emily, em branco.

"Sim, o Perry tem falado um pouco de você e um plano veio na minha cabeça. Penso eu que não é má ideia. Mas vou me certificar antes de desperdiçar a minha parte do dinheiro. Emily Byrd Starr é seu nome e Murray é sua natureza. Se eu der ao Perry uma educação, vocês se casarão quando crescerem?"

"Eu?" disse Emily novamente. Parecia ser tudo o que ela podia dizer. Será que ela estava sonhando? Ela deve estar.

"Sim... você. Você é metade Murray e será um grande passo em frente para o Perry. Ele é inteligente e um dia será um homem rico e mandará no país. Mas divida um centavo que eu gastarei com ele, a menos que você prometa."

"A tia Elizabeth não me deixaria", gritou Emily, assustada demais com este estranho corpo velho para recusar por sua própria conta.

"Se você tiver algum Murray em você, fará sua própria escolha", disse tia Tom, empurrando seu rosto para tão perto do de Emily que suas sobrancelhas peludas fazem cócegas no nariz de Emily. "Diga que você vai casar com o Perry e para a faculdade ele vai."

Emily parecia ficar sem palavras. Ela não conseguia pensar em nada para dizer - oh, se ela pudesse apenas acordar! Ela não conseguia sequer correr.

"Diga!" insistiu a tia Tom, atirando com força o bastão dela em uma pedra no caminho.

Emily ficou tão horrorizada que poderia ter dito algo - qualquer coisa - para escapar. Mas neste momento Perry saiu do bosque de abeto, com o rosto branco de raiva, e agarrou sua tia Tom com o maior desrespeito pelo ombro.

"Você vai para casa!", disse ele furiosamente.

"Agora, Perry querido", abafou a tia Tom depreciativamente. "Eu estava apenas tentando fazer-lhe uma boa volta. Estava pedindo-lhe em casamento depois de um pouco de..."

"Vou fazer meu próprio pedido!" Perry ficou mais zangado do que nunca. "Você provavelmente estragou tudo. Vá para casa... vá para casa, eu digo!"

A tia Tom coxeava murmurando: "Então saberei melhor do que desperdiçar um pouco de dinheiro. Nada de Murray, nada de dinheiro, eu não."

Quando ela tinha desaparecido pelo caminho do riacho, Perry se voltou para Emily. De branco, ele tinha ficado muito vermelho.

"Não ligue para ela - ela está velha", disse ele. "Claro, quando eu crescer, quero pedir-lhe em casamento, mas..."

"Eu não poderia... Tia Elizabeth..."

"Oh, então ela o fará. Eu vou ser o primeiro-ministro do Canadá algum dia."

"Mas eu não quereria... Tenho certeza que não quereria..."

"Você o fará quando crescer. Ilse é mais bonita, é claro, e não sei por que gosto mais de você, mas gosto."

"Nunca mais fale assim comigo", ordenou Emily, começando a recuperar sua dignidade.

"Oh, eu não vou... não até crescermos. Estou tão envergonhado quanto você", disse Perry com um sorriso estranho. "Só tive que dizer algo depois que a tia Tom se intrometeu assim. Eu não tenho culpa disso, portanto, não me leve a mal. Mas lembre-se que um dia vou lhe perguntar. E eu acredito que Teddy Kent também."

Emily estava se afastando arrogantemente, mas ela se virou para dizer calmamente sobre seu ombro.

"Se ele o fizer, eu me casarei com ele."

"Se o fizer, eu lhe arranco a cabeça", gritou Perry com raiva imediata.

Mas Emily caminhou firmemente para casa e foi para o sótão para pensar sobre as coisas.

"Tem sido romântico, mas não confortável", foi sua conclusão. E aquele poema particular sobre a primavera nunca foi terminado.

CAPÍTULO XXII

Wyther Grange

Nenhuma resposta ou reconhecimento veio da parte de tia Nancy em relação ao retrato de Emily. A tia Elizabeth e a tia Laura, conhecendo bem os caminhos da tia-avó Nancy, não ficaram surpresas com isso, mas Emily se sentiu bastante preocupada com isso. Talvez a tia-avó Nancy não aprovasse o que ela tinha feito; ou talvez ela ainda a achasse muito estúpida para se preocupar com isso.

Emily não gostava de mentir sob a imputação de estupidez. Ela escreveu uma carta à tia-avó Nancy em uma das cartas antigas na qual ela não se preocupou com o conhecimento daquela senhora sobre as regras de etiqueta epistolar; a carta foi dobrada e guardada na pequena prateleira embaixo do sofá, mas serviu ao propósito de desabafar e Emily deixou de pensar no assunto quando uma carta veio da tia-avó Nancy em julho.

Elizabeth e Laura conversaram sobre o assunto na cozinha, esquecendo ou ignorando o fato de que Emily estava sentada na porta da cozinha, do lado de fora. Emily estava se imaginando assistindo a uma sala de desenho da Rainha Vitória. Vestida de branco, com plumas de avestruz, véu e trem da corte, ela tinha acabado de se curvar para beijar a mão da Rainha quando a voz da tia Elizabeth estilhaçou seu sonho como uma pedra jogada em uma piscina espalha o reflexo da fada.

"Qual é a sua opinião, Laura", dizia a tia Elizabeth, "de deixar Emily visitar a tia Nancy?"

Emily picava as orelhas. O que estava no vento agora?

"De sua carta, ela parece muito ansiosa para ver a criança", disse Laura.

Elizabeth farejou.

"Um capricho... um capricho. Você sabe quais são os caprichos dela. Provavelmente, quando Emily chegar lá, ela já terá superado isso e não terá nenhum uso para ela."

"Sim, mas, por outro lado, se não a deixarmos ir, ela ficará terrivelmente ofendida e nunca nos perdoará - nem a Emily. Emily deveria ter sua chance."

"Não sei se a chance dela vale muito. Se a tia Nancy realmente tem algum dinheiro além de sua anuidade - e isso é o que nem você, nem eu, nem nenhuma alma viva sabemos, a menos que seja Caroline - ela provavelmente deixará tudo para alguns dos Priest - Leslie Priest é uma das favoritas dela, eu entendo. A tia Nancy sempre gostou mais da família de seu marido do que da sua própria, mesmo que ela esteja sempre se atirando a eles. Ainda assim - ela pode levar uma fantasia para Emily-, ambas são tão estranhos que podem se combinar - mas você sabe como ela fala - ela e aquela abominável velha Caroline."

"Emily é muito jovem para entender", disse a tia Laura.

"Eu entendo mais do que você pensa", gritou Emily indignada.

A tia Elizabeth sacudiu a porta do fogão.

"Emily Starr, você não aprendeu até este momento a não ouvir escondida?"

"Eu não estava escutando. Eu pensei que você sabia que eu estava sentada aqui... Não posso fechar meus ouvidos. Por que você não sussurrou? Quando você sussurra, sei que está falando segredos e não tento ouvi-los. Eu vou visitar a tia-avó Nancy?"

"Ainda não decidimos", disse friamente a tia Elizabeth, e essa foi toda a satisfação que Emily teve durante uma semana. Ela mal sabia se queria ir ou não. A tia Elizabeth tinha começado a fazer

queijos - a Lua Nova era conhecida por seus queijos - e Emily encontrou todo o processo absorvendo, desde o momento em que o coalho foi colocado no leite quente novo até que a coalhada branca foi embalada no aro e colocada sob a prensa no velho pomar, com a pedra grande, redonda, cinza "queijo" para pesá-lo como tinha pesado os queijos da Lua Nova por cem anos. E então ela, Ilse, Teddy e Perry foram absorvidos de coração e alma na "brincadeira" do Sonho da Noite de Verão no arbusto do Majestoso John e isso foi muito fascinante. Quando entraram no arbusto, saíram do reino da luz do dia e das coisas conhecidas para o reino do crepúsculo e do mistério e encantamento. Teddy tinha pintado paisagens maravilhosas em velhas pranchas e pedaços de velas, que Perry tinha conseguido no porto. Ilse tinha formado asas de fadas deliciosas a partir de papel e latas, e Perry tinha feito uma cabeça de asno para Bottom com uma velha pele de bezerro que era muito realista. Emily tinha trabalhado feliz por muitas semanas copiando as diferentes partes e adaptando-as às circunstâncias. Ela tinha "cortado" a peça depois de uma moda que teria arrepiado a alma de Shakespeare, mas afinal o resultado era bastante bonito e coerente. Não os preocupava que quatro pequenos atores tivessem que assumir seis vezes mais peças. Emily era Titânia e Hermia e um trabalho de muitas fadas além disso, Ilse era Hippolyta e Helena, mais algumas fadas, e os meninos eram tudo o que o diálogo exigia. A tia Elizabeth não sabia de tudo; ela teria prontamente posto um fim a tudo isso, pois achava que a brincadeira era extremamente maliciosa; mas a tia Laura estava a par do enredo, e o primo Jimmy e o Majestoso John já tinham assistido a um ensaio ao luar.

Ir embora e deixar tudo isso, mesmo por um tempo, seria uma tarefa difícil, mas por outro lado, Emily tinha uma curiosidade ardente de ver a tia-avó Nancy e Wyther Grange, sua casa antiga e pitoresca na lagoa do padre com os famosos cães de pedra nos portões. No geral, ela pensou que gostaria de ir; e quando viu a tia Laura fazendo seus saiotes brancos engomados e a tia Elizabeth tirando o pó de um pequeno tronco preto com unhas no sótão, ela sabia, antes de ser avisada, que a visita ao lago dos padres ia sair;

então ela pegou a carta que havia escrito para a tia Nancy e acrescentou um carta de desculpas.

Ilse escolheu ficar descontente porque Emily estava indo para uma visita. Na realidade, Ilse se sentiu chocada com as perspectivas solitárias de um mês ou mais sem seu companheiro inseparável. Acabaram-se as noites de brincadeiras no mato do Majestoso John, acabaram-se as disputas pungentes. Além disso, a própria Ilse nunca havia ido a lugar algum para uma visita em toda a sua vida e ela se sentiu dolorida com este fato.

"Eu não iria a Wyther Grange por nada", disse Ilse. "Está assombrada."

"'Não está."

"Sim! É assombrada por um fantasma que você pode sentir e ouvir, mas que nunca vê. Oh, eu não seria você para o mundo! Sua tia-avó Nancy é uma bruxa horrível, e a velha que vive com ela é uma bruxa. Ela vai colocar um feitiço em você. Você vai se acobardar e morrer."

"Eu não vou... ela não é!"

"É! Ora, ela faz os cães de pedra nos portões uivar todas as noites se alguém se aproximar do lugar. Eles vão, 'Wo-or-oo-oo-oo'."

Ilse não era uma recitadora nata por nada. Seu "wo-or-oo-oo-oo" era extremamente horripilante. Mas era dia, e Emily era tão corajosa quanto um leão à luz do dia.

"Você está com ciúmes", disse ela, e foi embora.

"Eu não estou, sua centopeia", gritou Ilse depois dela. "Colocando ares porque sua tia tem cães de pedra em seus postos de entrada! Ora, eu conheço uma mulher em Shrewsbury que tem cães em seus postos que são dez vezes mais pedrados que os de sua tia!"

Mas, na manhã seguinte, Ilse foi despedir-se de Emily e suplicar-lhe que escrevesse todas as semanas. Emily ia de carroça até Priest Pond com o velho Kelly. A tia Elizabeth deveria tê-la levado, mas a tia Elizabeth não estava se sentindo bem naquele dia e a tia Laura não podia deixá-la. O primo Jimmy tinha que trabalhar no feno. Parecia que ela não podia ir, e isto era bastante sério, pois a tia Nancy tinha sido avisada para esperá-la naquele dia e a tia Nancy não gostava de ficar desapontada. Se Emily não aparecesse no lago dos padres no dia marcado, a tia-avó Nancy seria bem capaz de fechar a porta na cara quando aparecesse e dizer a ela para voltar para casa. Nada menos que esta convicção teria induzido a tia Elizabeth a cair na sugestão do velho Kelly de que Emily deveria ir com ele ao lago dos padres. Sua casa ficava do outro lado e ele estava indo direto para lá.

Emily ficou bastante encantada. Ela gostava do Velho Kelly e pensava que um passeio em sua bela carroça vermelha seria uma aventura e tanto. Sua pequena caixa preta foi içada ao telhado e amarrada ali e eles foram clichês e brilhando pela faixa da Lua Nova em grande estilo. As latas nas entranhas do vagão atrás delas roncavam como um jovem terremoto.

"Levante-se, minha cara, levante-se", disse o velho Kelly. "Claro, eu sempre gosto de dirigir as belas moelas. E quando vai ser o casamento?"

"O casamento de quem?"

"A astúcia com ela? O seu próprio, claro!"

"Não tenho intenção de me casar - imediatamente", disse Emily, em uma imitação muito boa do tom e da maneira da tia Elizabeth.

"Claro, e vós sois o cãozinho da tia Elizabeth. A própria tia Elizabeth não poderia tê-lo dito melhor. Levante-se, minha querida, levante-se."

"Eu só queria dizer", disse Emily, temendo que ela tivesse insultado o velho Kelly, "que eu sou muito jovem para ser casada."

"Quanto mais jovem, melhor - menos travessa você será depois de trabalhar com eles - os olhos vêm para cá. Levante-se, minha cara, levante-se. O baste está cansado. Portanto, vamos deixá-lo ir à sua própria vontade. Aqui está um saco com esperas para você. O velho Kelly sempre confia nas senhoras. Venha agora, conte-me tudo sobre ele."

"Sobre quem?" - mas Emily sabia muito bem.

"Seu namorado, claro."

"Eu não tenho nenhum namorado Sr. Kelly, gostaria que não falasse comigo sobre tais coisas."

"Claro, e não falarei se for um assunto doloroso. Não se preocupe se não tiver um - haverá escadas com eles depois de um tempo. E se a pessoa certa não souber o que é bom para ele, apenas venha até o velho Kelly e pegue uma pomada de sapo."

Pomada de sapo! Parecia horrível. Emily estremeceu. Mas ela preferia falar de pomada de sapo do que de namorados.

"Para que é isso?"

"É um amuleto de amor", disse misteriosamente o velho Kelly. "Ponha um beijinho nas pálpebras dele e ele será um companheiro para toda a vida, sem nunca pensar em nenhuma outra garota."

"Não soa muito bem", disse Emily. "Como você faz isso?"

"Você cozinha quatro sapos vivos até ficarem bons e macios e depois espreme..."

"Oh, pare, pare!" implorou Emily, colocando as mãos em seus ouvidos. "Eu não quero ouvir mais nada... você não poderia ser tão cruel!"

"Cruel é isso? Você estava sendo cruel depois de comer lagostas que haviam sido cozidas vivas neste mesmo dia..."

"Eu não acredito nisso. Eu não acredito. Se for verdade, eu nunca mais vou, nunca mais vou comer uma lagosta. Oh, Sr. Kelly, eu o achei um homem simpático, mas aqueles pobres sapos..."

"Querida, era só uma piada minha. E você não estará carregando pomada de sapo para ganhar o amor de seu rapaz. Espere agora... tenho algo na caixa atrás de presente para você."

O velho Kelly pescou uma caixa que ele colocou no colo de Emily. Ela encontrou uma escova de cabelo delicada dentro dela.

"Olhe para trás com ela", disse o velho Kelly. "Você vai ver algo bonito, todo o encanto de amor que você sempre terá."

Emily a virou. Seu próprio rosto olhou para ela a partir de um pequeno espelho de dentro, cercado por um pergaminho de rosas pintadas.

"Oh, Sr. Kelly... como é bonito... quero dizer as rosas e o vidro", ela gritou. "É realmente para mim? Oh, obrigada, obrigada! Agora, eu posso ter Emily do Espelho sempre que eu quiser. Ora, eu posso levá-la comigo. E você estava realmente apenas na brincadeira com os sapos!"

"Claro! Levante-se, minha cara, levante-se. E então, você vai visitar a senhora da Lagoa Priest? Já esteve lá?"

"Não."

"Está cheio de Priest. Não se pode jogar uma pedra, mas se bate uma. E acerta uma em todas. Eles são tão orgulhosos e sublimes quanto os próprios Murrays. A única coisa que eu quero saber é Adam Priest - os outros seguram muito alto. Ele tem a forma negra e é bastante sociável. Mas se quiser ver como era o mundo na manhã seguinte à enchente, vá para o seu galinheiro em um dia

chuvoso. Olhe aqui, querida menina" - Kelly baixou sua voz misteriosamente - "nunca se case com um Priest."

"Por que não?" perguntou Emily, que nunca havia pensado em se casar com um Priest, mas estava imediatamente curiosa para saber por que ela não deveria.

"Eles são doentes para casar... ou para viver com eles. As esposas morrem jovens. A senhora tola do Grange lutou com seu homem e o enterrou, mas ela teve a sorte de Murray. Eu não confiaria muito nisso. O único Priest decente entre eles é o Dean, que chamam de Jarback Priest e ele é muito abelhudo para você."

"Por que o chamam de Jarback?"

"Um de seus ombros é mais alto do que o outro. Ele tem um pouco de dinheiro e não terá nada mais depois de ter que trabalhar. Um livro preocupante, estou desanimando. Você tem um pouco de ferro frio sobre você?"

"Não; por quê?"

"Você deveria ter. A velha Caroline Priest no Grange é uma bruxa, se é que alguma vez existiu."

"Porque, foi o que Ilse disse. Mas realmente não existem bruxas, Sr. Kelly."

"Talvez isso seja o trunfo, mas é melhor estar do lado seguro. Aqui, ponha esta unha de ferradura no bolso e não a atravesse se puder ajudá-la. Você não se importa se eu tiver um pouco de fumaça, pois não?"

Emily não se importou de todo. Ela a deixou livre para seguir seus próprios pensamentos, que eram mais agradáveis que a conversa do velho Kelly sobre sapos e bruxas. O caminho de Blair Water até, Priest Pond era muito bonito, sinuoso ao longo da costa do Golfo, atravessando rios e enseadas de abeto, e chegando de

vez em quando em uma das lagoas pelas quais aquela parte da costa norte foi notada - Blair Water, Derry Pond, Long Pond, Three Ponds onde três lagos azuis foram amarrados juntos como três grandes safiras seguradas por um fio prateado; e então Priest Pond, o maior de todos, quase tão redondo quanto Blair Water. Enquanto desciam em sua direção, Emily bebeu a cena com olhos ávidos - o mais rápido possível, ela deve escrever uma descrição dela; ela tinha empacotado o livro em branco do Jimmy em sua caixa para tais propósitos.

O ar parecia estar cheio de pó de opala sobre a grande lagoa e as casas de veraneio ao seu redor. Um céu ocidental de vermelho fumegante estava arqueado sobre a grande baía de Malvern. Pequenas velas cinzentas vinham à deriva ao longo das margens do abeto. Uma estrada lateral, cercada de maçãs jovens e bétulas, levava até Wyther Grange. Como o ar estava úmido e fresco nos buracos! E como os fetos cheiravam mal! Emily lamentou quando chegaram a Wyther Grange e subiram entre os portões onde os grandes cães de pedra se sentavam muito desafiadores, parecendo bastante sombrios no crepúsculo.

A ampla porta do corredor estava aberta e uma inundação correu sobre o gramado. Uma pequena mulher idosa estava de pé nela. O velho Kelly parecia de repente com alguma pressa. Ele empurrou Emily e sua caixa para o chão, apertou as mãos apressadamente e sussurrou: "Não perca aquele pedaço de prego. Adeus. Desejo-vos uma cabeça fria e um coração quente", e foi embora antes que a pequena velhinha pudesse alcançá-los.

"Então esta é Emily de Lua Nova!" Emily ouviu uma voz bastante estridente e rachada, dizendo. Ela sentiu uma mão fina, parecida com uma garra, agarrar a dela e atraí-la em direção à porta. Não havia bruxas, Emily sabia - mas ela enfiou a mão no bolso e tocou a unha da ferradura.

CAPÍTULO XXIII

Lidando com Fantasmas

"Sua tia está na sala dos fundos", disse Caroline Priest. "Venha por aqui. Você está cansada?"

"Não", disse Emily, seguindo Caroline e levando-a para dentro completamente. Se Caroline fosse uma bruxa, ela era muito pequena. Ela realmente não era mais alta do que a própria Emily. Ela usava um vestido de seda preto e uma pequena touca de fio de rede preta, com uma franja preta no seu cabelo branco amarelado. Seu rosto estava mais enrugado do que Emily jamais havia suposto e ela tinha os peculiares olhos cinza-verdes que, como Emily descobriu depois, "corriam" no clã dos Priest.

"Você pode ser uma bruxa", pensou Emily, "mas eu acho que posso administrá-la."

Eles passaram pelo espaçoso salão, vislumbrando de ambos os lados de salas grandes, escuras e esplêndidas, e depois pela ponta da cozinha para fora dele em um pequeno e estranho salão traseiro. Era longo, estreito e escuro. De um lado havia uma fileira de quatro janelas quadradas com pequenos painéis, do outro havia armários, chegando do chão ao teto, com portas de madeira preta brilhante. Emily sentia-se como uma das heroínas do romance gótico, vagando à meia-noite por um calabouço subterrâneo, com algum guia profano. Ela havia lido Os Mistérios de Udolpho e O Romance da Floresta antes que o tabu tivesse caído sobre a estante do Dr. Burnley. Ela tremia. Foi horrível, mas interessante.

No final da sala, um voo de quatro degraus levava até uma porta. Ao lado dos degraus havia um imenso relógio preto do avô que chegava quase até o teto.

"Nós fechamos as garotinhas quando elas são mal criadas", sussurrou Caroline, acenando para Emily, enquanto ela abria a porta que levava para a sala dos fundos.

"Vou cuidar bem para que você não me cale nela", pensou Emily.

A sala dos fundos era uma sala antiga, bonita e pitoresca, onde uma mesa era posta para o jantar. Caroline conduziu Emily através dela e bateu em outra porta. Alguém disse: "Entre", e desceram mais quatro degraus... havia sempre uma casa tão engraçada... para um quarto. E aqui estava finalmente a tia-avó Nancy Priest, sentada em sua cadeira de braços, com seu bastão preto encostado no joelho, e suas minúsculas mãos brancas, ainda bonitas, e cintilantes com anéis finos, deitada em seu avental de seda roxo.

Emily sentiu um choque distinto de desapontamento. Depois de ouvir aquele poema no qual a beleza de Nancy Murray, com seus cabelos castanhos e seus olhos castanhos-estrelados e a bochecha de rosa acetinada, ela esperava, de alguma forma, que a tia-avó Nancy, apesar de seus noventa anos, fosse ainda bonita. Mas a tia Nancy era de cabelo branco e pele amarela e enrugada e encolhida, embora seus olhos castanhos ainda fossem brilhantes e sagazes. De alguma forma, ela parecia uma fada velha - uma fada velha, tolerante, que poderia se tornar subitamente malévola se você a esfregasse da maneira errada - apenas as fadas nunca usavam brincos longos e dourados que quase tocavam seus ombros, ou chapéus de renda brancos com rendas roxas dentro.

"Então esta é a menina de Julieta", disse ela, dando a Emily uma de suas mãos brilhantes. "Não fique tão assustada, criança. Eu não vou beijá-la. Eu nunca me segurei com beijos infligidos a criaturas indefesas simplesmente porque elas tiveram tanto azar a ponto de serem meus parentes. Agora, com quem ela se parece, Caroline?"

Emily fez uma mágoa mental. Agora, para outra provação de comparações, em que narizes e olhos e testa mortos seriam arrastados para fora e encaixados nela. Ela estava completamente

cansada de ter sua aparência conversada em cada reunião dos clãs.

"Não muito parecida com os Murrays", disse Caroline, olhando tão de perto para o rosto dela que Emily involuntariamente se retirava. "Não tão bonita quanto os Murrays."

"Nem os Starrs. Seu pai era um homem bonito - tão bonito que eu mesma teria fugido com ele se eu fosse cinquenta anos mais jovem. Não há nada de Julieta nela que eu possa ver. Julieta era bonita. Você não é tão bonita como aquela foto a fez sair, mas eu não esperava que você fosse. Fotos e epitáfios nunca são de confiança. Para onde foi sua franja, Emily?"

"A tia Elizabeth a penteou de volta."

"Bem, você pode a pentear de novo enquanto estiver em minha casa. Há algo de seu avô Murray em suas sobrancelhas. Seu avô era um homem bonito - e um mal-humorado - quase tão mal-humorado quanto os padres - hein, Caroline?"

"Por favor, tia-avó Nancy", disse Emily deliberadamente: "Não gosto que me digam que sou parecida com outras pessoas. Eu me pareço comigo mesma."

A tia Nancy riu.

"Coragem, estou vendo. Que bom. Eu nunca me importei com jovens mansos. Então você não é estúpida, não é?"

"Não, eu não sou."

A tia-avó Nancy sorriu desta vez. Seus dentes falsos pareciam mal brancos e jovens em seu rosto velho e marrom.

"Ótimo. Se você tem cérebro, é melhor do que a beleza... o cérebro dura, a beleza não. Eu, por exemplo. Caroline aqui, agora, nunca teve nem cérebro nem beleza, pois não, Caroline? Venha,

vamos jantar. Graças a Deus, meu estômago me apoiou se minha boa aparência não o fez."

A tia-avó Nancy coxeou, com a ajuda de seu bastão, subiu as escadas e foi até a mesa. Ela sentou-se em uma ponta, Caroline na outra, Emily entre elas, sentindo-se bastante desconfortável. Mas a paixão dominante ainda era forte nela e ela já estava compondo uma descrição delas para o livro em branco.

"Será que alguém se arrependerá quando você morrer?", pensou ela, olhando atentamente para o rosto velho e magoado de Caroline.

"Venha agora, me diga", disse a tia Nancy. "Se você não é estúpida, por que me escreveu uma carta tão estúpida daquela primeira vez? Senhor, mas foi estúpida! Eu a leio para Caroline para castigá-la sempre que ela é malcriada."

"Eu não podia escrever nenhum outro tipo de carta porque a tia Elizabeth disse que ia lê-la."

"Confie em Elizabeth para isso. Bem, você pode escrever o que quiser aqui - e dizer o que quiser - e fazer o que quiser. Ninguém vai interferir com você ou tentar educá-la. Eu lhe pedi uma visita, não uma disciplina. Pensei que provavelmente você teria o suficiente disso na Lua Nova. Você pode ter a direção da casa e escolher um belo rapazinho a seu gosto dos Priest - não que as garotas jovens sejam o que eram no meu tempo."

"Eu não quero um namorado", retorquiu Emily. Ela se sentiu bastante enojada. O velho Kelly tinha falado de namorados pela metade do caminho e aqui estava a tia Nancy começando sobre o mesmo assunto desnecessário.

"Não me diga", disse tia Nancy, rindo até que suas borlas de ouro tremeram. "Nunca houve um Murray da Lua Nova que não gostasse de ter um pretendente. Quando eu tinha sua idade, eu tinha meia dúzia. Todos os meninos em Blair Water estavam

brigando por mim. Caroline aqui agora nunca teve um namorado em sua vida, pois não, Caroline?"

"Nunca quis ter um", estalou Caroline.

"Oitenta anos e doze anos dizem a mesma coisa e ambas mentem", disse a tia Nancy. "Para que serve ser hipócrita entre nós? Eu não digo que não é o suficiente quando os homens estão por perto. Caroline, você percebe o que tem uma mão bonita Emily? Tão bonita quanto a minha, quando eu era jovem. E um cotovelo como o de um gato. A prima Susan Murray tinha um cotovelo como esse. É estranho - ela tem mais pontos Murray do que Starr e ainda assim ela se parece com as Starrs e não com as Murrays. Que somas estranhas, além disso, todos nós somos - a resposta nunca é o que você esperaria. Caroline, que pena que Jarback não esteja em casa. Ele gostaria de Emily, tenho a sensação de que ele gostaria de Emily. Jarback é o único Priest que alguma vez irá para o céu, Emily. Vamos dar uma olhada em seus tornozelos, gatinha."

Emily, de má vontade, estende seu pé. A tia Nancy acenou com a cabeça para sua satisfação.

"O tornozelo de Mary Shipley. Apenas uma em uma geração o tem. Eu o tinha. Os tornozelos de Murray são grossos. Até mesmo os tornozelos de sua mãe eram grossos. Olhe para aquele peito do pé, Caroline. Emily, você não é uma beleza, mas se você aprender a usar seus olhos, mãos e pés corretamente, você passará por uma. Os homens são facilmente enganados."

Emily decidiu que esta era uma boa oportunidade para descobrir algo que a havia intrigado.

"O velho Sr. Kelly disse que eu vim... olhos para cá, tia Nancy. Vim? E o que são olhos... para cá?"

"Jock Kelly é um velho asno. Você não veio - nem os olhos... não seria um Murray tradicional". A tia Nancy riu. "Os Murrays têm olhos à distância... e você também, embora seus cílios os contradigam um

pouco. Mas às vezes olhos como esses - combinados com certos outros pontos - são tão eficazes quanto os olhos que vêm para cá. Os homens passam por contrários mais frequentemente do que não... se você lhes disser para se manterem afastados, eles virão. Meu próprio Nathaniel agora - a única maneira de convencê-lo a fazer qualquer coisa era convencê-lo a fazer o contrário. Lembra-se, Caroline? Tenha mais um arrepio, Emily?"

"Eu ainda não tive um", disse Emily, ressentido.

Aqueles biscoitos pareciam muito tentadores e ela estava desejando que pudessem ser passados. Ela não sabia por que a tia Nancy e Caroline riam. O riso de Caroline foi desagradável - uma risada seca e enferrujada - "sem suco", decidiu Emily. Ela pensou que escreveria em sua descrição que Caroline tinha um "riso fino e chocalhado".

"O que você acha de nós?" exigiu a tia Nancy. "Venha agora, o que você acha de nós?"

Emily ficou terrivelmente envergonhada. Ela tinha acabado de pensar em escrever que a tia Nancy parecia "murcha e enrugada"; mas não se podia dizer isso... ninguém podia.

"Diga a verdade e envergonhe o diabo", disse tia Nancy.

"Essa não é uma pergunta justa", gritou Emily.

"Você acha", disse a tia Nancy, sorrindo, "que eu sou uma bruxa velha horrível e que Caroline não é bem humana. Ela não é. Ela nunca foi - mas você deveria ter me visto há setenta anos. Eu era a mais bonita de todos os Murrays bonitões. Os homens eram loucos por mim. Quando casei com Nat Priest, seus três irmãos poderiam ter-lhe cortado a garganta. Um cortou o seu. Fiz de caos no meu tempo. Só me arrependo de não poder viver mais. Foi uma vida grandiosa enquanto durou. Eu reinei sobre eles. As mulheres me odiavam, é claro... tudo menos Caroline aqui. Você me venerava, não é verdade, Caroline? E você já me venerava, não é verdade,

Caroline? Caroline, eu gostaria que você não tivesse uma verruga no seu nariz."

"Queria que você tivesse uma em sua língua", disse Caroline com arrogância.

Emily estava começando a se sentir cansada e desnorteada. Foi interessante - e a tia Nancy foi gentil o suficiente em sua maneira estranha; mas em casa, Ilse, Perry e Teddy estariam se reunindo no arbusto do Majestoso John para sua festa noturna, e Saucy Sal estaria sentada nos degraus dos laticínios, esperando que o primo Jimmy lhe desse a espuma. Emily de repente percebeu que estava tão saudosa da Lua Nova quanto estava de Maywood em sua primeira noite na Lua Nova.

"A criança está cansada", disse a tia Nancy. "Leve-a para a cama, Caroline. Coloque-a no Quarto Rosa."

Emily seguiu Caroline pelo salão dos fundos, pela cozinha, pelo salão da frente, subindo as escadas, descendo um longo salão, através de um longo salão lateral. Para onde diabos ela estava sendo levada? Finalmente chegaram a uma sala grande. Caroline pousou a lâmpada, e perguntou a Emily se ela tinha uma camisola de dormir.

"Claro que sim. Você acha que a tia Elizabeth teria me deixado vir sem uma?"

Emily ficou bastante indignada.

"Nancy disse que você pode dormir o tempo que quiser pela manhã", disse Caroline. "Boa noite. Nancy e eu dormimos na velha ala, é claro, e o resto de nós dorme bem em nossos túmulos."

Com este comentário críptico Caroline trotou para fora e fechou a porta.

Emily sentou-se em uma otomana bordada e olhou sobre ela. As cortinas das janelas eram de brocado rosa desbotado e as paredes eram penduradas com papel rosa decorado com diamantes de correntes de rosas. O papel de fada era muito bonito, como Emily achou ao coçar seus olhos. Havia um tapete verde no chão, tão luxuosamente salpicado com grandes rosas que quase tinha medo de andar nele. Ela decidiu que a sala era muito esplêndida.

"Mas eu tenho que dormir aqui sozinha, então devo dizer minhas orações com muito cuidado", refletiu ela.

Ela se despiu um pouco apressadamente, apagou a luz e foi para a cama. Ela se cobriu até o queixo e se deitou ali, olhando para o teto alto e branco. Tinha crescido tão acostumada com a cama cortinada da tia Elizabeth que se sentiu curiosamente desabrigada nesta cama baixa e moderna. Mas pelo menos a janela estava bem aberta - é evidente que a tia Nancy não compartilhava do horror do ar noturno da tia Elizabeth. Através dela Emily podia ver campos de verão deitados na magia de uma lua amarela em ascensão. Mas a sala era grande e fantasmagórica. Ela se sentia horrivelmente distante de todos, solitária, saudosa do lar. Pensava no velho Kelly e na sua pomada de sapo. Talvez ele tenha cozido os sapos vivos, afinal de contas. Este pensamento horrível a atormentava. Era horrível pensar em sapos - ou qualquer coisa - sendo fervidos vivos. Ela nunca havia dormido sozinha antes. De repente, ela ficou assustada. Como a janela se agitava. Soava terrivelmente como se alguém - ou alguma coisa - estivesse tentando entrar. Então pensou no fantasma de Ilse - um fantasma que você não podia ver, mas que podia ouvir e sentir era algo especialmente assustador no caminho dos fantasmas - ela pensou nos cachorros de pedra que se "Wo--ou--oo--oo" à meia-noite. Um cão começou a uivar em algum lugar. Emily sentiu uma transpiração fria em sua testa. O que Caroline quis dizer com o resto deles dormindo bem em seus túmulos? O chão rangia. Não havia alguém - ou alguma coisa - atirando em volta do lado de fora da porta? Alguma coisa se moveu no canto? Havia sons misteriosos no longo salão.

"Eu não vou ter medo", disse Emily. "Não vou pensar nessas coisas, e amanhã vou escrever tudo sobre como me sinto agora."

E então... ela ouviu algo... bem atrás da parede, na cabeceira de sua cama. Não houve engano sobre isso. Não foi imaginação. Ela ouviu uns barulhos estranhíssimos - como se vestidos de seda rígidos se esfregassem uns contra os outros - como se as asas agitassem o ar - e havia sons suaves, baixos e abafados como gritos ou gemidos de crianças pequenas. Eles saboreavam - eles continuavam. De vez em quando eles morriam - e então recomeçavam.

Emily acobardada debaixo da roupa de cama, fria e com verdadeiro terror. Antes, seu susto havia estado apenas na superfície - ela sabia que não havia nada a temer, mesmo quando ela temia. Alguma coisa em sua roupa de cama a preparava para suportar. Mas isto não foi um erro... sem imaginação. Os barulhos, os gritos e os gemidos eram reais demais. Wyther Grange de repente se tornou um lugar horrível e assustador. Ilse estava certa - ela estava assombrada. E ela estava sozinha aqui, com quilômetros de salas e salões entre ela e qualquer ser humano. Foi cruel da tia Nancy colocá-la em um quarto assombrado. A tia Nancy deve ter sabido que era assombrada - a velha tia Nancy, com seu orgulho macabro de homens que haviam se matado por ela. Oh, se ela estivesse de volta à querida Lua Nova, com a tia Elizabeth ao seu lado. A tia Elizabeth não era uma companheira de cama ideal, mas ela era de carne e osso. E se as janelas fossem hermeticamente fechadas, elas mantinham os fantasmas para fora, assim como o ar noturno.

"Talvez não seja tão ruim se eu fizer minhas orações novamente", pensou Emily.

Mas mesmo isto não ajudou muito.

Até o final de sua vida, Emily nunca esqueceu aquela primeira noite horrível em Wyther Grange. Ela estava tão cansada que, às vezes, adormecia em forma apenas para ser despertada em poucos

minutos no horror do pânico, pelos gemidos agitados e abafados atrás de sua cama. Cada fantasma e gemido, cada espírito torturado e cada freira sangrenta dos livros que ela havia lido lhe veio à mente.

"A tia Elizabeth estava certa - as novelas não são adequadas para ler", pensou ela. "Oh, eu vou morrer aqui - de susto - eu sei que vou. Eu sei que sou uma covarde, não posso ser corajosa."

Quando chegou a manhã, a sala estava iluminada pelo sol e livre de sons misteriosos. Emily se levantou, vestida e encontrou seu caminho para a velha ala. Ela estava pálida, com olhos negros, mas resoluta.

"Bem, e como você dormiu?", perguntou a tia Nancy graciosamente.

Emily ignorou a pergunta.

"Eu quero ir para casa hoje", disse ela.

A tia Nancy olhou fixamente.

"Para casa? Que bobagem! Você é um bebê tão saudoso de casa como esse?"

"Não estou com saudades de casa, não muito, mas tenho que ir para casa."

"Você não pode... não há ninguém aqui para te levar. Você não espera que Caroline possa levá-lo até Blair Water, espera?"

"Então eu vou a pé."

A tia Nancy atirou seu bastão com raiva no chão.

"Você vai ficar aqui até eu estar pronta para você ir, Srta. Gato. Eu nunca tolero nenhum capricho a não ser o meu. Caroline sabe

disso, não sabe, Caroline? Sente-se no seu café da manhã - e coma. Coma!"

A tia Nancy olhou de relance para Emily.

"Eu não vou ficar aqui", disse Emily. "Não ficarei mais uma noite naquele quarto horrível assombrado. Foi cruel da sua parte colocar-me lá. Se..." Emily deu brilho à tia Nancy - "se eu fosse Salomé, pediria sua cabeça em um carregador."

"Que bobagem é essa de um quarto assombrado? Nós não temos fantasmas no Wyther Grange. Nós temos, Caroline? Nós não os consideramos higiênicos."

"Você tem algo horrível naquele quarto - ele enferrujou, gemeu e chorou a noite toda, bem na parede atrás da minha cama. Eu não vou ficar... eu não vou..."

As lágrimas de Emily vieram apesar de seus esforços para reprimi-las. Ela estava tão nervosa que não conseguia evitar o choro. Já faltava um pouco de histeria com ela.

A tia Nancy olhou para Caroline e Caroline olhou de volta para a tia Nancy.

"Deveríamos ter dito a ela, Caroline. É tudo culpa nossa. Eu me esqueci - há tanto tempo que ninguém dormia no Salão Rosa. Não é de se admirar que ela estivesse assustada. Emily, pobre criança, foi uma vergonha. Me serviria bem ter minha cabeça em um carregador, sua sucata vingativa. Deveríamos ter dito a você."

"Dizer-me... o quê?"

"Sobre as andorinhas na chaminé. Isso foi o que você ouviu. A grande chaminé central sobe pelas paredes atrás de sua cama. Ela nunca é usada agora, desde que as lareiras foram construídas. As andorinhas fazem ninho lá - centenas delas. Elas fazem um barulho estranho - balbuciando e brigando como elas fazem."

Emily se sentiu tola e envergonhada - muito mais envergonhada do que ela precisava sentir, pois sua experiência tinha sido realmente muito tentadora, e as pessoas mais velhas do que ela se assustaram terrivelmente nas noites no Quarto Rosa em Wyther Grange. Nancy Priest havia colocado pessoas naquela sala às vezes expressamente para assustá-las. Mas para fazer justiça, ela realmente havia esquecido no caso de Emily e se arrependeu.

Emily não disse mais nada sobre ir para casa; Caroline e a tia Nancy foram ambas muito gentis com ela naquele dia; ela fez uma boa soneca à tarde; e quando chegou a segunda noite ela foi diretamente para o Quarto Rosa e dormiu profundamente a noite toda. Os roncos e gritos eram tão distintos como sempre, mas as andorinhas e os espectros eram duas coisas completamente diferentes.

"Afinal, eu acho que vou gostar de Wyther Grange", disse Emily.

CAPÍTULO XXIV

Um Tipo Diferente de Felicidade

"*20 DE JULHO.*

QUERIDO PAI:

Estou há quinze dias em Wyther Grange e não escrevi uma única vez para você. Mas eu pensava em você todos os dias. Tive que escrever para a tia Laura e Ilse e para Teddy e o primo Jimmy e Perry e entre as vezes estou me divertindo tanto. Na primeira noite em que estive aqui, não pensei que fosse ser feliz. Mas eu sou... só que é um tipo diferente da felicidade da Lua Nova.

A tia Nancy e Caroline são muito boas para mim e me deixam fazer exatamente o que eu gosto. Isto é muito agradável. Elas são muito sarcásticas uma com a outra. Mas eu acho que elas são um pouco amigas como Ilse e eu - elas brigam com bastante frequência, mas se amam muito entre os tempos. Tenho certeza de que Caroline não é uma bruxa, mas gostaria de saber o que ela pensa quando está sozinha. A tia Nancy não é mais bonita, mas tem um ar muito aristocrático. Ela não anda muito por causa de seu reumatismo, então ela senta-se principalmente em sua sala de espera e lê e tricota rendas ou joga cartas com Caroline. Eu falo muito com ela porque ela diz que isso a diverte e já lhe disse muitas coisas, mas nunca lhe disse que escrevo poesia. Se eu soubesse, ela me obrigaria a recitá-la e sinto que ela não é a pessoa certa para recitar sua poesia. E eu não falo de você ou da mãe para ela, embora ela tente me obrigar. Contei a ela tudo sobre Majestoso John e seu arbusto e sobre o Padre Cassidy. Ela riu sobre isso e disse que sempre gostou de falar com os padres católicos porque eles eram os únicos homens no mundo com quem uma mulher podia falar por mais de dez minutos sem que outras mulheres dissessem que ela estava se atirando à cabeça deles.

A tia Nancy diz uma grande quantidade de coisas assim. Ela e Caroline conversam muito uma com a outra sobre coisas que aconteceram nas famílias dos Priest e Murray. Eu gosto de sentar e ouvir. Elas não param quando as coisas estão ficando interessantes como a tia Elizabeth e a tia Laura. Há muitas coisas que eu não entendo, mas vou me lembrar delas e vou descobrir sobre elas algum dia. Escrevi descrições da tia Nancy e da Caroline em meu Livro-Jimmy. Mantenho o livro escondido atrás do guarda-roupa em meu quarto porque um dia encontrei Caroline ruminando no meu baú. Não devo chamar a tia Nancy de tia-avó. Ela diz que isso a faz sentir-se como Matusalém [foi um patriarca bíblico e um personagem presente no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Ele é conhecido por ser o homem que teve mais longevidade de toda a Bíblia, pois teria vivido por 969 anos]. Ela me conta tudo sobre os homens que estavam apaixonados por ela. Parece-me que todos eles se comportaram praticamente da mesma maneira. Não acho que isso tenha sido emocionante, mas ela diz que foi. Ela me conta sobre todas as festas e danças que eles costumavam ter aqui há muito tempo. Wyther Grange é maior que Lua Nova e os móveis são muito mais bonitos, mas é mais difícil se sentir familiarizado com este lugar.

Há muitas coisas interessantes nesta casa. Eu adoro olhar para elas. Há um copo de Jacobitas em uma banca na sala de estar. Era um copo que um velho antepassado dos Priest tinha há muito tempo na Escócia e tem um cardo e uma rosa sobre ele e o usavam para beber a saúde do Príncipe Charlie com e para nenhum outro fim. É um cálice muito valioso e a tia Nancy o premia muito. E ela tem uma cobra de conserva em um grande frasco de vidro no armário da porcelana. É horrível, mas fascinante. Eu estremeço quando a vejo, mas ainda assim vou olhar para ela todos os dias. Algo parece me arrastar até ela. A tia Nancy tem um gabinete em seu quarto com botões de vidro e um vaso com a forma de um peixe verde sentado na ponta e um arrastão chinês com uma cauda encaracolada, e uma caixa de beija-flores doces recheados e um vidro de areia para ferver os ovos e uma coroa emoldurada feita com os pelos de todos os padres mortos e muitos velhos daguerreótipos [é um

equipamento responsável pela produção de uma imagem fotográfica sem negativo, criado em 1837]. Mas o que eu mais gosto é de uma grande bola prateada e brilhante pendurada na lâmpada da sala de estar. Ela reflete tudo como um pequeno mundo de fadas. A tia Nancy chama-a de bola de olhar, e diz que quando ela estiver morta, eu vou tê-la. Gostaria que ela não tivesse dito isso porque eu quero tanto a bola que não posso deixar de pensar quando ela morrerá e isso me faz sentir mal. Vou ter o batente de porta e seus brincos de ouro também. Estas são as heranças dos Murray. A tia Nancy diz que as heranças dos Priest devem ir aos Priest. Vou gostar da bola, mas não quero os brincos. Prefiro que as pessoas não reparem nos meus ouvidos.

Tenho que dormir sozinha. Eu me sinto assustada, mas acho que se eu pudesse superar o medo, eu gostaria. Não me importo com as andorinhas agora. É estar sozinha, tão longe de qualquer um. Mas é adorável poder esticar as pernas como você gosta e não ter ninguém te repreendendo por fazer contorções. E quando acordo à noite e penso em uma esplêndida linha de poesia (porque as coisas que você pensa assim sempre parecem as melhores) posso sair da cama e escrevê-la em meu Livro-Jimmy. Eu não poderia fazer isso em casa e então pela manhã eu provavelmente esqueceria isso. Pensei em uma frase tão bonita ontem à noite. "Lírios levantaram calos perolados (um calo é uma espécie de copo apenas mais poético) onde abelhas eram afogadas em doçura" e eu me senti feliz porque tinha certeza de que eram duas linhas melhores do que qualquer outra que eu tivesse composto ainda.

Tenho permissão para entrar na cozinha e ajudar Caroline a cozinhar. Caroline é uma boa cozinheira, mas às vezes ela comete um erro e isso irrita a tia Nancy porque ela gosta de coisas boas para comer" No outro dia, Caroline fez a sopa de cevada muito grossa e quando a tia Nancy olhou para seu prato ela disse: "Senhor, isto é um jantar ou um mingau? Caroline disse 'É bom o suficiente para um Priest e o que é bom o suficiente para um Priest é bom o suficiente para um Murray", e a tia Nancy disse "Mulher, os Priest comem das migalhas que caem das mesas dos Murrays", e

Caroline ficou tão brava que chorou. E a tia Nancy me disse: "Emily, nunca se case com um Priest" - como o velho Kelly, quando eu não tenho a menor ideia de me casar com um deles. Eu não gosto muito de nenhum deles que eu tenha visto, mas eles me parecem um bom negócio como as outras pessoas. Jim é o melhor deles, mas impetuoso.

Gosto mais dos cafés da manhã Wyther Grange do que dos da Lua Nova" Temos torradas, bacon e marmelada - mais gostosos do que mingau.

O domingo é mais divertido aqui do que na Lua Nova, mas não tão santo. Bom para variar. A tia Nancy não pode ir à igreja ou tricotar rendas, então ela e Caroline jogam cartas o dia todo, mas ela diz que eu nunca devo fazer isso - que ela é apenas um mau exemplo. Adoro olhar para a grande biblioteca da tia Nancy porque há tantas coisas interessantes nela - peças de vestidos e cabelos e poesia e velhos lantejoulas e relatos de mortes e casamentos. Encontrei uma peça sobre meu próprio nascimento e isso me deu uma sensação estranha.

À tarde, alguns Priest vêm ver a tia Nancy e ficar para jantar. Leslie Priest sempre vem. Ele é o sobrinho favorito da tia Nancy, assim diz Jim. Acho que isso é porque ele lhe faz elogios. Mas eu o vi piscar o olho para Isaac Priest uma vez quando ele lhe pagou um. Eu não gosto dele. Ele me trata como se eu fosse uma criança mais murcha. A tia Nancy diz coisas terríveis a todos eles, mas eles apenas riem. Quando eles vão embora, a tia Nancy goza com eles para Caroline. Caroline não gosta, porque ela é uma Priest e por isso ela e a tia Nancy brigam sempre no domingo à noite e não voltam a falar até segunda-feira de manhã.

Eu posso ler todos os livros na estante da tia Nancy, exceto a fila na prateleira superior. Eu me pergunto por que não posso lê-los. A tia Nancy disse que eram romances franceses, mas eu apenas espreitei um e era em inglês. Pergunto-me se a tia Nancy conta mentiras.

O lugar que eu mais amo é na costa da baía. Algumas partes da costa são muito íngremes e há lugares tão bonitos, arborizados e inesperados ao longo de toda a costa. Eu vagueio por lá e componho poesia. Sinto muita falta de Ilse, Teddy, Perry e Saucy Sal. Recebi uma carta de Ilse até hoje. Ela me escreveu que eles não podiam fazer mais nada sobre o Sonho da Noite de Verão até que eu voltasse. É bom sentir-se tão necessária.

A tia Nancy não gosta da tia Elizabeth. Ela a chamou de 'tirana' um dia e depois disse "Jimmy Murray era um garoto muito esperto. Elizabeth Murray matou seu intelecto em seu temperamento - e nada foi feito a ela. Se ela tivesse matado seu corpo, ela teria sido uma assassina. O outro era pior, se você me perguntar". Eu não gosto da tia Elizabeth às vezes, mas senti, querido pai, que devia defender minha família e disse: "Não quero ouvir tais coisas ditas de minha tia Elizabeth."

E eu acabei de dar uma olhada na tia Nancy. Ela disse: "Bem, meu irmão Archibald nunca estará morto enquanto você estiver viva. Se você não quiser ouvir as coisas, não fique por perto quando Caroline e eu estivermos conversando. Eu noto que há muitas coisas que você gosta de ouvir."

Isto foi sarcasmo, querido pai, mas ainda sinto que a tia Nancy gosta de mim, mas talvez ela não goste de mim por muito tempo. Jim Priest diz que ela é inconstante e nunca gostou de ninguém, nem mesmo de seu marido, por muito tempo. Mas depois de ter sido sarcástica comigo, ela sempre diz a Caroline para me dar um pedaço de torta para que eu não me importe com o sarcasmo. Ela me deixa tomar um chá de verdade também. Eu gosto disso. Na Lua Nova, a tia Elizabeth não me dá nada além de chá de cambraia porque é o melhor para a minha saúde. A tia Nancy diz que a maneira de ser saudável é comer exatamente o que você quer e nunca pensar no seu estômago. Mas então ela nunca foi atacada pelo consumo. Ela diz que eu não preciso ter um pouco de medo de morrer de consumo porque tenho muito gengibre em mim. Esse é um pensamento confortável. A única vez que eu não gosto da tia

Nancy é quando ela começa a falar sobre as diferentes partes de mim e o efeito que elas terão sobre os homens. Isso me faz sentir tão boba.

Escreverei com mais frequência depois disto, querido pai. Sinto que tenho negligenciado você.

P. S. Temo que haja alguns erros na ortografia desta carta. Esqueci de trazer o meu dicionário comigo.

22 DE JULHO.

Oh, querido Pai, estou em uma situação horrível. Eu não sei o que devo fazer. Oh, Pai, eu quebrei o copo de Jacobitas da tia Nancy. Parece-me um sonho horrível.

Entrei na sala de estar hoje para olhar a cobra de picles e, quando eu estava virando minha manga, peguei o copo de Jacobitas e ele foi para o chão e tremeu em fragmentos. No início saí correndo e os deixei lá, mas depois voltei e os recolhi cuidadosamente e os escondi em uma caixa atrás do sofá. A tia Nancy nunca entra na sala de estar agora e Caroline não é muito frequente e talvez eles não percam o vidro até que eu vá para casa. Mas isso me assombra. Continuo pensando nisso o tempo todo e não posso desfrutar de nada. Eu sei que a tia Nancy ficará furiosa e nunca me perdoará se ela descobrir. Eu não consegui dormir a noite toda por me preocupar com isso. Jim Priest veio brincar comigo hoje, mas ele disse que não havia diversão em mim e foi para casa. Os Priest, em sua maioria, dizem o que pensam. É claro que não havia diversão em mim. Como poderia haver? Eu me pergunto se faria algum bem rezar sobre isso. Não sinto que seria correto rezar porque estou enganando a tia Nancy.

24 DE JULHO.

Querido Pai, este é um mundo muito estranho. Nada acontece exatamente como o que você espera. Ontem à noite eu não

consegui dormir de novo. Eu estava tão preocupada. Pensei que era uma covarde, que fazia uma coisa desleal e que não estava à altura das minhas tradições. Finalmente ficou tão ruim que não consegui suportar. Posso suportar quando outras pessoas têm uma má opinião sobre mim, mas dói muito quando tenho uma má opinião sobre mim mesma. Então eu saí da cama e voltei por todos aqueles corredores para a sala dos fundos. A tia Nancy ainda estava lá, sozinha, jogando 'Solitário'. Ela perguntou que diabos estava eu fora da cama por uma hora dessas. Eu só disse, curto e rápido para passar o pior, "ontem quebrei seu copo de Jacobitas e escondi os pedaços atrás do sofá". Depois esperei que a tempestade rebentasse. A tia Nancy disse: "Que bênção. Muitas vezes eu quis esmagá-lo, mas nunca tive coragem. Todo o clã Priest está esperando que eu morra para pegar aquele copo e brigar por causa dele e eu fico com cócegas de pensar que nenhum deles pode tê-lo agora e ainda assim não pode fazer barulho comigo por causa de esmagá-lo. Volte para a cama e durma bem". Eu disse "E você não está brava de todo, tia Nancy?" "Se tivesse sido uma relíquia Murray eu teria rasgado o gramado", disse a tia Nancy. "Mas eu não quero saber das coisas dos Priest."

Então eu voltei para a cama, querido Pai, e me senti muito aliviada, mas não tão heroica.

Recebi uma carta de Ilse. Ela diz que Saucy Sal teve finalmente gatinhos. Sinto que deveria estar em casa para vê-los. Provavelmente, a tia Elizabeth terá todos eles afogados antes de eu voltar. Eu também recebi uma carta de Teddy, não muito grande, mas cheia de pequenos desenhos queridos de Ilse, Perry e do Tansy Patch e do arbusto do Majestoso John. Eles me fizeram sentir saudades de casa.

28 DE JULHO.

Oh, querido pai, eu descobri tudo sobre o mistério da mãe de Ilse. É tão terrível que não posso escrevê-lo nem mesmo para você.

Não posso acreditar, mas a tia Nancy diz que é verdade. Eu não pensava que pudesse haver coisas tão terríveis no mundo. Não, eu não posso acreditar e não vou acreditar, não importa quem diga que é verdade. Eu sei que a mãe de Ilse não poderia ter feito nada parecido. Deve ter havido um erro terrível em algum lugar. Estou tão infeliz e me sinto como se não pudesse mais ser feliz. Ontem à noite chorei no meu travesseiro como fazem as heroínas dos livros da tia Nancy."

CAPÍTULO XXV

"Ela não poderia tê-lo feito."

A tia-avó Nancy e a Caroline Priest costumavam colorir seus dias cinzentos com os carmesins lembrados de antigas delícias e alegrias, mas foram além disso e conversaram sobre qualquer número de histórias antigas da família antes de Emily com um total desrespeito à sua juventude. Amores, nascimentos, mortes, escândalos, tragédias - tudo o que lhes veio à cabeça. Tampouco pouparam detalhes. A tia Nancy se divertia com os detalhes. Ela não esqueceu nada, e os pecados e fraquezas que a morte cobriu e o tempo mostrou misericórdia, foram impiedosamente arrastados e dissecados por esta velhinha macabra.

Emily não estava bem certa se ela realmente gostava ou não. Era fascinante - alimentava alguma fome dramática nela - mas a fazia sentir-se infeliz de alguma forma, como se algo muito feio estivesse escondido na escuridão do poço que abriam diante de seus olhos inocentes. Como a tia Laura havia dito, sua juventude a protegia até certo ponto, mas isso não podia salvá-la de uma terrível compreensão da história lamentável da mãe de Ilse na tarde em que parecia bom para a tia Nancy ressuscitar aquela história de angústia e vergonha.

Emily estava enrolada no sofá na sala dos fundos, lendo Os Chefes Escoceses porque estava uma tarde de julho sem fôlego - muito quente para assombrar a costa da baía. Emily estava se sentindo muito feliz. A Mulher do Vento estava roncando sobre o grande bosque de bordo atrás do Grange, virando as folhas até que cada árvore parecia estar coberta de flores estranhas, pálidas e prateadas; as fragrâncias vinham do jardim; o mundo era adorável; ela tinha recebido uma carta da tia Laura dizendo que um dos filhotes do Saucy Sal tinha sido salvo para ela. Emily havia sentido, quando Mike II morreu, que nunca mais iria querer outro gato. Mas

agora ela descobriu que queria. Tudo lhe convinha muito bem; ela estava tão feliz que deveria ter sacrificado sua mais querida posse aos deuses ciumentos se ela soubesse alguma coisa sobre a velha crença pagã.

A tia Nancy estava cansada de brincar de 'Solitário'. Ela empurrou as cartas para longe e pegou seu tricô.

"Emily", disse ela, "sua tia Laura tem alguma ideia de casar com o Dr. Burnley?"

Emily, lembrada assim abruptamente do campo de Bannockburn, parecia aborrecida. Os mexericos de Blair Water tinham feito ou insinuado esta pergunta com frequência; e agora ela a encontrou em Priest Pond.

"Não, tenho certeza que ela não o faria", disse ela. "Por que, tia Nancy, o Dr. Burnley odeia mulheres."

A tia Nancy riu.

"Pensei que talvez ele tivesse superado isso. Já se passaram onze anos desde que sua esposa fugiu. Poucos homens se agarram a uma ideia por qualquer coisa como onze anos. Mas Allan Burnley sempre foi teimoso em qualquer coisa - amor ou ódio. Ele ainda ama sua esposa - e é por isso que ele odeia a memória dela e todas as outras mulheres."

"Eu nunca ouvi os direitos dessa história", disse Caroline. "Quem era sua esposa?"

"Beatrice Mitchell, uma das Shrewsbury Mitchells. Ela tinha apenas dezoito anos quando Allan casou com ela. Ele tinha trinta e cinco anos. Emily, nunca seja tola o suficiente para se casar com um homem muito mais velho que você."

Emily não disse nada. Os Chefes Escoceses foram esquecidos. Suas pontas dos dedos estavam ficando frias, como sempre faziam

em excitação, seus olhos ficavam negros. Ela sentia que estava prestes a resolver o mistério que há tanto tempo a preocupava e a intrigava. Ela tinha medo desesperadamente de que a tia Nancy se ramificasse para outra coisa.

"Ouvi dizer que ela era uma grande beleza", disse Caroline.

A tia Nancy farejava.

"Depende do seu gosto em estilo. Oh, ela era bonita - uma de suas bonecas de cabelo dourado. Ela tinha uma pequena marca de nascença sobre sua sobrancelha esquerda - como um minúsculo coração vermelho - eu nunca conseguia ver nada além daquela marca quando olhava para ela. Mas seus bajuladores lhe disseram que era um ponto de beleza... "o Ás de Copas" que lhe chamavam. Allan estava louco por ela. Ela tinha sido um flerte antes de seu casamento. Mas eu direi - pois a justiça entre as mulheres é uma coisa rara, Caroline - você, por exemplo, é uma velha bruxa injusta - que ela não flertou depois de se casar - pelo menos, abertamente. Ela era uma gatinha manhosa - sempre rindo e cantando e dançando - sem mulher para Allan Burnley, se você me perguntar. E ele poderia ter tido Laura Murray. Mas entre uma tola e uma mulher sensata, um homem alguma vez hesitou? O tolo vence sempre, Caroline. É por isso que você nunca conseguiu um marido. Você era muito sensata. Eu consegui o meu fingindo ser uma tola. Emily, você se lembra disso. Você tem cérebro, esconda-os. Seus tornozelos farão mais por você do que seus cérebros jamais farão."

"Esqueça os tornozelos da Emily", disse Caroline, entusiasmada com uma caçada de escândalos. "Continue sobre os Burnleys."

"Bem, havia um primo dela, Leo Mitchell, de Shrewsbury. Você se lembra dos Mitchells, não se lembra, Caroline? Esse Leo era um belo companheiro, um capitão de mar. Ele estava apaixonado por Beatrice, então os mexericos corriam. Alguns disseram que Beatrice o queria, mas que seu povo a obrigou a casar com Allan Burnley porque ele era o melhor partido. Quem sabe? A fofoca mente nove vezes e diz a décima metade da verdade. Ela fingiu estar

apaixonada por Allan de qualquer maneira, e ele acreditou nisso. Quando Leo voltou de uma viagem e encontrou Beatrice casada, ele aceitou com frieza suficiente. Mas ele estava sempre em Blair Water. Beatrice tinha muitas desculpas. Leo era primo dela - eles tinham sido criados juntos - eles eram como irmão e irmã - ela era tão solitária em Blair Water depois de viver em uma cidade - ele não tinha casa, exceto com um irmão. Allan levou tudo para baixo - ele estava tão apaixonado por ela que ela poderia tê-lo feito acreditar em qualquer coisa. Ela e Leo estavam sempre juntos lá quando Allan estava fora, vendo seus pacientes. Então veio a noite em que o navio de Leo – Dama do Vento - partiu do porto de Blair para a América do Sul. Ele foi - e a Sra. Beatrice foi com ele."

Um som estranho e estrangulado veio do canto de Emily. Se a tia Nancy ou Caroline tivesse olhado para ela, eles teriam visto que a criança era branca como os mortos, com olhos largos e cheios de horror. Mas eles não olharam. Elas tricotaram e fofocaram, divertindo-se imenso.

"Como o médico reagiu?", perguntou Caroline.

"Ninguém sabe. Mas todos sabem que tipo de homem ele tem sido desde então. Ele voltou para casa naquela noite, ao anoitecer. O bebê estava dormindo em seu berço e a criada estava observando-o. Ela disse a Allan que a Sra. Burnley tinha ido ao porto com seu primo para uma caminhada de despedida e que voltaria às dez. Allan esperou por ela facilmente - ele nunca duvidou dela - mas ela não voltou. Ela nunca tinha a intenção de voltar. Pela manhã, o navio foi embora - navegou para fora do porto na noite anterior, ao anoitecer. Beatrice tinha ido a bordo com ele... era tudo o que qualquer um sabia. Allan Burnley não disse nada, além de proibir que seu nome fosse novamente mencionado em sua audiência. Mas o navio afundou e esse foi o fim dessa fuga, e o fim de Beatrice com sua beleza e seu riso e seu Ás de Copas."

"Mas não o fim da vergonha e da miséria que ela trouxe para sua casa", disse com astúcia Caroline. "Eu mancharia tal mulher de alcatrão e penas."

"Bobagem... se um homem não pode cuidar de sua esposa... se ele cega seus próprios olhos... Misericórdia para nós, criança, qual é o problema?"

Pois Emily estava de pé, segurando suas mãos como se estivesse empurrando alguma coisa de repugnante dela.

"Eu não acredito", ela gritou, com uma voz alta e antinatural. "Não acredito que a mãe de Ilse tenha feito isso. Ela não... ela não poderia ter... não a mãe de Ilse..."

"Apanhe-a, Caroline!" gritou a tia Nancy.

Mas Emily, embora a sala dos fundos tivesse rodopiado sobre ela por um segundo, tinha se recuperado.

"Não me toque!" ela gritou apaixonadamente. "Não me toquem! Você... você... você gostou de ouvir essa história?"

Ela saiu correndo da sala. A tia Nancy pareceu envergonhada por um momento. Pela primeira vez lhe ocorreu que sua língua velha, amante de escândalos, tinha feito uma coisa horrível. Então ela encolheu os ombros.

"Ela não pode passar pela vida em lã de algodão. Mais vale aprender que espadas são espadas agora do que nunca. Eu teria pensado que ela teria ouvido tudo isso há muito tempo se a fofoca de Blair Water fosse o que costumava ser. Se ela for para casa e contar isso, terei as virgens indignadas da Lua Nova descendo sobre mim em santo horror como uma corruptora da juventude. Caroline, não me peça para lhe contar mais horrores familiares diante de minha sobrinha, sua velha escandalosa. Com sua idade! Estou surpresa com você!"

A tia Nancy e Caroline voltaram ao tricô e às suas lembranças picantes, e lá em cima no Quarto Rosa Emily deitou-se de cara para baixo em sua cama e chorou por horas. Foi tão horrível - a mãe de Ilse tinha fugido e deixado seu bebezinho. Para Emily essa era a

coisa horrível - a coisa estranha, cruel e sem coração que a mãe de Ilse havia feito. Ela não conseguia acreditar - havia algum erro em algum lugar - havia.

"Talvez ela tenha sido sequestrada", disse Emily, tentando desesperadamente explicar isso. "Ela apenas foi a bordo para dar uma olhada - e ele pesou a âncora e a carregou. Ela não poderia ter ido embora por sua própria vontade e deixado seu querido bebezinho."

A história assombrou Emily com toda a seriedade. Ela não conseguia pensar em mais nada durante dias. Ela tomou posse dela e se preocupou e a roeu com uma dor quase física. Ela temia voltar à Lua Nova e encontrar Ilse com esta consciência de um segredo sombrio que ela deve esconder dela. Ilse não sabia de nada. Ela havia perguntado uma vez a Ilse onde sua mãe estava enterrada e Ilse havia dito: "Oh, eu não sei. Em Shrewsbury, eu acho - é onde todos os Mitchells estão enterrados."

Emily torceu suas mãos finas juntas. Ela era tão sensível à fealdade e à dor quanto à beleza e ao prazer, e esta coisa era ao mesmo tempo horrenda e agonizante. No entanto, ela não podia deixar de pensar sobre isso, dia e noite. A vida em Wyther Grange de repente se tornou obsoleta. A tia Nancy e Caroline desistiram de falar sobre a história da família, até mesmo sobre a história inofensiva. E como era uma repressão dolorosa para elas, elas não a encorajaram a andar por aí. Emily começou a sentir que elas ficavam felizes quando ela estava sem audição, então ela se manteve afastada e passou a maior parte de seus dias vagando na costa da baía. Ela não podia compor nenhuma poesia - não podia escrever em seu Livro-Jimmy - não podia nem mesmo escrever para seu pai. Algo parecia estar entre ela e suas velhas delícias. Havia uma gota de veneno em cada copo. Mesmo as sombras filmadas na grande baía, o encanto de seus penhascos abeiçados e suas pequenas ilhotas roxas que pareciam postos avançados da terra das fadas, não lhe podiam trazer o velho "arrebatamento fino e descuidado". Ela tinha medo de nunca mais poder ser feliz - tão

intensa havia sido sua reação à sua primeira revelação do pecado e da tristeza do mundo. E sob tudo isso, persistiu a mesma incredulidade - a mãe de Ilse não poderia tê-lo feito - e o mesmo desejo indefeso de provar que ela não poderia tê-lo feito. Mas como poderia ser provado? Não poderia. Ela tinha resolvido um "mistério", mas tinha tropeçado num mais escuro - a razão pela qual Beatrice Burnley nunca tinha voltado naquele crepúsculo de verão de muito tempo atrás. Pois, apesar de todas as provas de fatos em contrário, Emily persistiu em sua crença secreta de que qualquer que fosse a razão, não era que ela tinha ido embora na Dama do Vento quando aquele navio condenado navegou para a maravilha estrelada do golfo além do porto de Blair.

CAPÍTULO XXVI

Na costa da baía

"Eu me pergunto", pensou Emily, "quanto tempo mais eu tenho que viver?"

Ela havia rondado aquela noite mais longe na costa da baía do que jamais havia ido antes. Era uma noite quente e ventosa, o ar era resinoso e doce; a baía era um turquesa nebuloso. Aquela parte da costa onde ela se encontrava parecia tão solitária e virgem como se nenhum pé humano a tivesse pisado, exceto por um caminho minúsculo e traiçoeiro, esbelto como um fio vermelho e bordejado por grandes folhas verdes e aveludadas de musgo, que ferem dentro e fora dos grandes abetos e arbustos. As margens se tornaram mais íngremes e rochosas à medida que ela continuava e finalmente o pequeno caminho desapareceu completamente em uma trama de parênteses. Emily estava apenas voltando para trás quando viu um magnífico tufo de flores de verão, crescendo longe na borda do penhasco. Ela nunca havia visto algo tão escuro e rico de uma púrpura. Ela saiu para alcançá-los - a terra mossa traiçoeira cedeu sob seus pés e deslizou pela encosta íngreme. Emily fez uma tentativa frenética de voltar, mas quanto mais tentava, mais rápido ia o deslizamento de terra, carregando-a com ela. Em um momento, ela passaria a encosta e passaria a beira das rochas, direto para a margem da rocha, trinta metros abaixo. Emily teve um momento terrível de terror e desespero; e então ela descobriu que o tufo de terra musculosa que havia se quebrado havia se agarrado a uma estreita borda de rocha, meio pendurada sobre ela; e ela estava deitada sobre o tufo. Pareceu-lhe que o menor movimento de sua parte a mandaria para cima, diretamente para as rochas cruéis por baixo.

Ela estava muito quieta, tentando pensar, tentando não ter medo. Estava longe, longe de qualquer casa - ninguém conseguia ouvi-la

se gritasse. E ela nem ousava gritar, para que o movimento de seu corpo não desalojasse o fragmento sobre o qual se deitava. Quanto tempo poderia ficar ali deitada sem se mexer? A noite estava chegando. A tia Nancy ficaria ansiosa quando a escuridão caísse e mandaria Caroline procurá-la. Mas Caroline nunca a encontraria aqui. Ninguém jamais pensaria em procurá-la aqui, tão longe do Grange, nas costas da baía. Deitar-se ali sozinha a noite toda - para imaginar que a terra escorregasse - esperando por ajuda que nunca viria - Emily dificilmente poderia conter um tremor que poderia ter sido ruinoso.

Ela já havia enfrentado a morte uma vez antes, ou pensou tê-la enfrentado, na noite em que o Majestoso John lhe disse que ela havia comido uma maçã envenenada - mas isto foi ainda mais difícil. Morrer aqui, sozinha, longe de casa! Talvez nunca soubessem o que tinha acontecido com ela - nunca a encontrassem. Os corvos ou as gaivotas lhe arrancariam os olhos. Ela dramatizava a coisa tão vividamente que quase gritava com o horror da coisa. Ela simplesmente desapareceria do mundo como a mãe de Ilse havia desaparecido.

O que havia acontecido com a mãe de Ilse? Mesmo em sua própria situação desesperada, Emily fez a si mesma essa pergunta. E ela nunca mais veria a querida Lua Nova e o Teddy e a leiteria e o Tansy Patch e o arbusto do Majestoso John e o velho relógio de sol e seu precioso monte de manuscritos na prateleira do sofá no sótão.

"Eu devo ser muito corajosa e paciente", pensou ela. "Minha única chance é ficar quieta. E posso rezar em minha mente - tenho certeza de que Deus pode ouvir pensamentos assim como palavras. É bom pensar que Ele pode me ouvir, se ninguém mais puder. Ó Deus, Deus do Pai, por favor, faça um milagre e salve minha vida, porque eu acho que ainda não estou apta a morrer. Desculpe por não estar de joelhos... Você vê que não posso me mover. E se eu morrer, por favor, não deixe que a tia Elizabeth encontre minhas cartas nunca. Por favor, deixe a tia Laura encontrá-las. E, por favor, não deixe Caroline mover o guarda-roupa quando ela limpar a casa,

porque então ela encontraria meu Livro-Jimmy e leria o que eu escrevi sobre ela. Por favor, perdoe todos os meus pecados, especialmente não sendo grata o suficiente e cortando uma franja, e por favor não deixe o Pai estar muito longe. Amém."

Então, caracteristicamente, ela pensou em um pós-escrito. "E oh, por favor, que alguém descubra que a mãe de Ilse não fez aquilo."

Ela ficou muito quieta. A luz sobre a água começou a se transformar em ouro quente e subiu. Um grande pinheiro sobre um barranco na frente dela transbordou em uma crista de ramos escuros contra o esplendor do âmbar atrás dela - uma parte da beleza do belo mundo que estava se afastando dela. O frio da brisa do golfo da noite começou a rastejar sobre ela. Uma vez que um pouco de terra se rompeu a seu lado e desceu - Emily ouviu o barulho das pedrinhas de seixos que havia nela nas rochas abaixo. A porção sobre a qual uma de suas pernas estava bem solta e pendurada também. Ela sabia que ela também poderia se romper a qualquer momento. Seria muito horrível estar ali quando escurecesse. Ela podia ver o grande esguicho de despedida de verão que a havia atraído para a sua desgraça, acenando sem ser dobrada por cima dela, maravilhosamente roxa e adorável.

Então, ao lado dela, ela viu o rosto de um homem olhando para ela!

Ela o ouviu dizer: "Meu Deus!" suavemente para si mesma. Ela viu que ele era leve e que um ombro era um pouco mais alto do que o outro. Este deve ser o Jarback, ou melhor, Dean Priest. Emily não se atreveu a chamá-lo. Ela ficou quieta e seus grandes olhos cinza-púrpura disseram: "Salve-me!"

"Como posso ajudá-la", disse Dean Priest rouco, como se fosse para si mesmo. "Não consigo alcançá-la - e parece que o menor toque ou frasco mandaria aquela terra quebrada sobre a beira do abismo. Devo ir por uma corda - e deixá-la aqui sozinha - como se fosse isto. Você pode esperar, criança?"

"Sim", respirou Emily. Ela sorriu para ele para encorajá-lo - o pequeno sorriso suave que começou nos cantos de sua boca e se espalhou sobre seu rosto. Dean Priest nunca esqueceu aquele sorriso - e os olhos firmes da criança, olhando através dele do pequeno rosto que parecia tão perigosamente perto da beira do abismo.

"Vou ser o mais rápido que puder", disse ele. "Não posso ir muito rápido... Sou um pouco coxo, está vendo. Mas não se assuste, eu a salvarei. Vou deixar meu cachorro para lhe fazer companhia. Aqui, Tweed."

Ele assobiou... um cachorro grande e dourado veio à vista.

"Sente-se aí mesmo, Tweed, até eu voltar. Não mexa uma pata... não abane uma cauda... fale com ela apenas com seus olhos."

Tweed sentou-se obedientemente e Dean Priest desapareceu.

Emily deitou-se ali e dramatizou todo o incidente para seu Livro-Jimmy. Ela ainda estava um pouco assustada, mas não muito assustada para se ver escrevendo tudo no dia seguinte. Seria um pouco emocionante.

Ela gostava de saber que o cachorro grande estava lá. Não era tão instruída na lenda dos cães quanto na lenda dos gatos. Mas ele parecia muito humano e confiante observando-a com grandes olhos bondosos. Um gatinho cinza era uma coisa adorável - mas um gatinho cinza não teria se sentado ali e a encorajado. "Eu acredito", pensou Emily, "que um cão é melhor que um gato quando você está em apuros."

Foi meia hora antes de Dean Priest voltar.

"Graças a Deus que você ainda está ali", murmurou ele. "Eu não tive que ir tão longe quanto temia - encontrei uma corda em um barco vazio na costa e a levei. E agora - se eu soltar a corda para

você, você é forte o suficiente para segurá-la enquanto a terra vai e depois aguentar enquanto eu a puxo para cima?"

"Vou tentar", disse Emily.

Dean Priest fez um laço na ponta e a deslizou até ela. Depois enrolou a corda ao redor do tronco de uma fogueira pesada.

"Agora", disse ele.

Emily disse interiormente: "Querido Deus, por favor..." e pegou o laço balançante. No momento seguinte o peso total de seu corpo balançava dele, pois em seu primeiro movimento o solo quebrado sob ela escorregou para baixo - escorregou para cima. Dean Priest adoeceu e tremeu. Será que ela se agarrou à corda enquanto ele a puxava para cima?

Então ele viu que ela tinha ficado um pouco agarrada na prateleira estreita. Cuidadosamente, ele desenhou puxou a corda. Emily, cheia de garra, o ajudou, cavando os dedos dos pés dela no banco desmoronado. Em um momento ela estava ao seu alcance. Ele agarrou os braços dela e a puxou para cima ao seu lado em segurança. Quando ele a levantou depois do verão de despedida, Emily estendeu sua mão e agarrou o tufo de flores.

"De qualquer forma, eu consegui", disse ela alegremente. Então ela se lembrou de seus modos. "Estou muito agradecida a você. Você salvou minha vida. E... e... acho que vou me sentar um momento. Minhas pernas parecem engraçadas e trêmulas."

Emily sentou-se, tudo ao mesmo tempo mais trêmulo do que ela havia passado por todo o perigo. Dean Priest se encostou ao velho abeto. Ele também parecia "trêmulo". Ele limpou sua testa com seu lenço. Emily olhou curiosamente para ele. Ela havia aprendido muito sobre ele com as observações casuais da tia Nancy - nem sempre de boa índole, pois a tia Nancy não gostava totalmente dele, parecia. Ela sempre o chamou de "Jarback" de forma um tanto desdenhosa, enquanto Caroline o chamava escrupulosamente de

Dean. Emily sabia que ele tinha estado na faculdade, que ele tinha trinta e seis anos de idade - o que para Emily parecia uma idade venerável - e que ele tinha um ombro malformado e coxeava ligeiramente; que ele não se importava com nada além de livros, nem nunca o tinha feito; que ele vivia com um irmão mais velho e viajava muito; e que todo o clã Priest ficava um pouco assustado com sua língua irônica. A tia Nancy o havia chamado de "cínico". Emily não sabia o que era um cínico, mas soava interessante. Ela o olhou cuidadosamente e viu que ele tinha características delicadas, pálidas e cabelos castanhos-avermelhados. Seus lábios eram finos e sensíveis, com uma curva caprichosa. Ela gostava da boca dele. Se ela fosse mais velha, teria sabido por que - porque conotava força, ternura e humor.

Apesar de seu ombro retorcido, havia nele uma certa dignidade de presença, característica de muitos Priest, e que muitas vezes era confundida com orgulho. Os olhos verdes dos Priest, que estavam mirando e assombrosos no rosto de Caroline e impudentes no de Jim Priest, eram notavelmente sonhadores e atraentes no seu.

"Bem, você me acha bonito", disse ele, sentado em outra pedra e sorrindo para ela. Sua voz era bela, musical e carinhosa.

Emily corou. Ela sabia que olhar não era etiqueta, e ela não o achava nada bonito, então ela estava muito grata por ele não ter pressionado sua pergunta, mas fez outra.

"Você sabe quem é seu cavaleiro salvador?"

"Acho que você deve ser o Jar.... Sr. Dean Priest". Emily voltou a se irritar com o vexame. Ela tinha chegado tão perto de fazer outro buraco terrível em seus modos.

"Sim, Jarback Priest. Você não precisa se importar com o apelido. Já ouvi isso muitas vezes. É uma ideia de humor dos Priest". Ele riu de forma bastante desagradável. "A razão para isso é óbvia o suficiente, não é? Eu nunca consegui mais nada na escola. Como você chegou a deslizar sobre aquele penhasco?"

"Eu queria isto", disse Emily, acenando para as flores.

"E você o tem! Você sempre consegue o que procura, mesmo com a morte escorregando uma fina cunha entre eles? Eu acho que você nasce com sorte. Eu vejo os sinais. Se aquele grande tufo atraiu você para o perigo, também o salvou, pois foi ao passar por cima para investigá-lo que eu a vi. Seu tamanho e cor chamaram minha atenção. Caso contrário, eu deveria ter continuado e você... o que teria sido de você? A quem você pertence que está deixando arriscar sua vida nestes bancos perigosos? Qual é seu nome, se você tem um nome? Começo a duvidar de você, vejo que tem ouvidos pontiagudos. Fui enganado a intrometer-me com fadas, e será que vou descobrir que vinte anos se passaram e que sou um homem velho há muito tempo perdido para o mundo vivo sem nada além do esqueleto do meu cão para companhia?"

"Eu sou Emily Byrd Starr de Lua Nova", disse Emily, com bastante frieza. Ela estava começando a ser sensível em relação aos seus ouvidos. Padre Cassidy havia comentado sobre eles - e agora Jarback Priest. Havia realmente algo de estranho neles?

E ainda assim, havia um sabor sobre o dito Jarback que ela gostava... gostava decididamente. Emily nunca teve dúvidas sobre ninguém que ela conheceu. Em poucos minutos ela sempre soube se gostava, não gostava ou era indiferente a eles. Ela tinha uma sensação estranha de ter conhecido o Jarback Priest durante anos - talvez porque parecesse tão longo quando ela estava deitada naquela terra desmoronada esperando que ele voltasse. Ele não era bonito, mas ela gostava daquele rosto magro e inteligente dele com seus olhos verdes magnéticos.

"Então você é a jovem visitante no Grange!" disse Dean Priest, em algum espanto. "Então minha querida tia Nancy deveria cuidar melhor de você - minha muito querida tia Nancy."

"Você não gosta da tia Nancy, estou vendo", disse Emily friamente.

"Qual é a utilidade de gostar de uma senhora que não vai gostar de mim? Você provavelmente descobriu até este momento que minha tia me detesta."

"Oh, eu não acho que seja tão ruim quanto isso", disse Emily. "Ela deve ter algumas boas opiniões sobre você - ela diz que você é o único Priest que alguma vez irá para o céu."

"Ela não quer dizer isso como um elogio, o que quer que você em sua inocência acredite que seja. E você é a filha de Douglas Starr? Eu conhecia seu pai. Éramos colegas na escola - nos afastamos depois que a deixamos - ele foi para o jornalismo, eu para McGill. Mas ele era o único amigo que eu tive na infância - o único rapaz que se preocupava com Jarback Priest, que era coxo e corcunda e não podia jogar futebol ou hóquei. Emily Byrd Starr - deveria ser seu primeiro nome. Você parece uma estrela - você tem uma personalidade radiante brilhando através de você - seu ambiente apropriado deve ser o céu da noite logo após o pôr do sol - ou o céu da manhã pouco antes do nascer do sol. Sim. Você ficaria mais em casa no céu da manhã. Acho que vou te chamar de Estrela."

"Você quer dizer que você me acha bonita?" perguntou Emily diretamente.

"Porque, não me havia ocorrido perguntar se você era bonita ou não. Você acha que uma estrela deveria ser bonita?"

Emily refletiu.

"Não", disse ela finalmente, "a palavra não combina com uma estrela."

"Eu percebo que você é uma artista em palavras. É claro que não. As estrelas são prismáticas-palpitantes-elusivas. Não é comum encontrarmos uma feita de carne e osso. Acho que vou esperar por você."

"Oh, estou pronta para ir agora", disse Emily, levantando-se.

"Hum. Não era isso que eu queria dizer. Não importa. Venha, Estrela, se você não se importar de andar um pouco devagar. Eu te levo de volta do deserto, pelo menos... Não sei se vou me aventurar a Wyther Grange até a noite. Eu não quero que a tia Nancy te tire a vantagem. E assim você não me acha bonito?"

"Eu não disse isso", gritou Emily.

"Não por palavras. Mas eu posso ler seus pensamentos, Star... nunca direi nada que você não queira que eu saiba. Os deuses me deram aquele presente... quando eles guardaram tudo o mais que eu queria. Vocês não me acham bonito, mas me acham bonito. Você se acha bonito?"

"Uma pequena... desde que a tia Nancy me deixa usar minha franja", disse Emily francamente.

O Jarback Priest fez uma careta.

"Não a chame por tal nome. Este nome me machuca. Gosto daquela onda negra quebrando em suas sobrancelhas claras - mas não a chame de franja... nunca mais."

"É uma palavra muito feia. Eu nunca a uso em minha poesia, é claro."

Por meio do qual Dean Priest descobriu que Emily escrevia poesia. Ele também descobriu quase tudo o mais sobre ela naquela charmosa caminhada de volta ao lago no crepúsculo perfumado pelo fogo, com Tweed andando entre eles, seu nariz tocando suavemente a mão do seu mestre de vez em quando, enquanto os tufos nas árvores acima deles assobiavam alegremente sob a luz do poste.

Com nove em cada dez pessoas, Emily era reservada, mas Dean Priest foi selado de sua tribo e ela o adivinhou

instantaneamente. Ele tinha direito ao santuário interior e ela o cedeu inquestionavelmente. Ela falava com ele livremente.

Além disso, ela se sentiu viva novamente - ela sentiu a maravilhosa emoção de viver novamente, depois daquele espaço horrível quando ela parecia estar entre a vida e a morte. Ela sentiu, como escreveu a seu pai depois, "como se um passarinho estivesse cantando em meu coração". E oh, como era bom a relva verde debaixo dos pés dela!

Ela contou a ele tudo sobre si mesma e seus feitos e seres. Apenas uma coisa ela não lhe disse: ela se preocupou com a mãe de Ilse. Que ela não podia falar com ninguém. A tia Nancy não precisava ter tido medo de levar histórias para a Lua Nova.

"Escrevi um poema inteiro ontem, quando choveu e não consegui sair", disse ela. "Começa assim:"

"Sento-me junto à janela ocidental
Isso olha para Malvern Bay..."

"Não devo ouvir tudo isso?" perguntou Dean, que sabia perfeitamente bem que Emily esperava que ele o perguntasse.

Emily repetiu com prazer o poema inteiro. Quando chegou às duas linhas que ela mais gostava nele,

"Talvez naquelas ilhas arborizadas
Essa joia o peito da baía orgulhosa..."

Ela olhou para ele de lado para ver se ele os admirava. Mas ele caminhava com os olhos para baixo e uma expressão ausente em seu rosto. Ela se sentiu um pouco decepcionada.

"Hum", disse ele quando ela havia terminado. "Você tem doze anos, não disse? Quando você tiver dez anos a mais, eu não deveria me perguntar - mas não vamos pensar nisso."

"O padre Cassidy me disse para continuar", gritou Emily.

"Não havia necessidade disso. Você continuaria de qualquer maneira - você tem a comichão de escrever que nasce em você. É bastante incurável. O que você vai fazer com isso?"

"Acho que serei ou uma grande poetisa ou uma romancista distinta", disse Emily refletindo.

"Tem apenas que escolher", observou Dean, secamente. "É melhor ser uma romancista. Ouvi dizer que paga melhor."

"O que me preocupa em escrever romances", confidenciou Emily "é a conversa de amor neles. Tenho certeza de que nunca serei capaz de escrevê-lo. Eu tentei", concluiu ela, "e não consigo pensar em nada para dizer."

"Não se preocupe com isso. Um dia eu lhe ensinarei", disse Dean.

"Você vai... você vai mesmo?" Emily estava muito ansiosa. "Ficarei muito grata se você o fizer. Acho que eu poderia administrar todo o resto muito bem."

"É uma barganha então... não se esqueça disso. E não vá à procura de outro professor, pense. O que você encontra para fazer no Grange além de escrever poesia? Você nunca se sente só com aquelas duas velhas sobreviventes?"

"Não. Eu gosto de minha própria companhia", disse Emily gravemente.

"Você gostaria. Diz-se que as estrelas são habitadas à parte, de qualquer forma, o suficiente para si mesmas - esparramadas à sua própria luz. Você realmente gosta da tia Nancy?"

"Sim, de fato. Ela é muito gentil comigo. Ela não me obriga a usar redes solares e me deixa andar descalça nas manhãs. Mas eu

tenho que usar minhas botas abotoadas à tarde, e odeio botas abotoadas."

"Naturalmente. Você deveria ser calçada com sandálias de luar e usar um lenço de nevoeiro do mar com algumas moscas de fogo presas nele sobre o cabelo. Estrela, você não se parece com seu pai, mas você o sugere de várias maneiras. Você se parece com sua mãe? Eu nunca a vi."

Tudo de uma vez Emily sorriu. Naquele momento nasceu nela um verdadeiro senso de humor. Nunca mais ela se sentiu tão trágica por nada.

"Não", disse ela, "são apenas meus cílios e meus sorrisos que são como os da mãe. Mas eu tenho a testa do pai, o cabelo e os olhos da avó Starr, o nariz do tio-avô George, as mãos da tia Nancy, os cotovelos da prima Susan, os tornozelos da tataravó Murray e as sobrancelhas do avô Murray."

Dean Priest riu.

"Um saco de trapos, como todos nós somos", disse ele. "Mas sua alma é sua, eu juro."

"Oh, estou tão feliz por gostar de você", disse Emily impulsivamente. "Seria odioso pensar que alguém de quem eu não gostasse tivesse salvado minha vida. Eu não me importo que você a tenha salvado um pouco."

"Isso é bom. Porque você vê que sua vida me pertence a partir de agora. Como eu a salvei, ela é minha. Nunca se esqueça disso."

Emily sentiu uma estranha sensação de rebeldia. Ela não gostava da ideia de que sua vida pertencesse a ninguém além de si mesma - nem mesmo a alguém de quem ela gostasse tanto quanto gostava do Dean Priest. Dean, observando-a, viu-a e sorriu para seu sorriso caprichoso que sempre pareceu ter muito mais nele do que um simples sorriso.

"Isso não lhe agrada muito? Ah, você vê que uma pessoa paga uma penalidade quando se estende a mão para algo além do normal. Paga-se por isso em cativeiro de algum tipo ou de outro. Leve seu maravilhoso ramo de flores para casa e mantenha-o o máximo de tempo possível. Isso lhe custou sua liberdade."

Ele estava rindo - ele estava apenas brincando, é claro - ainda assim Emily sentiu como se uma rede de teia de aranha tivesse sido atirada em volta dela. Cedendo a um impulso repentino, ela atirou o grande ramo de flores no chão e colocou seu pé sobre ele.

Dean Priest olhou de forma divertida. Seus estranhos olhos foram muito gentis ao conhecer os dela.

"Sua coisa rara - sua coisa vívida - sua coisa estrelada! Vamos ser bons amigos... somos bons amigos. Amanhã vou até Wyther Grange para ver as descrições que você escreveu de Caroline e minha venerável tia em seu Livro-Jimmy. Tenho certeza de que são incríveis. Aqui está seu caminho... não volte a vagabundear tão longe da civilização. Boa noite, Minha Estrela da Manhã."

Ele ficou na encruzilhada e a viu fora de vista.

"Que criança!" murmurou ele. "Nunca esquecerei seus olhos enquanto ela estava deitada à beira da morte - a pequena alma destemida - e nunca vi uma criatura que parecia tão cheia de pura alegria na existência. Ela é filha de Douglas Starr... ele nunca me chamou de Jarback."

Ele se abaixou e pegou o asterisco quebrado. O calcanhar de Emily o tinha encontrado ao quadrado e estava muito esmagado. Mas ele o guardou naquela noite entre as folhas de um antigo volume de Jane Eyre, onde ele havia marcado um verso:

"Toda rosa gloriosa sobre minha vista
Aquela criança de chuva e brilho."

CAPÍTULO XXVII

O Voto de Emily

Em Dean Priest Emily encontrou, pela primeira vez desde a morte de seu pai, um companheiro que podia simpatizar plenamente. Ela estava sempre no seu melhor com ele, com uma deliciosa sensação de ser compreendida. Amar é fácil e, portanto, comum - mas compreender - como é raro! Eles perambulavam juntos por terras maravilhosas de fantasia nos mágicos dias de agosto que se seguiram à aventura de Emily na costa da baía, falavam juntos de coisas requintadas e imortais, e estavam em casa com "as velhas felicitações da natureza" das quais Wordsworth tão alegremente fala.

Emily mostrou-lhe toda a poesia e "descrições" em seu "Livro-Jimmy" e ele as leu gravemente e, exatamente como o pai havia feito, fez pequenas críticas que não a magoaram porque ela sabia que eram justas. Quanto a Dean Priest, um certo poço secreto de fantasia que há muito tempo parecia bolhas secas nele brilhava novamente.

"Você me faz acreditar em fadas, quer eu queira ou não", disse-lhe ele, "e isso significa juventude. Enquanto você acreditar em fadas, você não pode envelhecer."

"Mas eu mesma não posso acreditar em fadas", protestou Emily dolorosamente. "Eu gostaria de poder."

"Mas você também é uma fada, ou não seria capaz de encontrar o reino das fadas. Você não pode comprar um bilhete lá, sabe. Ou as próprias fadas lhe dão seu passaporte no seu batismo - ou não o fazem. Isso é tudo o que há."

"Não é 'País das Fadas' a palavra mais linda?" disse Emily sonhando.

"Porque significa tudo o que o coração humano deseja", disse Dean.

Quando ele falou com ela, Emily sentiu como se estivesse olhando para um espelho encantado onde seus próprios sonhos e esperanças secretas foram refletidos de volta para ela com um encanto adicional. Se Dean Priest fosse um cínico, ele não mostrava cinismo a Emily. Mas em sua companhia ele não era um cínico; ele havia derramado seus anos e se tornou um menino novamente com as visões de um menino sem manchas. Ela o amava pelo mundo que ele lhe abriu à vista.

Havia tanta diversão nele, também - tão manhosa, surpreendentemente divertida. Ele lhe contava piadas, ele a fazia rir. Contava-lhe estranhas velhas histórias de deuses esquecidos que eram muito bonitos - dos festivais da corte e das noivas dos reis. Ele parecia ter a história do mundo inteiro na ponta de seus dedos. Ele descreveu-lhe as coisas em frases inesquecíveis enquanto caminhavam pela margem da baía ou se sentavam no velho e sombrio jardim de Wyther Grange. Quando ele falou de Atenas como "a Cidade da Coroa Violeta", Emily percebeu de novo a magia que se faz quando as palavras certas são casadas; e ela adorou pensar em Roma como "a Cidade das Sete Colinas". Dean tinha estado em Roma e Atenas - e em quase todos os outros lugares.

"Eu não conhecia ninguém que falasse como você, exceto nos livros", disse-lhe ela.

Dean riu - com uma pequena nota de amargura que estava tão frequentemente presente em suas risadas - embora menos frequentemente com Emily do que com outras pessoas. Foi realmente o riso dele que ganhou a reputação de cinismo de Dean. As pessoas sentiam com tanta frequência que ele ria delas em vez de com elas.

"Eu tive apenas livros para companheiros a maior parte da minha vida", disse ele. "É de se admirar que eu fale como eles?"

"Tenho certeza de que vou gostar de estudar história depois disto", disse Emily; "exceto a história canadense. Nunca vou gostar - é tão monótono. Não apenas no início, quando pertencíamos à França e havia muita luta, mas depois disso não é nada mais que política."

"Os países mais felizes, como as mulheres mais felizes, não têm história", disse Dean.

"Espero ter uma história", gritou Emily. "Eu quero uma carreira emocionante."

"Todos nós queremos, tolos. Você sabe o que faz história? Dor - e vergonha - e rebelião - e derramamento de sangue e dor no coração. Estrela, pergunte-se quantos corações doeram - e partiram - para fazer aquelas páginas carmesim e roxo da história que você acha tão cativantes. Eu lhe contei a história de Leônidas e seus espartanos no outro dia. Eles tinham mães, irmãs e namorados. Se eles pudessem ter travado uma batalha sem sangue nas urnas, não teria sido melhor - se não fosse tão dramático."

"Eu... não posso... sentir... dessa maneira", disse Emily confusa. Ela não tinha idade suficiente para pensar ou dizer, como ela diria dez anos depois, "Os heróis de Termópilas têm sido uma inspiração para a humanidade por séculos. Que brigas em torno de uma urna de votos serão essas?"

"E, como todas as criaturas femininas, você forma suas opiniões por seus sentimentos. Bem, esperem por sua emocionante carreira - mas lembrem-se de que, para haver drama em sua vida, alguém deve pagar na moeda do sofrimento. Se não for você, então outra pessoa."

"Oh, não, eu não gostaria disso."

"Então contente-se com menos emoções. E quanto ao seu tombo sobre o penhasco lá embaixo? Isso chegou a ser uma tragédia. E se eu não o tivesse encontrado?"

"Mas você me encontrou", gritou Emily. "Gosto de quase fugas... depois que elas acabaram", acrescentou ela. "Se todos tivessem sido sempre felizes, não haveria nada para ler."

Tweed fez um terço em suas divagações e Emily cresceu muito afeiçoada a ele, sem perder nenhuma de sua lealdade para com o povo felino.

"Eu gosto de gatos com uma parte da minha mente e cães com outra parte", disse ela.

"Eu gosto de gatos, mas nunca guardo um", disse Dean. "Eles são muito exatos - eles pedem demais. Os cães só querem amor, mas os gatos exigem adoração. Eles nunca superaram o hábito Bubastis da divindade."

Emily entendeu isso - ele lhe havia contado tudo sobre o velho Egito e a deusa Pasht - mas ela não concordava muito com ele.

"Os gatinhos não querem ser adorados", disse ela. "Eles só querem ser acariciados."

"Por suas sacerdotisas... sim. Se você tivesse nascido nas margens do Nilo cinco mil anos atrás, Emily, teria sido uma sacerdotisa de Pasht - uma criatura adorável, magra e marrom com um filete de ouro ao redor de seu cabelo preto e faixas de prata naqueles tornozelos que a tia Nancy admira, com dezenas de pequenos deuses sagrados revirando ao seu redor sob as palmas das mãos da corte do templo."

"Oh", gaseou Emily de forma arrebatadora, "que me deu o clarão. E", ela acrescentou maravilhosamente, "só por um momento me fez sentir saudades de casa, também. Por quê?"

"Por quê? Porque não tenho dúvidas de que você foi uma sacerdotisa tão especial em uma encarnação anterior e minhas palavras lembraram sua alma disso. Você acredita na doutrina da

transmigração das almas, Estrela? Mas é claro que não, criada pelos verdadeiros calvinistas azuis da Lua Nova."

"O que significa?", perguntou Emily, e quando Dean lhe explicou isso, ela achou uma crença muito agradável, mas tinha certeza de que a tia Elizabeth não a aprovaria.

"Então eu não vou acreditar - ainda assim", ela disse gravemente.

Então, tudo terminou de repente. Todos os interessados tinham tomado como certo que Emily iria ficar em Wyther Grange até o final de agosto. Mas, em meados de agosto, a tia Nancy disse a ela um dia, de repente:

"Vá para casa, Emily. Estou cansada de você. Gosto muito bem de você - você não é estúpida e é muito bonita e se comportou muito bem. Diga a Elizabeth que você faz o crédito Murrays - mas estou cansada de você. Vá para casa."

Os sentimentos de Emily foram misturados. Magoou-a ser avisada que a tia Nancy estava cansada dela... magoaria qualquer um. Ela se classificou nela por vários dias até que ela pensou em uma resposta afiada que ela poderia ter dado à tia Nancy e escreveu no seu Livro-Jimmy. Ela se sentiu tão aliviada como se realmente o tivesse dito.

E ela sentiu pena de deixar Wyther Grange; tinha crescido para amar a velha e bela casa, com seu sabor de segredos escondidos - um sabor que era totalmente um truque de sua arquitetura, pois nunca havia nada além do simples conto de nascimentos e mortes e casamentos e da vida cotidiana que a maioria das casas tem. Ela se arrependeu de ter deixado a costa da baía e o jardim pitoresco e a bola de gude e o gatinho e a cama de liberdade do Quarto Rosa; e acima de tudo, ela se arrependeu de ter deixado o Dean Priest. Mas, por outro lado, foi encantador pensar em voltar à Lua Nova e a todos os entes queridos lá - Teddy e seu querido apito, Ilse e sua estimulante camaradagem, Perry com sua determinação em

alcançar coisas mais altas, Saucy Sal e o novo gatinho que deve estar precisando de treinamento adequado agora, e o mundo das fadas do Sonho da Noite de Verão. O jardim do primo Jimmy estaria em seu auge de esplendor, as maçãs de agosto estariam maduras. De repente, Emily estava muito pronta para ir. Ela empacotou sua pequena caixa preta alegremente e achou uma excelente chance de trabalhar em uma certa linha de um poema que Dean havia lido recentemente para ela e que havia capturado sua fantasia.

"'Adeus, mundo orgulhoso, vou para casa'", ela exclamou com sentimento, de pé no topo da longa escadaria escura e brilhante e apostrofando a fila de fotografias de sacerdotes sombrios penduradas na parede.

Mas ela estava muito aborrecida com uma coisa. A tia Nancy não lhe devolveria o quadro que Teddy havia pintado.

"Vou ficar com ele", disse tia Nancy, sorrindo e sacudindo suas borlas douradas. "Algum dia esse quadro valerá algo como o esforço inicial de um artista famoso."

"Eu só o emprestei a você - eu lhe disse que só o emprestei a você", disse Emily, indignada.

"Sou um demônio velho inescrupuloso", disse friamente a tia Nancy. "É isso que todos os padres me chamam nas minhas costas. Não é verdade, Caroline? Que o jogo seja tão bom quanto o nome. Acontece que eu tenho uma imaginação para essa foto, só isso. Vou emoldurá-lo e pendurá-lo aqui na minha sala de estar. Mas vou deixá-lo em meu testamento - isso e o gatinho e a bola de gude e os meus brincos de ouro. Nada mais - não vou deixar para você um centavo do meu dinheiro - nunca conte com isso!"

"Eu não quero isso", disse Emily com arrogância. "Vou ganhar montes de dinheiro para mim. Mas não é justo da sua parte manter minha foto. Ela foi-me dada."

"Eu nunca fui justa", disse a tia Nancy. "Fui eu, Caroline?"

"Não", disse Caroline com astúcia.

"Você vê. Agora não faça alarde, Emily. Você tem sido uma criança muito boa, mas eu sinto que cumpri meu dever por você para este ano. Volte para Lua Nova e quando Elizabeth não deixar você fazer as coisas, diga a ela que eu sempre deixo você. Não sei se isso fará algum bem, mas experimente. Elizabeth, como qualquer outra pessoa relacionada comigo, está sempre se perguntando o que vou fazer com meu dinheiro."

O primo Jimmy veio por Emily. Como ela ficou feliz em ver seu rosto gentil, com seus olhos gentis, de elfo e barba bifurcada novamente! Mas ela se sentiu muito mal quando se voltou para Dean.

"Se você quiser, eu lhe dou um beijo de despedida", disse ela, sufocada.

Emily não gostava de beijar as pessoas. Ela não queria realmente beijar Dean, mas gostava tanto dele que achou que deveria estender todas as cortesias a ele.

Dean olhou para baixo sorrindo no rosto dela, tão jovem, tão pura, tão suavemente curvada.

"Não, eu não quero que você me beije... ainda. E nosso primeiro beijo não deve ter o sabor de um adeus. Seria um mau presságio. Estrela da Manhã, sinto muito que você esteja indo. Mas nos veremos novamente em breve. Minha irmã mais velha vive em Blair Water, sabe, e eu sinto um acesso repentino de afeição fraterna para com ela. De agora em diante parece que me vejo visitando-a com muita frequência. Enquanto isso, lembre-se que você prometeu me escrever todas as semanas. E eu lhe escreverei."

"Belas cartas gordas", persuadiu Emily. "Eu adoro cartas gordas."

"Gordura! Elas serão positivamente corpulentas, Estrela. Agora, nem vou dizer adeus. Vamos fazer um pacto, Estrela. Nunca nos despediremos um do outro. Vamos apenas sorrir e ir embora."

Emily fez um esforço galante - sorriu... e foi. A tia Nancy e Caroline voltaram para a sala dos fundos e seu jogo de cartas. Dean Priest assobiou para Tweed e foi para a margem da baía. Ele estava tão solitário que riu de si mesmo.

Emily e o primo Jimmy tinham tanto o que falar que a viagem de volta para casa parecia muito curta.

A Lua Nova era branca no sol da noite, que também se deitava com a melancolia excessiva nos antigos celeiros cinzentos. As Três Princesas, atirando contra o céu prateado, eram tão remotas e princesas como sempre. O velho abismo estava cantando sobre os campos.

A tia Laura veio correndo ao encontro delas, seus adoráveis olhos azuis brilhando de prazer. A tia Elizabeth estava na cozinha preparando o jantar e só apertou a mão de Emily, mas parecia um pouco menos sombria e imponente do que de costume, e ela tinha feito os bufos de creme favoritos de Emily para o jantar. Perry estava pendurado descalço e queimado de sol, para contar-lhe todos os mexericos de gatinhos, bezerros e porquinhos e o novo potro. Ilse veio de cabeça erguida, e Emily descobriu que havia esquecido como Ilse era vívida - como seus olhos âmbar brilhantes, como seu cabelo era dourado, parecendo mais dourado do que nunca sob o brilhante domador de seda azul que a Sra. Simms havia comprado em Shrewsbury. Como um artigo de vestido, aquele dom barulhento fez os olhos e a sensibilidade de Laura Murray doerem, mas sua cor certamente desencadeou o maravilhoso cabelo de Ilse. Ela envolveu Emily em um abraço arrebatador e discutiu amargamente com ela dez minutos depois sobre o fato de Emily se recusar a dar a ela o único gatinho sobrevivente de Saucy Sal.

"Eu deveria tê-lo, sua hiena esquivada", invadiu Ilse. "É tanto meu quanto teu! Nosso velho gato de celeiro é seu pai."

"Tal conversa não é decente", disse a tia Elizabeth, pálida de horror. "E se vocês vão brigar por causa daquele gatinho, vou mandar afogá-lo - lembrem-se disso."

Ilse foi finalmente apaziguada pela oferta de Emily de deixar o nome do gatinho e ter um meio interesse nele. Ilse deu-lhe o nome de Daffodil. Emily não achou isso adequado, pois, pelo fato de o primo Jimmy se referir a ele como Pequeno Tommy, ela suspeitava que era do sexo mais puro. Mas ao invés de provocar novamente a ira da tia Elizabeth ao discutir assuntos tabu, ela concordou.

"Posso chamá-lo de Daff", pensou ela. "Isso soa mais masculino."

O gatinho era um pouco delicado de cinza listrado que lembrava Emily de seus queridos Mikes perdidos. E cheirava tão bem - quente e limpo, com penhascos de feno de trevo onde Saucy Sal tinha feito seu ninho de mãe.

Após o jantar, ela ouviu o apito de Teddy vindo da colina - o mesmo chamado encantador. Emily voou para cumprimentá-lo - afinal, não havia ninguém como Teddy no mundo. Tiveram uma conversa extasiante até o Tansy Patch para ver um novo cachorro que o Dr. Burnley havia dado ao Teddy. A Sra. Kent não parecia muito contente de ver Emily - ela estava mais fria e mais remota do que nunca, e ela se sentava e observava as duas crianças brincando com o cachorrinho gordinho com um fogo latente em seus olhos escuros que deixava Emily vagamente desconfortável sempre que ela olhava para cima e o encontrava. Nunca antes ela havia sentido a aversão da Sra. Kent por ela com tanta intensidade como naquela noite.

"Por que sua mãe não gosta de mim?", perguntou a Teddy sem rodeios, quando levaram o pequeno Leo para o celeiro para passar a noite.

"Porque eu gosto", disse Teddy brevemente. "Ela não gosta de nada que eu goste. Tenho medo que ela envenene o Leo muito em breve. Eu gostaria que ela não gostasse tanto de mim", ele explodiu, no início de uma revolta contra este ciúme anormal de amor, que ele sentiu ao invés de entender que era um modo que estava se tornando irritante. "Ela diz que não me deixará tomar latim e álgebra este ano - você sabe que a Srta. Brownell disse que eu poderia - porque eu não devo ir para a faculdade. Ela diz que não suporta separar-se de mim... nunca. Eu não me importo com o latim e outras coisas - mas eu quero aprender a ser artista - eu quero ir um dia para as escolas onde eles ensinam isso. Ela não me deixa - ela agora odeia meus quadros porque acha que eu gosto mais deles do que ela. Eu não... eu amo a mãe... ela é muito doce e boa para mim de todas as outras maneiras. Mas ela queimou algumas das minhas obras que mais gosto. Eu sei que ela queimou. Elas estão desaparecidas na parede do celeiro e não consigo encontrá-las em lugar algum. Se ela fizer alguma coisa a Leo... eu... eu vou odiá-la."

"Diga-lhe isso", disse Emily friamente, com um pouco da astúcia de Murray chegando ao topo dela. "Ela não sabe que você sabe que ela envenenou Smoke e Buttercup. Diga a ela que você sabe e que se ela fizer algo ao Leo, você não a amará mais. Ela terá tanto medo de você não a amar que não se meterá com Leo... eu sei. Diga-lhe gentilmente... não a machuque, mas diga-lhe. Será melhor para todos", concluiu Emily, com uma imitação mortal da tia Elizabeth fazendo um ultimato, "seja melhor para todos os interessados."

"Acredito que serei", disse Teddy, muito impressionado. "Eu não posso ter o Leo desaparecido como meus gatos - ele é o único cão que já tive e sempre quis um cão. Oh, Emily, estou feliz por você estar de volta!"

Foi muito bom ser contado isto - especialmente pelo Teddy. Emily voltou feliz para casa, em Lua Nova. Na cozinha velha as velas foram acesas e suas chamas dançavam aos ventos da noite de agosto soprando pela porta e janela.

"Suponho que você não vai gostar muito de velas, Emily, depois de estar acostumada às lâmpadas de Wyther Grange", disse a tia Laura com um pequeno suspiro. Foi uma das pequenas e amargas coisas na vida de Laura Murray que a tirania de Elizabeth estendeu às velas.

Emily olhou em volta dela pensativamente. Uma vela cuspia e balançava como se estivesse a cumprimentá-la. Uma, com um longo pavio, brilhava e cheirava bem. Uma delas tinha uma pequena chama, uma vela manhosa e meditativa. Uma balançava com uma graça estranha e ardente na corrente de ar da porta. Uma queimada com uma chama firme e erguida como uma alma fiel.

"Eu não sei, tia Laura", ela respondeu lentamente. "Você pode ver... um amigo... com velas. Creio que afinal gosto mais das velas."

A tia Elizabeth, vindo da casa da cozinheira, a ouviu. Algo como o prazer brilhava em seus olhos azul-azulados.

"Você tem algum sentido em você", disse ela.

"Esse é o segundo elogio que ela me fez", pensou Emily.

"Acho que Emily ficou mais alta desde que foi para Wyther Grange", disse a tia Laura, olhando para ela com um pouco de saudade.

A tia Elizabeth, apagando as velas, olhou com atenção sobre seus óculos.

"Eu não consigo ver", disse ela. "Seu vestido tem o mesmo comprimento em cima dela."

"Tenho certeza que ela cresceu", persistiu Laura.

O primo Jimmy, para resolver a disputa, mediu Emily pela porta da sala de estar. Ela apenas tocou a marca anterior.

"Você vê", disse triunfantemente a tia Elizabeth, gostando de estar certa mesmo neste pequeno assunto.

"Ela parece diferente", disse Laura com um suspiro.

Laura, afinal de contas, estava certa. Emily tinha crescido, mais alta e mais velha, na alma, se não no corpo. Foi esta mudança que Laura sentiu, como se sentiu rapidamente o afeto próximo e terno. A Emily que voltou de Wyther Grange não era a Emily que tinha ido para lá. Ela não era mais totalmente a criança. As histórias familiares da tia Nancy sobre as quais ela havia ponderado, sua angústia duradoura sobre a história da mãe de Ilse, aquela hora terrível em que ela havia deitado de bruços com a morte nas falésias da costa da baía, sua associação com Dean Priest, tudo isso havia se combinado para amadurecer sua inteligência e suas emoções. Quando ela foi ao sótão na manhã seguinte e puxou seu precioso pequeno feixe de manuscritos para lê-los com amor, ela ficou espantada e um pouco triste ao descobrir que eles não eram tão bons quanto ela acreditava que eram. Alguns deles eram positivamente bobos, pensou ela; ela estava envergonhada por eles - tão envergonhada que os levou para o fogão da cozinha e os queimou, muito para o aborrecimento da tia Elizabeth quando ela veio preparar o jantar e encontrou a caixa de fogo toda engasgada com papel carbonizado.

Emily não se perguntava mais se a Srta. Brownell estivesse zombando deles - embora isso não acalmasse sua amargura de lembrança em relação àquela senhora em nenhum grau. O resto ela colocou de volta na prateleira do sofá, incluindo "A Criança do Mar", o que ainda a impressionava como bastante boa, embora não apenas a composição maravilhosa que uma vez ela havia considerado. Ela sentiu que muitas passagens poderiam ser reescritas a seu favor. Então ela começou imediatamente a escrever um novo poema, "Ao Voltar para Casa Depois de Semanas de Ausência". Como tudo e todos ligados à Lua Nova tinham que ser mencionados neste poema, ela prometeu ser bastante longa e

fornecer uma ocupação agradável para os minutos disponíveis em muitas semanas futuras. Foi muito bom estar em casa novamente.

"Não há lugar como a querida Lua Nova", pensou Emily.

Uma coisa que marcou o seu retorno - uma daquelas pequenas "épocas" domésticas que causam uma impressão mais aguçada na memória e na imaginação do que talvez sua real importância justifique - foi o fato de que lhe foi dado um quarto próprio. A tia Elizabeth havia achado seu sono não partilhado uma coisa doce demais para ser novamente rendida. Ela decidiu que não podia mais suportar um companheiro de cama que se contorcia e que fazia perguntas não partilhadas a qualquer hora da noite que ela levava em sua cabeça para fazê-lo.

Assim, após uma longa conferência com Laura, ficou decidido que Emily ficaria com o quarto de sua mãe - o "mirante" como era chamado, embora não fosse realmente um mirante. Mas ocupava o lugar em Lua Nova, olhando por cima da porta da frente do jardim, que os verdadeiros vigias faziam em outras casas de Blair Water, então passou a ter esse nome. Tinha sido preparada para a ocupação de Emily em sua ausência e quando chegou a hora de dormir, na primeira noite de seu retorno, a tia Elizabeth lhe disse, curvada, que doravante ela teria o quarto de sua mãe.

"Só para mim?" exclamou Emily.

"Sim. Esperamos que você mesma cuide disso e o mantenha muito arrumado."

"Nunca mais ninguém dormiu nele desde a noite anterior que a sua mãe - foi embora", disse tia Laura, com um som estranho em sua voz - um som do qual tia Elizabeth desaprovou.

"Sua mãe", disse ela, olhando friamente para Emily sobre a chama da vela - uma atitude que deu um efeito bastante horripilante às suas características aquilinas - "fugiu - infligiu um grande desgosto à família e partiu o coração do pai. Ela era uma menina

tola, ingrata e desobediente. Espero que você nunca desonre sua família com tal conduta."

"Oh, tia Elizabeth", disse Emily sem fôlego, "quando você segura a vela assim, ela faz seu rosto parecer um cadáver! Oh, é tão interessante!"

A tia Elizabeth se virou e abriu caminho lá em cima, em silêncio sombrio. Não adiantava desperdiçar admoestações perfeitamente boas em uma criança como esta.

Deixada sozinha em seu mirante, acesa por uma pequena vela, Emily olhou para tudo com um interesse apurado e emocionante. Ela não conseguia entrar na cama até ter explorado cada pedacinho dali. O quarto era muito antiquado, como todos os quartos da Lua Nova. As paredes eram revestidas com um desenho de diamantes dourados esbeltos que envolviam estrelas douradas e penduradas com lemas trabalhados de lã e quadros que tinham sido "suplementos" na condição de garota de suas tias. Uma delas, pendurada sobre a cabeça da cama, representava dois anjos da guarda. Emily olhou para ele com desagrado.

"Não gosto de asas de pena em anjos", disse ela decididamente. "Os anjos deveriam ter asas de arco-íris."

No chão havia um lindo tapete de punho caseiro e tapetes trançados redondos. Havia uma cama preta alta com postes esculpidos, uma cama de penas gordas e uma colcha de corrente irlandesa, mas, como Emily ficou feliz em ver, sem cortinas. Uma pequena mesa, com engraçados pés de garra e gavetas, ficava ao lado da janela, que era cortada com folhos de musselina; uma das janelas contornava a paisagem de maneira divertida, fazendo uma colina onde não havia colina. Emily gostou disso - ela não poderia ter contado o porquê, mas foi realmente porque deu ao painel uma individualidade própria. Um espelho oval em uma moldura dourada manchada pendurada acima da mesa; Emily ficou encantada ao descobrir que podia se ver nele - "tudo menos minhas botas" - sem gruas ou gorjetas. "E não me torce o rosto nem torna minha tez

verde", ela pensou alegremente. Duas cadeiras pretas de costas altas com assentos de crina de cavalo, um pequeno lavatório com lavatório e jarro azul e uma otomana desbotada com rosas de lã cruzadas, completaram o mobiliário. Na pequena lareira havia vasos cheios de gramíneas secas e coloridas e uma fascinante garrafa de barriga de panela cheia de conchas das Índias Ocidentais. Em ambos os lados estavam armários com portas de vidro com chumbo, como as da sala de estar. Debaixo havia uma pequena lareira.

"Pergunto-me se a tia Elizabeth alguma vez me deixará ter uma pequena fogueira aqui", pensou Emily.

A sala estava cheia daquele encanto indefinível encontrado em todas as salas onde os móveis, antigos ou novos, são bem conhecidos uns dos outros e as paredes e pisos estão em boas condições. Emily sentiu tudo isso em cima dela, enquanto se atirava ao exame de tudo. Este era seu quarto - ela já adorava - ela se sentia perfeitamente em casa.

"Eu pertenço a este lugar", ela respirava feliz.

Ela se sentia deliciosamente perto de sua mãe - como se Julieta Starr tivesse de repente se tornado real para ela. Emocionou-a pensar que sua mãe provavelmente tinha vestido a capa de renda da almofada redonda sobre a mesa. E aquele jarro preto e achatado na lareira - a mãe dela deve tê-lo composto. Quando Emily levantou a tampa, um leve odor picante flutuou para fora. As almas de todas as rosas que haviam florescido durante muitos verões antigos na Lua Nova pareciam estar presas ali em uma espécie de purgatório de flores. Algo no assombroso, místico e elusivo odor deu a Emily o clarão - e seu quarto havia recebido sua consagração.

Havia uma foto de sua mãe pendurada sobre a lareira - tirado quando ela era uma garotinha. Emily olhou para ela com carinho. Ela tinha a foto de sua mãe tirada após seu casamento. Mas quando a tia Elizabeth trouxe isso de Maywood para Lua Nova, ela a pendurou na sala de estar onde Emily raramente a viu. Esta foto, em

seu quarto, da menina de cabelo dourado, de rosto rosado, era toda dela. Ela podia olhar para ela - falar a seu bel-prazer.

"Oh, mãe", disse ela, "o que você pensava quando você era uma menina aqui como eu? Gostaria de ter podido conhecê-la então. E pensar que nunca ninguém dormiu aqui desde aquela última noite que você acabou fugido com o pai. A tia Elizabeth diz que você foi malvada para fazê-lo, mas eu não acho que você tenha sido. Não era como se você estivesse fugindo com um estranho. De qualquer forma, estou feliz que o tenha feito, porque se não o tivesse feito, eu não existiria."

Emily, muito feliz por haver uma Emily, abriu sua janela de mirante o mais alto que podia, entrou na cama e adormeceu, sentindo uma felicidade tão profunda a ponto de ser quase uma dor ao ouvir o varrer sonoro do vento noturno entre as grandes árvores do arbusto do Majestoso John. Quando ela escreveu a seu pai alguns dias depois, ela começou a carta:

"Queridos Pai e Mãe,

E eu sempre escreverei a carta para você e para o pai depois disto, mãe. Desculpe-me por tê-la deixado de fora por tanto tempo. Mas você não parecia real até aquela noite em que cheguei em casa. Fiz a cama lindamente na manhã seguinte - a tia Elizabeth não achou nenhum defeito - e eu limpei tudo - e quando saí, ajoelhei-me e beijei a porta. Não pensei que a tia Elizabeth me visse, mas ela me viu e disse se eu deveria ter enlouquecido. Por que a tia Elizabeth acha que alguém é louco que faz algo que ela nunca faz? Eu disse: "Não, é só porque amo muito meu quarto" e ela farejou e disse "é melhor amar seu Deus". Mas eu amo, querido pai - e mãe - e O amo melhor do que nunca, desde que tenho meu querido quarto. Posso ver por todo o jardim a partir dele e até o arbusto do Majestoso John e um pouquinho da Blair Water através da brecha nas árvores onde corre a Estrada do Ontem. Eu gosto de ir para a cama cedo agora. Adoro deitar-me sozinha em meu próprio quarto e fazer poesia e pensar em descrições de coisas enquanto

olho através da janela aberta para as estrelas e para as árvores bonitas, grandes, gentis e tranquilas do arbusto do Majestoso John.

Oh, pai querido e mãe, vamos ter um novo professor. A senhorita Brownell não vai voltar. Ela vai se casar e Ilse diz que quando seu pai a ouviu, ele disse: "Deus ajude o homem". E o novo professor é um Sr. Carpenter. Ilse o viu quando ele veio falar com o pai dela sobre a escola - porque o Dr. Burnley é um curador este ano - e ela diz que ele tem cabelos grisalhos e bigodes. Ele é casado, também, e vai morar naquela casinha velha no buraco abaixo da escola. Parece tão engraçado pensar em um professor tendo uma esposa e bigodes.

"Estou feliz por estar em casa. Mas sinto falta do Dean e da bola de visão. A tia Elizabeth parecia muito zangada quando viu minha franja, mas não disse nada. A tia Laura disse apenas para ficar quieta e continuar usando-a. Mas eu não me sinto confortável em ir contra a tia Elizabeth, então eu penteei tudo de volta, exceto um pouco de franja. Ainda não me sinto muito à vontade, mas tenho que aturar o desconforto pela minha aparência. A tia Laura diz que os topetes estão saindo de moda, então eu nunca poderei ter um, mas não me importo porque os acho feios. Rhoda Stuart vai se cruzar porque ela estava apenas desejando ter idade suficiente para usar um topete. Espero poder ter uma garrafa quente só para mim, quando o tempo ficar frio. Há uma fila garrafas na prateleira alta da casa de cozinha.

Teddy e eu tivemos a aventura mais agradável ontem à noite. Vamos mantê-la em segredo de todos - em parte porque foi muito boa, e em parte porque pensamos que teríamos uma repreensão terrível por uma coisa que fizemos.

Fomos até a Casa Decepcionada, e encontramos uma das tábuas nas janelas soltas. Então a arrancamos e rastejamos para dentro e fomos por toda a casa. Ela está trancada mas não rebocada, e as aparas estão espalhadas pelo chão como os carpinteiros as deixaram anos atrás. Parecia mais decepcionado do que nunca. Apeteceu-me chorar. Havia uma pequena lareira em

uma sala, então fomos trabalhar e acendemos uma fogueira nela com aparas e pedaços de tábuas (é por isso que provavelmente seríamos repreendidos) e depois nos sentamos diante dela no banco de um carpinteiro velho e conversamos. Decidimos que quando crescêssemos compraríamos a Casa Decepcionada e viveríamos ali juntos. Teddy disse que supunha que teríamos que nos casar, mas pensei que talvez pudéssemos encontrar uma maneira de administrar sem nos incomodarmos com tudo isso. Teddy vai pintar quadros e eu vou escrever poesia e teremos torradas e bacon e marmelada todas as manhãs para o café da manhã - como Wyther Grange - mas nunca mingau. E sempre teremos muitas coisas boas para comer na despensa e eu farei muita geleia e Teddy sempre me ajudará a lavar a louça e penduraremos a bola de olhar no meio do teto na sala da lareira - porque provavelmente a tia Nancy estará morta até lá.

Quando o fogo se apagou, encravamos a tábua no lugar da janela e saímos. De vez em quando, Teddy me dizia "Torradas e bacon e marmelada" nos tons mais misteriosos e Ilse e Perry são selvagens porque não conseguem descobrir o que ele quer dizer.

O primo Jimmy contratou Jimmy Joe Belle para ajudar com a colheita. Jimmy Joe Belle vem de Derry Pond Way. Há muitos franceses lá e quando uma garota francesa se casa, eles a chamam principalmente pelo primeiro nome do marido, em vez de Senhora, como os ingleses fazem. Se uma garota chamada Mary se casa com um homem chamado Leon, ela sempre será chamada Mary Leon depois disso. Mas no caso de Jimmy Joe Belle, é o contrário e ele é chamado pelos nomes de sua esposa. Eu perguntei ao primo Jimmy por quê, e ele disse que era porque Jimmy Joe era um pobre pau de uma criatura e Belle usava as calças. Mas ainda não entendo. Jimmy Joe veste as calças em si mesmo - ou seja, calças - e por que ele deveria ser chamado Jimmy Joe Bell em vez de ela ser chamada Belle Jimmy Joe só porque ela também as veste? Eu não descansarei até descobrir.

O jardim do primo Jimmy é esplêndido agora. Os lírios de tigre estão fora. Estou tentando amá-los porque ninguém parece gostar deles, mas no fundo do meu coração eu sei que amo mais as rosas tardias. Você simplesmente não pode deixar de amar melhor as rosas.

Ilse e eu caçamos por todo o velho pomar, hoje, por um trevo de quatro folhas e não conseguimos encontrar uma. Depois encontrei um em uma touceira junto aos degraus de leite, à noite, quando eu estava coando o leite e nunca pensei em trevos. O primo Jimmy diz que é assim que a sorte sempre vem, e não adianta procurar por ela.

É adorável estar novamente com Ilse. Nós só brigamos duas vezes desde que cheguei em casa. Vou tentar não brigar mais com Ilse porque não acho que seja digno, embora bastante interessante. Mas é difícil não fazê-lo porque mesmo quando fico calada e não digo uma palavra Ilse acha que é uma maneira de briga e fica mais louca e diz coisas piores do que nunca. A tia Elizabeth diz que são sempre necessários dois para fazer uma briga, mas ela não conhece Ilse como eu. Ilse me chamou de albatroz furtivo hoje. Eu me pergunto quantos animais restam para me chamar. Ela nunca repete o mesmo duas vezes. Eu gostaria que ela não aplaudisse tanto o Perry. (Bater palmas é uma palavra que aprendi com a tia Nancy. Muito impressionante, eu acho.) Parece que ela não conseguiria suportá-lo. Ele desafiou Teddy a pular do teto do galinheiro para o teto do galinheiro. Teddy não ousaria. Ele disse que tentaria se tivesse que ser feito ou faria algum bem a alguém, mas que não o faria apenas para se exibir. Perry o fez e pousou em segurança. Se não o tivesse feito, ele poderia ter quebrado o pescoço. Então ele se gabou e disse que Teddy estava com medo e Ilse ficou vermelha como uma beterraba e disse a ele para se calar ou ela lhe arrancaria o focinho à dentada. Ela não suporta que nada seja dito contra Teddy, mas acho que ele pode cuidar de si mesmo.

Ilse também não pode estudar para ser recitadora. O pai dela não a deixa. Mas ela diz que não se importa. Ela diz que vai fugir

quando ficar um pouco mais velha e estudar para o palco. Isso parece perverso, mas interessante.

Eu me senti muito estranha e culpada quando vi Ilse pela primeira vez, porque eu sabia sobre sua mãe. Não sei por que me senti culpada porque não tive nada a ver com isso. A sensação está se desgastando um pouco agora, mas estou tão infeliz por causa disso. Eu gostaria de poder esquecer tudo ou descobrir toda a verdade. Porque tenho certeza de que ninguém a conhece.

Recebi uma carta de Dean hoje. Ele escreve cartas adoráveis - como se eu fosse adulta. Ele me enviou um pequeno poema que havia cortado de um jornal chamado 'A Genciana Franjada'. Ele disse que isso o fez pensar em mim. É tudo encantador, mas eu gosto mais do último verso de todos. É isso aí:

Então sussurra, floresce, enquanto dormes.
Como eu posso subir
O caminho alpino, tão duro, tão íngreme,
Isso leva a alturas sublimes.
Como posso alcançar essa meta distante
De verdadeira e honrada fama
E escreva em seu pergaminho brilhante
O nome humilde de uma mulher.

Quando li, o clarão veio e peguei uma folha de papel - esqueci de lhe dizer que o primo Jimmy me deu uma pequena caixa de papel e envelopes - às escondidas - e eu escrevi nela:

‘Eu, Emily Byrd Starr, juro solenemente neste dia que vou escalar o Caminho Alpino e escrever meu nome no pergaminho da fama.’

Então coloquei-o no envelope e o selei e escrevi nele O Voto de Emily Byrd Starr, com 12 anos e 3 meses de idade, e o guardei na prateleira do sofá no sótão.

Estou escrevendo uma história de assassinato agora e estou tentando sentir como um homem se sentiria quem era um assassino. É assustador, mas emocionante. Eu quase sinto como se tivesse assassinado alguém.

Boa noite, queridos pai e mãe.

Sua filha mais querida, Emily,

P.S. Eu tenho me perguntado como vou assinar meu nome quando crescer e imprimir minhas peças. Não sei qual seria a melhor - Emily Byrd Starr na íntegra ou Emily B. Starr, ou E. B. Starr, ou E. Byrd Starr. Às vezes eu acho que terei um pseudônimo, ou seja, outro nome que você escolhe para si mesmo. Está em meu dicionário entre as "frases em francês" no verso. Se eu fizesse isso, então eu poderia ouvir as pessoas falando de minhas peças bem antes de mim, nunca suspeitando, e dizer exatamente o que elas realmente pensavam delas. Isso seria interessante, mas talvez nem sempre confortável. Acho que vou ficar,

E. Byrd Starr."

CAPÍTULO XXVIII

Uma Tecelã de Sonhos

Emily levou várias semanas para decidir se ela gostava ou não do Sr. Carpenter. Ela sabia que não gostava dele, apesar de sua primeira saudação, disparada para ela no dia da abertura da escola com uma voz rouca, acompanhada por um levantamento surpreendente de suas sobrancelhas cinzentas espinhosas, era: "Então você é a garota que escreve poesia, hein? É melhor você se agarrar à sua agulha e ao seu espanador. Demasiados tolos no mundo tentando escrever poesia e fracassando. Eu mesmo a tentei uma vez. Agora tenho mais juízo."

"Você não mantém suas unhas limpas", pensou Emily.

Mas ele perturbou todo tipo de tradição escolar tão rápida e minuciosamente que Ilse, que glorificava as coisas perturbadoras e odiava a rotina, foi a única estudiosa que gostou dele desde o início. Alguns nunca gostaram dele - do tipo Rhoda Stuart, por exemplo - mas a maioria deles chegou a ele depois que se acostumaram a nunca estar acostumados a nada. E Emily finalmente decidiu que gostava muito dele.

O Sr. Carpenter estava entre quarenta e cinquenta anos - um homem alto, com um choque de cabelos grisalhos, bigode e sobrancelhas cinza, barba truculenta, olhos azuis brilhantes, dos quais toda sua vida selvagem ainda não havia queimado o fogo, e uma cara longa, magra e acinzentada, profundamente forrada. Ele vivia em uma pequena casa de dois quartos abaixo da escola com uma tímida esposa. Ele nunca falou de seu passado ou ofereceu qualquer explicação sobre o fato de que em sua idade não tinha melhor profissão do que ensinar uma escola distrital por uma ninharia de salário, mas a verdade vazou depois de um tempo; pois a Ilha do Príncipe Eduardo é uma província pequena e todos nela

sabem algo sobre todos os outros. Assim, eventualmente o povo de Blair Water, e até mesmo as crianças da escola, entenderam que o Sr. Carpenter tinha sido um aluno brilhante em sua juventude e que tinha o olho no ministério. Mas na faculdade ele tinha entrado com um "conjunto rápido" - o povo de Blair Water acenou com a cabeça lentamente e sussurrou a terrível frase portentosamente - e o conjunto rápido o tinha arruinado. Ele "começou a beber" e foi para os cães em geral. E o resultado de tudo isso foi que Francis Carpenter, que havia liderado sua classe em seus primeiros e segundos anos na McGill, e para quem seus professores haviam previsto uma grande carreira, era um professor de escola do campo aos quarenta e cinco anos, sem nenhuma perspectiva de ser outra coisa. Talvez ele estivesse resignado a isso - talvez não. Ninguém nunca soube, nem mesmo o rato marrom de uma esposa. Ninguém em Blair Water se importava - ele era um bom professor, e isso era tudo o que importava. Mesmo que ele fosse em "farras" ocasionais, ele sempre tomava o sábado por eles e estava sóbrio o suficiente até segunda-feira. Sóbrio, e especialmente digno, vestindo um casaco preto enferrujado que ele nunca vestia em outro dia da semana. Ele não convidava à piedade e não se apresentava como uma tragédia. Mas às vezes, quando Emily olhou para seu rosto, inclinada sobre os problemas aritméticos da Escola Blair Water, ela sentiu horrivelmente pena dele sem entender ao menos o porquê.

Ele tinha um temperamento explosivo que geralmente irrompia em chamas pelo menos uma vez por dia, e então ele se agitava selvagemente por alguns minutos, puxando sua barba, implorando ao céu que lhe concedesse paciência, abusando de todos em geral e do objeto sem sorte de sua ira em particular. Mas estes temperamentos nunca duraram muito. Em poucos minutos, o Sr. Carpenter estaria sorrindo tão graciosamente quanto um sol que rebentava em uma nuvem de tempestade sobre o próprio aluno que ele havia avaliado. Ninguém parecia guardar rancor por causa de suas repreensões. Ele nunca disse nada do que a Srta. Brownell estava acostumada a dizer, o que classificou e apodreceu durante semanas; seu granizo de palavras caiu da mesma forma sobre justa e injusta e rolou inofensivamente.

Ele podia fazer uma piada sobre si mesmo em perfeita boa natureza. "Você me ouve? Você me ouve rapazinho?" ele gritou um dia para Perry Miller. "Claro que o ouço", respondeu Perry friamente, "eles poderiam ouvi-lo em Charlottetown". O Sr. Carpenter olhou fixamente por um momento e, em seguida, deu uma grande e alegre gargalhada.

Seus métodos de ensino eram tão diferentes dos de Srta. Brownell que os alunos de Blair Water no início se sentiram como se ele os tivesse deixado sobre suas cabeças. A Srta. Brownell tinha sido um marco para a ordem. O Sr. Carpenter nunca tentou manter a ordem aparentemente. Mas de alguma forma ele manteve as crianças tão ocupadas que elas não tiveram tempo de fazer travessuras. Ele ensinou história de forma tempestiva durante um mês, fazendo seus alunos interpretar os diferentes personagens e decretar os incidentes. Ele nunca incomodou ninguém para aprender as datas - mas as datas presas na memória, da mesma forma. Se, como Mary Rainha dos Escoceses, você foi decapitado pelo machado da escola, ajoelhado de olhos vendados à porta, com Perry Miller, usando uma máscara feita de um pedaço da velha seda preta da tia Laura, para carrasco, pensando no que aconteceria se ele derrubasse o machado com muita força, você não esqueceu o ano em que isso aconteceu; e se você travou a batalha de Waterloo por todo o pátio da escola, e ouviu Teddy Kent gritando: "Para cima, guardas e a eles! " como ele liderou a última acusação furiosa que você se lembrou de 1815, sem metade tentar.

No mês seguinte, a história seria posta de lado e a geografia tomaria seu lugar, quando a escola e o pátio da escola fossem mapeados em países e você se vestisse como os animais que os habitavam ou comercializavam em várias mercadorias sobre seus rios e cidades. Quando Rhoda Stuart o enganou numa barganha de peles, você se lembrou que ela havia comprado a carga da República Argentina, e quando Perry Miller não bebia água por um dia inteiro de verão quente porque estava atravessando o deserto árabe com uma caravana de camelos e não conseguia encontrar um oásis, e então bebeu tanto que tomou cólicas terríveis e a tia Laura

teve que ficar acordada a noite toda com ele - você não esqueceu onde ficava o dito deserto. Os síndicos ficaram bastante escandalizados com alguns dos acontecimentos e sentiram que as crianças estavam se divertindo demais para aprender realmente alguma coisa.

Se você queria aprender latim e francês, você tinha que fazê-lo falando seus exercícios, não escrevendo-os, e nas tardes de sexta-feira todas as lições eram postas de lado e o Sr. Carpenter fazia as crianças recitarem poemas, fazerem discursos e declamar passagens de Shakespeare e da Bíblia. Este foi o dia que Ilse adorou. O Sr. Carpenter derramou sobre seu presente como um cão faminto sobre um osso e a furou sem piedade. Eles tiveram lutas intermináveis e Ilse carimbou seu pé e o chamou de nomes enquanto os outros alunos se perguntavam por que ela não foi punida por isso, mas finalmente teve que ceder e fazer o que ele queria. Ilse foi à escola regularmente - algo que ela nunca havia feito antes. O Sr. Carpenter havia lhe dito que se ela estivesse ausente por um dia sem uma boa desculpa ela não poderia participar dos "exercícios" de sexta-feira e isto a teria matado.

Um dia, o Sr. Carpenter pegou a ardósia do Teddy e encontrou um esboço de si mesmo nela, em uma de suas atitudes favoritas, se não exatamente belas. Teddy a havia rotulado de "A Peste Negra" - metade dos alunos da escola haviam morrido naquele dia da Grande Peste, e haviam sido levados em macas para o Campo do Oleiro pelos sobreviventes aterrorizados.

Teddy esperava um rugido de denúncia, pois na véspera de Garrett Marshall ter sido moído em polpa figurativa ao ser descoberto com a imagem de uma vaca inofensiva em sua ardósia - pelo menos, Garrett disse que o queria dizer para uma vaca. Mas agora este incrível Sr. Carpenter apenas desenhou suas sobrancelhas juntas, olhou seriamente para a ardósia do Teddy, colocou-a sobre a mesa, olhou para o Teddy, e disse:

"Eu não sei nada sobre desenho - não posso ajudá-lo, mas, por Deus, acho melhor desistir desses problemas aritméticos extras à

tarde e fazer desenhos!"

Onde Garrett Marshall foi para casa e disse a seu pai que "o velho Carpenter não era justo e fez favoritos em relação a Teddy Kent."

O Sr. Carpenter foi até o Tansy Patch naquela noite e viu os esboços no antigo estúdio do celeiro de Teddy. Então ele entrou na casa e conversou com a Sra. Kent. O que ele disse e o que ela disse, ninguém jamais soube. Mas o Sr. Carpenter foi embora com um ar sombrio, como se tivesse encontrado uma partida inesperada. Depois disso, ele se esforçou muito com o trabalho geral da escola de Teddy e procurou em algum lugar certos livros de desenho elementares que ele lhe deu, dizendo-lhe para não levá-los para casa - uma advertência que Teddy não exigiu. Ele sabia muito bem que, se o fizesse, eles desapareceriam tão misteriosamente quanto seus gatos haviam feito. Ele seguiu o conselho de Emily e disse a sua mãe que não a amaria se algo acontecesse com Leo, e Leo floresceu e engordou. Mas Teddy era muito gentil no coração e gostava muito de sua mãe para fazer tal ameaça mais de uma vez. Ele sabia que ela havia chorado toda aquela noite depois que o Sr. Carpenter esteve lá, e rezou de joelhos em seu pequeno quarto a maior parte do dia seguinte, e o olhou com olhos amargos e assombrados por uma semana. Ele desejava que ela fosse mais como as mães dos outros companheiros, mas eles se amavam muito e tinham horas queridas juntos na pequena casa cinza na colina bronzeada. Era somente quando as outras pessoas estavam mais próximas que a Sra. Kent era estranha e ciumenta.

"Ela é sempre adorável quando estamos sozinhos", disse Teddy a Emily.

Quanto aos outros meninos, Perry Miller era o único com quem o Sr. Carpenter se incomodava muito nos discursos - e era tão impiedoso com ele quanto com Ilse. Perry trabalhou duro para agradá-lo e praticou seus discursos no celeiro e no campo - e mesmo à noite no sótão da cozinha - até que a tia Elizabeth pôs um fim a isso. Emily não conseguia entender porque o Sr. Carpenter

sorria amigavelmente e dizia: "Muito bem", quando Neddy Gray chacoalhava um discurso de forma fluente, sem qualquer expressão, e depois se enfurecia com Perry e o denunciava como um idiota porque ele havia falhado em dar a devida ênfase a uma certa palavra, ou havia cronometrado seu gesto uma fração de segundo muito cedo.

Ela também não conseguiu entender porque ele fez correções de caneta vermelha em todas as composições dela e a classificou por infinitivos divididos e adjetivos muito luxuosos e a acariciou para cima e para baixo no corredor e lhe atirou objeção porque ela não sabia "um bom lugar para parar quando a viu, por Deus", e então disse a Rhoda Stuart e Nan Lee que suas composições eram muito bonitas e as devolveu sem sequer uma marca nelas. No entanto, apesar de tudo, ela gostava cada vez mais dele à medida que o tempo passava e o outono passava e o inverno chegava com suas belas árvores descalças, e céus cinzentos de pérolas macias que eram cortados com fendas de ouro durante as tardes, e desbravados para uma pompa de estrelas sobre as amplas colinas brancas e vales ao redor da Lua Nova.

Emily cresceu de modo que no inverno, a tia Laura teve que soltar as barras de seus vestidos. A tia Ruth, que tinha vindo para uma semana de visita, disse que ela estava crescendo mais do que seus filhos, sempre mais fortes do que eles.

"Eu não sou consumista", disse Emily. "As estrelas são altas", acrescentou ela, com um toque de malícia sutil que dificilmente pode ser procurado em quase treze anos.

A tia Ruth, que era sensível em relação à sua vergonha, farejava.

"Seria bom se isso fosse a única coisa em que você se assemelhasse a elas", disse ela. "Como você está indo na escola?"

"Muito bem. Sou a aluna mais inteligente da minha turma", respondeu Emily de forma composta.

"Você é uma criança convencida", disse a tia Ruth.

"Eu não sou convencida". Emily parecia indignada. "O Sr. Carpenter disse isso e ele não lisonjeia. Além disso, não posso deixar de ver isso eu mesma."

"Bem, é de se esperar que você tenha algum cérebro, porque você não tem muito na aparência", disse tia Ruth. "Você não tem nenhuma tez para falar - e esse cabelo escuro ao redor de seu rosto branco é assustador. Vejo que você vai ser uma garota simples."

"Você não diria isso ao rosto de uma pessoa adulta", disse Emily com uma gravidade deliberada que sempre exasperava a tia Ruth porque ela não conseguia entender isso em uma criança. "Acho que não faria mal se você fosse tão educada comigo como é com as outras pessoas."

"Estou lhe dizendo seus defeitos para que você possa corrigi-los", disse tia Ruth friamente.

"Não é minha culpa que meu rosto esteja pálido e meu cabelo preto", protestou Emily. "Não posso corrigir isso."

"Se você fosse uma menina diferente", disse a tia Ruth, "eu..."

"Mas eu não quero ser uma garota diferente", disse Emily decididamente. Ela não tinha intenção de baixar a bandeira do Starr para a tia Ruth. "Eu não gostaria de ser ninguém além de mim mesma, mesmo que seja simples. Além disso", ela acrescentou impressionantemente ao sair da sala, "embora eu possa não ser muito bonita agora, quando eu for para o céu, acredito que serei muito bonita."

"Algumas pessoas acham Emily bastante bonita", disse a tia Laura, mas ela não o disse até que Emily ficou sem audição. Ela era Murray o suficiente para isso.

"Eu não sei onde eles a veem", disse tia Ruth. "Ela é vaidosa e descuidada e diz coisas para serem pensadas com inteligência. Você a ouviu agora mesmo. Mas o que mais me desagrada nela é que ela não é infantil - e profunda como o mar. Sim, ela é, Laura... profunda como o mar. Um dia você descobrirá isso a seu custo se ignorar meu aviso. Ela é capaz de tudo. Manhosa não é uma palavra para isso. Você e Elizabeth não a dominam com força suficiente."

"Fiz o melhor que pude", disse Elizabeth com firmeza. Ela mesma achava que tinha sido muito indulgente com Emily, Laura e Jimmy eram dois a um, mas isso a deixava indignada ao dizer isso a Ruth.

O tio Wallace também teve um ataque de preocupação com Emily naquele inverno.

Ele olhou para ela um dia quando estava na Lua Nova e observou que ela estava se tornando uma garota crescida.

"Quantos anos você tem, Emily?" Ele lhe perguntou que toda vez que ele vinha à Lua Nova.

"Farei treze em maio."

"Hum. O que você vai fazer com ela, Elizabeth?"

"Não sei o que você quer dizer", disse a tia Elizabeth friamente - ou o mais friamente possível para falar quando se está derramando sebo derretido em moldes de vela.

"Por quê, ela logo estará crescida. Ela não pode esperar que você providencie para ela indefinidamente..."

"Eu não", Emily sussurrou ressentida sob seu sussurro.

"...e é hora de decidirmos o que é melhor a ser feito por ela."

"As mulheres Murray nunca tiveram que trabalhar para viver", disse a tia Elizabeth, como se isso tivesse eliminado o assunto.

"Emily é apenas metade Murray", disse Wallace. "Além disso, os tempos estão mudando. Você e Laura não viverão para sempre, Elizabeth, e quando estiverem fora, Lua Nova vai para o Andrew de Oliver. Na minha opinião, Emily deveria estar preparada para se sustentar, se necessário."

Emily não gostava do tio Wallace, mas ela estava muito grata a ele naquele momento. Quaisquer que fossem seus motivos, ele estava propondo o que ela desejava secretamente.

"Eu sugeria", disse o tio Wallace, "que ela fosse enviada à Academia da Rainha para obter uma licença de professora. Ensinar é uma ocupação gentil, feminina. Eu farei a minha parte em prover as despesas com isso."

Uma pessoa cega poderia ter visto que o tio Wallace achava isto muito esplêndido de si mesmo.

"Se você o fizer", pensou Emily, "eu lhe pagarei cada centavo assim que eu puder ganhá-lo."

Mas a tia Elizabeth foi inflexível.

"Não acredito em meninas que saem para o mundo", disse ela. "Não quero dizer que Emily vá para a Academia da Rainha. Eu disse isso ao Sr. Carpenter quando ele veio me ver sobre ela assumir o trabalho de entrada. Ele foi muito rude - os professores da escola conheciam melhor o lugar deles no tempo de meu pai. Mas eu o fiz entender, acho eu. Estou bastante surpresa com você, Wallace. Você não mandou sua própria filha para o trabalho."

"Minha filha tinha pais para sustentá-la", retorquiu pomposamente o tio Wallace. "Emily é uma órfã. Eu imaginava, pelo que tinha ouvido sobre ela, que ela preferiria ganhar a sua própria vida a viver de caridade."

"Assim eu faria", gritou Emily. "Assim eu faria, tio Wallace. Oh, tia Elizabeth, por favor, deixe-me estudar para a Academia. Por favor! Eu lhe pagarei de volta cada centavo que você gastar com isso... Eu realmente pagarei. Eu lhe prometo minha palavra de honra."

"Não é por acaso uma questão de dinheiro", disse a tia Elizabeth em sua maneira mais solene. "Comprometi-me a prover para você, Emily, e o farei. Quando você for mais velha, posso mandá-la para a escola secundária em Shrewsbury por alguns anos. Eu não estou decretando a educação. Mas você não vai ser uma escrava do público - nenhuma garota Murray jamais foi isso."

Emily, percebendo a inutilidade de suplicar, saiu na mesma amarga decepção que sentira após a visita do Sr. Carpenter. Então, a tia Elizabeth olhou para Wallace.

"Você esqueceu o que veio de mandar Julieta para a Rainha?", perguntou ela significativamente.

Se Emily não pôde participar das aulas de entrada, Perry não tinha ninguém para dizer que não, e foi até eles com a mesma determinação obstinada que demonstrou em todos os outros assuntos. A situação de Perry na Lua Nova havia mudado sutilmente e de maneira constante. A tia Elizabeth havia deixado de se referir a ele com desdém como "um garoto contratado". Mesmo ela reconheceu que embora ele ainda fosse indiscutivelmente um garoto contratado, ele não permaneceria como tal, e ela não mais se opôs ao fato de Laura ter remendado seus pedaços de roupa, ou à ajuda de Emily com suas lições na cozinha depois do jantar, nem rosnou quando o primo Jimmy começou a lhe pagar uma certa quantia de salário pequeno - embora os garotos mais velhos do que Perry ainda estivessem contentes em colocar nos meses de inverno choro para alimentação e alojamento em alguma casa confortável. Se um futuro primeiro-ministro estivesse em formação na Lua Nova, a tia Elizabeth queria ter uma pequena participação na formação. Era credível e louvável que um menino tivesse ambições. Uma garota era um assunto totalmente diferente. O lugar de uma garota era em casa.

Emily ajudou Perry a resolver os problemas de álgebra e ouviu suas lições de francês e latim. Ela aprendeu mais assim do que a tia Elizabeth teria aprovado e mais ainda quando os alunos da entrada falavam essas línguas na escola. Era um assunto bastante fácil para uma menina que havia inventado uma língua própria em tempos. Quando George Bates, a fim de se exibir, perguntou-lhe um dia em francês - seu francês, do qual o Sr. Carpenter havia dito uma vez duvidosamente que talvez Deus pudesse entendê-lo - "Você tem a tinta de minha avó e o pincel de sapato de meu primo e o guarda-chuva do marido de minha tia em sua mesa? Emily retorquiu de forma tão fluida e francófona: "Não, mas tenho a caneta de seu pai e o queijo do estalajadeiro e a toalha da serva de seu tio na minha cesta."

Para se consolar com sua decepção em relação à classe de entrada, Emily escreveu mais poesia do que nunca. Foi especialmente delicioso escrever poesia em uma noite de inverno quando a tempestade ventava sem uivar e amontoava o jardim e o pomar com grandes velas fantasmagóricas, estrelando com as velas dos coelhos. Ela também escreveu várias histórias - histórias de amor desesperadas em que lutou heroicamente contra as dificuldades do diálogo afetuoso; contos de bandidos e piratas - Emily gostava delas porque não havia necessidade de bandidos e piratas conversarem amorosamente; tragédias de condes e condessas cuja conversa ela gostava muito de apimentar com restos de francês; e uma dúzia de outros assuntos sobre os quais ela não sabia nada. Ela também meditou no início de um romance, mas decidiu que seria muito difícil conseguir papel suficiente para isso. As cartas antigas estavam todas preenchidas agora e o Livro-Jimmy não era grandes o suficiente, embora um novo sempre aparecesse misteriosamente em sua cesta escolar quando o antigo estava quase cheio. O primo Jimmy parecia ter uma presciência estranha do tempo adequado - isso fazia parte de sua Jimmyness.

Então, uma noite, deitada em sua cama de vigia e vendo a lua cheia brilhando de um céu sem nuvens através do vale, ela teve uma ideia repentina e deslumbrante.

Ela enviaria seu último poema para a Charlottetown Enterprise.

A Empresa tinha um Canto do Poeta onde versos "originais" eram frequentemente impressos. Particularmente, Emily pensava que os seus eram tão bons quanto os publicados - como provavelmente eram, pois, a maioria dos "poemas" da Empresa eram um triste lixo.

Emily estava tão entusiasmada com a ideia que não conseguia dormir durante a maior parte da noite - e não queria dormir. Foi glorioso deitar-se ali, entusiasmada na escuridão, e imaginar tudo isso. Ela viu seus versos impressos assinados por E. Byrd Starr - ela viu os olhos da tia Laura brilhando de orgulho - ela viu o Sr. Carpenter apontando-os para estranhos - "o trabalho de uma aluna minha, por Deus!" - ela viu todos os seus colegas de escola a invejando ou admirando, de acordo com o tipo - ela se viu com pelo menos um pé firmemente plantado na escada da fama - uma colina pelo menos do Caminho Alpino cristalizada, com uma nova e gloriosa perspectiva se abrindo a partir dela.

A manhã chegou. Emily foi para a escola, tão distraída por causa de seu segredo, que se saiu mal em tudo e foi enfurecida pelo Sr. Carpenter. Mas tudo isso lhe escapou como a água proverbial das costas de um pato. Seu corpo estava na escola de Blair Water, mas seu espírito estava em reinos imperiais.

Assim que a escola acabou, ela se dirigiu ao sótão com meio lençol de papel de carta azul. Com muito cuidado, ela copiou o poema, tendo o cuidado especial de pontilhar cada 'i' e cruzar cada 't'. Ela o escreveu em ambos os lados do papel, estando na feliz ignorância de qualquer tabu sobre ele. Então ela o leu em voz alta com prazer, sem omitir o título "Um Sonho Noturno". Havia uma linha nele que ela provou duas ou três vezes:

"A assombrosa música de elfo do ar."

"Acho que essa fala é muito boa", disse Emily. "Pergunto-me agora como por acaso pensei nisso."

Ela enviou seu poema no dia seguinte e viveu em um delicioso arrebatamento místico até o sábado seguinte. Quando o semanário chegou, ela a abriu com tremenda ânsia e dedos gelados, e virou-se para o Canto do Poeta. Agora, para seu grande momento!

Não havia sinal de "Um Sonho Noturn" sobre ele!

Emily jogou a Enterprise abaixo e fugiu para o dormitório do sótão onde, de cara para baixo no velho sofá de pano de cabelo, ela chorou sua amargura de decepção. Ela drenou a corrente de ar do fracasso para as próprias escórias. Foi horrivelmente real e trágico para ela. Ela se sentiu exatamente como se tivesse sido esbofeteada na cara. Ela foi esmagada no próprio pó da humilhação e tinha certeza de que nunca mais poderia se erguer de novo.

Como ela estava grata por não ter dito nada a Teddy sobre isso - ela tinha sido tão fortemente tentada a fazê-lo, e só se absteve porque não queria estragar a surpresa dramática do momento em que ela lhe mostraria os versos com seu nome assinado. Ela havia dito a Perry, e Perry ficou furioso quando ele viu sua cara manchada de lágrimas mais tarde na leiteria, enquanto eles coavam o leite juntos. Normalmente Emily amava isto, mas de noite o sabor tinha saído do mundo. Até mesmo o esplendor leitoso da noite de inverno tranquila e a floração púrpura sobre os bosques da encosta que pressagiava um descongelamento não lhe dava a alma acostumada.

"Vou para Charlottetown se tiver que caminhar e vou quebrar a cabeça daquele editor da Enterprise", disse Perry, com a expressão que, trinta anos depois, avisou os membros de seu partido para se dispersarem para se protegerem.

"Isso não serviria para nada", disse Emily com receio. "Ele não achou bom o suficiente para imprimir - isso é o que me machuca tanto, Perry - ele não achou nada de bom. Partir a cabeça dele não mudaria isso."

Levou uma semana para ela se recuperar do golpe. Então ela escreveu uma história na qual o editor do Enterprise desempenhou

o papel de um vilão sombrio e desesperado que encontrou alojamento eventualmente atrás das grades da prisão. Isto tirou o veneno de seu sistema e ela esqueceu tudo sobre ele no deleite de escrever um poema dirigido à "Doce Senhora Abril". Mas eu questiono se ela realmente o perdoou - mesmo quando ela descobriu que não se deve escrever em ambos os lados do jornal - mesmo quando ela leu sobre O Sonho Noturno um ano depois e se perguntou como ela poderia ter pensado alguma vez que poderia ser algo bom.

Este tipo de coisa estava acontecendo com freqüência agora. Toda vez que ela lia seu pequeno estoque de manuscritos sobre ela, encontrava alguns dos quais o ouro das fadas havia se transformado em folhas murchas, próprias apenas para a queima. Emily as queimou, mas isso a machucou um pouco. O cultivo de coisas que amamos nunca é um processo agradável.

CAPÍTULO XXIX

Sacrilégio

Houve vários confrontos entre a tia Elizabeth e Emily naquele inverno e na primavera. Geralmente a tia Elizabeth saía vitoriosa; pois não seria negada a ela a satisfação de ter seu próprio caminho, mesmo em questões triviais. Mas, de vez em quando, ela se deparava com aquela curiosa faixa de granito na composição de Emily que era inquebrantável e inquebrantável. Mary Murray, de cem anos de idade, tinha sido, por isso a crônica familiar corria, uma criatura gentil e submissa em geral; mas ela tinha essa mesma linha, como seu "Aqui Fico" testemunhou abundantemente. Quando a tia Elizabeth tentou tirar conclusões com esse elemento em Emily, ela sempre teve o pior de tudo. No entanto, ela não aprendeu sabedoria a partir disso, mas seguiu sua política de repressão com mais rigor ainda; pois ocasionalmente, como Laura decepcionou, Emily estava prestes a começar a crescer e que vários rompedores e recifes se aproximavam, ameaçadoramente ampliados pela névoa de anos invisíveis, Emily não pode sair do controle agora, para que mais tarde ela não faça um naufrágio como sua mãe tinha feito - ou como Elizabeth Murray acreditava firmemente que ela tinha feito. Em resumo, não haveria mais fugas na Lua Nova.

Uma das coisas em que eles falharam foi o fato de Emily, como a tia Elizabeth descobriu um dia, ter o hábito de usar mais do seu dinheiro do ovo para comprar papel do que o aprovado pela tia Elizabeth. O que Emily fez com tanto papel? Eles tiveram uma confusão por causa disso e eventualmente a tia Elizabeth descobriu que Emily estava escrevendo histórias. Emily tinha escrito histórias durante todo o inverno sob o nariz da tia Elizabeth e ela nunca suspeitara disso. Ela tinha carinhosamente suposto que Emily estava escrevendo composições escolares. A tia Elizabeth sabia de uma maneira vaga que Emily escrevia rimas bobas que ela chamava de "poesia", mas isso não a preocupava especialmente.

Jimmy inventava um monte de lixo semelhante. Era uma bobagem, mas inofensiva e Emily sem dúvida a superaria. Jimmy não tinha crescido mais que isso, para ter certeza, mas então seu acidente - Elizabeth sempre ficava um pouco doente de alma quando ela se lembrava disso - fez dele mais ou menos uma criança para toda a vida.

Mas escrever histórias era uma coisa muito diferente e a tia Elizabeth ficou horrorizada. Ficção de qualquer tipo era uma coisa abominável. Elizabeth Murray havia sido treinada nesta crença em sua juventude e em sua idade ela não se afastara dela. Ela honestamente pensava que era uma coisa má e pecaminosa em qualquer um jogar cartas, dançar, ou ir ao teatro, ler ou escrever romances, e no caso de Emily havia uma característica pior - era o Starr saindo nela -Douglas Starr especialmente. Nenhum Murray da Lua Nova tinha sido culpado de escrever "histórias" ou de querer escrevê-las. Era um crescimento alienígena que deve ser podado impiedosamente. A tia Elizabeth aplicou a tesoura de podar; e não encontrou nenhuma raiz alisada e cortante, mas a mesma faixa de granito subjacente. Emily era respeitosa e razoável e acima do papel; não comprou mais papel com dinheiro de ovo; mas disse à tia Elizabeth que não podia desistir de escrever histórias e foi direto ao escrevê-las, em pedaços de papel de embrulho marrom e nas costas em branco das circulares que as empresas de máquinas agrícolas enviaram ao primo Jimmy.

"Você não sabe que é perverso escrever romances?" exigiu a tia Elizabeth.

"Oh, eu não estou escrevendo romances... ainda assim", disse Emily. "Não consigo arranjar papel suficiente. Estes são apenas contos curtos. E não é perverso... o pai gostava de romances."

"Seu pai..." começou tia Elizabeth, e parou. Ela se lembrou que Emily tinha "agido" antes, quando algo depreciativo foi dito de seu pai. Mas o próprio fato de ela se sentir misteriosamente compelida a parar de aborrecer Elizabeth, que havia dito o que lhe parecia bom

toda a vida na Lua Nova, sem muita consideração pelos sentimentos das outras pessoas.

"Você não escreverá mais estas coisas", a tia Elizabeth desdenhosamente floresceu "O Segredo do Castelo" sob o nariz de Emily, "Eu a proíbo - lembre-se, eu a proíbo."

"Oh, devo escrever, tia Elizabeth", disse Emily gravemente, dobrando suas mãos esbeltas e bonitas sobre a mesa e olhando diretamente para o rosto irado da tia Elizabeth com o olhar fixo e sem pestanejar que a tia Ruth chamava de infanto-juvenil. "Veja, é assim. Está em mim. Não posso evitá-lo. E o pai disse que eu sempre deveria continuar escrevendo. Ele disse que um dia eu ficaria famosa. Você não gostaria de ter uma sobrinha famosa, tia Elizabeth?"

"Não vou discutir o assunto", disse a tia Elizabeth.

"Não vou discutir... apenas explicar". Emily foi extremamente respeitosa. "Eu só quero que você entenda como é que eu tenho que continuar escrevendo histórias, apesar de lamentar muito que você não aprove."

"Se você não desistir disto - isto é pior que um disparate, Emily, eu... eu..."

A tia Elizabeth parou, não sabendo o que dizer. Emily era muito grande agora para ser esbofeteada ou calada; e não adiantava dizer, como ela se sentia tentada a dizer, "Vou mandá-la embora da Lua Nova", porque Elizabeth Murray sabia perfeitamente bem que não mandaria Emily embora da Lua Nova - não podia mandá-la embora, de fato, embora este conhecimento ainda estivesse apenas em seus sentimentos e não tivesse sido traduzido em seu intelecto. Ela só sentia que estava indefesa e isso a enfurecia; mas Emily era amante da situação e continuou calmamente a escrever histórias. Se a tia Elizabeth tivesse pedido a ela para desistir da renda de crochê ou de fazer caramelo de melaço, ou de comer os deliciosos biscoitos de gota da tia Laura, Emily o teria feito de forma completa

e alegre, embora ela adorasse essas coisas. Mas para desistir de escrever histórias - porque, a tia Elizabeth poderia muito bem ter pedido que ela desistisse de respirar. Por que ela não poderia entender? Parecia tão simples e indiscutível para Emily.

"Teddy não pode evitar de fazer fotos e Ilse não pode evitar de recitar, e eu não posso evitar de escrever. Você não vê, tia Elizabeth?"

"Vejo que você é uma criança ingrata e desobediente", disse a tia Elizabeth.

Isto feriu Emily horrivelmente, mas ela não pôde ceder; e continuou a haver um sentimento de dor e desaprovação entre ela e a tia Elizabeth em todos os pequenos detalhes da vida diária que envenenaram mais ou menos a existência para a criança, que era tão profundamente sensível ao seu ambiente e aos sentimentos com os quais sua parentela a considerava. Emily sentia isso o tempo todo - exceto quando estava escrevendo suas histórias. Então ela esqueceu tudo, vagando em algum país encantado entre o sol e a lua, onde viu seres maravilhosos que tentou descrever e feitos maravilhosos que tentou registrar, voltando à cozinha iluminada por velas com uma sensação um pouco atordoada de ter estado anos na Terra de Nenhum Homem.

Ela não tinha nem mesmo a tia Laura para apoiá-la no assunto. A tia Laura achou que Emily deveria ceder em um assunto tão sem importância e agradar à tia Elizabeth.

"Mas não é sem importância", disse Emily desesperadamente. "É a coisa mais importante do mundo para mim, tia Laura. Oh, eu pensei que você entenderia."

"Eu entendo que você gosta de fazer isso, querida, e acho que é uma diversão inofensiva o suficiente. Mas parece incomodar Elizabeth de alguma forma e eu acho que você pode desistir disso. Não é como se fosse algo que importasse muito - é realmente uma perda de tempo."

"Não, não", disse Emily angustiada. "Por que, algum dia, tia Laura, eu escreverei livros de verdade - e ganharei muito dinheiro", acrescentou ela, sentindo que os Murrays, como os negócios, mediam a natureza da maioria das coisas em dinheiro.

A tia Laura sorriu indulgentemente.

"Temo que você nunca enriqueça dessa maneira, querida. Seria mais sábio empregar seu tempo se preparando para algum trabalho útil."

Era uma loucura ser condescendente para gostar disso, que ninguém podia ver que ela tinha que escrever para ter a tia Laura tão doce, amorosa e estúpida com isso.

"Oh", pensou Emily amargamente, "se aquele odioso editor da Enterprise tivesse impresso minha peça, eles teriam acreditado."

"Em todo caso", aconselhou a tia Laura, "não deixe que Elizabeth a veja escrevendo."

Mas, de alguma forma, Emily não podia aceitar este conselho prudente. Houve ocasiões em que ela tinha entrado em acordo com a tia Laura para enganar a tia Elizabeth em algum pequeno assunto, mas ela descobriu que não podia fazer isso. Isto tinha que ser aberto e acima da mesa. Ela deve escrever histórias - e a tia Elizabeth deve saber disso - era assim que tinha que ser. Ela não podia ser falsa para si mesma nisto - ela não podia fingir ser falsa.

Ela escreveu tudo sobre isso para seu pai - descarregava sua amargura e perplexidade para ele no que, embora ela não suspeitasse na época, era a última carta que ela deveria escrever para ele. Havia agora um grande maço de cartas na velha prateleira do sofá - pois Emily havia escrito muitas cartas para seu pai além daquelas que foram crônicas nesta história. Havia nelas muitos parágrafos sobre a tia Elizabeth, a maioria deles muito pouco elogiosos e alguns deles, como a própria Emily teria possuído quando sua primeira amargura tivesse passado, exagerado e

exagerado. Eles haviam sido escritos em momentos em que sua alma magoada e furiosa exigia alguma saída para sua emoção e manuseava sua caneta com veneno. Emily era amante de um estilo sutilmente malicioso quando ela escolheu ser. Depois de escrevê-las, a dor havia cessado e ela não pensava mais nelas. Mas eles permaneceram.

E um dia de primavera, a tia Elizabeth, limpando a casa no sótão enquanto Emily brincava feliz com Teddy no Tansy Patch, encontrou o pacote de cartas na prateleira do sofá, sentou-se e leu todas elas.

Elizabeth Murray nunca teria lido nenhuma escrita pertencente a uma pessoa adulta. Mas nunca lhe ocorreu que houvesse algo desonroso na leitura das cartas em que Emily, solitária e às vezes incompreendida, havia derramado seu coração para o pai que amava e pelo qual havia sido amada, de forma tão apaixonada e compreensiva. A tia Elizabeth achava que tinha o direito de saber tudo o que esta aposentada de sua generosidade fazia, dizia ou pensava. Ela leu as cartas e descobriu o que Emily pensava dela - dela, Elizabeth Murray, autocrata incontestada, a quem ninguém jamais ousara dizer nada de cortês. Tal experiência não é mais agradável aos sessenta anos do que aos dezesseis. Quando Elizabeth Murray dobrou a última carta, suas mãos tremeram - com raiva, e algo por baixo dela que não era raiva.

"Emily, sua tia Elizabeth quer vê-la no salão", disse a tia Laura, quando Emily voltou do Tansy Patch, levada para casa pela fina chuva cinza que havia começado a cair sobre os campos verdejantes. Seu olhar de tristeza, Emily foi avisada de que a maldade estava no vento. Emily não tinha ideia de que travessura - ela não podia se lembrar de nada que tivesse feito recentemente que a levasse perante o tribunal que a tia Elizabeth ocasionalmente tinha na sala de estar. Deve ser sério quando ela estava na sala de estar. Por razões mais conhecidas por ela mesma, a tia Elizabeth realizou entrevistas super sérias como esta na sala de estar. Possivelmente foi porque ela se sentiu obscuramente que as fotografias dos Murrays nas paredes lhe deram o respaldo de que

ela precisava ao lidar com este lance de pele; pela mesma razão, Emily detestava um julgamento na sala de estar. Ela sempre se sentiu em tais ocasiões como um ratinho muito pequeno cercado por um círculo de gatos sinistros.

Emily saltou pelo salão grande, parando, apesar de seu alarme, para olhar o mundo vermelho encantador através do vidro carmesim; depois empurrou a porta da sala de estar. A sala estava escura, pois apenas uma das persianas foi parcialmente levantada. A tia Elizabeth estava sentada em pé na cadeira preta de crina de cavalo do avô Murray. Emily olhou primeiro para a popa, com cara de raiva - e depois para o colo.

Emily compreendeu.

A primeira coisa que ela fez foi recuperar suas preciosas cartas. Com a rapidez da luz, ela saltou para a tia Elizabeth, pegou o pacote e se retirou para a porta; lá ela enfrentou a tia Elizabeth, seu rosto flamejando de indignação. Sacrilégio havia sido cometido - o santuário mais sagrado de sua alma havia sido profanado.

"Como você se atreve?" disse ela. "Como se atreve a tocar meus papéis particulares, tia Elizabeth?"

A tia Elizabeth não esperava isto. Ela havia procurado a confusão, a confusão, a vergonha, o medo, por tudo menos por esta justa indignação, como se ela fosse a culpada. Ela se levantou.

"Dê-me essas cartas, Emily."

"Não, não darei", disse Emily, branca de raiva, enquanto segurava as mãos ao redor do pacote. "Elas são minhas e do pai, não suas. Você não tinha o direito de tocá-las. Eu nunca te perdoarei."

Isto estava virando a mesa com uma vingança. A tia Elizabeth estava tão estupefata que mal sabia o que dizer ou fazer. O pior de tudo, uma dúvida muito desagradável de sua própria conduta

assaltou subitamente sua casa, talvez pela intensidade e seriedade da acusação de Emily. Pela primeira vez em sua vida, ocorreu a Elizabeth Murray perguntar-se se ela tinha feito bem. Pela primeira vez em sua vida, ela sentiu vergonha; e a vergonha a deixou furiosa. Era intolerável que ela se sentisse envergonhada.

No momento elas se enfrentavam, não como tia e sobrinha, não como criança e adulto, mas como dois seres humanos cada um com ódio pelo outro em seu coração - Elizabeth Murray, alta e austera e de lábios finos; Emily Starr, branca de rosto, seus olhos em chama negra, seus braços trêmulos abraçando suas cartas.

"Portanto, esta é sua gratidão", disse a tia Elizabeth. "Você era uma órfã sem um tostão - eu a levei para minha casa - eu lhe dei abrigo, comida, educação e bondade - e este é meu agradecimento."

Até agora, a tempestade de raiva e ressentimento de Emily a impediu de sentir o aguilhão disto.

"Você não queria me levar", disse ela. "Você me fez tirar à sorte e me levou porque a sorte caiu sobre você. Você sabia que alguns de vocês tinham que me levar porque eram os Murrays orgulhosos e não podiam deixar um parente ir para um asilo de órfãos. A tia Laura me ama agora, mas vocês não. Então, por que eu deveria amá-la?"

"Criança ingrata!"

"Eu não sou ingrata. Tentei ser boa - tentei obedecer-lhe e agradar-lhe - faço todas as tarefas que posso para ajudar a pagar meu sustento. E você não tinha nada que ler minhas cartas ao pai."

"São cartas vergonhosas... e devem ser destruídas", disse a tia Elizabeth.

"Não", Emily as apertou com mais força. "Prefiro me queimar. Você não deve tê-las, tia Elizabeth."

Ela sentiu suas sobrancelhas se unindo - ela sentiu o olhar de Murray em seu rosto - ela sabia que estava se transformando.

Elizabeth Murray ficou mais pálida, se isso fosse possível. Havia momentos em que ela mesma podia dar o olhar Murray; não era isso que a desanimava - era o estranho algo que parecia espreitar por trás do olhar Murray que sempre quebrou sua vontade. Ela tremia.

"Guarde suas cartas", disse ela amargamente, "e despreze a velha mulher que lhe abriu a casa."

Ela saiu do salão. Emily foi deixada como dona do campo. E de repente sua vitória virou pó e cinzas em sua boca.

Ela subiu para seu próprio quarto, escondeu suas cartas no armário por cima da lareira e depois se arrastou sobre sua cama, amontoando-se em um pequeno monte com o rosto enterrado em seu travesseiro. Ela ainda estava magoada com uma sensação de ultraje, mas debaixo de outra dor começava a doer terrivelmente.

Algo nela estava ferido porque ela havia ferido a tia Elizabeth - pois ela sentia que a tia Elizabeth, sob toda sua raiva, estava ferida. Isto surpreendeu Emily. Ela teria esperado que a tia Elizabeth estivesse com raiva, é claro, mas ela nunca teria suposto que isso a afetasse de outra forma. No entanto, ela tinha visto algo nos olhos da tia Elizabeth quando ela atirou aquela última sentença de picada em seus olhos - algo que falava de dor amarga.

"Oh! Oh!" gaseou Emily. Ela começou a chorar sufocada em seu travesseiro. Ela estava tão miserável que não conseguia sair de si mesma e ver seu próprio sofrimento com uma espécie de prazer em sua dramaturgia - colocou sua mente para analisar seus sentimentos - e quando Emily estava tão miserável, de fato, muito miserável e totalmente sem conforto. A tia Elizabeth não a manteria na Lua Nova depois de uma briga venenosa como esta. Ela a mandaria embora, é claro. Emily acreditava nisso. Nada era horrível

demais para se acreditar naquele momento. Como ela poderia viver longe da querida Lua Nova?

"E talvez eu tenha que viver oitenta anos", lamentou Emily.

Mas pior do que isso foi a lembrança daquele olhar nos olhos da tia Elizabeth.

Seu próprio sentimento de indignação e sacrilégio se desvaneceu sob a lembrança. Ela pensou em todas as coisas que tinha escrito a seu pai sobre a tia Elizabeth - coisas afiadas, amargas, algumas delas apenas injustas. Ela começou a sentir que não deveria tê-las escrito. Era verdade que a tia Elizabeth não a amava - não queria levá-la à Lua Nova. Mas ela a havia levado e embora tivesse sido feita em serviço, não em amor, o fato permaneceu. Não adiantava para ela dizer a si mesma que não era como se as cartas fossem escritas a qualquer pessoa viva, para serem vistas e lidas por outros. Enquanto ela estava sob o teto da tia Elizabeth - enquanto ela devia a comida que comia e as roupas que usava à tia Elizabeth - ela não deveria dizer, nem mesmo ao pai, coisas duras sobre ela. Uma Starr não deveria ter feito isso.

"Devo ir e pedir à tia Elizabeth que me perdoe", pensou Emily, finalmente, toda a paixão que lhe restava e apenas o arrependimento e o arrependimento. "Suponho que ela vai me odiar para sempre. Mas eu devo ir."

Ela se virou - e então a porta se abriu e a tia Elizabeth entrou. Ela atravessou o quarto e ficou ao lado da cama, olhando para o pequeno rosto de luto no travesseiro - um rosto que no crepúsculo escuro e chuvoso, com suas manchas de lágrimas e olhos negros sombreados, parecia estranhamente maduro e cinzelado.

Elizabeth Murray ainda era austera e fria. Sua voz soou severa; mas ela disse uma coisa surpreendente:

"Emily, eu não tinha o direito de ler suas cartas. Eu admito que estava errada. Você vai me perdoar?"

"Oh!". A palavra foi quase um grito. A tia Elizabeth havia finalmente discernido o caminho para conquistar Emily. Esta última se levantou, atirou seus braços sobre a tia Elizabeth, e disse asfixiantemente:

"Tia Elizabeth, desculpe, desculpe, eu não deveria ter escrito essas coisas, mas eu as escrevi quando estava irritada, e não me referia a todas elas, realmente não me referia ao pior. Oh, você vai acreditar nisso, não vai, tia Elizabeth?"

"Eu gostaria de acreditar, Emily". Uma estranha aljava passou através da forma alta e rígida. "Eu... não gosto de pensar que você... me odeia... a filha de minha irmã... a filha de Julieta."

"Eu não... oh, eu não", soluço Emily. "E eu te amarei, tia Elizabeth, se você me deixar... se você quiser. Eu não achei que você se importasse. Querida tia Elizabeth."

Emily deu à tia Elizabeth um abraço feroz e um beijo apaixonado na bochecha branca e bem enrugada. A tia Elizabeth a beijou gravemente na testa em troca e depois disse, como se estivesse fechando a porta sobre todo o incidente,

"É melhor lavar o rosto e descer para o jantar."

Mas ainda havia algo a ser esclarecido.

"Tia Elizabeth", sussurrou Emily. "Eu não posso queimar essas cartas, você sabe, elas pertencem ao Pai. Mas eu lhe direi o que vou fazer. Vou revisá-las todas e colocar uma estrela por qualquer coisa que eu tenha dito sobre você e depois acrescentarei uma nota explicativa de rodapé dizendo que eu estava enganada."

Emily passou seu tempo livre por vários dias colocando suas "notas explicativas de rodapé", e então sua consciência teve descanso. Mas quando tentou novamente escrever uma carta ao pai, descobriu que não significava mais nada para ela. O sentido da realidade, a intimidade, da comunhão íntima havia desaparecido.

Talvez ela tenha sido gradualmente superada, à medida que a infância começou a se fundir na condição de menina - talvez a cena amarga com a tia Elizabeth tenha apenas sacudido em pó algo do qual o espírito já havia partido. Mas, qualquer que fosse a explicação, não era mais possível escrever tais cartas. Ela sentia muita falta delas, mas não podia voltar para elas. Uma certa porta da vida estava fechada atrás dela e não podia ser reaberta.

CAPÍTULO XXX

Quando a cortina foi levantada

Seria agradável poder registrar que após a reconciliação, Emily e tia Elizabeth viveram em total amizade e harmonia. Mas a verdade era que as coisas continuavam praticamente como antes. Emily foi suavemente, e tentou misturar a sabedoria da serpente e a inocuidade da pomba em proporções práticas, mas seus pontos de vista eram tão diferentes que tinha de haver confrontos; elas não falavam a mesma língua, então tinha de haver mal-entendidos.

E ainda assim havia uma diferença - uma diferença muito vital. Elizabeth Murray havia aprendido uma importante lição - que não havia uma lei de justiça para as crianças e outra para os adultos. Ela continuou sendo tão autocrática como sempre, mas não fez ou disse a Emily nada que ela não tivesse feito ou dito a Laura, caso a ocasião o tivesse exigido.

Emily, ao seu lado, havia descoberto o fato de que, sob toda a sua frieza e severidade, a tia Elizabeth tinha realmente um carinho por ela; e era maravilhoso a diferença que isto fazia. Ela tirou o ferrão dos "caminhos" e das palavras da tia Elizabeth e curou inteiramente um certo ponto doloroso meio consciente que estava no coração de Emily desde o incidente dos escorregões desenhados em Maywood.

"Não acredito mais ser um dever para com a tia Elizabeth", pensou ela com exultação.

Emily cresceu rapidamente naquele verão em corpo, mente e alma. A vida era encantadora, ficando cada hora mais rica, como uma rosa em desdobramento. Formas de beleza encheram sua imaginação e foram transferidas o melhor que pôde para o papel,

embora nunca tivessem sido tão bonitas lá, e Emily teve os momentos dolorosos da verdadeira artista que descobre que:

"Nunca na vida de um pintor em tela
O encanto do sonho de sua fantasia."

Muito de suas "coisas velhas" ela queimou; até mesmo a "Criança do Mar" foi reduzida a cinzas. Mas a pequena pilha de manuscritos no armário da lareira do mirante estava crescendo cada vez mais. Emily manteve seus rabiscos lá agora; a prateleira do sofá no sótão foi profanada; e, além disso, ela sentiu de alguma forma que a tia Elizabeth nunca mais se meteria com seus "papéis particulares", não importando onde eles fossem guardados. Ela não ia agora ao sótão para ler, escrever ou sonhar; seu próprio querido mirante era o melhor lugar para isso. Ela amava intensamente aquele pequeno e pitoresco quarto; era quase como uma coisa viva para ela - uma participante na alegria - um consolador na tristeza.

Ilse estava crescendo também, florescendo em estranha beleza e brilhantismo, não conhecendo nenhuma lei a não ser seu próprio prazer, não reconhecendo nenhuma autoridade a não ser seu próprio capricho. A tia Laura estava preocupada com ela.

"Ela será uma mulher tão cedo - e quem cuidará dela? Allan não vai."

"Eu não tenho paciência com Allan", disse a tia Elizabeth com tristeza. "Ele está sempre pronto para alertar e aconselhar outras pessoas. É melhor ele olhar para casa. Ele virá até aqui e me ordenará a fazer isto ou aquilo, ou não o fazer, por Emily; mas se eu disser uma palavra a ele sobre Ilse, ele explode o telhado. A ideia de um homem virando-se contra sua filha e negligenciando-a como negligenciou Ilse simplesmente porque sua mãe não era tudo o que ela deveria ser - como se a pobre criança fosse a culpada por isso."

"S-s-sh", disse tia Laura, quando Emily cruzou a sala de estar no caminho para cima.

Emily sorriu tristemente para si mesma. A tia Laura não precisava mais fazer "s-s-s-sh". Não havia mais nada para ela descobrir sobre a mãe de Ilse - nada, exceto o mais importante de tudo, o que nem ela nem ninguém mais vivo sabia. Pois Emily nunca havia renunciado à sua convicção de que toda a verdade sobre Beatrice Burnley não era conhecida. Ela muitas vezes se preocupava com isso quando se deitava enrolada em sua cama de nogueira preta, ouvindo o gemido do abismo e a Mulher do Vento cantando nas árvores, e adormecida desejando intensamente que pudesse resolver o velho mistério sombrio e dissolver sua lenda de vergonha e amargura.

Emily subiu languidamente para o andar de cima, para ficar atenta. Ela queria escrever mais um pouco de sua história, "O Fantasma do Poço", onde ela estava tecendo a velha lenda do poço no campo de Lee; mas de alguma forma faltava-lhe interesse; ela recolocou o manuscrito no armário da lareira; ela leu sobre uma carta do Dean Priest que havia chegado naquele dia, uma de suas cartas gordas, alegres, caprichosas e encantadoras, na qual ele lhe havia dito que vinha ficar um mês com sua irmã em Blair Water. Ela se perguntava por que este anúncio não a excitava mais. Ela estava cansada, sua cabeça estava doendo. Emily não conseguia se lembrar de alguma vez ter tido uma dor de cabeça antes. Como ela não podia escrever, decidiu deitar-se e ser Lady Trevanion por algum tempo. Emily era Lady Trevanion com muita frequência naquele verão, em uma das vidas de sonho que ela começara a construir para si mesma. Lady Trevanion era esposa de um conde inglês e, além de famosa romancista, era membro da Câmara dos Comuns Britânica - onde sempre aparecia em veludo preto com uma coroa de pérolas imponente em seu cabelo escuro. Ela era a única mulher na Casa e, como isso era antes dos dias das sufragistas, ela teve que suportar muitas zombarias e insultos dos machos sem-vergonhas ao seu redor. A cena de sonho favorita de Emily foi onde ela se levantou para fazer seu primeiro discurso - um evento maravilhosamente emocionante. Como Emily achava difícil fazer justiça à cena em quaisquer ideias próprias, ela sempre se voltava para a "resposta de Pitt a Walpole", que ela havia

encontrado em seu Royal Reader, e a declamava, com variações adequadas. A insolente oradora que havia provocado a Lady Trevanion a falar, zombou dela como mulher, e Lady Trevanion, uma criatura magnífica em seu veludo e pérolas, levantou-se a seus pés, em meio a um silêncio silencioso e dramático, e disse:

"O crime atroz de ser mulher que o honrado membro tem, com tal espírito e decência, acusado a mim, não tentarei paliar ou negar, mas me contentarei em desejar ser uma daquelas cujas loucuras cessam com seu sexo e não uma daquele número que são ignorantes apesar da masculinidade e da experiência."

(Aqui ela sempre foi interrompida por trovoadas de aplausos).

Mas o sabor estava completamente ausente nesta cena hoje e quando Emily chegou à linha: "Mas a feminilidade, senhor, não é meu único crime" - ela desistiu com repulsa e caiu novamente em preocupação com a mãe de Ilse, misturada com algumas especulações desconfortáveis a respeito do clímax de sua história sobre o fantasma do poço, misturado com suas desagradáveis sensações físicas.

Seus olhos a machucavam quando ela os movia. Ela estava com frio, embora o dia de julho fosse quente. Ela ainda estava deitada lá quando a tia Elizabeth veio perguntar por que ela não tinha ido trazer as vacas do pasto para casa.

"Eu não sabia que era tão tarde", disse Emily confusa. "Eu... eu... minha cabeça dói, tia Elizabeth."

A tia Elizabeth enrolou a cega de algodão branco e olhou para Emily. Ela notou seu rosto corado - ela sentiu seu pulso. Em seguida, pediu-lhe que ficasse onde estava, foi ao chão e mandou Perry buscar o Dr. Burnley.

"Provavelmente ela está com sarampo", disse o médico tão asperamente quanto de costume. Emily ainda não estava doente o

suficiente para ser gentil. "Há um surto deles em Derry Pond. Ela teve alguma chance de pegá-los?"

"Os dois filhos de Jimmy Joe Belle estiveram aqui uma tarde, cerca de dez dias atrás. Ela brincou com eles - ela está sempre brincando com pessoas com as quais não tem nada que se associar. Mas eu não ouvi dizer que eles estavam ou estiveram doentes."

Jimmy Joe Belle, quando perguntado claramente, confessou que seus "jovens" tinham saído com sarampo no mesmo dia depois de terem estado na Lua Nova. Não havia, portanto, muitas dúvidas quanto à doença de Emily.

"É um tipo ruim de sarampo aparentemente", disse o médico. "Um grande número de crianças de Derry Pond morreram de sarampo. A maior parte das crianças francesas, no entanto, saíam da cama quando não tinham nada para estar e pegavam frio. Acho que você não precisa se preocupar com Emily. Ela poderia muito bem ter sarampo e já ter acabado com isso. Mantenha-a aquecida e mantenha o quarto escuro. Eu vou visitá-la pela manhã."

Durante três ou quatro dias, ninguém ficou muito alarmado. O sarampo era uma doença que todos tinham que ter. A tia Elizabeth cuidou bem de Emily e dormiu em um sofá que tinha sido movido para o mirante. Ela até deixou a janela aberta durante a noite. Apesar disso - talvez a tia Elizabeth pensasse por causa disso - Emily ficou cada vez mais doente, e no quinto dia ocorreu uma mudança brusca para pior. Sua febre subiu rapidamente, o delírio se instalou; o Dr. Burnley veio, parecia ansioso, sem olhar, mudou o remédio.

"Fui mandado para um caso grave de pneumonia na White Cross", disse ele, "e tenho que ir a Charlottetown pela manhã para estar presente na operação da Sra. Jackwell. Eu prometi a ela que iria. Estarei de volta à noite. Emily está muito inquieta - esse sistema de alta tensão dela é evidentemente muito sensível à febre. Que disparate é esse de que ela está falando sobre a Mulher Ventosa?"

"Oh, eu não sei", disse a tia Elizabeth preocupada. "Ela está sempre falando bobagens como essa, mesmo quando está bem. Allan, diga-me claramente... há algum perigo?"

"Há sempre perigo neste tipo de sarampo. Eu não gosto desses sintomas - a erupção já deveria ter saído e não há sinais disso. Sua febre é muito alta - mas acho que ainda não precisamos ficar alarmados. Se eu pensasse o contrário, não iria à cidade. Mantenha-a o mais quieta possível... os seus caprichos, se você puder... não gosto desse distúrbio mental. Ela parece terrivelmente perturbada - parece estar preocupada com alguma coisa. Será que ela tem algo em mente ultimamente?"

"Não que eu saiba", disse a tia Elizabeth. Ela teve uma súbita e amarga percepção de que realmente não sabia muito sobre a mente da criança. Emily nunca teria ido até ela com qualquer um de seus pequenos problemas e preocupações.

"Emily, o que a está incomodando?" perguntou o Dr. Burnley suavemente - muito suavemente. Ele pegou a mão quente, atirando, suavemente, oh, tão suavemente, em sua grande mão.

Emily olhou para cima com olhos selvagens e febril.

"Ela não poderia ter feito isso... ela não poderia ter feito isso."

"Claro que ela não poderia", disse o médico alegremente. "Não se preocupe... ela não fez isso."

Seus olhos telegrafaram: "O que ela quer dizer?" para Elizabeth, mas Elizabeth balançou a cabeça.

"De quem você está falando querida?", perguntou ela a Emily. Era a primeira vez que ela chamava Emily de "querida".

Mas Emily estava fora em outro caminho. O poço no campo do Sr. Lee estava aberto, declarou ela. Alguém certamente iria cair nele. Por que o Sr. Lee não calou a boca? O Dr. Burnley deixou a tia

Elizabeth tentando tranquilizar Emily sobre esse ponto e se apressou para White Cross.

Na porta ele quase caiu sobre Perry que estava enrolado na laje de arenito, abraçando desesperadamente suas pernas queimadas pelo sol. "Como está Emily?" exigiu ele, agarrando a saia do casaco do médico.

"Não me incomode, estou com pressa", rosnou o médico.

"Você me diz como está Emily ou eu me agarro ao seu casaco até as costuras irem embora", disse Perry teimosamente. "Não consigo tirar uma palavra de bom senso daquelas solteironas. Você me diz!"

"Ela é uma criança doente, mas eu ainda não estou seriamente alarmado com ela." O médico deu ao seu casaco outro puxão - mas Perry se agarrou para uma última palavra.

"Você tem que curá-la", disse ele. "Se algo acontecer com Emily, eu me afogarei no lago..."

Ele se soltou tão de repente que o Dr. Burnley quase se afundou de cabeça no chão. Então Perry se enrolou na porta novamente. Ele observou lá até Laura e o primo Jimmy terem ido para a cama e depois se esgueirou pela casa e se sentou nas escadas, onde podia ouvir qualquer som no quarto de Emily. Ele passou a noite ali sentado, com os punhos cerrados, como se estivesse de guarda contra um inimigo invisível.

Elizabeth Murray vigiou Emily até as duas horas e depois Laura tomou seu lugar.

"Ela delirou muito", disse a tia Elizabeth. "Quem me dera saber o que a preocupa - há algo, tenho certeza. Não é tudo um mero delírio. Ela continua repetindo 'Ela não poderia ter feito isso' em tons tão implorantes. Eu me pergunto: oh, Laura, você se lembra de quando eu li as cartas dela? Você acha que ela se refere a mim?"

Laura balançou a cabeça. Ela nunca tinha visto Elizabeth tão comovida.

"Se a criança... não fica melhor...", disse a tia Elizabeth.

Ela não disse mais nada, mas saiu rapidamente da sala.

Laura sentou-se junto à cama. Ela estava pálida e atraída com sua própria preocupação e cansaço - pois não tinha conseguido dormir. Ela amava Emily como sua própria filha e o terrível medo que possuía seu coração não se levantaria por um instante. Ela se sentou ali e rezou silenciosamente. Emily caiu em um sono conturbado que durou até o amanhecer cinzento entrar na vigília. Então ela abriu os olhos e olhou para a tia Laura - olhou para além dela.

"Vejo-a vir sobre os campos", disse ela com uma voz alta e clara. "Ela está vindo com tanto prazer - ela está cantando - ela está pensando em seu bebê - oh, mantenha-a de costas - ela não vê o poço - é tão escuro que ela não vê - oh, ela entrou nele - ela entrou nele - ela entrou nele!"

A voz de Emily subiu num grito perfurante que penetrou no quarto da tia Elizabeth e a trouxe voando pelo corredor em sua camisa de noite de flanela.

"O que há de errado, Laura?", ela ofegou.

Laura estava tentando acalmar Emily, que estava lutando para sentar-se na cama. Suas bochechas estavam vermelhas e seus olhos ainda tinham o mesmo ar selvagem e distante.

"Emily... Emily, querida, você acabou de ter um pesadelo. O velho poço de Lee não está aberto... ninguém caiu nele."

"Sim, alguém caiu", disse Emily. "Ela tem... eu a vi... eu a vi... com o ás de copas na testa. Você acha que eu não a conheço?"

Ela caiu de volta em seu travesseiro, gemeu e jogou as mãos que Laura Murray havia afrouxado em sua surpresa.

As duas senhoras de Lua Nova se olharam uma para a outra do outro lado da cama com consternação - e algo como terror.

"Quem você viu, Emily?" perguntou a tia Elizabeth.

"A mãe de Ilse... claro. Eu sempre soube que ela não tinha feito aquela coisa horrível. Ela caiu no velho poço... ela está lá agora... vá... vá e tire-a de lá, tia Laura. Por favor!"

"Sim... sim, claro que vamos tirá-la de lá, querida", disse a tia Laura, calmamente.

Emily sentou-se na cama e olhou novamente para a tia Laura. Desta vez ela não olhou através dela, ela olhou para dentro dela. Laura Murray sentiu que aqueles olhos ardentes liam sua alma.

"Você está mentindo para mim", gritou Emily. "Você não quer tentar tirá-la de lá. Você só está dizendo isso para me deixar de fora. A tia Elizabeth", ela se virou de repente e pegou a mão da tia Elizabeth, "você vai fazer isso por mim, não vai? Você vai tirá-la do poço velho, não vai?"

Elizabeth se lembrou que o Dr. Burnley havia dito que os caprichos de Emily devem ser humilhados. Ela estava aterrorizada com a condição da criança.

"Sim, eu a tirarei de lá se ela estiver lá dentro", disse ela.

Emily soltou sua mão e afundou. O clarão selvagem deixou seus olhos. Uma grande calma repentina caiu sobre seu pequeno rosto angustiado.

"Eu sei que você vai manter sua palavra", disse ela. "Você é muito dura - mas nunca mente, tia Elizabeth."

Elizabeth Murray voltou para seu próprio quarto e se vestiu com seus dedos trêmulos. Um pouco mais tarde, quando Emily tinha caído em um sono tranquilo, Laura desceu e ouviu Elizabeth dando algumas ordens ao primo Jimmy na cozinha.

"Elizabeth, você não quer mesmo que aquele velho poço seja revistado?"

"Eu quero", disse Elizabeth resolutamente. "Eu sei que é um disparate tão bom quanto você. Mas eu tive que prometer que a acalmaria... e eu manterei minha promessa. Você ouviu o que ela disse: Ela acreditava que eu não lhe mentiria. Nem eu mentirei. Jimmy, você irá ao James Lee depois do café da manhã e lhe pedirá para vir aqui."

"Como ela ouviu a história?", disse Laura.

"Eu não sei - oh, alguém lhe contou, é claro - talvez aquele velho demônio da tia Nancy. Não importa quem. Ela já ouviu e o problema é mantê-la calada. Não é tanto um trabalho colocar escadas no poço e conseguir que alguém desça. O que importa é o absurdo disso."

"Vamos ser ridicularizados por um par de tolos", protestou Laura, cuja parte do orgulho de Murray estava em revolta escaldante. "E além disso, abrirá novamente todo o velho escândalo."

"Não importa. Vou manter minha palavra para a criança", disse Elizabeth teimosamente.

Allan Burnley veio à Lua Nova ao pôr do sol, no caminho de volta da cidade. Ele estava cansado, pois já estava indo noite e dia há mais de uma semana; ele estava mais preocupado do que admitiu sobre Emily; ele parecia velho e bastante desolado quando entrou na cozinha da Lua Nova.

Somente o primo Jimmy estava lá. O primo Jimmy não parecia ter muito o que fazer, embora fosse um bom dia de feno e Jimmy

Joe Belle e Perry estivessem transportando as grandes cargas perfumadas e secas ao sol. Ele sentou-se junto à janela ocidental com uma expressão estranha em seu rosto.

"Olá, Jimmy, onde estão as meninas? E como está Emily?"

"Emily está melhor", disse o primo Jimmy. "A erupção cutânea está fora e sua febre baixou. Eu acho que ela está dormindo."

"Ótimo. Não podíamos perder aquela menina, pois não, Jimmy?"

"Não", disse Jimmy. Mas ele parecia não querer falar sobre isso. "Laura e Elizabeth estão na sala de estar. Elas querem ver você." Ele fez uma pausa de um minuto e depois acrescentou de uma forma sinistra. "Não há nada escondido que não deva ser revelado."

Ocorreu a Allan Burnley que Jimmy estava agindo misteriosamente. E se Laura e Elizabeth quisessem vê-lo, por que não saíram? Não era como eles para ficar de pé em uma cerimônia desta maneira. Ele empurrou impacientemente a porta da sala de estar.

Laura Murray estava sentada no sofá, encostando a cabeça no braço dela. Ele não podia ver o rosto dela, mas sentia que ela estava chorando. Elizabeth estava sentada com o parafuso em pé em uma cadeira. Ela usava sua segunda melhor seda preta e sua segunda melhor touca de renda. E ela, também, estava chorando. O Dr. Burnley nunca deu muita importância às lágrimas de Laura, fáceis como as da maioria das mulheres, mas que Elizabeth Murray deveria chorar? Ele já a tinha visto chorar antes?

O pensamento de Ilse passou-lhe pela mente - sua filha pouco negligenciada. Teria acontecido alguma coisa com Ilse? Em um momento terrível, Allan Burnley pagou o preço de seu tratamento de sua filha.

"O que está errado?", exclamou ele com sua maneira mais dura.

"Oh, Allan", disse Elizabeth Murray. "Deus nos perdoe... Deus nos perdoe a todos!"

"Algo aconteceu com Ilse?", disse o Dr. Burnley, entorpecido.

"Não... não... não Ilse."

Então ela lhe disse - ela lhe disse o que havia sido encontrado no fundo do poço do velho Lee - ela lhe disse qual havia sido o verdadeiro destino da jovem esposa adorável e risonha, cujo nome por doze anos amargo nunca havia cruzado seus lábios.

Foi só na noite seguinte que Emily viu o médico. Ela estava deitada na cama, fraca e coxeia, vermelha como uma beterraba com a erupção cutânea do sarampo, mas bem ela mesma novamente. Allan Burnley ficou de pé junto à cama e olhou para ela.

"Emily, minha querida criancinha, você sabe o que fez por mim? Deus sabe como você o fez."

"Pensei que você não acreditava em Deus", disse Emily, maravilhosamente.

"Você me devolveu minha fé Nele, Emily."

"Por que, o que eu fiz?"

A Dra. Burnley viu que ela não tinha nenhuma lembrança de seu delírio. Laura havia dito a ele que havia dormido muito tempo e profundamente depois da promessa de Elizabeth e que havia despertado com o desaparecimento da febre e a erupção saindo rapidamente. Ela não tinha perguntado nada e eles não tinham dito nada.

"Quando você estiver melhor nós lhe diremos tudo", disse ele, sorrindo para ela. Havia algo muito doloroso no sorriso - e ainda assim algo muito doce.

"Agora ele está sorrindo com os olhos assim como com a boca", pensou Emily.

"Como ela sabia?" sussurrou Laura Murray para ele quando ele desceu. "Eu... não consigo entender, Allan."

"Nem eu. Estas coisas estão além de nós, Laura", ele respondeu gravemente. "Só sei que esta criança me devolveu a Beatrice, inoxidável e amada. Talvez isso possa ser explicado de forma racional. Emily foi evidentemente informada sobre Beatrice e preocupada com ela - ela repetiu 'ela não poderia ter feito isso', mostra isso. E os contos do velho Lee bem naturalmente causaram uma profunda impressão na mente de uma criança sensível e profundamente viva a valores dramáticos. Em seu delírio, ela misturou tudo isso com o conhecido fato de Jimmy ter caído no poço da Lua Nova - e o resto foi coincidência. Eu mesmo teria explicado tudo isso uma vez, mas agora, Laura, eu só digo humildemente: 'Uma criancinha os guiará'."

"A mãe de nossa madrasta era uma escocesa das Highlands [Terras Altas da Escócia]. Eles disseram que ela tinha a segunda visão", disse Elizabeth. "Eu nunca acreditei nisso... antes."

A emoção de Blair Water tinha morrido antes que Emily fosse considerada forte o suficiente para ouvir a história. O que havia sido encontrado no velho poço Lee havia sido enterrado no terreno Mitchell em Shrewsbury e um poço de mármore branco, "Sagrado à memória de Beatrice Burnley, amada esposa de Allan Burnley", havia sido erguido. A sensação causada pela presença do Dr. Burnley todos os domingos no velho banco de areia Burnley havia desaparecido. Na primeira noite em que Emily pôde sentar-se, a tia Laura contou-lhe a história toda. Sua maneira de contar a história a despojou para sempre da mancha e insinuação deixadas pela tia Nancy.

"Eu sabia que a mãe de Ilse não poderia ter feito isso", disse Emily triunfantemente.

"Agora nos culpamos por nossa falta de fé", disse tia Laura. "Deveríamos ter sabido também - mas parecia negro contra ela na época, Emily. Ela era uma criatura brilhante, bela e alegre - pensamos que sua amizade íntima com seu primo era natural e inofensiva. Sabemos agora que era tão - mas todos estes anos desde o seu desaparecimento, acreditamos de maneira diferente. O Sr. James Lee se lembra claramente que o poço estava aberto na noite do desaparecimento de Beatrice. Seu homem contratado havia tirado as velhas tábuas podres daquela noite, com a intenção de colocar as novas de uma só vez. Então, a casa de Robert Greerson pegou fogo e ele correu com todos os outros para ajudar a salvá-la. Quando saiu, já estava muito escuro para terminar o poço, e o homem nada disse sobre isso até a manhã. O Sr. Lee estava com raiva dele - ele disse que era uma coisa escandalosa deixar um poço assim descoberto. Ele mesmo desceu e colocou as novas tábuas no lugar. Ele não olhou para baixo no poço - ele olhou que não podia ter visto nada, pois os fetos que cresciam dos lados crivavam as profundezas. Foi logo após a colheita. Ninguém mais estava no campo antes da primavera seguinte. Ele nunca conectou o desaparecimento de Beatrice com o poço aberto - ele se pergunta agora que não o fez. Mas veja... o que aconteceu... foram muitos mexericos maliciosos... e Beatrice era conhecida por ter entrado a bordo da Dama do Vento. Era dado como certo que ela nunca mais saiu de lá. Mas ela saiu - e foi para a sua morte no velho campo de Lee. Foi um final terrível para sua brilhante vida jovem - mas não tão terrível, afinal de contas, como acreditávamos. Durante doze anos, nós erramos os mortos. Mas... Emily... como você poderia saber?"

"Eu não... não... sei. Quando o médico chegou naquele dia eu não conseguia me lembrar de nada - mas agora me parece que me lembro de algo - como se eu tivesse sonhado - de ver a mãe de Ilse vindo sobre os campos, cantando. Estava escuro - e ainda podia ver o ás dos corações - oh, Tia, não sei - não gosto de pensar nisso, de alguma forma."

"Não voltaremos a falar sobre isso", disse tia Laura gentilmente. "É uma das coisas melhores de que não se fala - um dos segredos

de Deus."

"E Ilse... seu pai a ama agora?" perguntou Emily avidamente.

"Ama! Ele não pode amá-la o suficiente. Parece que ele estava derramando sobre ela de uma vez todo o amor calado daqueles doze anos."

"Ele provavelmente a mimará agora tanto com indulgência quanto antes com negligência", disse Elizabeth, chegando com o jantar de Emily a tempo de ouvir a resposta de Laura.

"Vai ser preciso muito amor para mimar Ilse", riu Laura. "Ela está bebendo por amor como uma esponja sedenta. E ela o ama muito em troca. Não há um traço de rancor nela por causa da longa negligência dele."

"Mesmo assim", disse Elizabeth, aconchegando travesseiros nas costas de Emily com uma mão muito gentil, estranhamente em contraste com sua expressão severa, "ele não vai sair tão facilmente. Ilse está à solta há doze anos. Ele não vai achar tão fácil fazê-la se comportar corretamente agora - se alguma vez o fizer."

"O amor fará maravilhas", disse suavemente a tia Laura. "É claro, Ilse está morrendo de vontade de vir vê-la, Emily. Mas ela deve esperar até que não haja perigo de infecção. Eu lhe disse que ela poderia escrever - mas quando ela descobriu que eu teria que ler por causa de seus olhos ela disse que esperaria até que você mesmo pudesse ler. Evidentemente" Laura riu novamente: "Evidentemente Ilse tem muita importância para lhe dizer."

"Eu não sabia que alguém poderia estar tão feliz como eu estou agora", disse Emily. "E oh, tia Elizabeth, é tão bom sentir fome de novo e ter algo para mastigar."

CAPÍTULO XXXI

O Grande Momento de Emily

A convalescença de Emily foi bastante lenta. Fisicamente, ela se recuperou com celeridade normal, mas um certo langor espiritual e emocional persistiu por um tempo. Não se pode descer às profundezas das coisas escondidas e escapar da pena. Mas Emily estava muito feliz e contente para se lamentar. Era que a vida parecia ter perdido seu sabor por um tempo, como se alguma fonte de energia vital tivesse sido drenada para fora dela e reabastecida lentamente.

Ela não tinha, naquele momento, ninguém com quem brincar. Perry, Ilse e Teddy tinham todos caído com sarampo no mesmo dia. A Sra. Kent inicialmente declarou amargamente que Teddy os havia apanhado na Lua Nova, mas todos os três os haviam contraído em um piquenique na escola de domingo, onde as crianças de Derry Pond haviam estado. Esse piquenique infectou todas as Blair Water. Havia uma orgia perfeita de sarampo. Teddy e Ilse estavam apenas moderadamente doentes, mas Perry, que tinha insistido em ir para casa da tia Tom nos primeiros sintomas, quase morreu. Emily não pôde conhecer seu perigo até que ele tivesse passado, para não preocupá-la demais. Até a tia Elizabeth estava preocupada com isso. Ela ficou surpresa ao descobrir o quanto eles sentiam falta de Perry por aqui.

Foi uma sorte para Emily que Dean Priest esteve em Blair Water durante este tempo desesperado. Sua companhia era exatamente o que ela precisava e a ajudou maravilhosamente no caminho para a completa recuperação. Eles fizeram longas caminhadas juntos por toda Blair Water, com Tweed ao seu redor, e exploraram lugares e estradas que Emily nunca havia visto antes. Eles viram uma jovem lua envelhecer, noite após noite; conversaram em câmaras de

crepúsculo com pouco cheiro sobre longas estradas vermelhas de mistério; seguiram a atração dos ventos das colinas; viram as estrelas se erguerem e Dean lhe contou tudo sobre elas - as grandes constelações dos velhos mitos. Foi um mês maravilhoso; mas no primeiro dia da convalescença de Teddy, Emily foi ao Tansy Patch para a tarde e Jarback Priest caminhou - se é que ele caminhou - sozinho.

A tia Elizabeth foi extremamente educada com ele, embora não gostasse muito dos Priest, e nunca se sentiu muito confortável sob o brilho zombeteiro dos olhos verdes do "Jarback" e o leve escárnio de seu sorriso, o que parecia fazer o orgulho de Murray e as tradições de Murray parecerem muito menos importantes do que realmente eram.

"Ele tem o jeito dos Priest", disse ela a Laura, "embora não seja tão forte nele como na maioria deles. E ele certamente está ajudando Emily. Ela começou a criar coragem desde que ele chegou."

Emily continuou a melhorar e em setembro, quando a epidemia de sarampo foi passada e Dean Priest tinha ido de repente para a Europa para o outono, ela estava pronta para a escola novamente - um pouco mais alta, um pouco mais magra, um pouco menos infantil, com grandes olhos sombrios cinza que tinham olhado para a morte e lido o enigma de uma coisa enterrada, e que doravante guardaria neles alguma lembrança assombrosa e esquiva daquele mundo por trás do véu. Dean Priest o tinha visto - o Sr. Carpenter o viu quando ela sorriu para ele do outro lado de sua mesa na escola.

"Ela deixou para trás a infância de sua alma, embora ainda seja uma criança no corpo", murmurou ele.

Uma tarde, em meio aos dias dourados e nevoeiros de outubro, ele pediu-lhe asperamente que o deixasse ver alguns de seus versos.

"Nunca tive a intenção de encorajá-la a isso", disse ele. "Não quero dizer agora. Provavelmente você não pode escrever uma linha de poesia real e nunca o fará. Mas deixe-me ver suas coisas. Se for irremediavelmente ruim, eu lhe direi. Não quero que você perca anos lutando pelo inatingível - pelo menos não terei isso em minha consciência se você o fizer. Se houver alguma promessa nisso, eu lhe direi com a mesma honestidade. E traga também algumas de suas histórias - elas ainda são lixo, isso é certo, mas vou ver se elas mostram causa justa e suficiente para continuar."

Emily passou uma hora muito solene naquela noite, pesando, escolhendo, rejeitando. Ao pequeno feixe de versos ela acrescentou um de seus Livros-Jimmy que continha, como ela pensava, suas melhores histórias. Ela foi para a escola no dia seguinte, tão secreta e misteriosa que Ilse se ofendeu, começou a chamar seus nomes - e depois parou. Ilse havia prometido a seu pai que tentaria quebrar o hábito de chamar nomes. Ela estava progredindo bastante e sua conversa, se menos vívida, estava começando a se aproximar dos padrões da Lua Nova.

Emily fez uma triste confusão com suas lições naquele dia. Ela estava nervosa e assustada. Ela tinha um tremendo respeito pela opinião do Sr. Carpenter. O padre Cassidy havia dito a ela para continuar - Dean Priest lhe havia dito que um dia ela poderia realmente escrever - mas talvez eles estivessem apenas tentando ser encorajadores porque gostavam dela e não queriam ferir seus sentimentos. Emily sabia que o Sr. Carpenter não faria isso. Não importava se ele gostasse dela, ele a cortaria impiedosamente se achasse que a raiz do problema não estava nela. Se, pelo contrário, ele lhe pedisse velocidade divina, ela se contentaria com isso contra o mundo e nunca perderia a coragem diante de qualquer crítica futura. Não é de se admirar que o dia parecesse repleto de tremendas questões para Emily.

Quando a escola acabou, o Sr. Carpenter pediu que ela ficasse. Ela era tão branca e tensa que os outros alunos achavam que ela deveria ter sido descoberta pelo Sr. Carpenter em algum

comportamento especialmente terrível e sabiam que ela iria "pegá-la". Rhoda Stuart atirou um sorriso malicioso significativo do alpendre - o que Emily nunca viu. Ela estava, de fato, em um tribunal momentâneo, com o Sr. Carpenter como juiz supremo, e toda sua futura carreira - assim ela acreditava - pendurada em seu veredicto.

Os alunos desapareceram e uma tranquilidade suave e ensolarada se instalou sobre a antiga sala da escola. O Sr. Carpenter tirou de sua mesa o pequeno pacote que ela lhe havia dado pela manhã, desceu do corredor e sentou-se no banco diante dela, de frente para ela. Muito deliberadamente, ele colocou seus óculos ao lado do nariz com ganchos, tirou os manuscritos dela e começou a ler - ou melhor, a olhá-los de relance, jogando restos de comentários, misturados com grunhidos, farejos e cascos, para ela enquanto olhava de relance. Emily dobrou suas mãos frias sobre sua escrivaninha e segurou seus pés contra as pernas dela para evitar que seus joelhos tremessem. Esta foi uma experiência muito terrível. Ela desejava nunca ter dado seus versos ao Sr. Carpenter. Eles não eram bons - claro que não eram bons. Lembre-se do editor da empresa.

"Humph!" disse o Sr. Carpenter. "Pôr do sol... Senhor, quantos poemas foram escritos sobre 'Pôr do sol'?"

"As nuvens se aglomeram em esplêndido estado
No portão ocidental sem barricadas do céu
Onde as tropas de espíritos com olhos de estrela esperam..."

"Por Deus, o que isso significa?"

"Eu... eu... não sei", falhou Emily, cuja perspicácia tinha sido espalhada pelo súbito golpe de seu olhar.

O Sr. Carpenter farejou.

"Pelo amor de Deus, menina, não escreva o que você mesma não consegue entender. E isto... Para a Vida...'A Vida, como teu

presente eu não peço alegria de arco-íris...' isso é sincero? É, garota? Pare e pense. Você pede 'sem alegria de arco-íris' da vida?"

Ele a transfixou com outro brilho. Mas Emily começava a se levantar um pouco. No entanto, de repente ela se sentiu estranhamente envergonhada dos desejos muito elevados e altruístas expressos naquele soneto.

"Não", ela respondeu com relutância, "Eu quero a alegria do arco-íris... lotes dela."

"Claro que você quer. Todos nós queremos. Nós não entendemos. Você não vai entender. Mas não seja hipócrita o suficiente para fingir que não o quer, mesmo em um soneto. Linhas para um cascata de montanha: 'Em suas rochas escuras como a brancura de um véu ao redor de uma noiva'. Onde você viu uma cascata de montanha na Ilha do Príncipe Eduardo?"

"Agora, há uma foto de uma na biblioteca do Dr. Burnley."

"Um riacho de madeira...
Os raios de sol de rosca tremem,
Os arbustos de dobra tremem,
Sobre o pequeno rio sombrio..."

"Há apenas mais uma rima que me ocorre e que é 'fígado'. Por que você o deixou de fora?"

Emily escreveu:

"Canção do Vento...
Eu sacudi o orvalho nos prados
Da bata cremosa do trevo..."

"Bonito, mas fraco. Junho-Junho, pelo amor de Deus, menina, não escreva poesia em junho. É o assunto mais doentio do mundo. Já foi escrito até a morte."

"Não, junho é imortal", gritou Emily de repente, um brilho mutante substituindo o olhar tênue em seus olhos. Ela não ia deixar o Sr. Carpenter ter tudo isso à sua maneira.

Mas o Sr. Carpenter havia jogado "Junho" de lado sem ler uma linha dela.

"Aqui diz: 'Estou cansada do mundo faminto'. O que você sabe do mundo faminto? Você em sua reclusão da Lua Nova de velhas árvores e velhas donzelas, mas está com fome. 'Ode ao inverno'. As estações são uma espécie de doença que todos os jovens poetas devem ter, ao que parece... ha! A primavera não se esquecerá... essa é uma boa linha... a única boa linha nela. Humm... 'Andar de um lado para o outro'..."

"Eu ouvi o segredo da runa
Que os sombrios pinheiros na encosta do morro..."

"Você já... você aprendeu esse segredo?"

"Acho que sempre o soube", disse Emily sonhando. Aquele clarão de doçura inimaginável que às vezes a surpreendia, tinha acabado de chegar e partir.

"E este aqui: 'Apontar e Endeavour...' para o didático... para o didático. Você não tem o direito de tentar ensinar até ficar velho - e então você não vai querer..."

"E este outro: 'Seu rosto era como uma estrela toda pálida e justa...'. Você estava olhando no espelho quando compôs essa linha?"

"Não..." disse Emily indignadamente.

"'Quando a luz da manhã é sacudida como um estandarte na colina' - uma boa linha... uma boa linha..."

"Oh, em uma manhã tão dourada

Viver é uma delícia..."

"Demasiado parecido com um leve eco de Wordsworth. O mar em setembro -'azul e austeramente brilhante', 'austeramente brilhante'. Criança, como você pode casar com os adjetivos certos como esse? 'Bom dia, todos os medos secretos que assombram a noite', o que você sabe sobre os medos que assombram a noite?"

"Eu sei algo", disse Emily decididamente, lembrando-se de sua primeira noite em Wyther Grange.

"Para um Dia Morto...
Com a calma fria em sua testa
Que só os mortos podem usar..."

"Você já viu a calma fria no rosto dos mortos, Emily?"

"Sim", disse Emily suavemente, lembrando aquele amanhecer cinzento da velha casa no vazio.

"Eu pensei tão... de outra forma você não poderia ter escrito que... e mesmo assim... qual sua idade Emily?"

"Fiz treze anos, em maio passado."

"Humph! 'Linhas para o Filho Infantil da Sra. George Irving' - você deveria estudar a arte dos títulos, Emily - há uma moda neles como em tudo o resto. Seus títulos estão tão desatualizados quanto as velas da Lua Nova..."

"Sonoramente ele dorme com seus lábios vermelhos pressionados
Como uma linda flor perto de seu peito..."

"O resto não vale a pena ler. 'Setembro...' há um mês que você perdeu...'

Então ele continuou: "Boa linha... suponho que a Lua Nova esteja cheia de fantasmas. 'A lua nova está cheia de fantasmas. A

lua nova caiu e cumpriu bem sua parte' - que poderia ter passado no tempo de Addison, mas não agora... não agora, Emily..."

"*Suas covinhas azuis são os túmulos*
Onde milhões de raios solares enterrados brincam..."

"Atroz, menina... atroz. As sepulturas não são parques infantis. Quanto você jogaria se estivesse enterrada?"

Emily escreveu e corou de novo. Por que ela mesma não poderia ter visto isso? Qualquer ganso poderia tê-lo visto.

"Velejar em frente, navios... asas brancas, navegar em frente,
Até passar a barra púrpura do horizonte
Você se afasta da vista... Na madrugada
Velejar em frente..."

"Lixo... lixo... e ainda há uma imagem nele..."

"Ondas suaves, roxas. Eu sonho,
E os sonhos são doces... Não vou acordar mais..."

"Ah, mas você terá que acordar se quiser realizar alguma coisa. Garota, você já usou roxo duas vezes no mesmo poema."

"'Ranúnculos em um frenesi dourado...' uma garota de ouro frenético, eu vejo o vento sacudindo os botões"
"Dos portões roxos do oeste eu venho..."
"Você gosta muito de púrpura, Emily."

"É uma palavra tão adorável", disse Emily.

“E: ‘Sonhos que parecem brilhantes demais para morrer...’ Parece mas nunca é, Emily..."

"E: ‘A voz sedutora do eco, a fama...’ Então você também já ouviu isso? É uma isca e para a maioria de nós apenas um eco. E isso é o último do lote."

O Sr. Carpenter varreu os pequenos lençóis para o lado, dobrou os braços sobre a mesa e olhou por cima dos óculos para Emily.

Emily olhou para ele em silêncio, sem emoção. Toda a vida parecia ter sido drenada para fora de seu corpo e concentrada em seus olhos.

"Dez boas linhas em quatrocentos, Emily - comparativamente boas, isto é - e todo o resto é lixo, lixo Emily."

"Eu suponho que sim", disse Emily fracamente.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas, seus lábios estremeceram. Ela não pôde evitá-lo. O orgulho estava irremediavelmente submerso na amargura de seu desapontamento. Ela se sentiu exatamente como uma vela que alguém havia apagado.

"Por que você está chorando?" exigiu o Sr. Carpenter.

Emily pestanejou as lágrimas e tentou rir.

"Eu... sinto muito... você acha que não é bom..." disse ela.

O Sr. Carpenter deu um forte murro na mesa.

"Não adianta! Eu não lhe disse que havia dez boas falas? Jade, para dez homens justos, Sodoma tinha sido poupada."

"Você quer dizer que... afinal de contas..." A vela estava sendo reacendida novamente.

"Claro, quero dizer. Se aos treze você puder escrever dez boas linhas, aos vinte você escreverá dez vezes dez - se os deuses forem amáveis. Mas pare de mexer durante meses - e não imagine que você também seja um gênio, se você tiver escrito dez linhas decentes. Eu acho que há algo tentando falar através de você, mas você terá que se fazer um instrumento adequado para isso. Você tem que trabalhar duro e sacrificar-se - por Deus, garota, você

escolheu uma deusa ciumenta. E ela nunca deixa seus eleitores irem - mesmo quando ela fecha os ouvidos para sempre ao apelo deles. O que você tem aí?"

Emily, sua alma entusiasmada, entregou-lhe seu Livro-Jimmy. Ela estava tão feliz que brilhou através de todo o seu ser com um brilho positivo. Ela viu seu futuro, maravilhoso, brilhante - oh, sua deusa a ouviria - "Emily B. Starr, a ilustre poetisa" - "E. Byrd Starr, a jovem romancista em ascensão."

Ela foi lembrada de seu encantador devaneio por um risinho do Sr. Carpenter. Emily perguntou-se um pouco desconfortavelmente do que ele estava rindo. Ela não achou que houvesse algo engraçado naquele livro. Ele continha apenas três ou quatro de suas últimas histórias: "A Rainha Borboleta", um pequeno conto de fadas; "A Casa Decepcionada", na qual ela havia tecido um belo sonho de esperanças realizadas após longos anos; "O Segredo do Glen", que, apesar de seu título, era um pequeno diálogo fantasioso entre o Espírito da Neve, o Espírito da Chuva Cinzenta, o Espírito da Névoa, e o Espírito do Luar.

"Então você acha que eu não sou bonito quando rezo", disse o Sr. Carpenter.

Emily gaseou - percebeu o que tinha acontecido - fez uma garra frenética em seu Livro-Jimmy - não deu certo. O Sr. Carpenter a segurou para além de seu alcance e zombou dela.

Ela tinha dado a ele o Livro-Jimmy errado! E este aqui, oh, horrores, o que estava nele? Ou melhor, o que não estava nele? Esboços de cada um em Blair Water - e uma descrição completa - uma descrição muito completa do próprio Sr. Carpenter. Com a intenção de descrevê-lo exatamente, ela tinha sido tão impiedosamente lúcida quanto sempre foi, especialmente no que diz respeito aos rostos estranhos que ele fazia nas manhãs quando ele abria o dia escolar com uma oração. Graças ao seu dramático toque de pintura de palavras, o Sr. Carpenter viveu nesse esboço. Emily não o sabia, mas ele sabia - ele se via como em um espelho e a arte

dele o agradava para que ele não se importasse com mais nada. Além disso, ela tinha desenhado seus pontos bons tão claramente quanto seus pontos ruins. E havia algumas frases nele: "Ele parece saber muita coisa que nunca lhe pode ser útil". "Acho que ele usa o casaco preto às segundas-feiras porque o faz sentir que não esteve nada bêbado". Quem ou o que tinha ensinado estas coisas a esta garota? Oh, a deusa dela não passaria por Emily!

"Desculpe", disse Emily com vergonha por toda a sua delicada palidez.

"Porque, eu não teria perdido isto por toda a poesia que você escreveu ou que alguma vez escreverá! Por Deus, sua literatura - literatura - e você tem apenas treze anos. Mas você não sabe o que está à sua frente - as colinas pedregosas - as subidas íngremes - os desânimos. Fique no vale se você for sábia. Emily, por que você quer escrever? Dê-me sua razão."

"Eu quero ser famosa e rica", disse Emily friamente.

"Todo mundo quer. É só isso?"

"Não. Eu só adoro escrever."

"Uma razão melhor - mas não o suficiente - não o suficiente. Diga-me isto - se você soubesse que seria pobre como um rato de igreja toda sua vida - se você soubesse que nunca teria uma linha publicada - você continuaria a escrever - você continuaria?"

"Claro que sim", disse Emily desdenhosamente. "Por que, eu tenho que escrever... às vezes não posso evitar... tenho que escrever."

"Oh... então eu desperdiçaria meu fôlego dando conselhos. Se está em você para escalar, deve - há aqueles que devem levantar os olhos para as colinas - eles não conseguem respirar corretamente nos vales. Deus os ajude se houver alguma fraqueza neles que impeça sua escalada. Você não entende uma palavra do

que estou dizendo... ainda. Mas continue... suba! Lá, pegue seu livro e vá para casa. Daqui a trinta anos, terei a pretensão de distinguir o fato de Emily Byrd Starr já ter sido minha aluna. Vá, vá, vá... antes que eu me lembre de como você é uma bagagem desrespeitosa para escrever tais coisas sobre mim e ficar devidamente enfurecido."

Emily foi, ainda um pouco assustada, mas estranhamente exultante por trás de seu susto. Ela estava tão feliz que sua felicidade parecia irradiar o mundo com seu próprio esplendor. Todos os doces sons da natureza ao seu redor pareciam as palavras quebradas de seu próprio deleite. O Sr. Carpenter a observava fora de vista da velha soleira desgastada.

"Vento - e chama - e mar!" murmurou ele. "A natureza está sempre nos pegando de surpresa. Esta criança tem - o que eu nunca tive e teria feito qualquer sacrifício para ter. Mas 'os deuses não permitem que fiquemos em dívida com eles' - ela pagará por isso - ela pagará."

Ao pôr do sol, Emily sentou-se no quarto mirante. Estava inundada de um suave esplendor. Lá fora, no céu e nas árvores, havia estanhagens delicadas e sons aéreos. Lá embaixo, no jardim, Daffy perseguia folhas mortas ao longo dos passeios vermelhos. A visão de seus lados lustrosos e listrados, a graça de seus movimentos, dava-lhe prazer - como fizeram os belos, uniformes e brilhantes sulcos dos campos arados além da pista, e a primeira estrela branca tênue no céu verde cristalino. O vento da noite de outono estava soprando trombetas do reino das fadas nas colinas; e no mato do Majestoso John era riso - como o riso dos faunos. Ilse, Perry e Teddy estavam lá esperando por ela - eles tinham feito uma prova para uma brincadeira de crepúsculo. Ela iria até eles... agora... ainda não. Ela estava tão cheia de arrebatamento que precisava escrever antes de voltar de seu mundo de sonhos para o mundo da realidade. Uma vez, ela o teria derramado em uma carta para seu pai. Ela não podia mais fazer isso. Mas na mesa antes dela estava um Livro-Jimmy novinho em folha. Ela o puxou na

direção dela, pegou sua caneta e em sua primeira página virgem em branco e escreveu:

"Lua Nova - Água de Blair,
Ilha do Príncipe Eduardo.
8 de outubro."

"Vou escrever um diário, que poderá ser publicado quando eu morrer.”